

GALOPE DE AMOR - DANIELLE STEEL

As vezes o amor exige uma escolha terrível:

Uma beldade estonteante, executiva de uma agência de publicidade. Casada com apresentador de TV nacionalmente famoso, Samantha tinha o mundo nas mãos. Até aquela manhã em que John lhe disse que ia embora...

Ela pensou que tudo havia terminado — mas em realidade, sua vida estava apenas começando, pois de repente sentiu-se dividida entre sua carreira intensa em Nova York e uma existência de gloriosa liberdade na Califórnia, ansiando por um cowboy rude, que nada lhe prometia, exceto a paixão irresistível daquele momento.

Título original norte-americano PALOMINO

Copyright © 1981 by Danielle Steel

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.



Capítulo 1

Subindo apressadamente os degraus da casa de fachada de pedra da Rua 63 Leste, **Samantha** apertou os olhos para se proteger do vento violento e da chuva forte, que estava se transformando rapidamente em granizo, fustigando o seu rosto e formigando quando atingia os olhos. Ela emitiu um som surdo, como que se forçando a continuar, depois parou, arquejante, lutando com a fechadura, a chave se recusando a girar. Finalmente, finalmente, a porta se abriu, e ela penetrou no calor do *bali* de entrada. Ficou ali parada por um longo momento, sacudindo a umidade do longo cabelo louro-prateado. Era de uma cor que raramente se via, como fios de prata emaranhados com ouro; chamavam-na de "lourinha" em criança, e ela não gostava, e depois, na sua adolescência e na casa dos 20 anos, o cabelo lhe proporcionava os maiores elogios. Agora, aos 30 anos, estava acostumada com ele, e quando John lhe dissera que parecia uma princesa de conto de fadas, achara graça, os olhos azuis dançando, o rosto belo e delicadamente anguloso contrastando vivamente com os seios fartos e quadris arredondados. Tinha as pernas longas e magras e intermináveis.

Era uma mulher fascinante, olhos imensos e agitados com uma expressão penetrante que tudo enxergava, num contraste repentino com a boca cheia e sensual, os ombros estreitos, os seios grandes, as mãos longas e graciosas; a suavidade da voz contrastando com a precisão inteligente das palavras. De alguma forma, esperava-se que **Samantha** Taylor falasse com o sotaque sulista arrastado, ficasse deitada numa espreguiçadeira de veludo, o corpo envolto num *négligé* debruado de plumas. Ao invés disso, ela era dada a usar *jeans* e cruzar os aposentos com passadas longas e firmes. Era cheia de vida e energia, exceto nesta noite, exceto nas últimas cem noites.

Ficou ali parada, como ficava desde o fim de agosto, calada, imóvel, esperando, a chuva escorrendo das pontas dos cabelos, atenta... ao quê? Não havia mais ninguém aqui. Estava sozinha na velha casa de fachada de pedra. Os donos do prédio estavam em Londres há seis meses, e o seu apartamento duplex tinha sido emprestado a um primo que quase não parava em casa. Como repórter do *Paris-Match*, ele passava mais tempo em Nova Orleans, Los Angeles e Chicago do que em Nova York. E ainda havia o último andar. O domínio de **Samantha...** de **Samantha...** só dela, agora, embora tivesse sido no passado de **Samantha** e John, um apartamento que tinham montado com tanta devoção e capricho. Cada centímetro elegante dele, raios, pensou **Samantha** de novo, com um leve franzir da testa, deixando o guarda-chuva no *hall* de entrada e subindo lentamente a escada. Detestava voltar para casa, agora, e fazia questão de

voltar mais tarde cada noite. Esta noite, eram quase nove horas. E na véspera ainda fora mais tarde. E nem mesmo estava com fome. Nunca mais estava, desde que soubera da notícia.

— Você o quê? — Fitara-o com horror, numa noite escaldante de agosto. A refrigeração estava enguiçada e o ar se mostrava pesado e parado. Ela viera recebê-lo à porta da frente, usando apenas calcinhas de renda brancas e um sutiã lilás. — Está maluco?

— Não... — Fitara-a, parecendo insensível e tenso. Naquela mesma manhã tinham feito amor. E agora a sua beleza loura de *viking* parecia... fora do alcance dela. Era como alguém que ela nem mesmo conhecesse. — Não posso mais lhe mentir, **Sam**. Tinha que lhe contar. Tenho que ir-me embora. — Durante o que lhe pareceu horas ficou apenas olhando fixo para ele. Não podia ser verdade. Tinha que estar brincando. Mas não era o caso. Esta é que era a loucura. Estava mortalmente sério. Notou-o pela expressão de agonia do rosto dele. Caminhou lentamente na sua direção, mas ele sacudiu a cabeça e se virou. — Não... por favor, não.

Os ombros dele tremiam de leve, e pela primeira vez, desde que falou, ela sentiu a piedade cortá-la como uma lâmina de dor. Mas, por que sentia pena dele? Por quê? Como podia sentir pena *dele*, depois do que acabara de dizer?

— Você a ama? — Os ombros que amara tanto apenas tremeram mais, e ele ficou calado. Mas a piedade começou a desaparecer, enquanto **Samantha** se dirigia para ele. A raiva começou a ferver dentro da sua alma. — Me responda, porra.

Puxou com força o ombro dele, e John se virou para olhá-la nos olhos.

— Amo. Acho que sim. Mas não sei, **Sam**. Só sei que tenho que ir-me embora por algum tempo, para chegar a uma conclusão.

Samantha atravessou a sala em longas passadas, parando somente quando chegou ao outro lado do delicado tapete francês que parecia uma alfombra de flores sob seus pés descalços. Eram minúsculas violetas e pequenas rosas em tom seco e uma infinidade de flores ainda menores que só se debruçando a gente enxergava. A impressão geral era de rosas e vermelhos e malvas em tons pastéis; um elo cálido com os rosas e malvas suaves e os verdes profundos e secos dos sofás e cadeiras que

enchiam a grande sala de lambris. A casa era antiga, de fachada de arenito pardo, e o último andar era deles. E **Samantha** levava dois anos decorando-a, carinhosamente, com belas peças de mobiliário Luís XV que ela e John tinham comprado juntos nos antiquados e leilões da Sotheby Parke Bernet. Os tecidos eram todos franceses, os vasos constantemente cheios de flores frescas, os quadros todos impressionistas, e a sensação geral que o apartamento dava era decididamente europeu e muito elegante. No entanto, ele também tinha o seu lado aconchegante, assim como **Sam**. Não era a beleza do apartamento que estava vendo agora, enquanto dava as costas para o marido, perguntando-se se alguma vez voltariam a ser os mesmos. Era como se um deles tivesse morrido, como se tudo tivesse sido instantânea e irrecuperavelmente destruído e jamais pudesse voltar a ser consertado. E tudo com umas poucas palavras bem-escolhidas.

Ela se virou, o rosto cheio de acusação:

— Por que não me contou?

— Eu... — começou ele, mas não pôde terminar. Não havia nada que pudesse dizer agora para melhorar as coisas, para minorar a dor que infligira à mulher que tanto amara, no passado. Mas sete anos era muito tempo. Devia ter sido o suficiente para soldá-los um ao outro para sempre, e no entanto não o fora, e de alguma forma, durante a cobertura das eleições no ano anterior, ele escorregara. Pretendia terminar tudo quando todos voltaram de Washington, pretendia de verdade, mas Liz não deixara, e o caso foi continuando... até que agora ela forçara a mão dele. Estava grávida e se recusava a tirar a criança. — Não sabia o que lhe dizer, **Sam**. Não sabia... e pensei...

— Estou me lixando para o que pensou! — Subitamente seus olhos lançaram chamadas para o homem que conhecia e amava há 11 anos. Tinham se tornado amantes aos 19 anos. Ele fora o primeiro homem com quem dormira, quando estudavam ambos em Yale. Ele era tão grande e louro e lindo, um astro do futebol, famoso no *campus*, o rapaz de ouro que todos amavam, inclusive **Sam**, que o idolatrara desde o primeiro momento que o conhecera. — Sabe o que eu pensava, seu filho da puta? Pensava que você era fiel. Era isso que eu pensava. Pensava que você se importava. Pensava... — a voz dela tremeu pela primeira vez desde que ele dissera aquelas palavras terríveis — pensava que você me amava.

— E amo.

As lágrimas escorriam pelas faces dele, ao pronunciar as palavras.

— Ah, é? — Ela chorava abertamente, agora, e sentia como se ele tivesse acabado de lhe arrancar o coração e de jogá-lo ao chão. — Então como é que está se mandando? Como foi que entrou aqui como uma pessoa maluca, porra, e quando eu falei "Oi, bem, como passou o dia?", me respondeu "Estou tendo um caso com Liz Jones e vou sair de casa." — A voz dela estava ficando histérica, enquanto avançava para ele. — Pode me explicar isso? E há quanto tempo está de caso com ela, afinal? Seu maldito... seu maldito...

Como se não pudesse se conter, partiu para cima dele, socando-o, depois tentando puxar-lhe os cabelos, feri-lo no rosto; ele se livrou dela com facilidade, puxando-lhe os braços para trás enquanto a forçava a se sentar no chão, tomando-a depois nos braços.

— Ah, meu bem, desculpe...

— Desculpe? — Era um grito estridente entre riso e lágrimas, à medida que se esforçava para se libertar. — Você chega aqui e me diz que vai me trocar por outra mulher e pede desculpas? Santo Deus... — Inspirou fundo e se afastou dele. — Me largue, porra. — Olhou para ele com uma dor crua, e quando John notou que ela estava mais calma, lhe soltou os braços. Ela ainda estava sem fôlego pelo ataque desfechado, mas agora caminhou devagar para o sofá de veludo verde-escuro e se sentou. Parecia menor, de repente, e muito jovem, a cabeleira louro-pálida espessa caindo para a frente enquanto enterrava o rosto nas mãos. Depois, lentamente, ergueu o rosto de novo, os olhos marejados de lágrimas. — Você realmente a ama?

Não estava conseguindo acreditar nisso.

— Acho que sim. — Meneou a cabeça, devagar. — O pior é que amo as duas.

— Por quê? — **Samantha** olhou para além dele, para o espaço vazio, sem nada enxergar, sem nada compreender. — O que estava faltando entre a gente?

Ele se sentou, lentamente. Precisava ser contado. Ela precisava saber. Estivera errado em ocultá-lo dela por tanto tempo.

— Aconteceu durante a cobertura das eleições do ano passado.

— E vem continuando desde essa época? — Os olhos da moça se arregalaram, e ela enxugou novas lágrimas com as costas de uma das mãos. — Dez meses, e eu não sabia? — Ele fez que sim, calado. — Meu Deus. — E então, olhou para ele de modo estranho. — Então, por que agora? Por que entrou aqui hoje, desse jeito, e me contou? Por que não acaba o caso com ela? Por que não está tentando salvar um casamento que temos há mais de sete anos? Que diabo é essa história de "Estou tendo um caso e vou-me embora de casa"? É só o que tudo isto representa para você?

Samantha começava a gritar estridentemente, de novo, e John Taylor quase se crispou. Detestava isso, detestava o que estava fazendo com ela, mas sabia que tinha que fazer, tinha que ir embora. Liz tinha algo que ele desejava desesperadamente, uma qualidade de que necessitava, uma espécie de discrição que o agradava. Ele e **Samantha** eram parecidos demais de muitas maneiras, visíveis demais, espetaculares demais, vivos demais, belos demais. Gostava da simpatia sem grande beleza de Liz, da sua inteligência menos ofuscante, do seu jeito quieto, da sua disposição de ficar em segundo plano, na obscuridade, ajudando-o a ser mais destacado no que fazia. Era o contraste perfeito para ele, por isso trabalhavam tão bem em equipe. No ar, dando as notícias, John era inegavelmente o astro, e Liz o ajudava a sê-lo. Gostava disso. Era tão mais quieta que **Samantha**, tão menos exuberante, tão menos excitante, e ele tinha finalmente descoberto que era isso o que queria. Não se sentia ansioso quando estava com ela, não tinha que competir. Era o astro, automaticamente.

E agora ainda havia mais uma coisa. Ela estava grávida, e o filho era dele, tinha certeza. Era a coisa que mais queria no mundo. Um filho para amar, com quem brincar, e jogar futebol. Era o que sempre desejara, e que **Samantha** não lhe podia dar. Os médicos levaram três anos para descobrir qual era o problema, e quando descobriram, afirmaram com certeza: **Samantha** era estéril. Jamais teria filhos.

— Por que agora, John?

A voz de **Samantha** arrastou-o de volta ao presente, e ele sacudiu devagar a cabeça.

— Não interessa. Não tem importância. Tinha que ser feito. Eu tinha que lhe contar. Não existe um bom dia para uma coisa como esta.

— Está disposto a acabar com o caso? — Estava indo longe e sabia disso, mas precisava perguntar, precisava forçar; ainda não conseguia entender o que acontecera,

e por quê. Por que, neste dia causticante, o marido voltara da estação de televisão onde lia o noticiário todas as noites e lhe dissera que a estava abandonando por causa de outra pessoa? — Vai parar de se encontrar com ela, John?

Ele sacudira a cabeça, lentamente.

— Não, **Sam**, não vou.

— Por quê? — A voz dela ficara fraca, infantil, e **Samantha** derramou novas lágrimas. — O que ela tem que eu não tenho? Não é bonita, é chata... e você, você sempre disse que não gostava dela... e detestava trabalhar com ela, e...

Não pôde continuar, e John ficou olhando para ela, quase sentindo também a sua dor.

— Tenho que ir, **Sam**.

— Por quê?

Ficou desesperada quando ele foi para o quarto pegar as roupas.

— Porque tenho, só isso. Olhe, não é justo eu ficar aqui e deixar você continuar desse jeito.

— Por favor, fique... — O pânico surgiu na sua voz, como uma fera perigosa. — Tudo bem, a gente dá um jeito... juro... por favor... John...

As lágrimas escorriam pelo rosto dela, e ele ficou duro e distante, de repente, enquanto arrumava as malas. Ficou quase desvairado, como se tivesse que partir às pressas, antes de desabar também.

E, de repente, voltou-se com raiva para ela.

— Pare com isso, que diabo! Pare... **Sam**, por favor...

— Por favor, o quê? Por favor, não chore porque o meu marido *está me* abandonando depois de sete anos, onze se a gente contar o tempo de Yale antes do casamento? Ou por favor não o faça se sentir culpado enquanto *está me* trocando por uma puta maldita? É isso o que quer, John? Que eu lhe deseje boa sorte e o ajude a fazer as malas? Porra, você entra aqui e faz a minha vida em pedaços e o que quer de mim? Compreensão? Pois bem, não posso dar. Não posso fazer outra coisa que não

chorar e se for preciso, suplicar... eu vou suplicar, está me ouvindo...?

E com essas palavras, desabou numa cadeira e começou a soluçar de novo. Com mão firme, ele fechou a mala em que tinha jogado meia dúzia de camisas, um par de tênis, dois pares de sapatos sociais e um terno de verão. Metade estava pendurado para fora da mala, e ele segurava um punhado de gravatas numa das mãos. Era impossível. Não conseguia nem pensar direito, que dirá arrumar a mala.

— Eu volto na segunda, quando você estiver no trabalho.

— Não vou trabalhar.

— Por que não?

Parecia descomposto e confuso, e **Samantha** ergueu os olhos para ele e riu baixinho, em meio às lágrimas.

— Porque o meu marido acaba de me abandonar, seu cretino, e não acho que vá me sentir com disposição para ir trabalhar na segunda. Importa-se?

Ele não sorria, não amolecera de forma alguma. Simplesmente olhara sem jeito para ela, fizera um cumprimento de cabeça e saíra rapidamente porta afora. Deixou cair duas gravatas pelo caminho, e depois que ele se foi, **Samantha** as apanhou do chão e as ficou segurando por muito tempo, deitada no sofá e chorando.

Desde agosto que chorara um bocado no sofá, mas John não voltara. Em outubro, ele fora passar um fim de semana prolongado na República Dominicana, obtivera o divórcio, e dali a cinco dias se casara com Liz. **Samantha** agora sabia que Liz estava grávida, e logo que soube da notícia, sentira como se uma faca a cortasse ao meio. Liz anunciara a sua gravidez no ar, certa noite, e **Sam** ficara olhando, de boca aberta, chocada. Então, fora por isso que ele a deixara. Por uma criança... um bebê... um filho que ela não lhe podia dar. Porém, com o tempo, compreendeu que não era somente aquilo.

Havia muita coisa no casamento deles que ela não enxergara, não quisera enxergar, porque amava tanto John. O seu sentido de competição com ela, a sua sensação de insegurança pelo sucesso de **Sam** no seu próprio setor de trabalho. A despeito de ser um dos principais apresentadores de telejornais do país, a despeito das pessoas caçarem o seu autógrafo aonde quer que fosse, John sempre parecia sentir que

o seu sucesso era uma coisa efêmera, que a qualquer dia podia acabar, que poderia ser substituído, que os índices de audiência podiam modificar a sua vida. Para **Sam**, era diferente. Como diretora criativa assistente da segunda maior agência de publicidade do país, a sua posição era tênue, porém bem menos do que a dele. A profissão dela também era instável, mas tinha tantas campanhas premiadas no seu currículo que não se sentia vulnerável aos ventos das mudanças. Enquanto ficava sozinha no apartamento, durante todo o outono, lembrava-se de coisinhas, trechos de conversas, coisas que ele tinha dito...

— Puxa vida, **Sam**, você chegou ao topo com trinta anos. Porra, com as gratificações está ganhando mais do que eu. — E agora, sabia que aquilo também o deixava grilado. Mas o que devia ter feito? Largado o emprego? Para quê? No caso dela, por que não trabalhar? Não podiam ter filhos, e John jamais quisera adotar um. — Não é a mesma coisa se não é do sangue da gente.

— Mas acaba praticamente sendo. Olhe, podíamos adotar um recém-nascido, somos jovens o bastante para nos candidatar-mos ao melhor. Um bebê ia significar tanto, coração, pense bem...

Os olhos dela sempre brilhavam quando discutiam o problema, os dele ficavam vidrados, e depois ele sacudia a cabeça. A resposta para a questão da adoção era sempre negativa. E, agora, não precisava mais se preocupar com isso. Dali a três meses teria o seu primeiro filho. Sangue do seu sangue. Esse pensamento sempre atingia **Samantha** como um golpe físico.

Samantha tentou não pensar no assunto ao chegar no último patamar e abrir a porta de casa. O apartamento cheirava a mofo, ultimamente. As janelas viviam fechadas, o aquecimento era forte demais, as plantas estavam todas morrendo, e ela nem as jogava fora nem cuidava delas. O apartamento inteiro tinha uma aura de desamor, de falta de uso, como se alguém fosse até lá apenas para mudar de roupa, nada mais. E era verdade. Desde setembro que a única coisa que **Samantha** preparava ali era café. Não tomava um café da manhã completo, almoçava com os clientes, via de regra, ou com outros executivos da Crane, Harper e Laub, e geralmente se esquecia de jantar. Ou, se estivesse absolutamente esfomeada, comprava um sanduíche no caminho para casa, e comia-o no próprio papel de embrulho, equilibrando-o em cima do joelho enquanto assistia ao noticiário na TV. Não via os pratos da casa desde o verão, e pouco estava se importando. Não vivia, na verdade, desde o verão, e às vezes

se perguntava se alguma vez voltaria a viver. Só conseguia pensar no que acontecera, em como ele lhe contara, em por que a abandonara, e no fato de que não mais lhe pertencia. A dor dera lugar à fúria, esta à tristeza, que se transformou em sofrimento, que reverteu mais uma vez à raiva, até que lá pelo final de novembro, as suas emoções ficaram tão desgastadas que se tornou entorpecida. Quase botou a perder a maior campanha da sua carreira, e duas semanas antes, tivera que entrar na sua sala de trabalho, trancar a porta e se deitar. Por um momento sentira como se fosse ter um ataque histérico, quem sabe desmaiar, ou talvez apenas abraçar alguém — qualquer pessoa — E desatar a chorar. Era como se agora não existisse ninguém, ninguém a quem pertencesse, ninguém que se importasse. O pai morrera quando ela estava na faculdade, a mãe vivia em Atlanta com um homem que achava encantador, mas que **Sam** não achava. Era médico, pomposo e convencido como o diabo. Porém, ao menos a mãe estava feliz. De qualquer modo, **Sam** não era chegada à mãe, e não podia buscar apoio nela. Na realidade, a mãe só soubera do divórcio em novembro, quando telefonara, certa noite, e encontrara **Sam** em prantos. Fora bondosa, mas aquilo pouco fez para fortalecer o elo entre as duas. Para **Sam** e a mãe era tarde demais. E não era por uma mãe que **Sam** ansiava, era pelo marido, o homem com quem se deitara, com quem rira, a quem amara nos últimos 11 anos, o homem que conhecia melhor que a sua própria pele, que a deixava feliz de manhã e segura à noite. E agora ele se fora. Esta constatação jamais deixava de lhe trazer lágrimas aos olhos e uma sensação de desconsolo à alma.

Porém esta noite, com frio e cansaço, **Sam** não estava nem se importando. Tirou o casaco e pendurou-o no banheiro para secar, tirou as botas e correu uma escova pelo cabelo louro-prateado. Olhou no espelho sem realmente enxergar o próprio rosto. Não enxergava nada quando se olhava, atualmente, nada exceto um bocado de pele, dois olhos sem vida, uma massa de cabelo louro e comprido. Foi tirando a roupa de uma em uma, deixando cair a saia preta de *cashmere*, a blusa de seda preta e branca que usara para ir trabalhar. As botas que tirara e largara no chão ao seu lado eram de Celine de Paris, e o lenço que desantara do pescoço era um Hermes branco e preto, em padrão geométrico. Usava grandes brincos de pérolas e ônix, e prendera o cabelo num coque baixo e severo. O casaco úmido, pendurado próximo a ela, era de um vermelho vivo. Mesmo no seu estado entorpecido de perda e tristeza, **Samantha** Taylor era uma bela mulher, ou como o diretor criativo da agência dizia, "uma garota danada de atraente". Ligou a torneira e uma torrente de água quente escorreu para dentro da funda banheira verde. No passado, o banheiro vivia cheio de plantas e flores coloridas.

No verão gostava de enchê-lo de amores-perfeitos e gerânios. O papel de parede tinha violetas minúsculas, e todas as ferragens eram de porcelana francesa, de um brilhante verde-esmeralda. Porém, como o restante do apartamento, parecia opaco, agora. A faxineira vinha fazer a limpeza, mas era impossível contratar alguém três vezes por semana para fazer um lugar parecer amado. Era isso que o tinha abandonado, como abandonara **Samantha**, aquele brilho, aquele lustro que provém de um toque carinhoso e uma mão bondosa, a patina do amor que se torna evidente nas mulheres numa infinidade de pequenas maneiras.

Quando a banheira estava cheia de água bem quente, **Samantha** deslizou lentamente para dentro dela, e ficou ali deitada, de olhos fechados. Por um breve momento sentiu-se flutuar, como se não tivesse passado, nem futuro, nem temores, nem preocupações, e então, aos pouquinhos, o presente veio abrindo caminho à força na sua mente. A conta na qual estava trabalhando no momento era um desastre. Era uma linha de carros que a agência cobiçava há uma década, e agora ela própria tinha que apresentar a idéia toda. Apresentara uma série de sugestões ligadas a cavalos, com os comerciais sendo rodados no campo ou em estâncias, com um homem ou uma mulher tipo "ar livre" que causaria sensação nos anúncios. Mas não estava realmente concentrada no trabalho, e sabia disso, e se indagou por quanto tempo mais isso continuaria. Por quanto tempo ainda se sentiria danificada, deteriorada, como se o motor ainda funcionasse mas o carro não conseguisse mais sair da primeira? Era uma sensação de estar sendo arrastada, puxada para baixo, como se tivesse cabelos e mãos e pés de chumbo. Quando saiu da banheira, com alonga cabeleira sedosa empilhada frouxamente no alto da cabeça, enrolou-se cuidadosamente numa imensa toalha lilás e caminhou descalça até o quarto. Aqui havia novamente aquela sensação de jardim, uma imensa cama de quatro colunas era coberta de ilhoses enfiados com fitas brancas, e a colcha era pontilhada de flores de um amarelo vivo. Tudo no quarto era amarelo e alegre e cheio de babados. Adorara aquele quarto quando decorara o apartamento, e detestava-o agora, passando noite após noite nele, sozinha.

Não que não tivesse recebido propostas. Recebera-as, mas se sentia imobilizada pela impressão interminável de estar entorpecida. Não havia ninguém a quem desejasse, ninguém por quem se interessasse. Era como se alguém tivesse desligado a torneira da qual jorrava a sua alma. E agora, sentada na beira da cama, bocejando suavemente, lembrou-se de que comera apenas um sanduíche de salada de ovo no almoço, e que nem tomara o café da manhã nem jantara. De repente teve um

sobressalto, escutando a campainha lá de baixo. Por um momento, teve vontade de não atender, mas depois, largando a toalha e vestindo apressadamente um robe acolchoado de cetim azul-claro, correu para o porteiro eletrônico, ao ouvir a campainha de novo.

— Pronto?

— Aqui é Jack, o Estripador. Posso subir?

Por uma fração de segundo a voz soou desconhecida, na estática do porteiro eletrônico, mas logo a seguir ela riu, e ao fazê-lo voltou a parecer ela mesma. Os olhos se iluminaram, as faces ainda brilhavam saudáveis com o banho quente. Há meses não parecia tão jovem.

— O que está fazendo aqui, Charlie? — gritou para o interfone.

— Ficando de bunda gelada, muito obrigado. Vai me deixar entrar? — Ela riu de novo e apertou rapidamente a campainha, e dali a um momento podia ouvi-lo subir apressadamente a escada. Quando chegou à sua porta, Charles Peterson parecia mais um lenhador do que o diretor artístico de Crane, Harper e Laub, e parecia ter 22 anos, ao invés de 37. Tinha um rosto cheio e juvenil, olhos castanhos risonhos, cabelo escuro e desgrenhado e uma barba farta, no momento salpicada de granizo. — Tem uma toalha? — pediu, tomando fôlego, mais pelo frio e pela chuva do que pela subida da escada.

Ela foi buscar rapidamente uma grossa toalha lilás do banheiro e lhe entregou; Charlie tirou o casaco e enxugou o rosto e a barba. Estivera usando um grande chapéu de vaqueiro de couro que agora pingava um riozinho de água gelada no tapete francês.

— Fazendo xixi no meu tapete de novo, Charlie?

— É o que parece... tem café?

— Claro. — **Sam** olhou para ele de modo estranho, imaginando se haveria algum problema. Ele viera visitá-la no apartamento anteriormente, uma ou duas vezes, mas geralmente só quando se tratava de algum assunto de grande importância. — Alguma coisa aconteceu com a nova conta que eu deva saber?

Lançou um olhar para ele da cozinha, com expressão preocupada, e ele abriu um

sorriso e sacudiu a cabeça, enquanto se dirigia para onde ela estava.

— Neca. E não vai dar nada errado. Você esteve na pista certa com ela a semana toda. Vai ser fabuloso, **Sam**.

Ela deu um sorriso manso, enquanto começava a fazer o café.

— Também acho. — Os dois trocaram um sorriso longo e afetuoso. Eram amigos há quase cinco anos, ao longo de incontáveis campanhas, ganhando prêmios e brincando e pilheriando e trabalhando até as quatro da manhã para coordenar uma apresentação antes de mostrá-la ao cliente e ao pessoal da conta, no dia seguinte. Eram ambos os meninos prodígios de Harvey Maxwell, diretor criativo titular da firma. Mas há anos que Harvey vinha se retraindo. Encontrara Charlie numa agência, contratara **Samantha** em outra. Tinha um faro para descobrir gente boa. Dera-lhes carta branca e ficara só vendo, todo satisfeito, o que eles criavam. Dali a mais um ano se aposentaria, e todo mundo apostava (inclusive **Samantha**) que ela herdaria o seu cargo. Diretora criativa aos 31 anos não era nada mau. — Então, o que há de novo, cara? Não o vejo desde hoje de manhã. Que tal vai indo o negócio da Wurtzheimer?

— Bem... — Charlie espalmou as mãos com um ar de aceitação. — O quanto se pode fazer por uma das maiores lojas de departamentos de St. Louis que tem muita grana e nenhum gosto?

— E quanto ao tema do cisne que discutimos na semana passada?

— Detestaram. Querem tchan. Os cisnes não são tchan.

Sam revirou os olhos e sentou-se à mesa tipo cepo de açougueiro, enquanto Charlie largava o corpo desengonçado numa das cadeiras à sua frente. Era estranho, jamais se sentira atraída por Charlie Peterson, em todos esses anos em que tinham trabalhado juntos, viajado juntos, dormido em aviões juntos, conversado juntos até alta madrugada. Ele era o seu irmão, alma gêmea, amigo. E tinha uma mulher que ela adorava quase tanto quanto ele adorava. Melinda era perfeita para ele. Tinha decorado o apartamento amplo e simpático deles, na Rua 81 Leste, com tapeçarias de cores vivas e cestos lindamente trançados. Os móveis eram todos cobertos de couro cor de mogno e para onde quer que se olhasse viam-se maravilhosos objetos de arte pequenos, tesouros minúsculos que Melinda descobrira e trouxera para casa, que iam desde conchas exóticas que colecionaram juntos no Taiti até uma bola de gude perfeita que

ela tomara emprestado dos filhos. Tinham três garotos, todos parecidos com Charlie, um cachorro grande e sem modos chamado Rags e um imenso jipe amarelo que Charlie guiava nos últimos dez anos. Melinda também era artista, mas jamais fora "corrompida" pelo mundo do dia-a-dia. Trabalhava num estúdio e realizara duas exposições bem-sucedidas do seu trabalho nos últimos anos. Era diferente de **Samantha** de muitas maneiras, no entanto as duas mulheres tinham uma meiguice em comum, uma suavidade sob a bravata que Charlie adorava em ambas. À sua moda, ele amava **Samantha**, e ficara abalado até o âmago pelo que John fizera. Jamais gostara dele, mesmo, sempre o tachara de "cretino egocêntrico". A deserção rápida de **Samantha** e o casamento subsequente com Liz Jones tinham provado a Charlie que sua avaliação era correta, pelo menos no que lhe dizia respeito. Melinda tentara compreender os dois lados, mas Charlie nem quisera escutar. Estava preocupado demais com **Sam**. Tinha estado péssima, nesses últimos quatro meses, o seu trabalho fora afetado, seus olhos estavam sem vida, o rosto estava encovado.

— Então, madame, o que é que há? Espero que não se incomode por eu aparecer tão tarde.

— Não. — **Samantha** sorriu, ao lhe servir uma xícara de café. — Só estava imaginando o porquê de você estar aqui. Veio me dar uma checada?

— Talvez. — Os olhos acima da barba escura eram gentis. — Importa-se, **Sam**?

Olhou para ele com tristeza, e Charlie desejou tomá-la nos braços.

— Como poderia me importar? É gostoso saber que alguém se interessa pela gente.

— Você sabe que eu me interesso. E Mellie também.

— Como está ela? Tudo bem?

Ele fez que sim. Nunca tinham tempo para conversar coisas desse tipo no escritório.

— Está ótima.

Perguntava-se como iria entrar no assunto que queria abordar com ela. Não ia ser fácil, e sabia que ela talvez não fosse aceitá-lo bem.

— Então? O que há? — **Samantha** olhou para ele com ar divertido, de repente. Ele fingiu um ar inocente, e ela lhe deu um puxão na barba. — Você está aprontando alguma coisa, Charlie. O que é?

— O que a faz pensar assim?

— Está chovendo a cântaros lá fora, está um frio de rachar, é sexta-feira à noite, você podia estar em casa com a sua mulherzinha quentinha e os seus três filhos encantadores. É difícil imaginar que tenha vindo até aqui só para tomar um café comigo.

— Por que não? Você é muito mais encantadora do que os meus filhos. Mas — hesitou ligeiramente — tem razão. Não dei uma passadinha por aqui ao acaso. Vim conversar com você.

Deus, era terrível. Como podia lhe dizer? Soube, de repente, que ela jamais compreenderia.

— É? Ande, bote logo isso para fora.

Havia um brilho travesso nos olhos dela, que ele não via há muito tempo.

— Bem, **Sam**... — Inspirou fundo e observou-a atentamente. — Harvey e eu estávamos conversando...

— A meu respeito? — Pareceu instantaneamente tensa, mas ele assentiu e continuou. Ela detestava que as pessoas conversassem a seu respeito, atualmente. Porque o assunto era sempre como ela estava e o que John tinha feito.

— É, a seu respeito.

— Por quê? A conta de Detroit? Não tenho certeza se ele compreendeu a minha idéia, mas...

— Não, não é a respeito da conta de Detroit, **Sam**. A *seu* respeito.

— Como assim? — Pensava que aquilo tinha acabado, que não estavam mais falando a respeito dela. Não havia mais nada para se falar. A separação era definitiva, o divórcio fora homologado, John estava casado com outra pessoa. Ela sobrevivera. E daí? — Eu estou bem.

— Está? Acho que isso é espantoso. — Olhou para ela com emoção, e uma ponta da raiva que sentira o tempo todo por John. — Não estou certo que estaria tão bem assim no seu lugar, **Sam**.

— Não tenho opção. Além disso, sou mais durona do que você.

— Vai ver que é. — Sorriu com ternura. — Mas talvez não seja tão durona quanto esteja pensando. Por que não se dá uma folga, **Sam**?

— O que quer dizer com isso? Que devo ir para Miami e ficar de papo pro ar na praia?

— Por que não?

Forçou um sorriso, e ela olhou para ele, chocada.

— O que é que você está me dizendo? — O rosto dela ficou logo cheio de pânico. — Harvey está me despedindo? *É* isso? Mandou *você* aqui para fazer o serviço por ele, Charlie? Não me querem mais porque não sou alegre como antigamente? — Enquanto fazia as perguntas, sentiu os olhos ficarem cheios de lágrimas. — Pombas, o que vocês esperam? Sofri um bocado... foi... — Começou a ficar sufocada pelas lágrimas e se levantou, rapidamente. — Estou bem, droga, estou ótima. Que diabo, por que...

Mas Charlie agarrou-lhe o braço e fê-la sentar-se de novo com uma expressão gentil nos olhos.

— Calma, minha filha. Está tudo bem.

— Ele está me despedindo, Charlie?

Uma única lágrima triste escorreu pela sua face. Mas Charlie Peterson meneou a cabeça.

— Não, **Sam**, claro que não.

— Mas...

— Ele quer que você se afaste por uns tempos, que tire umas férias, Você nos deu material suficiente para trabalhar durante algum tempo na conta de Detroit. E o velho não vai morrer se pensar um pouco nos negócios, para variar. Podemos nos safar sem

você, se for preciso.

— Mas não precisam. Isso é uma bobagem, Charlie.

— É? — Olhou para ela longa e fixamente. — É uma bobagem, **Sam**? Você pode mesmo agüentar esse tipo de pressão sem ceder? Ser abandonada pelo seu marido, e vê-lo todas as noites em cadeia de TV papeando com a nova mulher, enquanto você espia a barriga dela crescendo com a gravidez? Pode mesmo enfrentar isso sem falsear o passo? Sem faltar um só dia ao trabalho, pombas, insistindo em aceitar todas as contas novas da casa. Estou esperando que você vá rachar ao meio, mais cedo ou mais tarde. Pode mesmo exigir tanto de si própria, **Sam**? Eu não posso. Não posso fazer isso com você, sendo seu amigo. O que aquele filho da puta fez quase a derrubou de joelhos, pelo amor de Deus. Entregue-se, vá chorar nalguma parte, largue tudo e depois volte. Precisamos de você. Precisamos desesperadamente de você. Harvey sabe disso, eu sei disso, o pessoal das contas sabe disso, e é bom que você também saiba, mas não precisamos de você doente ou maluca ou alquebrada, e é assim que você vai acabar ficando, se não aliviar a pressão agora.

— Então vocês acham que estou tendo um esgotamento nervoso, é isso?

Parecia magoada, além de chocada, mas Charlie sacudiu a cabeça.

— Claro que não. Mas que diabo, daqui a um ano, pode estar tendo. A hora de cuidar da dor é esta, **Sam**, não mais tarde, quando estiver enterrada tão fundo que você não possa mais encontrá-la.

— Já vivi com ela durante todo esse tempo. Faz quatro meses.

— E está matando você.

Foi uma afirmação seca da parte dele, e ela não a negou

— E o que foi que Harvey disse?

Parecia triste, enquanto seus olhos se encontravam com os do amigo. Sentia que havia falhado, de alguma forma, que devia ter sido capaz de enfrentar a coisa de um modo melhor.

— Ele quer que você se afaste.

— Para onde? — Enxugou uma lágrima da face com as costas da mão.

— Para qualquer lugar que você queira.

— Por quanto tempo?

Charlie hesitou apenas por um instante, antes de responder:

— Três ou quatro meses.

O que eles tinham decidido é que seria melhor para ela estar longe dali até John e Liz terem tido o seu bebê tão badalado. Charlie sabia o golpe que aquilo era para **Samantha**, e ele e Harvey tinham discutido o assunto durante diversos almoços juntos, mas nenhum deles estaria preparado para a expressão que Charlie via agora no rosto dela. Era uma expressão de descrença total, de choque, quase de horror.

— *Quatro meses?* Está maluco? Porra, o que vai acontecer com os nossos clientes? O que vai acontecer com o meu emprego? Puxa, você soube dar mesmo um jeito, não é? O que foi? De repente ficou de olho no meu emprego?

Levantou-se bruscamente da mesa de novo, e se afastou em largas passadas, mas ele a seguiu e a encarou, fitando-a com tristeza nos olhos.

— O seu emprego está garantido, **Sam**. Mas você precisa fazer isso. Não pode continuar se forçando desse jeito. Tem que sair daqui. Deste apartamento, do seu escritório, talvez até mesmo de Nova York. Sabe o que acho? Acho que devia ligar para aquela mulher de que gosta tanto, na Califórnia, e ir ficar com ela. Depois, volte quando tiver eliminado tudo isso do seu organismo, quando estiver de novo entre os vivos. Vai lhe fazer bem pra burro.

— Que mulher? — **Samantha** parecia confusa.

— Aquela de que me falou há anos, a dona da estância de cavalos, Carol ou Karen de tal, a velha que era tia da sua colega de quarto de faculdade. Você costumava falar nela como se fosse a sua amiga mais querida.

E era. Barbie fora a sua maior confidente, além de John, e tinham sido colegas de quarto na faculdade. Morrera duas semanas depois da formatura, num desastre de avião em Detroit.

Um sorriso terno apareceu subitamente nos olhos de **Samantha**.

— A tia de Barbie... Caroline Lord. É uma mulher maravilhosa. Mas, por que

cargas-d'água eu iria para lá?

— Gosta de montar, não gosta? — Ela assentiu. — Bem, é um belo lugar e o mais diferente e distante possível de Madison Avenue. Talvez o que você esteja precisando seja de aposentar esse guarda-roupa elegante e enfiar esse seu corpo sensual numas calças *jeans* e sair caçando uns vaqueiros, durante um certo tempo.

— Muito engraçado, só me faltava essa. — Mas a idéia não fora de todo desagradável. Há anos que não via Caroline. Ela e John tinham ido visitá-la uma vez, fora uma viagem de três horas para o norte e leste de Los Angeles, e John detestara a visita. Não gostou dos cavalos, achou a estância desconfortável e Caroline e o seu capataz olharam-no de banda devido aos seus modos citadinos afetados. Não era um cavaleiro, de modo algum, mas **Samantha** era uma amazona elegante, montava desde criança. Quando lá estiveram de visita, havia um pônei selvagem malhado na estância e ela o montara, para consternação de Caroline. Mas não se machucara, apesar do cavalo tê-la derrubado meia dúzia de vezes, enquanto tentava domá-lo e colocar-lhe a sela, e John ficara instantaneamente impressionado com a sua habilidade. Aquela fora uma época feliz na vida de **Sam**, e parecia fazer parte de um passado distante. A moça ergueu os olhos para Charlie. — Nem tenho certeza se ela me receberia. Não sei, Charlie, é uma idéia maluca. Por que vocês não me deixam em paz, fazendo o meu trabalho?

— Por que a amamos, e você vai se destruir, desse jeito.

— Não vou, não.

Sorriu valentemente para ele, que sacudiu devagar a cabeça.

— Não importa o que você diga para mim, **Sam**, foi decisão de Harvey.

— O que foi?

— A sua licença.

— É definitiva, então?

Mais uma vez ela pareceu chocada, e ele sacudiu de novo a cabeça.

— A partir de hoje. Três meses e meio de licença, que você pode prorrogar para seis, se quiser.

Tinham ligado para a estação para saber a data prevista para o parto de Liz, e acrescentado a ela mais duas semanas.

— E não vou perder o meu emprego?

— Não.

Tirou devagarinho uma carta do bolso e deu para **Samantha** ler. Era de Harvey e garantia-lhe o emprego mesmo que ela ficasse afastada por seis meses. Era uma coisa inaudita no ramo deles, mas, segundo Harvey, **Samantha** Taylor era "uma moça bastante extraordinária".

Sam ergueu os olhos para Charlie, com tristeza.

— Isso quer dizer que estou licenciada a partir de hoje? — O seu lábio inferior tremia.

— É exatamente o que quer dizer, moça. Está de férias, a contar deste minuto. Pombas, gostaria de estar, também.

— Ah, meu Deus. — Afundou na cadeira e cobriu o rosto com a mão. — E o que vou fazer agora, Charlie?

Ele lhe tocou meigamente o ombro.

— Faça o que lhe disse, meu bem. Ligue para a sua velha amiga da estância.

Era uma sugestão maluca, mas depois que ele se foi, ela começou a pensar no que ia fazer. Foi para a cama ainda em estado de choque. Estava desempregada, durante os três meses e meio seguintes. Não tinha para onde ir, nada para fazer, nada que quisesse ver, e ninguém cuja companhia quisesse. Pela primeira vez na sua vida adulta estava totalmente sem planos. Só precisava ter mais uma reunião com Harvey na manhã seguinte, para explicar tudo o que estava sobre a sua mesa, e depois estava livre. Deitada ali no escuro, sentindo medo, começou de repente a dar risadas. Era uma loucura completa, que diabo ia fazer consigo mesma até o dia primeiro de abril? Que piada... primeiro de abril... Europa? Austrália? Uma visita para a mãe em Atlanta? Por um instante, sentiu-se livre como nunca na vida. Quando saíra de Yale, havia John em quem pensar, agora não tinha ninguém. Então, impulsivamente, pegou o caderno de endereços, no escuro, e resolveu seguir o conselho de Charlie. Acendeu a luz e achou o número facilmente, na letra L. Seriam nove e meia na Califórnia, e esperava

que não fosse tarde demais para estar telefonando.

No segundo toque o telefone foi atendido pela voz familiar e rouca de Caroline Lord. **Sam** começou uma longa explicação, pontilhada de silêncios amistosos por parte de Caroline, durante a fala, e depois um soluço estranho e angustiado quando **Sam** finalmente se soltou. E então foi como chegar em casa e encontrar uma velha amiga. A mulher mais velha escutou, escutou de verdade. Deu a **Sam** o tipo de consolo que ela havia esquecido, no decorrer dos anos. E quando desligou, dali a meia hora, **Sam** ficou fitando o dossel acima da sua cabeça, imaginando se estava mesmo ficando maluca. Acabara de prometer que voaria para a Califórnia na tarde seguinte.

Capítulo 2

Foi uma manhã frenética para **Samantha**, arrumou duas malas, ligou para a companhia aérea, deixou um bilhete e um cheque para a faxineira, e tentou fechar o apartamento da melhor maneira possível. A seguir, com as duas malas, tomou um táxi para o escritório, onde entregou a Charlie a chave do apartamento e prometeu mandar presentes de Natal da Costa Oeste para os meninos. Depois, ficou em reunião com Harvey por mais de duas horas, explicando tudo o que ele queria saber.

— Sabe, não precisa fazer isso por mim, Harvey. Não é o que eu quero.

Seus olhos estavam súplices ao fim da reunião que a poria a caminho. Ele a fitou serenamente do lado oposto da imensa escrivaninha de mármore e cromado.

— Não é o que você quer, **Sam**, mas é do que precisa, quer saiba, quer não. Vai sair da cidade?

Era um homem alto e magro, de cabelo grisalhos que usava cortados rentes como o de um fuzileiro naval. Vestia camisas brancas Brooks Brothers, ternos listrados, parecia um banqueiro e fumava cachimbo, mas por trás dos frios olhos cinzentos havia uma inteligência brilhante, um espírito criativo e uma alma bela e rara. Num certo sentido, fora um pai para **Samantha**, e agora que pensava melhor no assunto, não estava surpresa que a estivesse mandando embora. Porém não tinha falado nos planos dela a manhã toda. Falaram apenas nas contas.

— Vou, sim. — Sorriu para ele, do outro lado da mesa ameaçadora. Era fácil recordar o medo que sentira dele, no princípio, o quanto aprendera a respeitá-lo com o correr dos anos. Mas o respeito era mútuo, como bem o sabia. — Na verdade — Olhou

para o relógio de pulso — o meu avião parte daqui a duas horas.

— Então trate de se mandar da minha sala.

Largou o cachimbo e abriu um sorriso, mas **Sam** hesitou um momento na sua cadeira.

— Tem certeza de que vou pegar o meu emprego de volta, Harvey?

— Juro. Está com a carta? — Ela fez que sim. — Ótimo. Então, se não pegar o seu emprego de volta, pode me processar.

— Não é isso o que quero. Quero o emprego.

— Vai tê-lo, e provavelmente o meu também, quando chegar a hora.

— Posso voltar daqui a algumas semanas, sabe — falou tentativamente, mas ele sacudiu a cabeça e o sorriso sumiu-lhe rapidamente dos olhos.

— Não, **Sam**, não pode. Dia primeiro de abril, e ponto final.

— Por algum motivo especial?

Não queria contar-lhe, portanto balançou a cabeça de novo.

— Não, essa foi a data que escolhemos. Vou-lhe mandar um monte de memorandos para mantê-la a par do que está acontecendo por aqui, e pode ligar para mim na hora em que tiver vontade. A minha secretária sabe onde encontrá-la?

— Ainda não, mas vai saber.

— Ótimo. — A seguir, ele rodeou a escrivania e puxou-a para junto de si, sem dizer palavra. Abraçou-a por um longo momento, depois beijou-lhe o alto da cabeça. — Descanse, **Sam**. Sentiremos saudades suas.

A voz dele era áspera, e havia lágrimas nos seus olhos, enquanto ela o abraçava por mais um momento e depois caminhava rapidamente para a porta. Por um instante, teve a sensação de estar sendo expulsa de casa, e o pânico a inundou, e sentiu-se tentada a suplicar-lhe que não a mandasse ir embora.

Porém, quando saiu da sala, Charlie estava à sua espera no corredor, e sorriu meigamente para ela, jogou-lhe o braço sobre os ombros e deu-lhe um apertão.

— Pronta para ir, garota? -Não.

Lançou-lhe um sorriso úmido, depois fungou e escondeu o rosto no flanco dele.

— Vai ficar.

— É? O que lhe dá tanta certeza? — Estava voltando devagar para a sala dela e, mais do que nunca, **Sam** tinha vontade de ficar. — Isto é uma loucura. Você está sabendo, não está, Charlie? Quero dizer, tenho trabalho para fazer, campanhas para coordenar, não tenho o direito de...

— Pode continuar falando, se quiser, **Sam**, mas não vai fazer nenhuma diferença. — Olhou para o relógio de pulso. — Daqui a duas horas vou botá-la naquele avião.

Samantha parou de caminhar, subitamente, e se virou para olhar para ele, beligerantemente, e Charlie não pôde deixar de dar um sorriso. Ela parecia uma criança muito bonita e completamente impossível.

— E se eu não tomar o avião? E se me recusar a ir?

— Então eu vou drogá-la e levá-la até lá pessoalmente.

— Mellie não iria gostar.

— Iria adorar. A semana toda que vem me pedindo para parar de atazaná-la. — Parou, fitando **Samantha**, que sorriu lentamente.

— Não vou conseguir convencê-lo, não é?

— Neca. Nem ao Harvey. Não importa realmente aonde vá, **Sam**, mas tem que dar o fora daqui, para o seu próprio bem. Não tem vontade? Não tem vontade de se afastar de todas as perguntas, das lembranças, do risco de se encontrar com... eles?

A palavra soou dolorosamente, e ela deu de ombros.

— Que diferença faz? Quando eu ligar a TV na Califórnia, eles ainda estarão lá. Os dois. Parecendo... — Ficou com os olhos marejados de lágrimas só de pensar naqueles dois rostos que a atraíam magneticamente todas as noites. Sempre assistia ao noticiário, e depois se odiava, querendo girar o seletor para outro canal, mas sem conseguir mexer a mão. — Não sei, pombas, parece que o lugar deles é ali, um ao lado do outro, não é? — De repente, o seu rosto se congestionou numa máscara de tristeza

e as lágrimas começaram a lhe rolar pelas faces. — Nós nunca parecemos assim, não é? Quero dizer...

Porém Charlie não disse nada, apenas a tomou nos braços.

— Tudo bem, **Sam**, tudo bem. — E enquanto ela chorava mansamente no ombro dele, indiferente aos olhares das secretárias que passavam, ele afastou uma longa mecha do cabelo louro da testa dela, e sorriu-lhe mais uma vez. — É por este motivo que você está precisando de férias. Acho que se chama exaustão emocional, será que você não notou?

Ela resmungou, desaprovadamente, e depois deu uma risadinha abafada em meio às lágrimas.

— É este o nome que lhe dão? É... — Afastou-se dele, suspirou e enxugou as lágrimas das faces. — Talvez eu esteja mesmo precisando de umas férias. — A seguir, jogando valentemente o cabelo para trás dos ombros, tentou fazer cara feia para o amigo. — Mas não pelos motivos que vocês estão imaginando. É que vocês me esgotaram, seus filhos da mãe.

— Pode apostar que sim. E temos toda a intenção de repetir a dose, quando você voltar. Portanto, trate de aproveitar enquanto estiver lá, sua tarada por cavalos.

Uma mão no ombro de ambos fê-los voltarem-se, subitamente.

— Ainda não foi embora, **Samantha**? — Era Harvey, o cachimbo preso entre os dentes, os olhos brilhando vivamente. — Pensei que tinha que tomar um avião.

— E tem — respondeu Charlie, sorrindo para ela.

— Então, coloque-a nele, pelo amor de Deus. Faça com que dê o fora daqui. Temos trabalho para fazer.

Deu um sorriso áspero, agitou o cachimbo e desapareceu por um outro corredor, enquanto Charlie ornava para ela de novo, e via-lhe o sorriso amarelo.

— Não precisa me botar no avião, sabe.

— Não, mesmo? — Ela fez um gesto negativo de cabeça, mas não estava prestando atenção ao diretor artístico, estava olhando para a sua sala como se fosse pela última vez. Charlie percebeu a sua expressão e agarrou o casaco e as malas da

moça. — Vamos logo, antes que você comece a bancar a chorona de novo. Vamos pegar aquele avião.

— Sim, senhor.

Ele cruzou o vão da porta e esperou, e com dois passos hesitantes ela o seguiu. Inspirando fundo e lançando um último olhar por cima do ombro, **Sam** fechou mansamente a porta.

Capítulo 3

A viagem de avião de um lado para o outro do país decorreu normalmente. O país ia passando lá embaixo como pedacinhos de uma colcha de retalhos. As texturas ásperas e marrons dos campos de inverno deram lugar aos veludos brancos de neve, e quando chegaram à Costa Oeste, havia sinais de profundos verdes acetinados e azuis brilhantes, que eram os lagos e as florestas e os campos lá embaixo. Finalmente, com um pôr-do-sol ígneo a recebê-los, o avião pousou em Los Angeles.

Samantha espichou as longas pernas à sua frente, depois os braços e olhou pela janela mais uma vez. Cochilara a maior parte da viagem, e agora estava olhando para fora e se perguntando por que viera. Qual a finalidade de fugir até a Califórnia? O que possivelmente encontraria aqui? Levantou-se, jogando a cabeleira loura para trás, e soube que errara vindo até aqui. Não tinha mais 19 anos. Não fazia sentido vir passar uma temporada numa estância bancando a vaqueira. Era uma mulher com responsabilidades e vida própria, tudo centralizado em Nova York. Porém, o que realmente tinha ali? Nada — absolutamente nada.

Com um suspiro, ficou vendo o resto dos passageiros começar a desembarcar, e abotoou o casaco, apanhou a sacola e entrou na fila. Estava usando um casaco marrom-escuro de camurça, forrado de pele de carneiro, *jeans* e as botas de couro cor de chocolate de Celine. A sacola que trouxera era da mesma cor. Amarrara na alça um lenço de seda vermelho. Agora, soltou o lenço da alça e prendeu-o frouxamente ao redor do pescoço. Mesmo com a ruga de preocupação entre os olhos e as roupas descontraídas que usara na viagem, era uma mulher de chamar a atenção, e as cabeças iam se voltando quando os homens notavam a sua passagem pelo corredor do avião gigantesco. Nenhum deles a tinha visto durante a viagem de cinco horas, porque ela deixara o seu lugar apenas uma vez, para lavar o rosto e as mãos antes do almoço que fora servido. Porém, no restante da viagem, ficara apenas sentada,

entorpecida, cansada, cochilando, tentando descobrir, mais uma vez, por que deixara que fizessem isso com ela, por que permitira que a convencessem a vir para o oeste.

— Aproveite a sua estada. Obrigada por voar com...

A falange de comissários de bordo dizia as palavras familiares como um coro de Rockettes, e **Samantha** retribuiu-as com um sorriso.

Dali a um momento **Samantha** estava parada no aeroporto de Los Angeles, olhando desorientada à sua volta, imaginando aonde iria, quem a encontraria, sem ter certeza se alguém viria mesmo recebê-la. Caroline dissera que o capataz, Bill King, provavelmente viria recebê-la, mas que, se não pudesse, algum dos outros empregados estaria ali.

— Procure-os, não pode errar, não naquele aeroporto.

E a mulher idosa dera uma risada, e **Sam** fizera o mesmo. Num aeroporto cheio de Vuitton e Gucci e sandálias de lamê dourado e *vison* e chinchila e partes superiores de biquínis e camisas abertas até o umbigo, seria fácil notar um vaqueiro de chapéu Stetson e botas e *jeans*. Mais do que a roupa propriamente dita, seria fácil notar o modo como caminhavam e se moviam, o profundo bronzeado da sua pele, o seu ar sadio enquanto se movimentavam constrangidos no meio daquela multidão decadente e espalhafatosa. **Sam** já sabia, pelas outras visitas feitas à estância, que não haveria nada de decadente nos seus empregados. Eram uma gente dura, bondosa, trabalhadeira, que adorava o que fazia e possuía uma ligação quase mística com a terra na qual trabalhava, com as pessoas com quem lidava, com os animais de que cuidava tão dedicadamente. Eram uma raça que **Samantha** sempre respeitara, mas sem dúvida uma raça muito diferente da que estava acostumada em Nova York. Por um momento, cercada do típico caos de um aeroporto, deu-se conta repentinamente de que, logo que chegasse à estância, ficaria satisfeita por ter vindo. Talvez fosse disto que estivesse precisando, afinal de contas.

Enquanto procurava o cartaz que anunciava RECLAMAÇÃO DA BAGAGEM, sentiu uma mão no braço. Virou-se, sobressaltada, e então o viu, o velho vaqueiro alto, curtido, de ombros largos, de quem se lembrou instantaneamente de dez anos passados. Apequenava-a, do alto da sua estatura, os olhos azuis como pedacinhos do céu de verão, o rosto marcado como uma paisagem, o sorriso amplo que ela recordava; uma sensação de grande carinho transpirava dele, ao cumprimentá-la,

tocando a ponta do chapéu, depois envolvendo-a num abraço apertado. Era Bill King, capataz da Estância Lord desde que Caroline a adquirira, há uns 30 anos. Era um homem de sessenta e poucos anos, um homem de pouca instrução, mas vastos conhecimentos, grande sabedoria e um carinho ainda maior. Sentira-se atraída para ele desde a primeira vez que o vira, e ela e Barbara o consideravam um tio sábio, e ele fora o campeão de todas as causas delas. Ele acompanhara Caroline ao enterro de Barbara, e permanecera discretamente atrás da família, com um manancial de lágrimas a lhe escorrer pelas faces. Mas agora não havia lágrimas, apenas sorrisos para **Samantha**, enquanto a mão imensa no ombro dela apertava-a ainda com mais força, e ele dava um pequeno grito de alegria.

— Puxa, mas como estou feliz por vê-la, **Sam**! Quanto tempo faz? Cinco, seis anos?

— Acho que uns oito ou nove.

Abriu um sorriso para ele, igualmente feliz por vê-lo e repentinamente radiante por ter vindo. Talvez Charlie não estivesse tão errado, afinal de contas. O homem alto e curtido olhava para ela com uma expressão que lhe dizia que tinha vindo para casa.

— Pronta? — Deu-lhe o braço, e com um gesto de cabeça e um sorriso, ela o aceitou; partiram em busca da bagagem, que já estava rodando preguiçosamente na esteira quando chegaram lá embaixo. — Só isto?

Olhou para ela, indagadoramente, segurando a grande mala de couro preto com a listra vermelha e verde de Gucci. Segurou a pesada mala facilmente com uma das mãos, jogou a sacola por cima do ombro.

— Só isso, Bill.

— Então não deve estar pretendendo ficar muito tempo. Lembro da última vez em que estive aqui com o seu marido. Os dois juntos deviam ter umas sete malas — disse Bill franzindo a testa.

Ela soltou uma risadinha abafada, recordando-se. John trouxera roupas suficientes para um mês em Saint-Moritz.

— A maior parte era do meu marido. Estávamos chegando de Palm Springs.

Ele meneou a cabeça, calado, depois foi abrindo caminho até a garagem. Era um homem de poucas palavras, mas emoções fortes. **Sam** notara isso com frequência,

durante as suas primeiras visitas à estância. Cinco minutos mais tarde, chegaram à grande *pickup* vermelha, puseram a mala dela na parte traseira, e logo estavam saindo lentamente do estacionamento do Aeroporto Internacional de Los Angeles. **Sam** teve a sensação repentina de que ia ser posta em liberdade. Depois do confinamento da sua vida em Nova York, do trabalho, do casamento, e agora da confusão de corpos cercando-a no avião e no terminal do aeroporto, após a viagem, ia finalmente sair para o ar livre, ficar sozinha, pensar, ver montanhas e árvores e gado, e redescobrir uma vida da qual quase se esquecera. Ao pensar nisto, um sorriso vagaroso e longo iluminou-lhe o rosto.

— Você está com boa cara, **Sam**.

Lançou-lhe um olhar quando saíam do aeroporto, e engrenou uma quarta ao atingirem a auto-estrada que se seguia.

Porém ela apenas sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não tão boa assim. Faz muito tempo. — A sua voz se suavizou, pronunciando as palavras, lembrando-se da última vez em que vira Bill e Caroline Lord. Fora uma viagem estranha, uma mistura constrangedora do passado e do presente. A estância não fora muito divertida para John. Enquanto rodavam pela auto-estrada, a mente de **Sam** se encheu das lembranças da última viagem. Parecia ter-se passado mil anos quando sentiu a mão do velho capataz no braço, e ao olhar ao seu redor, percebeu que a paisagem que os cercava tinha se alterado radicalmente. Não havia sinais da fealdade de plástico dos subúrbios de Los Angeles, na verdade não havia casas à vista, apenas acres e mais acres de terra cultivada, as longínquas extensões das grandes estâncias, as reservas governamentais desabitadas. A terra que o cercava era uma beleza, e **Sam** baixou a janela e farejou o ar. — Meu Deus, tem até um cheiro diferente, não tem?

— Claro que tem. — Deu aquele sorriso familiar e caloroso e continuou a guiar durante algum tempo sem falar. — Caroline está louca para vê-la, **Sam**. Tem se sentido meio só, desde que Barb morreu. Sabe, ela fala um bocado em você. Sempre me perguntei se você voltaria, algum dia. Achava que não, depois da última vez.

Tinham saído da estância antes do tempo, e John não fizera segredo do fato de que achara tudo uma chatura.

— Eu acabaria voltando, mais cedo ou mais tarde. Sempre pretendia dar uma passada por aqui, quando fosse a Los Angeles a negócios, mas nunca tive tempo.

— E agora? Largou o emprego, **Sam**?

Bill tinha apenas uma vaga idéia de que ele se relacionava com comerciais, mas não sabia exatamente como, e nem se importava. Caroline lhe dissera que era bom emprego, que a fazia feliz, e era só o que lhe importava. Sabia o que o marido dela fazia, é claro. Todo o mundo no país conhecia John Taylor, de cara e de nome. Bill King jamais gostara dele, mas sem dúvida sabia quem era.

— Não, Bill, não larguei. Estou de licença.

— Para tratamento de saúde?

Tinha um ar preocupado, ao rodarem pelas colinas. **Sam** hesitou, apenas por um momento.

— Não propriamente. Uma espécie de repouso forçado, acho. — Por um minuto, pensou em não dizer mais nada, depois resolveu contar-lhe. — John e eu nos separamos. — Ele alçou uma sobrancelha, indagadoramente, mas ficou calado, e ela continuou: — Há bastante tempo, para falar a verdade. Pelo menos, é o que me parece. Faz três ou quatro meses. — Cento e dois dias, para ser exato. Contara cada um deles. — E creio que eles acharam que eu precisava tirar uma folga do escritório.

Aquelas palavras lhe soaram horríveis, e de repente sentiu o pânico tomar conta de si novamente, como quando falara com Harvey, pela manhã. Será que a estavam despedindo e não queriam lhe dizer, ainda? Será que achavam que ela não ia agüentar o impacto? Será que pensavam que ela já tinha desabado de vez? Porém, ao olhar para Bill King, viu que ele balançava a cabeça, como se aquilo lhe parecesse perfeitamente razoável.

— Para mim parece uma ótima idéia, meu bem. — A sua voz era reconfortante. — É uma dureza dos diabos continuar em frente quando se está ferido. — Parou por um momento, depois prosseguiu: — Descobri isso há anos, quando a minha mulher morreu. Pensei que podia continuar com o meu trabalho na estância em que estava, na época. Mas, depois de uma semana, o meu patrão falou: "Bill, meu rapaz, vou-lhe dar o salário de um mês, você trate de ir para casa, para junto do seu pessoal, e volte quando o dinheiro tiver acabado." Sabe, **Sam**, fiquei uma fera quando ele fez aquilo,

pensei que estava me dizendo que eu não conseguia fazer o meu trabalho, mas ele tinha razão. Fui para a casa da minha irmã, nos arredores de Phoenix, passei lá umas seis semanas e quando retornei, tinha voltado a ser eu mesmo. Não se pode esperar que um homem ou uma mulher sigam funcionando, sem uma parada. Às vezes é preciso dar um tempo para a dor.

Não contou a ela que tinha tirado três meses de folga 25 anos mais tarde, quando já trabalhava na Estância Lord, por ocasião da morte do seu filho, logo no início da Guerra do Vietnã. Durante três meses ficara tão arrasado que mal conseguia falar. Foi Caroline quem cuidou dele, quem escutou as suas mágoas, quem se interessou, quem finalmente foi buscá-lo num bar de Tucson para arrastá-lo para casa. Ele tinha serviço para fazer na estância, dissera-lhe, e já carpira o suficiente. Dava-lhe ordens como um sargento, e enchia-o de tanto trabalho que ele pensou que ia morrer. Ela berrara, gritara, discutira, atormentara, até que finalmente, certo dia, quase tinham chegado às vias de fato no pasto sul. Tinham saltado dos cavalos e ela tentara dar um soco nele, e Bill a derrubara de bunda no chão, e de repente ela estava rindo dele, e riu até chorar, e ele riu do mesmo jeito e ajoelhou-se para ajudá-la a se levantar, e foi então que a beijou pela primeira vez.

Isso fora há 18 anos, completados em agosto, e ele jamais amara outra mulher como a amava. Era a única mulher por quem realmente ansiara, tivera tesão, com quem rira, trabalhara, sonhara e a quem respeitara mais do que respeitava qualquer homem. Mas ela era um tipo de mulher muito especial. Caroline Lord não era uma mulher comum. Era uma supermulher. Era brilhante e divertida, atraente, bondosa, compassiva, inteligente. E ele jamais conseguira entender o que via num empregado de estância. Mas ela sabia o que queria, desde o princípio, e nunca se arrependera da sua decisão. Há quase 20 anos que era mulher dele, secretamente. E teria tornado o caso deles público há muito tempo, se ele tivesse deixado. Mas Bill achava que a sua posição como dona da Estância Lord era sagrada, e embora houvesse quem desconfiasse, ninguém sabia ao certo se eram amantes, a única coisa que todos sabiam com certeza é que eram amigos. Até mesmo **Samantha** nunca tivera certeza se havia algo mais entre eles, embora ela e Barbara tivessem desconfiado e rido à socapa, mas nunca tivessem realmente descoberto.

— Como vai Caroline, Bill?

Olhou para ele com um sorriso caloroso, e notou o brilho especial que lhe surgiu

nos olhos.

— Durona como sempre. É mais durona do que qualquer um aqui na estância.

E mais velha. Era três anos mais velha do que ele. Fora uma das mulheres mais glamourosas e elegantes de Hollywood, quando estava na casa dos 20 anos, casada com um dos diretores mais importantes da época. As festas que davam ainda faziam parte das primeiras lendas do local, e a casa que construíram nas colinas acima de Hollywood ainda estava no roteiro de algumas excursões turísticas. Mudara de mãos com frequência, mas ainda era um prédio notável, um monumento a uma era desaparecida raramente igualado nos anos posteriores. Porém, aos 32 anos, Caroline Lord ficara viúva, e depois disso a vida em Hollywood, para ela, nunca mais fora a mesma. Continuara a viver ali por mais dois anos, porém tinham sido anos dolorosos e solitários; subitamente, sem explicação, ela desaparecera. Passara um ano na Europa, mais seis meses em Nova York. Levou ainda mais um ano para resolver o que realmente queria, porém, enquanto rodava durante horas no seu Lincoln Continental branco, soube, de repente, onde desejava morar. No campo, em contato com a natureza, longe do champanha e das festas e do fingimento. Nada daquilo tinha mais significado para ela, agora que o marido estava morto. Tudo aquilo estava terminado para ela, agora. Estava pronta para uma coisa bem diferente, toda uma nova vida, uma nova aventura, e naquela primavera, depois de examinar todas as propriedades disponíveis num raio de 300 quilômetros de Los Angeles, comprou a estância.

Pagou uma fortuna por ela, contratou um assessor e os melhores vaqueiros disponíveis. Pagava a todos um belo salário, construiu alojamentos aconchegantes e agradáveis, e ofereceu-lhes uma espécie de simpatia e conforto que poucos homens poderiam recusar. Em troca, queria bons conselhos e ensinamentos sólidos, queria aprender a dirigir a estância por si mesma, algum dia, e esperava que todos trabalhassem com o mesmo afinho que ela. Foi no seu primeiro ano na estância que Bill King a encontrou, tomou as rédeas do lugar e ensinou-lhe tudo o que sabia. Era o tipo de capataz que a maioria dos estancieiros morreria para conseguir, e foi puramente por acidente que foi parar na Estância Lord. E mais acidentalmente ainda que ele e Caroline Lord acabaram por se tornar amantes. Tudo o que **Samantha** conhecia da história de Bill na estância era que ele estava lá quase desde o começo, e que ajudara a fazer do local um êxito financeiro.

A Lord era uma das poucas fazendas de gado que dava lucro. Criava gado Angus

e vendia também alguns cavalos Morgan. A maioria das grandes estâncias ficava no Meio-Oeste ou no Sudoeste; apenas umas pouquíssimas na Califórnia tinham êxito, e muitas eram mantidas em funcionamento como prejuízo fiscal pelos seus proprietários — habitantes das cidades, corretores, advogados e astros de cinema que as compravam como uma espécie de jogo. Mas a Estância Lord não era nenhum jogo, não para Bill King ou Caroline Lord, nem para os homens que ali trabalhavam, e **Samantha** sabia muito bem que, enquanto ficasse ali, esperava-se dela que realizasse certas tarefas. Ninguém vinha à estância apenas para ficar na ociosidade. Seria uma coisa indecente, levando-se em conta o quanto todos os demais trabalhavam.

Quando **Sam** ligara para Caroline, dessa vez, a mulher dissera a **Sam** que, no momento, estavam com falta de dois empregados, e que a ajuda de **Samantha** seria muito bem-vinda. Iam ser umas férias bem atarefadas para **Samantha**, disto tinha certeza. Imaginava que, provavelmente, faria pequenos serviços nos estábulos, cuidaria de alguns cavalos, quem sabe ajudaria a limpar algumas baias. Sabia que não era provável que tivesse a chance de fazer mais do que isto. Não que não fosse capaz. Há muito que **Samantha** provara a sua perícia sobre um cavalo. Amazona aos cinco anos, em espetáculos com cavalos ao sete, Madison Square Garden aos 12, três fitas azuis e uma vermelha, competições de salto, a seguir, e um par de anos em que sonhara com as Olimpíadas, quando passara cada momento possível com o seu próprio cavalo. Porém, depois que entrara para a faculdade, não sobrara muito tempo para cavalos, o sonho das Olimpíadas se desvanecera, e nos anos que se seguiram quase não tinha tempo para montar. Era somente quando visitava a estância com Barbara, ou quando encontrava alguém que tinha cavalos, lá uma vez ou outra, que ainda tinha chance de montar. Mas sabia que, como "dona da cidade", não mereceria a confiança dos vaqueiros para trabalhar com eles, a não ser que Caroline interferisse a seu favor.

— Tem montado muito, ultimamente?

Como se tivesse lido os seus pensamentos, Bill se inclinou para ela com um sorriso.

Ela fez que não.

— Sabe, acho que há dois anos não monto num cavalo.

— Amanhã a esta hora vai estar bem doída.

— Provavelmente. — Trocaram um sorriso tranqüilo, enquanto continuavam a rodar na noite que caía. — Mas provavelmente vou me sentir bem, é um tipo de doído gostoso. Joelhos cansados e batatas da perna doloridas — não era como o espírito dolorido que vinha suportando nos últimos meses.

— Temos alguns novos *palominos*¹, um malhado novo, e todo um bando de Morgans, todos comprados este ano. E além disso — resmungou — Caroline arranhou esse cavalo maluco. Não me pergunte por que o comprou, só por uma bobagem de achá-lo parecido com um cavalo num filme que o marido dela fez. — Olhou para **Sam**, com ar de reprovação. — Comprou um puro-sangue, um cavalo danado de bom. Mas não precisamos de um cavalo desses na estância. Parece um cavalo de corrida... e corre como um cavalo de corrida. Ela vai se matar, andando nele. Fora de dúvida. Eu mesmo já lhe avisei.

Olhou com a cara fechada para **Sam**, que sorriu. Podia imaginar a elegante Caroline no seu puro-sangue, correndo pelos campos como se ainda fosse uma mocinha. Ia ser maravilhoso vê-la de novo, maravilhoso estar de volta, e de repente **Samantha** sentiu uma onda de gratidão inundá-la. Estava tão feliz por ter vindo, afinal de contas. Lançou um olhar de esguelha para Bill, que guiava os quilômetros restantes até a estância que era o seu lar há mais de duas décadas; **Samantha** se pegou imaginando, mais uma vez, qual seria o seu grau de envolvimento com Caroline, exatamente. Aos 63 anos de idade, ainda era viril e bonitão, o corpo largo, as pernas longas, os braços fortes, as mãos possantes e os brilhantes olhos azuis se combinavam para dar-lhe uma aura de vigor e classe. Nele o Stetson parecia maravilhoso, os *jeans* pareciam moldados às suas pernas. Nada parecia banal ou tolo. Ele era o melhor da sua raça, o mais orgulhoso do seu gênero. Os vincos do rosto apenas ajudavam a realçar as feições bem delineadas, e a voz profunda e rouca de barítono era precisamente o que sempre fora. Media facilmente 1,93m sem o Stetson, e com ele era literalmente um gigante.

Ao cruzarem os portões da estância, **Samantha** soltou um suspiro de alívio... de dor... de muitos sentimentos. O caminho continuava por mais um quilômetro e meio depois do cartaz que dizia ESTÂNCIA LORD, com um L floreado, que também era usado na sua marca. **Samantha** sentia-se como uma criança ansiosa, prendendo a respiração, esperando ver a casa surgir de repente diante deles, porém levou mais dez

¹ *Palomino* (EUA) cavalo de raça árabe, de cauda branca, baio.

minutos para dobrarem a última curva da estrada particular, e então ela apareceu. Parecia quase uma antiga fazenda, uma casa grande branca e bonita com persianas azuis-escuras, chaminé de tijolos, uma varanda larga, amplos degraus de entrada, canteiros a toda a volta, que se tornavam um turbilhão de cores no verão, e por trás de tudo uma verdadeira muralha de árvores belas e gigantescas. Descendo uma pequena encosta, perto da casa, ficava um único salgueiro e um pequeno lago, coberto de lírios e cheio de sapos. Os estábulos ficavam próximo, para além deles as cocheiras, e por toda a parte havia os chalés para os homens. Na cabeça de **Sam**, era assim que todas as estâncias deviam ser, mas, quando viu as outras, logo descobriu que poucas o eram. Poucas outras estâncias eram tão impecavelmente tratadas, tão bonitas, tão bem administradas... e nenhuma delas podia se vangloriar de uma Caroline Lord ou de um Bill King.

— Bem, mocinha, que tal lhe parece? — A *pickup* tinha parado e, como sempre o fazia, Bill King olhava à sua volta com orgulho evidente. Ajudara a fazer da Estância Lord algo especial, e era isto que ela era, principalmente para ele. — Está diferente?

— Não — respondeu sorrindo, olhando ao seu redor na escuridão. Mas a lua estava alta, a casa bem iluminada, havia luzes nos chalés dos homens e no salão principal onde jogavam cartas, uma luz forte perto dos estábulos, e era fácil ver que muito pouco se modificara.

— Há algumas melhorias técnicas, mas não dá para se ver.

— Que bom. Estava com medo de que tudo pudesse ter se modificado.

— Neca.

Tocou a buzina duas vezes, e a porta da casa principal se abriu, deixando ver uma mulher alta e esguia, de cabelos brancos, que sorriu primeiro para Bill, depois instantaneamente para **Sam**. Houve apenas um momento de hesitação enquanto ela fitou a moça, mas logo a seguir desceu a escada com passo leve, estendeu os braços e abraçou **Samantha** com força.

— Seja bem-vinda, **Samantha**. Seja bem-vinda. — E então, sentindo o cheiro de rosa do perfume de Caroline Lord, sentindo o seu cabelo espesso e branco roçar-lhe a face, **Sam** ficou com os olhos marejados de lágrimas e com a sensação de ter voltado para casa. Dali a um momento as duas mulheres se separaram, e Caroline recuou e

olhou para ela com um sorriso. — Meu Deus, mas você está bonita, **Sam**. Ainda mais bonita do que da última vez.

— Você está maluca. E Santo Deus, olhe só para você! — A mulher mais idosa ainda era alta, magra e ereta como sempre o fora, os olhos brilhavam e toda a sua pessoa irradiava animação e vida. Era tão bonita quanto o fora da última vez que **Sam** a vira, na casa dos 50 anos, e agora, aos 66 anos, ainda era bela, e mesmo de *jeans* e camisa masculina de algodão, tinha uma classe inegável. Estava com um lenço azul vivo amarrado no pescoço, usava um velho cinto indígena, e as suas botas de vaqueiro eram de um verde-jade profundo. **Samantha** olhou para baixo enquanto subia os degraus da entrada junto com Caroline, e soltou uma pequena exclamação encantada. — Puxa vida, são maravilhosas, Caroline!

— Não são? — Caroline compreendera logo, e olhou para elas com um sorriso juvenil. — Eu as mandei fazer, especialmente. É uma extravagância final, na minha idade, mas que diabo! Pode ser a minha última chance.

Sam ficou abalada por aquele tipo de referência, sentindo-se chocada só de perceber que Caroline agora já pensava desse jeito. Entrou em silêncio na casa familiar, e Bill a seguiu, levando as malas. No *hall* de entrada em que se encontravam, havia uma bela mesa em estilo americano primitivo, um lustre de latão e um grande tapete de cores vivas, feito à mão. Na sala de visitas que se seguia, um belo fogo ardia na lareira, cercada por um grupo de poltronas confortáveis estofadas em azul profundo. A mesma cor se repetia num tapete antigo, este pontilhado de flores vivas no padrão também tecido à mão. A sala era inteiramente decorada em azuis e vermelhos e verdes, num colorido que parecia refletir a própria Caroline, toda ela realçada pelas muitas peças antigas em madeiras de lei. Havia livros encadernados em couro, adornos de latão por toda a parte, suportes diante da lareira, castiçais, tinas e jardineiras e arandelas nas paredes com luzes como velas delicadas. Era uma maravilhosa sala à antiga, cheia de elegância e calor, como a própria Caroline, e perfeitamente adequada a uma estância. Era uma sala feita sob encomenda para as páginas de *Town & Country* ou *House and Garden*, mas que, naturalmente, Caroline nunca procurara exibir. Era a sua casa, não uma vitrina, e depois dos anos tão em evidência que passara em Hollywood, era muito ciosa da sua vida particular. Na realidade, desaparecera das vistas de todos, exceto de alguns poucos amigos, há cerca de 25 anos.

— Vai precisar de mais lenha, Caroline? — perguntou Bill, do alto do seu corpanzil, o cabelo branco como a neve à mostra, agora que segurava o Stetson de abas largas.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça, parecendo ainda mais jovem, a luz dos olhos dele refletida nos seus próprios.

— Não, obrigada, Bill. Tenho o suficiente para o resto da noite.

— Ótimo. Então, até amanhã para as duas.

Sorriu calorosamente para **Sam**, cumprimentou Caroline com um gesto respeitoso de cabeça, e se retirou com as suas longas passadas. Elas ouviram a porta se fechar às suas costas, e da mesma forma que Barbara e **Samantha** tinham concluído umas cem vezes durante as suas visitas na época da faculdade, **Sam** concluiu novamente que os dois não podiam estar envolvidos um com o outro, afinal de contas. Não se davam boa-noite daquele jeito. E os seus cumprimentos nunca eram mais pessoais do que tinham acabado de ser, acenos amistosos de cabeça, sorrisos descontraídos, cumprimentos amáveis, conversas sérias sobre a estância. Nada mais ficava evidente entre eles, nunca, no entanto, observando-os, tinha-se a sensação de que havia um acordo secreto entre os dois, ou como **Sam** dissera certa vez para Barbara, "como se fossem realmente marido e mulher".

Antes que **Sam** refletisse mais no assunto, Caroline colocou uma bandeja sobre uma mesa baixa ao pé do fogo, serviu uma xícara de chocolate quente, destapou um prato de sanduíches, e fez sinal a **Sam** para que se sentasse.

— Vamos, **Sam**, venha se sentar e ficar à vontade. — Enquanto obedecia, a mulher mais velha sorriu para ela de novo. — Seja bem-vinda ao lar.

Pela segunda vez naquela noite, os olhos de **Sam** ficaram cheios de lágrimas e ela estendeu a mão longa e graciosa para Caroline. Ficaram de mãos dadas por um momento, e **Sam** segurou com força os dedos ossudos.

— Obrigada por ter-me deixado vir.

— Não diga isso. — Caroline soltou a mão e passou-lhe o chocolate quente. — Estou feliz que tenha me procurado. Sempre gostei de você... — Hesitou por um momento, fitando o fogo, depois voltando os olhos para **Sam**. — Do mesmo jeito que

gostava de Barb. — Soltou um leve suspiro. — Perdê-la foi como perder uma filha. É difícil acreditar que já lá se vão quase dez anos. — **Sam** assentiu, calada, e Caroline sorriu para ela. — Que bom que também não perdi você. Sempre adorei as suas cartas, mas nos últimos anos vivia me perguntando se você voltaria, algum dia.

— Queria voltar, mas... andava ocupada.

— Quer falar no assunto, ou está cansada demais?

O voo fora de cinco horas, a viagem de carro de três. Pelo horário da Califórnia eram apenas oito e meia, mas pelo horário de **Sam**, em Nova York, eram onze e meia da noite. Porém não estava cansada, apenas eufórica por ver a velha amiga.

— Não estou cansada demais... só não sei por onde começar.

— Então comece com o chocolate quente. Depois os sanduíches. Depois a conversa. — As duas mulheres trocaram outro sorriso, e **Sam** não pôde deixar de estender os braços para ela de novo, e Caroline deu-lhe um abraço afetuoso. — Sabe como é bom ter você de volta?

— Não é nem metade de como é bom estar de volta. — Deu uma mordida grande num sanduíche, depois se recostou no sofá com um largo sorriso. — Bill falou que você tem um novo puro-sangue. É bonito?

— Puxa, **Sam**, se é! — Riu-se de novo. — Mais ainda do que as minhas botas verdes. — Baixou os olhos, com ar divertido, depois fitou **Sam** com um brilho no olhar. — É um garanhão, e tão fegoso que eu mesma mal posso montá-lo. Bill morre de medo que eu vá me matar andando nele, mas quando o vi não pude resistir. O filho de um dos estancieiros que moram aqui por perto comprou-o em Kentucky, depois ficou precisando de dinheiro e vendeu-o para mim. É quase um pecado montá-lo por prazer, mas não posso evitar, tenho que fazê-lo. Estou me lixando para o fato de ser uma velha cheia de artrite, ou para que me tachem de idiota, ele é o único cavalo na vida que quero montar até morrer.

Sam crispou-se de novo à menção de morte e velhice. Neste sentido, tanto ela quanto Bill tinham mudado, desde a última vez. Mas, afinal, estavam ambos na casa dos 60, agora, talvez fosse uma preocupação normal para a idade. Apesar disso, era impossível pensar neles como "velhos", eram bonitos demais, ativos demais, vigorosos demais, atarefados demais. E, no entanto, era obviamente uma imagem de si mesmos

que ambos estavam tendo.

— Como é o nome dele?

Caroline riu alto, levantou-se e se dirigiu para junto do fogo, estendendo as mãos para o calor.

— Black Beauty, é claro.

Virou-se para **Samantha**, as belas feições delicadamente iluminadas pelo fogo, até que ficou quase parecendo um fino camafeu, ou uma figura de porcelana.

— Alguém lhe disse ultimamente como é bonita, Tia Caro?

Era o nome pelo qual Barbara a chamava, e desta feita havia lágrimas nos olhos de Caroline.

— Deus a abençoe, **Sam**, cega como sempre.

— Cega, uma ova. — Abriu um sorriso e mordiscou o resto do sanduíche antes de tomar um gole de chocolate quente que Caroline servira de uma garrafa térmica. Era a mesma anfitriã caprichosa que sempre fora, desde as primeiras visitas de **Samantha** à estância, como já o era nas suas festas lendárias da Hollywood de 1935. — Bem. — O rosto de **Sam** foi ficando sóbrio. -Imagino que queira saber sobre John. Acho que não há mais muita coisa a falar, além do que lhe contei ao telefone, na outra noite. Ele teve um caso, engravidou a moça, me abandonou, eles se casaram, e agora estão esperando o nascimento do primeiro filho.

— Você resume tudo tão sucintamente. — E, após um momento: — Você o odeia?

— Às vezes. — A voz de **Sam** caiu para um murmúrio. — Na maior parte do tempo, sinto saudade dele e fico imaginando se estará bem. Fico me perguntando se ela sabe que ele é alérgico a meias de lã, se alguém está comprando para ele a marca de café de que gosta, se está doente ou com saúde ou feliz ou piradão, se se lembrou de tomar o seu remédio para asma quando foi viajar... se... se está arrependido... — Parou e fitou Caroline, ainda parada junto ao fogo. — Não parece uma loucura? Quero dizer, o sujeito me largou, me chifrou, me abandonou, nem liga para mim para saber como estou passando, e eu me preocupo se está com coceira nos pés porque a mulher dele pode ter-se enganado e lhe comprado meias de lã. Não é uma loucura? — Soltou uma risada, que era metade soluço. — Não é? — E então fechou os olhos,

apertando-os com força. Balançou a cabeça devagar, mantendo os olhos firmemente fechados, como se assim não pudesse enxergar as imagens que povoavam a sua mente há tanto tempo. — Meu Deus, Caro, foi tão horrível e tão público. — Abriu os olhos. — Você não leu nada a respeito?

— Li. Uma vez. Mas era apenas uma fofoca que vocês dois estavam se separando. Torci para que fosse mentira, só um golpe de publicidade para torná-lo mais popular. Sei como são essas coisas, como os boatos correm e não querem dizer coisa alguma.

— Mas esse quis. Não os viu juntos no noticiário?

— Nunca vi.

— Nem eu. — **Samantha** parecia pesarosa. — Mas agora vejo.

— Devia parar com isso.

— É, vou parar — **Samantha** concordou. — Preciso parar com muita coisa. Acho que foi por isso que vim para cá.

— E o seu emprego?

— Não sei. Nem sei como, mas não perdi o emprego durante tudo isso. Pelo menos, foi o que me fizeram crer quando saí de lá. Mas, para falar a verdade, nem sei como consegui. Eu era como um zumbi, a cada minuto que passava no escritório. — Enterrou o rosto nas mãos, com um leve suspiro. — Vai ver que foi bom eu ter me afastado.

Sentiu a mão de Caroline no ombro, dali a um momento.

— Também acho, **Sam**. Talvez a estância lhe dê tempo para sarar, para pôr em ordem os seus pensamentos. Você passou por um trauma tremendo. Eu sei, passei pela mesma coisa quando Arthur morreu. Não pensei que ia sobreviver, pensei que ia morrer também. Não é exatamente a mesma coisa que aconteceu com você, mas, ao seu modo, a morte é uma rejeição. — Os seus olhos estavam ligeiramente preocupados, ao pronunciar as últimas palavras, mas logo se desanuviam enquanto sorria de novo para **Sam**. — Mas a sua vida não acabou, sabe, **Sam**. De certa forma, talvez tenha apenas começado. Com quantos anos está?

Samantha soltou um gemido.

— Trinta.

Parecia estar dizendo 80, e Caroline riu, um som delicado e cristalino na linda sala.

— Espera que eu vá ficar impressionada?

— Solidária — retrucou **Samantha**, com amplo sorriso.

— Na minha idade, querida, é pedir demais. Invejosa, talvez seja a palavra mais certa. Trinta! — Fitou o fogo, sonhadoramente. — O que eu não daria pelos meus 30 anos!

— O que eu não daria para ter a sua aparência, independente da idade!

— Puxa-saco... — Mas era evidente que ficara satisfeita; depois, voltou-se de novo para **Sam**, o olhar indagador. — Saiu com outra pessoa, desde que tudo aconteceu? — **Sam** sacudiu rapidamente a cabeça. — Por que não?

— Dois motivos muito bons. Ninguém que valesse a pena me convidou, e não sinto vontade. Dentro do meu coração, ainda estou casada com John Taylor. Se saísse com outro homem, seria como se o estivesse enganando. Ainda não estou pronta. E sabe duma coisa? — Olhou melancolicamente para a mulher mais velha. — Acho que nunca estarei. Não tenho vontade. É como se uma parte de mim tivesse morrido quando ele saiu porta afora. Eu simplesmente não estou ligando mais, estou pouco me lixando se ninguém mais quiser me amar. Não me sinto digna de amor. Não quero ser amada... exceto por ele.

— Bem, é melhor tomar alguma providencia, **Samantha**. — Caroline olhava-a com ligeira reprovação. — Tem que ser realista, não pode sair andando por aí como um cadáver ambulante. Tem que viver. Foi o que me disseram, sabe. Mas leva tempo. Eu sei. Quantos meses faz?

— Três e meio.

— Vamos dar mais uns seis. — Sorriu mansamente. — E se não estiver loucamente apaixonada até lá, vamos fazer algo radical.

— Tipo o quê? Uma lobotomia?

Samantha tinha um ar sério, enquanto tomava outro gole do chocolate quente.

— Pensaremos nalguma coisa, mas não creio que vá ser preciso.

— Se Deus, quiser, a essa altura estarei de volta a Madison Avenue, me matando com quinze horas de trabalho por dia.

— É isso o que quer? — indagou Caroline, olhando-a com tristeza.

— Não sei. Achava que queria. Mas agora, pensando bem, acho que talvez estivesse competindo com John. Apesar disso, tenho uma boa chance de ser a diretora criativa da agência, e o meu ego fala bem alto.

— Você gosta do que faz?

Samantha fez que sim, e sorriu.

— Adoro. — A seguir, inclinou a cabeça para o lado com um sorrisinho encabulado. — Mas houve vezes em que gostei mais deste tipo de vida. Caro... — Hesitou, apenas por um instante. — Posso montar Black Beauty amanhã?

Parecia uma mocinha, de repente.

Mas Caroline meneou lentamente a cabeça.

— Ainda não, **Sam**. Precisa fazer um aquecimento com um dos outros cavalos. Há quanto tempo não monta?

— Uns dois anos.

— Então não vai poder começar com Black Beauty.

— Por que não?

— Porque vai cair de bumbum no chão antes de cruzar a porteira. Ele não é fácil de montar, **Sam**. — E, mais gentilmente: — Nem mesmo para você, desconfio muito. — Caroline tinha visto, anos antes, que **Samantha** era uma esplêndida amazona, mas sabia muito bem que Black Beauty era um cavalo fora do comum. Dava trabalho até a ela, e apavorava o capataz e a maioria dos vaqueiros. — Dê um tempo. Prometo que deixarei você montá-lo quando tiver readquirido a sua autoconfiança. — Ambas sabiam que não ia demorar muito. **Sam** passara tempo demais da sua vida à volta com cavalos para se sentir enferrujada por um longo período. — Sabe, eu estava torcendo para que você quisesse montar a sério. Bill e eu passamos as três últimas semanas

arrancando os cabelos por causa da papelada da estância. Temos muita coisa para acertar neste final de ano. E ainda por cima estamos com falta de dois empregados. Você podia ajudar. Se quiser, pode cavalgar com os homens.

— Está falando sério? — **Samantha** estava aturdida. — Você deixaria? — exclamou, os grandes olhos azuis se iluminando à luz do fogo, o cabelo dourado brilhando com o seu reflexo.

— Claro que deixaria. Para falar a verdade, ficaria agradecida. — E, com um sorriso meigo: — Você é tão competente quanto eles. Ou será de novo, depois de um dia ou dois. Acha que pode sobreviver começando com um dia inteiro na sela?

— Pombas, se posso!

Samantha abriu um sorriso, e Caroline caminhou para junto dela com um olhar afetuoso.

— Então vá para a cama, mocinha. Tem que se levantar às quatro da manhã. Na verdade, estava tão certa de que você diria que sim, que já tinha dito a **Tate Jordan** para esperá-la. Bill e eu temos que ir à cidade. — Olhou para o relógio. Era um relógio de pulso simples que Bill lhe dera pelo Natal. Há 30 anos passados, os únicos relógios que ornavam o seu pulso eram suíços e incrustados de diamantes. Havia um em particular que o marido lhe comprara em Paris, na Cartier. Mas há muito tempo que o deixara de lado. Às vezes, custava a acreditar que tivera algum outro tipo de vida. Ficou olhando para **Samantha**, agora, com um sorriso caloroso, e abraçou novamente a mulher mais jovem. — Seja bem-vinda, querida.

— Obrigada, Tia Caro.

A seguir, as duas mulheres desceram lentamente o corredor. Caroline sabia que o fogo estava em segurança dentro da lareira, e deixou a bandeja para a mexicana que vinha todas as manhãs trabalhar na estância e arrumar a casa.

Acompanhou **Samantha** até a porta do quarto e ficou observando enquanto **Sam** corria os olhos pelo quarto, encantada. Era um quarto diferente daquele que dividira com Barbara durante os verões. Há muito tempo que Caroline transformara aquele quarto em escritório. Doía-lhe demais lembrar a garota que a visitara e morara ali, transformando-se numa moça feita em meio aos babados cor-de-rosa do quarto. Este quarto era inteiramente diferente. Era igualmente feminino, mas todo branco. Tudo

era cheio de ilhoses brancos e fartos babados, desde a cama de dossel, passando pelas almofadas feitas à mão, até a espreguiçadeira de vime. Somente a colcha de retalhos dobrada na cama dava um toque de cor ao quarto, um turbilhão de amarelos e vermelhos e azuis vivos, num padrão bem rústico. Havia almofadas combinando nas duas confortáveis cadeiras de vime ao pé da lareira. E sobre a grande escrivaninha de vime estava pousado um imenso vaso de flores multicoloridas. E **Samantha** teria uma vista perfeita das colinas, pelas janelas. Era um quarto em que se tinha vontade de passar horas, se não anos. Os toques hollywoodianos não haviam abandonado Caro inteiramente. Ainda decorava cada aposento com o infinito bom gosto que caracterizara os seus anos em Hollywood.

— Não tem cara de quarto de vaqueiro, nem um pouquinho — riu-se **Sam**, sentando-se na beirada da cama e olhando ao seu redor.

— Não tem mesmo. Mas, se preferir, tenho certeza de que um dos homens adoraria dividir a cama dele com você, num dos chalés.

Trocaram um sorriso, beijaram-se de novo e depois Caroline fechou mansamente a porta. **Samantha** pôde ouvir os saltos das botas de vaqueiro ressoando no piso de madeira do corredor que levava ao outro lado da casa, onde Caro tinha o seu apartamento: um quarto grande, um pequeno gabinete, um quarto de vestir, um banheiro, todos decorados em cores vivas semelhantes às do acolchoado da cama, e onde ainda guardava algumas peças da sua antiga coleção de arte. Havia uma tela impressionista muito boa. As outras todas eram peças que comprara na Europa, algumas com o marido, outras depois que o perdera, mas eram os únicos tesouros que ainda guardava da vida antiga.

No seu quarto, **Sam** desfez a mala lentamente, sentindo como se tivesse entrado num mundo inteiramente distinto, no espaço de algumas horas. Estivera mesmo em Nova York naquela manhã, dormindo no seu apartamento, conversando com Harvey Maxwell na sala dele? Será que se podia transpor uma distância tão grande, num tempo tão curto? Parecia mais do que improvável, enquanto ouvia os cavalos relinchando mansamente a distância, e sentia o vento frio roçar-lhe o rosto, ao abrir a janela e olhar para fora. Enxergou uma paisagem iluminada pela lua sob um céu em que brilhavam todas as estrelas do firmamento. Era uma cena miraculosa, e ficou satisfeitíssima por estar ali, satisfeitíssima por estar visitando Caroline, por estar longe de Nova York. Aqui, voltaria a se encontrar. Teve certeza, parada à janela, que tinha

feito a coisa certa. E, ao voltar para dentro, escutou o barulho de uma porta que se fechava a distância, perto do quarto de Caroline; por um momento ficou se perguntando, como ela e Barbie tinham feito tantas vezes no passado, se seria Bill King.

Capítulo 4

O despertador tocou na mesinha-de-cabeceira de Sam às quatro da manhã seguinte. Ela gemeu, ao ouvi-lo, e estendeu a mão para desligá-lo. Porém, quando sentiu a brisa nos dedos, percebeu de súbito que havia alguma coisa diferente. Abriu um dos olhos, olhou ao seu redor e se deu conta de que não estava em casa. Pelo menos, não na sua casa. Olhou à sua volta mais uma vez, totalmente confusa, ergueu os olhos para o dossel de babados brancos acima da sua cabeça, e então se deu conta de que estava na estância de Caroline Lord, na Califórnia, e que naquela manhã ia cavalgar com os outros vaqueiros. A idéia parecia um pouco menos atraente do que na véspera. A perspectiva de saltar da cama, tomar uma chuvairada, sair de casa mesmo antes de tomar café, e depois, tendo enfrentado um prato cheio de lingüiças e ovos, montar um cavalo, tudo isso provavelmente antes das seis da manhã, parecia excessivamente sombrio. Mas fora para isso que viera para o Oeste, e enquanto chegava a pensar em dormir pelo menos na primeira manhã, logo soube que não poderia fazê-lo. Não, se queria fazer amizade com os homens. Além disso, permitir que fosse cavalgar com os homens era um privilégio que Caroline lhe concedera. E se pretendia ser respeitada pelos vaqueiros, teria que se mostrar tão durona, tão disposta, tão consciente, tão boa num cavalo, tão pronta para montar quanto qualquer um deles.

Não ficou muito encorajada quando espiou lá para fora, na escuridão, depois do banho, e viu que a região estava envolta numa fina camada de chuva. Vestiu um velho par de *jeans*, uma camisa branca, uma grossa suéter preta de gola rulê, meias de 13 e as botas de montaria que sempre usava religiosamente quando montava no Leste. Eram belas botas de Miller's, feitas sob encomenda, não do tipo que se usaria numa estância, mas imaginava que poderia comprar umas botas de vaqueiro na cidade, naquele fim de semana, e nesse meio tempo teria que se arranjar com estas. Prendeu o longo cabelo louro num coque apertado sobre a nuca, jogou mais um pouco de água fria no rosto, agarrou um velho *parka* azul que usara para esquiar e um par de luvas de couro marrom. Os dias de Halston, Bill Blass e Norell pertenciam ao passado. Porém o que ela ia começar a fazer não era mais aquele tipo de trabalho. A elegância não importava, apenas o calor e o conforto. E sabia que, quando voltasse ao seu quarto,

à noite, seria com cada músculo gritando, cada junta doendo, o traseiro dormente, os joelhos em carne viva, os olhos turvos pelo vento, o rosto formigando, as mãos apertadas na posição que usaria o dia inteiro para segurar as rédeas. O fato de saber disso não se tornava nenhum incentivo para se levantar. Saiu do quarto para o corredor e notou a fresta de luz sob a porta de Caroline. Pensou em dar-lhe bom-dia, mas esta parecia uma hora infeliz para perturbar qualquer pessoa, e **Sam** continuou o seu caminho até a porta da frente, na ponta dos pés. Fechou-a mansamente atrás de si, puxou o capuz do *parka* para a cabeça, apertando bem o cordão sob a chuva fina, as botas fazendo barulho nas poças que já se haviam formado.

Pareceu levar uma eternidade para chegar ao salão principal onde os homens comiam e onde alguns se reuniam à noite para jogar sinuca ou cartas. Era um prédio esparramado, grande, recém-pintado, com vigas no teto, uma lareira de tijolos da altura de uma pessoa, um toca-discos, um aparelho de TV, várias mesinhas de jogo e uma bela mesa de sinuca antiga. Como **Sam** sempre soubera, Caroline Lord tratava bem os seus homens.

Apenas por um instante, quando chegou à porta, a mão de **Sam** ficou imobilizada na maçaneta, e ela se perguntou o que tinha feito. Estava prestes a invadir um recinto totalmente masculino, partilhar as refeições dos homens pela manhã e na hora do almoço, trabalhar ao seu lado e fingir que era um deles. O que iam pensar da intrusão? De repente, **Samantha** sentiu os joelhos tremerem, ao se perguntar se Caroline ou Bill já os havia avisado, e ficou ali quase apavorada demais para entrar. Enquanto hesitava, sob a chuva, a mão na maçaneta, uma voz às suas costas resmungou:

— Como é, cara, está frio. — Ela deu meia-volta, sobressaltada com a voz que não esperava, e deparou com um homem atarracado de cabelo castanho-escuro e olhos escuros, aproximadamente da altura e idade dela. Ele ficou com cara tão surpresa quanto a dela, depois levando rapidamente a mão à boca, ante o erro cometido, o seu rosto se abriu num largo sorriso. — É a amiga de Dona Caroline, não é? — Ela fez que sim, silenciosamente, tentando dar um sorriso. — Desculpe... mas será que pode abrir a porta, mesmo assim? Está frio!

— Ah... — Ela escancarou a porta. — Desculpe. É só que... ela... falou alguma coisa a meu respeito?

As suas faces estavam ruborizadas de embaraço, e pela chuva fria.

— Claro que sim. Seja bem-vinda à estância, moça.

Sorriu e seguiu adiante, simpático, mas sem demonstrar interesse em dizer mais alguma coisa. Cumprimentou imediatamente dois ou três dos outros vaqueiros e depois se dirigiu para a imensa cozinha, saudou o cozinheiro e pegou uma xícara de café e uma tigela de cereal.

Samantha notou então que a sala estava cheia de homens como aquele que acabara de entrar, todos usando *blue jeans*, jaquetas resistentes, suéteres grossas, os chapéus pendurados em ganchos na parede, as botas de vaqueiro ressoando ruidosamente ao cruzarem o piso de madeira. Havia mais de 20 deles no grande salão, naquela manhã, conversando em pequenos grupos ou tomando café sozinhos. Meia dúzia deles já estavam sentados à mesa comprida, comendo ovos com *bacon* ou cereal quente, ou terminando uma segunda ou terceira xícara de café. Mas, para onde quer que se olhasse, havia um homem dedicado ao seu ritual matutino, num mundo masculino, prestes a começar um trabalho masculino, e pela primeira vez na vida **Samantha** sentiu-se totalmente deslocada. Sentiu-se ruborizar novamente enquanto se dirigia com passos hesitantes para a cozinha, sorria nervosamente para dois dos homens e se servia de uma xícara de café preto, depois tentava desaparecer no madeiramento na outra extremidade da sala.

Ao primeiro olhar, não havia um só rosto de que se lembrasse. A maioria era jovem, e provavelmente relativamente nova ali, e apenas uns dois ou três tinham cara de quem podia estar trabalhando nalgum lugar há algum tempo. Um deles era um homem largo, corpulento, no começo ou meio da casa dos 50, que se parecia muito com Bill King. Tinha o mesmo tipo de corpo, mas os olhos não eram tão gentis nem o rosto tão bondoso. Lançou um único olhar para **Samantha**, depois deu-lhe as costas para comentar alguma coisa com um jovem ruivo e sardento. Ambos riram, a seguir atravessaram a sala e foram se sentar à uma mesa com dois outros homens. Por um instante de paranóia, **Samantha** ficou se perguntando se seria a fonte de diversão para eles, se tinha sido uma loucura completa vir para cá, e uma loucura ainda maior querer cavalgar com os homens. Agora era muitíssimo diferente dos dias passados aqui com Barbara, quando tinham vindo para se divertir na estância. Além disso, as duas eram muito jovens e bonitas, e os homens ficavam encantados apenas de vê-las passando o tempo e montando. Mas agora era outra história. **Samantha** estava

tentando passar por sua igual, algo que certamente não tolerariam, se é que se dignassem a prestar atenção na presença dela.

— Não vai comer alguma coisa?

A voz a seu lado era rouca, mas gentil, e **Sam** deparou com o rosto de outro homem da geração do velho capataz, mas este não parecia tão desagradável quanto o primeiro. Na verdade, depois de olhar para ele mais atentamente, ela soltou uma exclamação abafada.

— Josh! Josh! Sou eu, **Sam**!

Ele estivera presente em todos os verões, quando ela viera com Barbara, e sempre tomara conta delas. Barbara contara a **Sam** como ele lhe ensinara pacientemente a montar, quando era uma garotinha. Tinha mulher e seis filhos nalguma parte, lembrava-se **Sam**. Porém ela nunca os vira na estância. Como a maioria dos homens com quem trabalhava, estava acostumado a levar a vida num mundo exclusivamente masculino. Era uma vida estranha e solitária, uma existência isolada no meio de outros igualmente isolados. Uma sociedade de solitários que se agrupavam, como que para se aquecer. E agora estava olhando para **Sam**, momentaneamente desconcertado, a seguir com expressão de reconhecimento e um sorriso caloroso. Sem hesitar, deu-lhe um abraço, e ela pôde sentir a aspereza da sua barba contra a face.

— Ora vejam só! É **Sam**! — Soltou um pequeno brado, e ela riu com ele. — Que diabo, por que não desconfiei logo quando Dona Caroline falou para a gente da "amiga"? — Deu uma palmada na coxa e abriu mais o sorriso. — Como tem passado? Puxa, mas você está ótima!

Ela não estava acreditando muito, com a cara ainda amassada de sono e o corpo enfiado nas roupas mais velhas e piores que possuía.

— Você também! Como vão a mulher e os filhos?

— Crescidos e criados, graças a Deus. Exceto por um deles e a mulher.

A seguir, baixou o tom de voz, como se fosse contar um segredo terrível.

— Estão morando aqui na estância, sabe. Dona Caroline me obrigou. Disse que não era direito ficarem morando na cidade, enquanto eu morava aqui.

— Que bom.

Ele revirou os olhos, em resposta, e ambos deram risada.

— Não vai comer alguma coisa? Dona Caroline disse para a gente que uma pessoa amiga dela vinha de Nova York para nos dar uma mão. — Deu um sorriso malicioso, por um momento. — Devia ter visto a cara deles quando ela contou que a tal pessoa amiga era uma mulher.

— Devem ter ficado encantados — Comentou **Samantha** com sarcasmo, ao se dirigirem para a cozinha. Estava morrendo de vontade de tomar mais café, e a comida estava começando a cheirar bem, agora que encontrara Josh.

Enquanto **Sam** se servia de aveia, Josh se debruçou para ela:

— O que está fazendo aqui, **Sam**? Não está casada?

— Não estou mais.

Ele meneou a cabeça, com ar compreensivo, e ela não acrescentou mais nenhuma informação. Foram se sentara uma das mesas. Durante longo tempo, enquanto **Sam** comia a sua aveia e mordiscava umas torradas, ninguém veio se reunir a eles, mas a curiosidade acabou sendo maior para dois ou três homens. Josh os apresentou, de um em um; eram mais jovens do que **Sam**, e tinham a expressão vigorosa de homens trabalhadores que praticamente viviam ao ar livre. A profissão deles não era fácil, especialmente nesta época do ano. E ficava evidente como Bill King conseguira os vincos do seu rosto que faziam com que parecesse uma estátua cheia de entalhes, tinham sido marcados pelo tempo e pelos elementos, durante os 50 anos que passou na sela, nas diversas estâncias em que trabalhou. O rosto de Josh não era diferente, como **Sam** podia ver, e via também que alguns dos outros se pareceriam muito com eles em pouco tempo.

— Um bocado de caras novas, hein, **Sam**?

Ela concordou, e Josh foi buscar mais uma xícara de café. **Sam** notou que eram quinze para as seis, no grande relógio que encimava a lareira. Dali a 15 minutos todos se dirigiriam para a cocheira para apanhar os seus cavalos, e o dia de trabalho começaria oficialmente. Ficou se perguntando quem lhe designaria o cavalo que iria montar. Caroline não tocara no assunto, na véspera, e ela ficou subitamente ansiosa,

procurando Josh com os olhos. Porém ele sumira com um companheiro, e **Sam** se pegou olhando a sua volta como uma criança perdida. A despeito dos poucos olhares curiosos que lhe eram lançados, de um modo geral não havia interesse visível pela sua pessoa, e ela desconfiou de que o que estava acontecendo era que eles não queriam prestar atenção a ela; assim, a maioria fingia olhar para o outro lado. Aquilo lhe dava vontade de berrar ou subir em cima de uma mesa, só para chamar a atenção deles, definitivamente, dizer-lhes que lamentava estar invadindo o seu mundo e que, se assim o desejassem, iria embora agora, mas que a maneira precisa como a ignoravam começava a deixá-la biruta. Era como se estivessem resolvidos que ela não devia estar ali, assim fingiam para si mesmos, e uns para os outros, que não estava.

— Srta. Taylor?

Ela deu meia-volta ao ouvir o seu nome, e deu de cara com um peito largo usando uma camisa grossa de xadrez vermelha e azul.

— Sim?

O olhar dela subiu até deparar com uns olhos de uma cor que raramente vira. Eram quase esmeralda, como pontinhos dourados. Os cabelos eram negros, as têmporas tinham fios grisalhos. O rosto era curtido, as feições definidas, e era mais alto do que qualquer outro homem na estância, inclusive Bill King.

— Sou o capataz-assistente aqui da estância.

Deu apenas o seu título, não o nome, E havia algo frio e ameaçador na sua voz. Se o tivesse encontrado num beco escuro, ela teria sentido um arrepio lhe subir pela espinha.

— Como vai?

Não sabia direito o que dizer para ele, que a fitava com a testa franzida.

— Está pronta para vir para a cocheira?

Ela assentiu, em resposta, intimidada pelo seu jeito dominador, assim como pela grande estatura. Notou também que os outros os estavam observando, imaginando o que ele lhe estaria dizendo e reparando, obviamente, que não havia vestígios de calor na sua maneira de falar, nenhuma palavra de boas-vindas, nenhum sorriso.

Na verdade, ela ainda estava com vontade de tomar mais uma xícara de café, mas nem se aventurou a lhe dizer isso, enquanto ele saía na frente, na direção da porta. **Sam** tirou a jaqueta do gancho em que a pendurara, enfiou-se nela, vestiu o capuz e fechou a porta atrás de si, sentindo-se como uma criança que tivesse feito alguma arte. A idéia de **Samantha** ir cavalgar com eles deixava-o nitidamente irritado. Entrou rapidamente na cocheira, seguido pela moça. **Samantha** sacudiu a chuva que se grudara ao seu capuz e tirou-o da cabeça, observando-o. Ele pegou uma prancheta com uma lista de nomes de homens e de cavalos, e depois se dirigiu para uma baia próxima, com uma ruga pensativa entre os olhos. O nome que estava na baia era LADY, e por algum motivo que não soube explicar ao certo, ela ficou imediatamente irritada com a escolha. Só porque era mulher tinha que montar Lady? Sentiu instintivamente que ia ter que aturar aquele cavalo durante toda a sua estada, e pegou-se torcendo ardentemente para que Lady fosse, ao menos, uma montaria decente.

— Monta razoavelmente bem? — Ela meneou a cabeça de novo, com medo de fazer propaganda de si mesma, com medo de ofendê-lo, quando a verdade é que provavelmente montava melhor do que muitos homens na estância, mas ele teria que ver isto por si mesmo, se é que se daria ao trabalho de olhar. **Samantha** ficou a observá-lo novamente, enquanto voltava a consultar a sua lista, e se pegou notando a curva da sua nuca, onde o cabelo escuro roçava o colarinho. Era um homem vigoroso, de ar sensual, no começo da casa dos 40 anos. Havia nele algo quase assustador, algo feroz e teimoso e resoluto. Pressentia isso, sem conhecê-lo, e sentiu quase um arrepio de medo percorrê-la, quando ele se virou novamente para ela, e sacudiu a cabeça. — Não serve. Ela pode ser demais para a senhora. Quero que monte Rusty. Está na outra extremidade da cocheira. Pegue uma das selas desocupadas na sala de equipamento e se prepare. Partimos dentro de dez minutos. — E, com uma expressão aborrecida: — Dá para ficar pronta?

O que ele estava pensando, **Sam** se perguntou, que ela levava duas horas para selar um cavalo? Subitamente, teve uma explosão de irritação.

— Posso ficar pronta em cinco. Ou menos.

Ele não deu resposta, simplesmente se afastou, recolocou a prancheta na parede, de onde a tirara, e atravessou rapidamente a cocheira até as baias, onde selou o seu próprio cavalo e levou-o lentamente para fora. Dentro de cinco minutos, todos os homens já tinham voltado do café da manhã, e a cocheira estava uma loucura total:

assobios e risadas e ruídos misturados aos sons dos cavalos arrastando as patas, cumprimentando os seus cavaleiros de costume, e relinchando uns para os outros, à medida que os homens que os montavam os retiravam das suas baias, criando um verdadeiro engarrafamento de trânsito na entrada, quando o grupo todo saiu para o pátio úmido e se reuniu satisfeito sob a chuva ligeira.

A maioria dos homens vestira impermeáveis sobre os casacos, e Josh entregou um deles para **Sam**, que levava o seu cavalo lentamente lá para fora. Era um castanho grande e sem graça, sem nenhuma animação ou brilho no olhar. **Sam** já estava desconfiada de que ia receber um animal que ia querer parar junto ao riacho, caminhar quando pudesse, mordiscar os arbustos, pastar sempre que encontrasse grama, e implorar para voltar para casa toda vez que **Sam** se virasse ligeiramente na direção da cocheira. O dia prometia ser cheio de exasperação, e **Sam** se pegou sentindo remorsos por ter se aborrecido por causa de Lady, alguns momentos atrás. Porém, mais do que isso, o que sentia enquanto esperava era que queria provar ao capataz-assistente ser digna de uma montaria muito melhor. Como Black Beauty, sorriu consigo mesma, ao pensar no garanhão puro-sangue de Caroline. Estava ansiosa para montá-lo, o que mostraria a este vaqueiro chauvinista e inflexível o tipo de amazona que era. Ficou imaginando se Bill King algum dia teria sido como ele, e teve que admitir para si mesma que provavelmente fora pior. Bill King fora, e ainda era, um capataz durão, e este aqui não fizera nada além de oferecer a **Sam** um cavalo bem manso, o que, teve de admitir, mesmo a contragosto, era uma coisa razoável de se fazer com uma amazona desconhecida, de um lugar como Nova York. De que modo ele ia saber se ela sabia montar, afinal de contas? E se Caroline não tentara influenciá-los a favor dela, fizera muito bem.

Os homens ficaram montados sob a chuva, nos seus impermeáveis, conversando em pequenos grupos, esperando que o capataz-assistente viesse lhes dar as instruções para o dia de trabalho. Os 28 vaqueiros jamais cavalgavam juntos, mas geralmente se dividiam em quatro ou cinco grupos para fazer as tarefas que fossem necessárias, nas diversas extremidades da estância. Todas as manhãs, Bill King ou o seu assistente circulavam entre eles, distribuindo as tarefas verbalmente, dizendo aos homens com quem deviam trabalhar, e onde. Agora, como fazia todas as manhãs em que Bill King não estava presente, o capataz-assistente alto e de cabelos escuros circulou entre eles, distribuindo as tarefas do dia. Deu a Josh quatro homens para juntos trabalharem na extremidade sul da estância, procurando animais desgarrados e gado que estivessem

com problemas. Dois outros grupos foram examinar cercas que ele pensava estarem caídas. Um outro quarteto tinha que ir buscar duas vacas doentes que estavam perto do rio. E ele próprio e mais quatro homens e **Samantha** iam examinar as fronteiras setentrionais em busca de três vacas que sabia estarem soltas e prestes a dar cria. **Samantha** acompanhou o grupo discretamente para fora do complexo principal, montando Rusty e torcendo para que a chuva parasse. Pareceu levar uma eternidade até que se pusessem a um bom meio galope, e ela teve que se fazer lembrar, mais uma vez, que numa sela do tipo oeste a gente não se apressava em trotar. Era estranho sentar na sela grande e confortável, estava muito mais acostumada às selas inglesas menores e mais planas, que sempre usara para saltar e competir no Madison Square Garden, mas esta era uma vida inteiramente diversa.

Apenas uma vez sorriu consigo mesma e imaginou o que estaria acontecendo no seu escritório, naquela manhã. Era uma loucura pensar que há apenas dois dias estivera usando um costume de Dior e tendo uma reunião de criação com um cliente, e agora estava procurando vacas desgarradas numa estância. Quase deu uma risada em voz alta, pensando nisso e subindo até o topo de um pequeno morro, e teve que se concentrar para se impedir de sorrir abertamente, pois o contraste entre o que fizera e o que estava fazendo era totalmente absurdo. Várias vezes notou que o capataz-assistente a fitava, como que verificando se conseguia dominar a sua montaria. Houve uma hora em que quase lhe disse algo desagradável, quando ele lhe lembrou para puxar as rédeas de Rusty, pois o animal tentava desesperadamente pastar um pouco. Apenas por um momento, **Samantha** tinha deixado o animal à vontade, tentando dar-lhe um pouco de satisfação antes de seguirem o seu caminho. O tirano de cabelos escuros parecia pensar que ela não conseguia controlar o cavalo, e só de pensar nisso quase deu um grito. "Fiz de propósito", teve vontade de berrar para ele, mas parecia totalmente desinteressado no que ela fazia ou deixava de fazer, e já seguia adiante para ir conversar com dois dos seus homens. **Sam** notou que todos eles pareciam considerá-lo uma espécie de autoridade. Os homens tratavam-no da mesma forma que a Bill King, com uma admiração discreta, respostas breves e respeitosas, e rápidos acenos de cabeça. Ninguém questionava o que ele sugeria, ninguém discutia o que afirmava. Não havia troca de brincadeiras entre ele e os outros, e raramente sorria ao se dirigir aos homens. De certa forma, deixava **Sam** irritada. A simples segurança com que falava era um desafio para ela.

— Está gostando do seu passeio? — perguntou dali a um pouco, cavalgando ao

seu lado por um momento.

— Muito — respondeu, por entre os dentes cerrados, à medida que a chuva caía com mais força. — O tempo está lindo.

Sorriu para ele, que não deu resposta. Apenas meneou a cabeça e seguiu o seu caminho, enquanto ela o acusava, mentalmente, de ser um pé no saco sem senso de humor. À medida que o dia ia passando, as pernas dela ficaram cansadas, o seu traseiro doía, a parte interna dos joelhos berrava ante a fricção constante da sela contra os *jeans*. Os seus pés estavam gelados, as mãos duras, e enquanto se perguntava quando aquilo iria terminar, deram uma paradinha para o almoço numa pequena cabana nos limites da estância de Caroline, usada para essas ocasiões. Tinha uma mesa, algumas cadeiras, e o equipamento de que precisava para ajudá-los a preparar o almoço: um pequeno fogão portátil e água corrente. **Sam** descobriu que o capataz-assistente em pessoa trouxera as provisões necessárias nos seus alforjes, e todos receberam um sanduíche grosso recheado de peru e presunto, e as duas imensas garrafas térmicas que apareceram foram logo esvaziadas. Uma delas continha sopa, a outra café; foi somente quando ela tomava o restinho do seu café que ele lhe dirigiu a palavra de novo.

— Agüentando firme, Srta. Taylor?

Havia um levíssimo traço de zombaria na voz dele, mas desta vez havia também uma luz mais bondosa nos seus olhos.

— Muito bem, obrigada. E quanto ao senhor... hã... sabe, nem sei o seu nome.

Sorriu adocicadamente para ele, que desta vez abriu um sorriso. A moça tinha uma certa garra, sem dúvida. Pressentira isso desde o início, quando sugerira Lady. Vira a irritação assomar-lhe aos olhos, mas estava pouco se lixando para o tipo de cavalo que ela queria. Ia dar-lhe o animal mais quieto da casa. Não tinha a menor vontade de ter uma fulana doidona qualquer de Nova York quebrando a bunda na fronteira setentrional, naquela manhã. Seria só o que lhe faltava, mas até o momento ela parecia estar-se safando direitinho. E tinha que admitir que era difícil perceber que tipo de amazona era, naquele cavalo preguiçoso.

— Meu nome é **Tate** Jordan. — Estendeu a mão, e mais uma vez **Sam** não teve certeza se ele estava debochando dela, ou sendo sincero. — O que está achando da sua

estada?

— Formidável. — Sorriu angelicalmente para ele. — O tempo está lindo. O cavalo é fantástico, as pessoas maravilhosas...

Hesitou por um momento, e ele alçou a sobrancelha.

— Como? Não tem nada a dizer da comida?

— Pode deixar que vou pensar em alguma coisa.

— Tenho certeza que sim. Na verdade, fiquei surpreso ao saber que tinha decidido montar hoje. Podia ter esperado um dia melhor para começar.

— Por quê? O senhor não esperou, esperou?

— Não. — Olhou-a quase com desdém. — Mas não é a mesma coisa.

— Os voluntários são sempre os que se esforçam mais, será que não sabia, Sr. Jordan?

— Acho que não. Nunca tivemos muitos voluntários por aqui. Já estive aqui antes? — Olhou-a de alto a baixo com interesse pela primeira vez, mas era por curiosidade, não porque estivesse tentando fazer amizade.

— Já, mas faz muito tempo.

— Caroline deixou que montasse com os homens, antes?

— Não propriamente... quero dizer, lá uma vez ou outra... mas só de diversão.

— E agora? — A sobrancelha indagadora estava alçada de novo.

— Acho que também é de diversão. — Ela lhe lançou um sorriso mais genuíno. Podia ter-lhe dito que era terapia, mas não estava disposta a revelar a ele os seus segredos. Espontaneamente, resolveu agradecer-lhe. — Fico satisfeita por me terem deixado montar junto com vocês. Sei que deve ser difícil ter uma pessoa nova no grupo. — Não ia pedir desculpas por ser mulher. Aquilo também seria demais. — Espero que possa ser útil, com o tempo.

— Pode ser.

Fez um aceno de cabeça, e seguiu o seu caminho. Não falou novamente com ela durante o resto da tarde. Não acharam os animais desgarrados que estavam procurando, e lá pelas duas da tarde encontraram-se com o grupo que consertava cercas, e se reuniram a ele. **Samantha** praticamente não tinha o que fazer, e a verdade é que lá pelas três horas se sentia tão cansada que estava quase pegando no sono, mesmo montada, sob a chuva torrencial, a despeito das condições existentes. Às quatro se considerava decididamente infeliz, e às cinco e meia, quando voltaram, tinha certeza de que quando desmontasse não ia conseguir se mexer nunca mais. Estivera montada, sob a chuva, durante 11 horas com um descanso de meia hora, e achava que havia uma possibilidade bem definida de que talvez morresse aquela noite. Mal pôde se arrastar para fora do lombo do cavalo, quando voltaram para a cocheira, e apenas as mãos firmes de Josh a ajudá-la impediram-na de cair ao chão, exausta e de pernas arqueadas. Encontrou o olhar preocupado dele com uma risadinha abafada de exaustão, e aceitou agradecida o apoio que lhe oferecia.

— Acho que você exagerou hoje, **Sam**. Por que não foi para casa cedo?

— Está brincando? Preferia morrer. Se a Tia Caro pode, eu também posso... — Então, olhou pesarosa para o velho amigo. — Será que posso?

— Detesto ter que lhe dizer isso, boneca, mas ela vem fazendo isso há muito mais tempo que você, e diariamente. Você vai estar doída pra burro, amanhã.

— O amanhã que se dane! Devia saber o que estou sentindo agora.

Toda essa conversa estava se passando aos cochichos, dentro da baia de Rusty. O cavalo já estava totalmente desligado deles, entupindo-se de feno.

— Dá para você andar?

— Não tenho outro jeito. Pois sim que vou sair daqui me arrastando!

— Quer que eu a carregue?

— Adoraria. — Abriu um sorriso para ele. — Mas o que o pessoal iria dizer? — Os dois deram risada, e quando **Sam** ergueu os olhos, eles ficaram repentinamente mais brilhantes. Tinha acabado de notar um nome numa linda plaquinha de bronze do lado de fora de uma outra baia. — Josh. — De repente os seus olhos não pareciam mais demonstrar a agonia que estava sofrendo. — Aquele é Black Beauty?

— Sim, senhora. — Falou com um sorriso de admiração, tanto por ela quanto pelo puro-sangue. — Quer vê-lo?

— Daria os meus derradeiros passos por cima de um leito de pregos para vê-lo, Josh. Me leve até lá.

Ele colocou o braço sob o dela para sustentá-la e ajudá-la a manquejar pela cocheira, até a outra baia. Todos os outros já tinham ido embora, e não havia outras vozes na cocheira, exceto as deles.

A distância a baia parecia vazia, mas quando **Samantha** se aproximou, enxergou-o num canto afastado, e assobiou mansamente quando ele se dirigiu lentamente para junto deles e focinhou a mão dela. Era o cavalo mais lindo que vira em toda a sua vida, uma obra-prima de veludo preto com uma estrela branca na testa e duas pernas brancas perfeitamente combinadas nas patas dianteiras. A crina e a cauda eram do mesmo negro lustroso que o resto do corpo, e os olhos eram grandes e meigos. As pernas eram incrivelmente graciosas, e além disso era o cavalo maior que **Sam** jamais vira.

— Meu Deus, Josh, ele é incrível.

— É uma beleza, não é?

— Puxa, é o cavalo mais bacana que já vi. — **Sam** estava pasma. — Quanto ele mede?

— Dezesete palmos e meio, quase dezoito — falou Josh com orgulho e prazer, e **Samantha** assobiou baixinho na cocheira.

— O que eu não daria para montá-lo.

— Acha que ela vai deixar? O Sr. King nem gosta que ela ande nele, sabe. Ele é fegoso à beca. Quase a derrubou, umas duas vezes, o que não é fácil de fazer. Ainda não vi um cavalo que pudesse derrubar Dona Caro.

Samantha não tirava os olhos do animal.

— Ela falou que eu podia montá-lo, e aposto que não vai tentar me derrubar.

— Eu não arriscaria, Srta. Taylor.

A voz vinha diretamente de trás dela, e não era a de Josh, mas outra voz, profunda e rouca, que falava mansamente, mas sem calor. **Sam** virou-se lentamente e deparou com **Tate** Jordan, e seus olhos faiscaram.

— E por que acha que não devo arriscar? Acha que Rusty faz mais o meu gênero?

Ficou subitamente muito zangada, com a exaustão, a dor e a irritação se misturando, e fugindo ao seu controle.

— Quanto a isso, não sei. Mas existe um mundo de diferença entre os dois cavalos, e Dona Caroline monta melhor do que qualquer mulher que eu conheça. Se ela tem dificuldade com Black Beauty, a senhora provavelmente teria mais ainda.

Parecia autoconfiante demais, e Josh ficou com ar constrangido, ante o diálogo.

— Não diga! Que interessante, Sr. Jordan. Vejo que acha que Caroline monta melhor do que qualquer *mulher* que conheça. Presumo que acha que não se pode comparar com os homens?

— É um jeito diferente de montar.

— Nem sempre. Acho que posso dominá-lo bem melhor do que o senhor.

— O que a faz pensar assim? — Os olhos dele faiscaram, mas somente por um instante.

— Há anos que monto puros-sangues — retrucou, com o veneno da exaustão pura, mas **Tate** Jordan não pareceu achar graça, nem ficar satisfeito.

— Alguns de nós não tivemos esses privilégios. Fazemos o melhor possível com o que temos.

Enquanto ele falava, **Sam** sentiu-se enrubescer; ele levou a mão ao chapéu, fez um gesto de cabeça para ela, sem olhar para o vaqueiro ao seu lado, e a seguir saiu da cocheira.

Fez-se silêncio por um momento, depois Josh fitou-a para ver o que se passava no seu rosto. Ela tentou parecer indiferente, dando uma palmadinha no focinho de Black Beauty, depois olhou de novo na direção de Josh.

— Que filho da puta irritante, não? É sempre assim?

— Provavelmente, quando se trata de mulheres. A mulher dele o abandonou, há anos. Fugiu com o filho do dono da estância, e acabou se casando com o rapaz. E ele chegou até a adotar o filho de **Tate**. Até que morreram. A mulher dele e o filho do dono da estância morreram num desastre de carro. **Tate** conseguiu o filho de volta, embora o garoto ainda não use o nome dele. Acho que **Tate** não liga muito para que nome o garoto use. É completamente louco pelo filho. Mas nunca fala na mulher. Acho que ela o deixou vacinado contra as mulheres. Exceto pelas... — Josh enrubesceu furiosamente, por um momento. — Exceto pelas... sabe, mulheres de vida fácil. Acho que ele nunca mais se envolveu com outra pessoa. E que diabo, ele falou que o filho está com 22 anos, portanto dá para se calcular quanto tempo faz.

Sam assentiu, lentamente.

— Você conhece o rapaz?

Josh deu de ombros e sacudiu a cabeça.

— Nada. Sei que **Tate** arranjou emprego para ele aqui por perto, no ano passado, mas em geral não fala muito de si mesmo, ou do rapaz. Guarda para si a sua vida particular. A maioria dos homens guarda. Mas vai vê-lo mais ou menos uma vez por semana. Ele trabalha na Bar Three.

Outro solitário, pensou **Sam**, imaginando se algum vaqueiro não o seria. Outra coisa nele a deixou intrigada. Demonstrava uma inteligência viva, e ela se pegou conjecturando brevemente quem e o que era **Tate** Jordan. Josh sacudiu a cabeça com o seu largo sorriso familiar .

— Não fique preocupada, **Sam**. Ele não faz por mal. É só o jeito dele. Por baixo de todos aqueles espinhos de ouriço, é um cara manso. Devia vê-lo com a garotada da estância. Deve ter sido um bom pai para o seu menino. E **Tate** tem instrução, além disso. Não que isso faça muita diferença, por aqui. O pai dele era estancieiro, e mandou-o estudar numas boas escolas. Até mesmo cursou a faculdade, e tirou um diploma qualquer, mas o velho dele morreu, e perderam a estância. Acho que foi nessa época que foi trabalhar na outra estância e a mulher fugiu com o filho do patrão. Acho que tudo isso mexeu com ele. Acho que não deseja muito mais do que tem. Para si próprio e o filho. Não passa de um vaqueiro, como a gente. Mas é esperto, e vai ser capataz, algum dia. Se não for aqui, vai ser num outro lugar qualquer. Não se pode negar o que um homem é. E ele pode ser tihoso, mas é um homem danado de

bom numa estância. — **Sam** ficou pensando no que acabara de ouvir. Sabia mais do que lhe interessava, graças à língua solta de Josh. — Pronta para voltar para a casa grande? — Olhou com carinho para a moça de rosto cansado e roupas úmidas. — Vai conseguir?

— Se me perguntar isso de novo, Josh, dou um chute em você. — Olhou ferozmente para ele, que deu risada.

— Dá, uma ova. — Riu ainda mais. — Você não consegue levantar a perna para dar um chute num cachorro baixinho, **Samantha**.

E foi rindo da própria piada até a casa grande. Passava um pouco das seis quando Caroline abriu a porta para eles, e Josh deixou **Sam** na entrada. Caroline não pôde deixar de sorrir da jovem amiga, que entrou com dificuldade na sala de visitas aconchegante e desabou, gemendo, no sofá. Tinha tirado a jaqueta úmida pelo caminho, e como as calças tinham se conservado secas, sob o impermeável, sabia que não estava estragando os móveis, e precisava se sentar.

— Santo Deus, menina, montou o dia inteiro? — **Sam** fez que sim, mal conseguindo falar, tão cansada e doída se sentia. — Mas pelo amor de Deus, por que não veio para casa quando chegou ao seu limite?

— Não quis parecer fresca... — Solto um gemido horrível, mas conseguiu dar um sorriso para Caroline, que se largou no sofá, com uma risadinha abafada.

— Ah, **Samantha**, sua tola! Vai estar sofrendo feito louca, amanhã.

— Não, não vou. Vou estar montada de novo naquele maldito cavalo. — E gemeu de novo, mais pela lembrança do cavalo, do que pela dor.

— Qual foi o que lhe deram?

— Um animal infeliz chamado Rusty.

Sam olhou para Caroline, francamente enojada, e Caroline desatou a rir.

— Ah, Deus, não. Foi mesmo? — **Samantha** fez que sim. — Puxa vida, quem foi que fez isso? Eu disse a eles que você montava tão bem quanto qualquer um dos homens.

— Bem, eles não acreditaram. Pelo menos, **Tate Jordan** não acreditou. Quase me

deu Lady, depois resolveu que Rusty fazia mais o meu gênero.

— Amanhã, diga a ele que você quer Navajo. É um lindo animal da raça *appaloosa*, ninguém o monta exceto Bill e eu.

— Isso não fará com que os outros homens fiquem ressentidos comigo?

— Ficaram, hoje?

— Não tenho certeza. Não falaram muito.

— Não falam entre si, tampouco. E se você está cavalgando com eles desde a manhã, como poderiam ficar ressentidos? Meu Deus, todas essas horas no primeiro dia! — Parecia verdadeiramente horrorizada com o que **Samantha** fizera.

— Você não teria feito a mesma coisa? — Ela pensou por um minuto, depois concordou, com um sorriso encabulado. — A propósito, vi Black Beauty.

— O que achou dele? — indagou Caroline, os olhos brilhando.

— Acho que gostaria de roubá-lo, ou pelo menos de andar nele. Mas — os seus olhos faiscaram de novo — O Sr. Jordan acha que não devo. Segundo ele, Black Beauty não é cavalo para mulher.

— E quanto a mim? — perguntou Caroline, divertindo-se a grande.

— Ele acha que você monta melhor do que "qualquer *mulher*" que ele conheça. Desafiei-o, por que não "qualquer pessoa"? — Mas Caroline apenas riu. — O que há de tão engraçado, Tia Caro? Você *monta melhor* do que qualquer pessoa que eu conheça.

— Para uma mulher — retrucou.

— E acha isso engraçado?

— Já estou acostumada. Bill King pensa do mesmo jeito.

— Liberados, por essas bandas, não? — **Samantha** gemeu ao se levantar do sofá e tomar a direção do seu quarto. — De qualquer modo, se conseguir que **Tate** Jordan me dê um cavalo melhor amanhã, vou sentir que ganhei uma batalha importante em prol das mulheres. Como se chama o tal *appaloosa*!

— Navajo. Diga a ele que fui eu que mandei. — **Samantha** revirou os olhos,

desaparecendo corredor abaixo. — Boa sorte — Disse Caroline, para a figura que se afastava.

Ao lavar o rosto e escovar os cabelos no lindo quarto de dormir, **Sam** se deu conta de que era a primeira vez em três meses que não movera céus e terras para assistir ao programa de John e Liz, e nem sentira falta dele. Estava num outro mundo, agora. Um mundo de cavalos chamados Rusty e *appaloosas* e capatazes-assistentes que se consideravam os donos do mundo; mas era tudo muito simples e sadio, e o seu problema mais premente era saber qual o animal que ia montar no dia seguinte.

Pensou consigo mais uma vez, deitada na cama depois do jantar, que era a existência mais maravilhosamente simples que conhecera desde criança. E então, à medida que os pensamentos iam sumindo da sua mente, pouco antes de pegar no sono, ouviu a porta familiar se fechar de novo, e desta feita teve a certeza de ter ouvido passos abafados e risadas baixas no corredor.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, **Samantha** saltou da cama com um gemido pavoroso, foi cambaleando até o chuveiro e lá ficou por bem uns 15 minutos, com a água quente escorrendo sobre os membros doloridos. A parte de dentro dos seus joelhos estava quase escarlate, devido às 11 horas na sela, e ela acolchoou os cueções com algodão, antes de se enfiar cuidadosamente nos *jeans*. O único sinal encorajador para o dia que começava era que não estava mais chovendo, e ela olhou ao seu redor na escuridão da madrugada, notando que ainda havia estrelas no céu, enquanto se dirigia para o salão de refeições principal, para tomar café. Esta manhã estava se sentindo um pouco menos tímida, ao entrar, pendurar a jaqueta e caminhar direto para a máquina de café, onde se serviu de uma caneca. Viu o seu amigo Josh numa mesa mais afastada, e foi para junto dele com um sorriso. O vaqueiro fez-lhe sinal para se sentar.

— Que tal está se sentindo hoje, **Samantha**?

A moça abriu um sorriso de pesar para ele, baixando a voz conspiratoriamente ao se sentar na cadeira vazia.

— Ainda bem que vamos cavalgar hoje, Josh, deixe que lhe diga.

— Como assim?

— Porque juro que não posso andar. Quase me arrastei da casa grande até aqui.

Josh e os dois outros homens soltaram uma risadinha abafada, e um deles a elogiou pela sua atuação no dia anterior.

— Você monta bem pra caramba, **Samantha**.

Não que ela tivesse tido a oportunidade de demonstrar o que sabia, sob a chuva forte.

— Montava. Faz muito tempo.

— Não faz diferença — falou Josh, com firmeza. — Se você sabe sentar, sabe segurar as rédeas, sabe para o resto da vida. Vai montar Rusty de novo hoje, **Sam**? — indagou, alçando a sobrancelha, e ela deu de ombros, sorvendo o café.

— Vamos ver. Acho que não.

Josh apenas sorriu. Sabia que **Sam** não ia agüentar um pangaré daqueles por muito tempo. Não depois de ter visto Black Beauty, sem dúvida. Seria um milagre se não estivesse andando nele, dentro de pouco tempo.

— O que achou do bichão? — Perguntou ele, sorrindo de prazer.

— Black Beauty? — Os olhos de **Sam** arderam com uma luz especial, ao dizer o nome da montaria. As pessoas ligadas a cavalo eram obcecadas num garanhão puro-sangue, uma espécie de paixão que as outras pessoas não entenderiam. Josh assentiu e sorriu. — É o melhor animal que já vi.

— Dona Caro vai deixar que ande nele? — Josh não pôde deixar de perguntar.

— Se eu puder convencê-la... e não pense que não vou tentar! — **Sam** sorriu por cima do ombro, dirigindo-se para a fila do desjejum. Voltou dali a cinco minutos, com um prato de lingüiças e ovos fritos. Dois dos homens se tinham mudado para outra mesa, e Josh já estava ajustando o chapéu na cabeça. — Vai sair cedo, Josh?

— Disse a **Tate** que lhe daria uma ajuda na cocheira, antes de sairmos esta manhã.

Sorriu para ela, virou-se para chamar um dos amigos, depois desapareceu.

Vinte minutos após, quando **Samantha** foi selar o seu cavalo na cocheira, procurou por **Tate**, hesitante, sem saber direito como abordar com ele o assunto da troca de montadas. Porém, num dia como este, em hipótese alguma iria montar um pangaré como o que ele lhe havia designado. Tinha certeza de que, se Navajo era sugestão de Caroline, faria muito mais o seu gênero.

Dois dos homens fizeram um gesto de cabeça, cumprimentando-a, quando passou por eles. Pareciam menos aborrecidos pela presença dela do que na véspera. Desconfiava de que, embora a estivessem esperando, não a imaginassem tal qual era. Mas sabia também que, se nada mais os conquistasse, o fato dela montar tão árdua e longamente quanto eles, sob a chuva forte, acabaria por lhes conquistar os corações. E se ia passar os três meses seguintes na estância de Caroline, agindo como qualquer outro vaqueiro, então era importante para ela que os homens a aceitassem como uma igual. Sabia que um ou dois dos mais jovens tinham ficado espantados com a sua beleza e juventude, e pegara um deles fitando-a, fascinado, na noite anterior, quando tirara o elástico do cabelo ao fim do dia e soltara a cabeleira louro-prateada úmida. Ela lhe lançara um breve sorriso, ele enrubescera furiosamente e se afastara.

— Dia, Srta. Taylor. — A voz firme interrompeu os seus devaneios, e quando deparou com **Tate** Jordan, soube que, não importa o quanto ele tivesse tentado constrangê-la, não se dispunha a montar um mau cavalo o dia todo só para provar que ele estava no comando. Havia algo de teimoso e resoluto no simples modo pelo qual a olhava, e **Sam** ficou irritada só de ver como movia a cabeça. — Cansada, depois de ontem?

— Não propriamente. — Não ia admitir para **Tate** as dores e dormências. Cansada? Claro que não. Bastava olhar para ele para se saber como se achava poderoso e importante. Capataz-Assistente da Estância Lord. Nada mau, Sr. Capataz-Assistente. E **Sam** sabia ser possível que, com 63 anos, Bill King fosse se aposentar a qualquer momento, deixando o seu lugar para **Tate** Jordan. Não que Jordan fosse ocupá-lo de modo tão impressionante quanto Bill King, nem tão inteligente ou bondoso ou sábio... Não sabia por que, mas **Tate** Jordan a deixava profundamente irritada, e havia um atrito não declarado entre eles, que dava para se sentir instantaneamente, quando passou por ela. — Ah... Sr. Jordan.

Sentiu de repente um estranho prazer em atazaná-lo.

— Sim? — Virou-se para olhar para ela, segurando uma sela equilibrada no ombro.

— Pensei em montar um animal diferente. — Os olhos dela eram serenos, enquanto os dele começavam a chamejar.

— E qual seria? — indagou, com sutil desafio.

Estava morrendo de vontade de dizer Black Beauty, mas resolveu não desperdiçar com ele a ironia da sugestão.

— Caroline achou que Navajo serviria.

Pareceu momentaneamente aborrecido, mas depois meneou a cabeça e se afastou, resmungando por sobre o ombro.

— Tudo bem.

As meras palavras dele deixaram **Samantha** irritada. Por que precisava da sua permissão para o cavalo que devia montar? A razão fornecia uma resposta simples, mas ainda se sentia encrespada com o jeito dele, enquanto procurava a baia de Navajo, e depois ia pegar a sela e as rédeas numa pequena sala de equipamentos próxima, voltando para selar o animal. Era um belo *appaloosa*, com focinho de chocolate-com-creme-chantilly, flancos castanhos e o característico traseiro branco com grandes pintas castanhas. O animal se manteve dócil quando **Samantha** selou-o e amarrou a barrigueira, mas ficou evidente, enquanto ela o conduzia para fora da baia, que tinha muito mais vivacidade do que Rusty. Na verdade, teve que se esforçar para controlá-lo, depois de montada, e ele curveteou por bem uns cinco minutos, enquanto ela tentava se reunir aos outros que começavam a sair da estância. Fora designada para o mesmo grupo da véspera, e notou que **Tate Jordan** a observava com franca reprovação, ao se dirigirem para as colinas.

— Acha que pode dar conta dele, Srta. Taylor?

A voz dele era bem audível e **Samantha** sentiu um forte ímpeto de o agredir, quando veio cavalgar ao seu lado, observando as piruetas do cavalo.

— Pode deixar que vou tentar, Sr. Jordan.

— Acho que provavelmente devíamos ter-lhe dado Lady. — **Samantha** não deu

resposta alguma e continuou o seu caminho. Dali a meia hora estavam todos entretidos com a sua tarefa: procurar animais desgarrados e examinar cercas, novamente. Encontraram uma bezerra doente, que dois dos homens laçaram para levar de volta para um dos principais estábulos. E quando fizeram uma interrupção para almoçar, já tinham trabalhado durante seis horas. Pararam numa clareira e amarraram as cavalos às árvores circundantes. Os sanduíches e sopa e café de costume foram distribuídos, e a conversa era escassa, mas descontraída. Ninguém falava muito com **Samantha**, mas mesmo assim ela se sentia à vontade com eles, e deixou os pensamentos vagarem, sentada por alguns minutos com os olhos fechados ao sol invernal. — Deve estar cansada.

Era aquela voz de novo. **Sam** abriu um dos olhos.

— Não exatamente. Estava só curtindo o solzinho. Isso o incomoda?

— Nem um pouco — Sorriu amavelmente. — Está gostando de Navajo?

— MUITÍSSIMO. — Abriu os dois olhos e sorriu. De repente, não pôde resistir à tentação de implicar um pouco com ele. — Não tanto quanto gostaria de Black Beauty, é claro.

Lançou-lhe um sorriso travesso, e era difícil saber se estava falando a sério.

— Esse, Srta. Taylor — retribuiu-lhe o sorriso como uma bola rebatida no ar num jogo de tênis — é um erro que espero que jamais cometa. — Balançou a cabeça, com ar de sabedoria. — Iria se machucar. — Sorriu para ela gentilmente, de novo — O que seria uma pena. Poucas pessoas deviam montar um garanhão como aquele. Até mesmo a Srta. Lord tem que tomar cuidado quando anda nele. É um animal perigoso, não é... — procurou as palavras certas — ...não é o tipo de cavalo que um "cavaleiro ocasional" devia escolher para brincar.

Os olhos verdes pareciam infinitamente condescendentes, enquanto ele olhava para ela com a xícara fumegante de café na mão.

— Já o montou? — A pergunta foi brusca, e os olhos dela não sorriam.

— Uma vez.

— O que achou?

— É belo animal, sem sombra de dúvida. — Os olhos verdes sorriram de novo. — Uma montaria bem diferente de Navajo. — As suas palavras insinuavam que Navajo era o máximo que ela podia dar conta. — Parece que ele lhe deu algum trabalho, logo que saímos.

— E o senhor pensou que eu não podia dar conta? — indagou, quase achando graça.

— Estava preocupado. Afinal, se a senhora se machucar, a responsabilidade é minha, Srta. Taylor.

— Falou como um verdadeiro capataz, Sr. Jordan. Mas não creio que a Srta. Lord vá considerá-lo responsável pelo que me aconteça num cavalo. Ela me conhece bem demais.

— O que quer dizer com isso?

— Que não estou acostumada a montar cavalos como Rusty.

— Acha que está em condições de montar um garanhão como Black Beauty?

Sabia que nem Caroline Lord nem Bill King deixariam que ela o montasse. Que diabo, afinal só tinham deixado que ele andasse no belo puro-sangue uma vez.

Samantha concordou, serenamente.

— Sim, acho que estou.

Ele parecia estar se divertindo.

— Acha? Tem muita confiança em si mesma, não é?

— Só sei como monto. Monto bem, me arrisco. Sei o que faço, e ando a cavalo desde os cinco anos. É um bocado de tempo.

— Todos os dias? — Era um desafio, novamente. — Monta muito em Nova York?

— Não, Sr. Jordan. — Sorriu adocicadamente. — Não monto. Enquanto falava, estava jurando que iria montar Black Beauty tão logo

Caroline o permitisse, porque tinha vontade, e porque queria mostrar a este vaqueiro arrogante que era capaz.

Pouco depois ele voltou para junto dos homens, e fez-lhes sinal. Voltaram a montar e passaram o resto da tarde examinando as fronteiras da estância. Encontraram mais algumas bezerras desgarradas nos limites mais longínquos da estância e as levaram de volta para casa, ao pôr-do-sol, quando **Samantha** se perguntou mais uma vez se conseguiria desmontar do cavalo. Mas Josh estava à sua espera diante da cocheira, quando chegaram lá, e deu-lhe uma mão quando ela passou a perna por sobre o lombo de Navajo, com um gemido.

— Vai conseguir, **Sam**?

— Duvido.

Ele lhe sorriu em resposta, enquanto **Sam** desselava o cavalo e quase cambaleava até a sala de equipamentos para guardar a sela e as rédeas.

— Que tal foi o dia, hoje? — Seguiu-a, parando no vão da porta.

— Tudo bem, acho.

Deu-se conta, com um sorriso cansado, que estava começando a falar como o resto dos vaqueiros, da mesma maneira sucinta. Apenas Jordan falava diferente deles, e somente quando falava com ela. Aí, a instrução que recebera tornava-se evidente. Durante o resto do tempo, falava igualzinho a eles. Um pouco como Bill King, que ficava sutilmente diferente quando estava com Caroline, mas não tanto. Bill King e **Tate** Jordan eram homens muito diversos. Jordan era muito menos diamante bruto do que a maioria.

— Bem distante de Nova York, não, **Samantha**?

O velho vaqueiro enrugado abriu um sorriso, e ela revirou os olhos.

— Se é. Mas foi por isso que vim para cá.

Ela assentiu. Não sabia, na verdade, o porquê de ter vindo. Mas compreendia. Uma estância era um bom lugar para se ficar, quando se estava com problemas. Muito trabalho estafante, ar puro, boa comida e bons cavalos curavam quase tudo. A sua barriga ficava cheia, o seu traseiro cansado, o sol nascia e se punha, e mais outro dia se passava sem problemas mais sérios do que se o seu cavalo estava precisando de ferraduras novas ou se a cerca sul precisava ser consertada. Era a única vida que Josh conhecera, mas vira um bocado de gente tentar outras coisas, depois voltar para ela.

Era uma boa vida. E sabia que faria bem a **Sam**. Iria ajudá-la, fosse lá do que fosse que estava fugindo. Notara as olheiras dela, no dia anterior. Já se mostravam menores, hoje.

Juntos, passaram por Black Beauty, e quase instintivamente **Sam** estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no pescoço.

— Alô, moço.

Falou mansamente com ele, que relinchou como se a conhecesse. Olhou-o pensativa, como se o estivesse vendo de novo pela primeira vez. E uma luz estranha lhe surgiu nos olhos ao deixar a cocheira com Josh ao lado. Despediu-se dele e voltou lentamente para a casa grande, onde Bill King estava conversando com Caroline. Pararam quando ela entrou.

— Alô, Bill... Caro. — Sorriu para ambos. — Estou interrompendo alguma coisa?

Ficou embaraçada, por um instante, mas ambos sacudiram a cabeça.

— Claro que não, querida.

Caroline beijou-a e Bill King pegou o chapéu e se levantou.

— Até amanhã, senhoras.

Saiu rapidamente e **Samantha** se esparramou no sofá, com um suspiro.

— Teve um dia duro? — Caroline olhou para ela, deitada ali, com suavidade. Ela própria passara a semana inteira sem montar. Ela e Bill ainda tinham muito trabalho de escrita para fazer, antes do final do ano, e sobravam apenas duas semanas para realizá-lo. Pelo menos teria que montar Black Beauty um dia desses, antes que ele ficasse totalmente selvagem, mas não estava tendo tempo nem para isso. — Está muito cansada, **Sam**? — indagou, com simpatia.

— Cansada? Está brincando? Depois de passar todos esses anos sentada a uma escrivaninha? Não estou cansada, estou quebrada. Se Josh não me arrastasse de cima do lombo daquele cavalo todas as noites, provavelmente dormiria lá mesmo.

— Tá ruim assim, é?

— Pior. — As duas mulheres riram e a mexicana que ajudava Caroline na

limpeza da casa e na cozinha avisou que o jantar estava pronto. — Mmm, o que é? — Perguntou **Samantha**, enrugando o nariz, satisfeita, no caminho para a cozinha grande e bem decorada.

— *Enchiladas, chiles rellenos, tamales...* Todos os meus favoritos, espero que alguns sejam os seus.

Samantha sorriu para ela, satisfeita.

— Depois de um dia como este, você podia me oferecer papelão, contanto que fosse em grande quantidade, com um banho e uma cama depois da refeição.

— Não vou me esquecer, **Samantha**. No mais, como vão indo as coisas? Espero que todos estejam sendo educados com você.

Franziu o cenho, às últimas palavras, e **Samantha** fez que sim e sorriu.

— Todos estão sendo perfeitamente simpáticos.

Mas houve uma ligeira hesitação na sua voz, e Caroline detectou-a imediatamente.

— Exceto?

— Não há *excetos*. Não creio que **Tate** Jordan e eu cheguemos a ser os melhores amigos do mundo, mas ele é perfeitamente civilizado. Só acho que não aprova o que chama de "cavaleiros ocasionais".

Caroline parecia estar achando divertido.

— É provável que não. É um tipo estranho. De certa forma, pensa como um estancieiro, mas se sente perfeitamente feliz trabalhando feito um mouro na estância. Faz parte do restante da estirpe dos verdadeiros vaqueiros, aqueles que dão duro, cavalgam pra valer, são fiéis ao estancieiro para quem trabalham e fariam qualquer coisa para salvar a estância. É um bom homem para se ter aqui e um dia desses — soltou um leve suspiro — será o homem certo para tomar o lugar de Bill. Se ficar.

— E por que não ficaria? Tem um vidão, aqui. Você sempre proporcionou mais conforto aos seus homens do que qualquer outra pessoa.

— É — Concordou, lentamente. — E nunca fiquei muito convencida de que isso

tivesse tanta importância para eles quanto eu achava que tinha. São uma raça engraçada. Quase tudo o que fazem é questão de orgulho e honra. Chegam a trabalhar para um homem de graça, porque acham que lhe devem alguma coisa ou porque ele os tratou bem, ou deixam um outro porque acham que devem deixar. É impossível prever o que qualquer um deles fará. Até mesmo Bill. Nunca sei direito o que vai fazer.

— Deve ser uma parada tentar dirigir uma estância, desse jeito.

— É interessante — sorriu Caroline. — Muito interessante. — Então, notando que **Samantha** estava olhando para o relógio. — Algum problema, **Sam**?

— Não. — **Sam** pareceu estranhamente quieta, de repente. — São seis horas.

— São? — Por um momento, Caroline ficou sem saber do que se tratava, depois compreendeu. — O noticiário? — **Samantha** fez que sim. — Você o assiste todas as noites?

— Tento não assistir. — A expressão de dor estava de volta aos seus olhos, enquanto falava. — Mas, no fim, sempre assisto.

— Acha que deve?

— Não — retrucou **Samantha**, meneando lentamente a cabeça.

— Quer que mande Lucia-Maria trazer a televisão para cá? Posso mandar, sabe?

Mas **Sam** meneou a cabeça, de novo.

— Tenho que parar de assistir, algum dia. — Soltou um pequeno suspiro. — É melhor parar agora.

Era como lutar contra um vício. O vício de fitar o rosto de John Taylor todas as noites.

— Quer alguma coisa para distrair as idéias? Uma bebida? Um telejornal de outra emissora? Balas? Alguns lenços de papel para rasgar?

Estava implicando com ela, e **Samantha** achou graça. Que mulher maravilhosa era, e parecia compreender tudo.

— Não, tudo bem, mas por falar nisso... — Olhou para Caroline, sentada do outro lado da mesa, e parecia uma garotinha com um pedido de grande importância, como a estola de *vison* da mamãe para o baile de formatura do ginásio. — Quero lhe pedir um favor.

— Qual é? Não consigo imaginar nada aqui que você não possa ter.

— Eu posso. — **Samantha** abriu um sorriso, como uma criança.

— E o que seria?

Samantha murmurou as duas palavras mágicas.

— Black Beauty.

Por um momento Caroline ficou pensativa, depois fez um ar divertido.

— Então, é isso! Sei...

— Tia Caro... posso?

— Pode o quê? — Caroline Lord recostou-se na cadeira, com ar régio e um brilho travesso no olhar.

Mas **Samantha** não ia desistir facilmente.

— Posso montá-lo?

Não houve resposta por um longo momento, enquanto Caroline ficava ansiosa.

— Acha que já está em condições?

Samantha assentiu lentamente, sabendo que Josh tinha razão no que dissera: se você tinha a bossa, não a perdia nunca.

— Acho.

Caroline balançou a cabeça. Tinha visto **Sam** entrar a cavalo no complexo principal, da janela, ao lado de Bill. **Sam** tinha os cavalos no sangue. Faziam parte dela, instintivamente, mesmo depois de ficar parada por mais de um ano.

— Por que quer montá-lo? — indagou, inclinando a cabeça para o lado, o jantar esquecido à sua frente.

Quando **Samantha** respondeu, a sua voz era suave e o olhar distante, o telejornal do ex-marido esquecido, juntamente com a mulher para quem fugira. Só conseguia pensar agora no belíssimo garanhão preto no estábulo, e no quanto desejava senti-lo sob si, enquanto os dois corriam ao sabor do vento.

— Não sei por quê. — Ergueu os olhos cheios de sinceridade para Caroline. Depois, sorriu. — É que sinto como se, como se... — hesitou por um momento, o olhar distante de novo — como se tivesse que montá-lo. Não consigo explicar, Caro. Aquele cavalo tem alguma coisa.

Deu um sorriso remoto, que se refletiu instantaneamente nos olhos de Caroline.

— Eu sei. Senti a mesma coisa. Foi por isso que tive que comprá-lo. Mesmo que não faça sentido uma mulher da minha idade ter um cavalo como ele. Tinha que ter, pela última vez.

Samantha expressou a sua total compreensão com um aceno de cabeça, e olhando nos olhos uma da outra, as duas mulheres sentiram o mesmo elo que sempre as ligara, apesar dos anos e da distância. De certa forma, eram uma só, como se, nas suas almas, fossem mãe e filha.

— E então? — indagou **Samantha**, esperançosa.

— Tudo bem — sorriu Caroline. — Monte-o.

— Quando? — **Sam** quase prendeu a respiração.

— Amanhã. Por que não?

Capítulo 6

Pela manhã, arrancando o corpo dolorido da cama, **Samantha** sentiu somente a dor nos primeiros instantes. Depois, recordou a conversa que tivera com Caroline, e nada mais estava doendo, enquanto corria para o chuveiro e ficava debaixo da água quente que escorria sobre os seus ombros e cabeça. Hoje não ia nem tomar um café decente. Estava pouco ligando para a comida. Não hoje. Bastava-lhe uma xícara de café da cozinha de Caroline, e depois se mandaria para a coqueira. Só de pensar nisso, abriu um sorriso. Só conseguia pensar nisso, esta manhã. E o sorriso ainda lhe dançava nos olhos, quando correu os últimos passos até a coqueira. Dois dos homens conversavam em voz baixa num canto, mas, com exceção deles, não havia ninguém

ali. Era ainda cedo demais para a maioria estar ali. Estavam no salão tomando café e tentando despertar, conversando sobre as notícias locais e os assuntos da estância.

Discreta, quase furtivamente, **Samantha** apanhou a sela de Black Beauty e se dirigiu para a sua baia. Porém, tão logo o fez, viu os dois homens fitando-a, um deles de sobrelanceiras erguidas. Ambos tinham parado de falar e a observavam com uma pergunta muda. Ela lhes fez um aceno de cabeça e entrou na baia. Acalmou o animal com murmúrios suaves, correndo a mão pelo pescoço longo e gracioso e lhe dando palmadinhas nos flancos possantes. Ele a fitou nervosamente, a princípio, recuando e andando de lado, depois parando como que a farejar o ar perto de onde ela estava. **Sam** apoiou a sela na porta da baia e, embridando o animal, conduziu-o para fora da baia.

— Dona? — A voz surpreendeu-a, ao prender as rédeas num poste próximo, para poder selar Black Beauty. Virou-se para ver de quem se tratava. Era um dos dois homens que a estivera observando, e deu-se conta de que era amigo de Josh. — Srta. Taylor?

— Sim?

— Bem... a senhora... quero dizer...

Mostrava-se deconcertado, mas claramente preocupado, e **Sam** lançou-lhe o seu sorriso dourado. Esta manhã, o cabelo descia-lhe solto pelas costas, os olhos brilhavam, o rosto apresentava-se rosado pelo ar frio de dezembro. Estava incrivelmente bela, parada ao lado do garanhão puro-sangue negro, como um *palomino* minúsculo ao seu lado.

— Está tudo bem — Tranqüilizou-o. — Tenho a permissão da Srta. Lord.

— Bem... dona... **Tate** Jordan está sabendo?

— Não. — Sacudiu a cabeça com firmeza. — Não está. E não vejo por que precisaria saber. Black Beauty pertence a Dona Caroline, não é?

O homem fez que sim, e **Sam** lançou-lhe de novo o seu sorriso deslumbrante.

— Então, não deve haver nenhum problema.

— Acho que não. — E, com uma ruga de preocupação entre os olhos: — Não tem

medo de andar nele? Essas pernas longas têm um bocado de força.

— Aposto que sim.

Olhou para as pernas dele com prazer e expectativa, depois colocou-lhe a sela no lombo. Para Black Beauty, Caroline também adquirira uma sela inglesa, e era esta que **Samantha** estava colocando. Era como se ele conhecesse a sensação do macio couro marrom, diferente da sela do tipo oeste pesadona que **Samantha** vinha usando há dois dias. Esta era uma sela que conhecia melhor, e uma raça de animal que montara com frequência, mas um cavalo excelente como este era um presente raro na vida de qualquer cavaleiro.

Alguns minutos depois de tê-lo selado, apertou a cilha de novo, e então, hesitante, um dos dois vaqueiros se aproximou e ajudou-a a montar o gigantesco cavalo negro. Ao sentir o peso de um cavaleiro no lombo, Black Beauty curveteou nervosamente por um momento. Segurando com firmeza as rédeas, **Samantha** fez um gesto de cabeça para os dois vaqueiros e foi levando Black Beauty para fora. Ele curveteou e saltitou um bocado, ao se dirigirem para a primeira porteira; depois que passaram por ela, **Sam** deixou que começasse a trotar. O trote rapidamente se tornou um meio galope veloz, enquanto cruzavam os campos. A esta altura, o céu estava raiado com os primeiros sinais do alvorecer, e a luz da madrugada era cinza pálido, tornando-se quase dourada. Era uma magnífica manhã de inverno e ela estava montada no cavalo mais magnífico de toda a sua vida. Inconscientemente, abriu um largo sorriso e deixou que Black Beauty galopasse pelos campos. Era a sensação de liberdade mais extravagante que já tivera, era quase como voar, enquanto juntos, como um só corpo, iam galopando. Parecia que se tinham passado horas quando se forçou a fazê-lo mudar de direção, e diminuindo a velocidade apenas um pouco, começou a se dirigir para casa. Ainda tinha que cavalgar com os homens de manhã, o que fizera fora trocar o desjejum pela oportunidade de montar este majestoso animal pelos campos. Faltavam apenas 400 metros para o complexo principal quando finalmente cedeu à tentação e forçou o imenso cavalo saltar um riacho estreito, o que ele fez com facilidade. Somente depois que saltaram, **Sam** notou a presença de **Tate Jordan**, que montava o seu malhado preto e branco não muito longe deles, e que a olhava com cara feia, enquanto ela corria. A moça freou um pouco o animal, deu uma guinada e cavalgou na direção dele, desejando, apenas por um momento, disparar e mostrar como montava bem. Porém, ao invés disso, resistiu à tentação e simplesmente se permitiu galopar alegremente para perto dele, no lombo do belo animal. Fê-lo andar a meio

galope e Black Beauty saltitava feliz, quando chegaram junto de Tate.

— Bom dia! Quer correr com a gente?

Nos seus olhos havia uma vitória incomensurável, e o olhar de resposta de Tate Jordan foi feroz.

— Que diabo está fazendo montada nesse cavalo?

— Caroline falou que eu podia andar nele. — Parecia uma criança, petulante, diminuindo ainda mais a velocidade do cavalo, e Tate passou a acompanhá-la na volta para casa. Estava se lembrando de tudo o que ele lhe dissera no dia anterior, e saboreava o seu momento de triunfo, enquanto Tate se enfurecia. — Ele é admirável, não?

— É. E se tivesse tropeçado naquele riacho, teria uma perna admiravelmente quebrada, ou será que não pensou nisso quando o forçou a saltar? Não viu as pedras ali perto, que diabo? Não sabe como ele podia ter escorregado com facilidade?

A voz dele era bem audível, no silêncio matutino, e Samantha olhou para ele com irritação, enquanto continuavam andando.

— Sei o que estou fazendo, Jordan.

— Sabe? — Fitou-a com fúria incontida. — Duvido. A sua idéia de saber o que está fazendo é se mostrar e andar o mais depressa que pode. Podia danificar um bocado de cavalos. Sem falar no que podia fazer a si mesma.

— Acha mesmo que podia fazer melhor?

— Talvez eu tenha juízo bastante para não tentar. Um cavalo desses tinha que ser cavalo de corrida, ou de exibição. O lugar dele não é numa estância. Não devia ser montado por gente como a senhora, ou eu, ou Dona Caro. Devia ser montado por gente altamente treinada, gente de puro-sangue.

— Já lhe disse que sei o que estou fazendo.

A sua voz se elevou, no silêncio, e sem aviso prévio ele estendeu a mão e agarrou as rédeas dela. Quase que instantaneamente, ambos os cavalos e seus cavaleiros pararam de andar.

— Já lhe disse ontem que seu lugar não é em cima desse cavalo. Vai machucá-lo, ou se matar.

— Ora, ora. — Olhou para ele com raiva. — E foi o que fiz?

— Talvez faça na próxima vez.

— Não consegue admitir, não é? Que uma mulher possa montar tão bem quanto vocês. É isso que o irrita, não é?

— É uma ova. Sua *playgirl* da cidade, você vem para cá para se divertir e brincar de "vaqueira" por algumas semanas, monta um cavalo como esse, salta com ele num terreno que nem conhece... raios, por que gente como você não fica no seu lugar? O seu lugar não é aqui! Não entende?

— Entendo perfeitamente; agora largue o meu cavalo.

— Com muito prazer.

Jogou as rédeas para ela e se afastou. Sentindo-se como se tivesse perdido, ao invés de ganhado, **Sam** voltou para a cocheira, porém mais devagar. Não sabia por que, mas as palavras dele tinham machucado. E havia um grão de verdade na sua explosão. Errara ao fazer Black Beauty saltar o riacho. Não conhecia o terreno em que estava cavalgando, pelo menos não o bastante para se arriscar daquele jeito. Mas, por outro lado, fora uma maravilha voar pelos campos num cavalo com a velocidade do vento.

Podia ver os homens se reunindo no pátio do complexo, e voltou depressa para a cocheira para botar Black Beauty na sua baia. Ia dar-lhe uma esfregada de um momento, cobri-lo com a manta e depois sair com os homens. Faria uma boa massagem nele à noite. Quando chegou à baia, **Tate Jordan** já estava lá esperando, os olhos verdes de esmeralda ardendo, o rosto mais duro do que jamais o vira antes, porém mesmo assim mais alto e mais bonito do que qualquer vaqueiro de anúncio, e por um momento de loucura pensou na nova propaganda para o carro da sua agência. Teria sido perfeito como modelo, mas este não era um comercial, e não estavam em Nova York.

— Exatamente o que está pretendendo fazer com esse cavalo? — Perguntou, com voz baixa e tensa.

— Esfregá-lo por um minuto, depois cobri-lo.

— Só isso?

— Escute. — Sabia ao que ele estava se referindo, e a sua pele enrubesceu até as raízes dos cabelos dourados. — Volto depois e cuido dele direito.

— Quando? Daqui a doze horas? Pois sim, *Srta.* Taylor! Se quer montar um cavalo como Black Beauty, trate de agir com responsabilidade. Faça-o andar, esfriar, depois massageie-o. Não quero vê-la junto com os outros homens a não ser daqui a uma hora, se não mais. Fui claro? Sei que não é muito dada a aceitar conselhos ou sugestões, mas quanto a ordens, será que as entende? Ou isso também é uma coisa "ocasional", no que lhe diz respeito?

Quase teve vontade de esbofeteá-lo. Que homem odioso sabia ser, mas era um homem que amava cavalos, e tinha razão quanto ao que dissera.

— Tudo bem, entendi.

Baixou os olhos e segurou a brida de Black Beauty, preparando-se para se afastar com ele.

— Tem certeza?

— Tenho, droga, tenho. — Virou-se para gritar com ele, e havia uma luz estranha nos olhos de **Tate**. Ele assentiu e voltou para junto do próprio cavalo, cujas rédeas estavam presas num dos postes do lado de fora. — A propósito, onde vão trabalhar hoje?

— Não sei — respondeu, passando por ela. — Encontre a gente.

— Como?

— Galope feito uma doida por toda a estância. Vai adorar.

Abriu um sorriso sarcástico para ela, ao montar e se afastar, e **Samantha** desejou ser homem por um instante. Naquele exato momento, teria adorado bater nele, mas **Tate** já tinha desaparecido.

Afinal de contas, acabou levando duas horas para encontrá-los. Duas horas de cavalgar pela vegetação, de seguir algumas trilhas familiares e se perder em outras. A

certa altura, chegou a se perguntar se **Tate** não escolhera de propósito uma atividade que os manteria nas áreas mais remotas, para que não pudesse achá-los. Porém achou, finalmente. E a despeito do ar frio de dezembro, estava sentindo calor ao sol claro de inverno, depois de cavalgar por toda a parte, à procura deles. Tinha encontrado dois outros grupos de trabalho menores, e um maior, mas nem sinal do de **Tate**.

— Fez um belo passeio?

Olhou para ela, com ar divertido, enquanto **Sam** parava e Navajo escavava o chão.

— Agradabilíssimo, obrigada.

Mas, apesar de tudo, tinha uma sensação de vitória por ter conseguido achá-los, e ficou vendo os olhos cor de esmeralda brilhando ao sol. Sem dizer mais nenhuma palavra, ela deu meia-volta e foi se reunir aos homens, desmontando pouco depois para ajudar a carregar um bezerro recém-nascido numa tipóia feita com uma manta. A mãe morrera há poucas horas e o bezerro parecia que também não ia sobreviver. Um dos homens alçou o animal pequeno, que mal respirava, para a frente da sua sela, e voltou para o estábulo da criação, onde o entregaria a outra vaca, na esperança de arranjar-lhe uma mãe adotiva. Dali a meia hora **Sam** enxergou mais um, este ainda menor do que o primeiro, e era evidente que a mãe já tinha morrido há muitas horas. Desta vez, sem ajuda alguma, ela própria improvisou a tipóia, e alçou o bezerro até a sela com o auxílio de um jovem vaqueiro que estava impressionado demais com **Samantha** para ser de muita utilidade com o bezerro. A seguir, sem esperar instruções, saiu a meio galope num ritmo regular atrás do outro vaqueiro, na direção do estábulo principal.

— Dá para se arranjar sozinha?

Ergueu os olhos, espantada, e deparou com **Tate** Jordan cavalgando ao seu lado, o lustroso malhado preto e branco formando um par interessante com o seu próprio *appaloosa* castanho e branco.

— Acho que sim. — E, com ar preocupado, olhando para o animal à frente da sua sela: — Acha que este vai viver?

— Duvido — respondeu, com naturalidade, observando-a. — Mas sempre vale a pena tentar.

Ela concordou e andou mais depressa, e ele se virou e voltou para junto dos outros. Dali a alguns minutos estava no estábulo principal, onde mãos hábeis cuidaram do bezerrinho órfão durante mais de uma hora. Porém ele não sobreviveu. Ao voltar para junto de Navajo, que esperava pacientemente diante dos prédios onde ficava a criação, sentiu as lágrimas lhe assomarem aos olhos, depois sentiu uma raiva súbita, enquanto montava. Raiva por não terem podido salvá-lo, porque o pobre animalzinho não vivera. E sabia que havia outros como ele, espalhados por ali, cujas mães, por um motivo ou outro, tinham morrido ao dar cria na noite fria. Os homens sempre estavam atentos ao gado com problemas nas colinas, mas era inevitável que alguns animais escapassem à sua vigilância e morressem nas colinas, todos os anos. Era uma coisa comum com as que davam cria no inverno. Os outros aceitavam esse fato, mas **Samantha** não. De alguma forma, os bezerros órfãos pareciam simbolizar os filhos que não podia gerar, e agora ela voltava para junto dos outros resolvida a não permitir que o próximo que ia trazer morresse.

Trouxe mais três, naquela tarde, desembestada como de manhã, ao montar Black Beauty, os bezerros enrolados nas mantas, os homens observando-a com um misto de interesse e admiração. Era uma mulher bela e estranha, debruçada sobre o pescoço do cavalo, cavalgando como nenhuma mulher cavalgara antes na Estância Lord, nem mesmo Caroline Lord. O extraordinário era que, vendo-a voar sobre as colinas, Navajo se movendo como um raio marrom até que não o viam mais, souberam o quanto ela era hábil. **Samantha** era uma amazona como poucas, e ao voltarem para a cocheira, à noite, os homens pilheriaram com ela como não haviam feito antes.

— Sempre monta desse jeito?

Era **Tate** Jordan de novo, o cabelo escuro despenteado sob o Stetson grande e preto, os olhos brilhantes, a barba começando a sombrear-lhe o rosto, no final do dia. Havia nele uma masculinidade vivida que sempre fazia as mulheres pararem ao vê-lo, como se não pudessem respirar direito, por um momento. Mas **Samantha** não sofria daquele mal. Havia algo no jeito autoconfiante com que se movia que a irritava. Era um homem seguro do seu mundo e seu emprego, seus homens e seus cavalos, e provavelmente suas mulheres, também. Por um momento, ela não respondeu à pergunta dele, depois assentiu, com um vago sorriso.

— Por uma boa causa.

— E hoje de manhã?

Por que a estava pressionando?, perguntou-se ela. Por que se importava?

— Também foi por uma boa causa.

— Foi?

Os olhos verdes a perseguiram, ao voltarem para casa, depois do longo dia de trabalho.

Porém, desta vez, **Samantha** encarou-o com franqueza, os olhos azuis fitando os verdes dele.

— Sim, foi. Aquilo me fez sentir viva de novo, Sr. Jordan. Me fez sentir livre. Há muito tempo que não me sinto assim.

Ele balançou a cabeça, lentamente, calado. **Sam** não teve certeza se tinha entendido, ou se estava se importando, mas com um último olhar para ela, **Tate** seguiu o seu caminho.

Capítulo 7

— Não vai montar Black Beauty, hoje?

Por um momento, quase lhe deu uma resposta brusca, ao jogar a perna por sobre o lombo de Navajo e se acomodar na sela, mas depois, sem saber ao certo o motivo, sorriu para ele.

— Não, achei melhor lhe dar um descanso hoje, Sr. Jordan. E quanto ao senhor?

— Não monto puros-sangues, Srta. Taylor.

Os olhos verdes riam para ela, enquanto o malhado vivaz saltitava.

— Talvez devesse.

Ele não deu resposta, e se afastou para conduzir os homens a uma parte afastada da estância. O grupo deles era maior do que de costume, e hoje Bill King e Caroline também participavam. Porém **Samantha** mal os viu. Estava atarefada demais fazendo o serviço para o qual fora designada, e a essa altura sabia que os homens começavam a aceitá-la. Não pretendiam aceitar, não tinham vontade de aceitar, na verdade, mas

ela dera tanto duro e montara tão bem, e agüentara o rojão durante tantas horas e trabalhara tão arduamente para salvar os bezerros órfãos, que de repente, esta manhã, era:

— Eiii! Aqui... **Sam**! Ei, **Sam**, que droga... agora!

Nada mais de Srta. Taylor, nem um único "dona". Ela perdeu a noção do tempo, e de tudo que não fosse o seu trabalho e o meio ambiente, e foi só ao jantar que parou para falar de novo com Caroline.

— Sabe, **Sam**, você é um assombro. — Serviu a **Samantha** uma segunda xícara de café e se acomodou na confortável cadeira da cozinha. — Podia estar em Nova York, atrás de uma mesa, criando comerciais exóticos, e morando num apartamento que é a inveja de todo o mundo que conhece, e em vez disso está aqui, correndo atrás de vacas, carregando bezerros doentes, atolada em estrume, consertando as cercas com os meus homens, recebendo ordens de homens que não passaram do quinto ano primário, levantando-se antes do alvorecer e cavalgando o dia todo. Sabe, não existe muita gente que entenderia isso. — Sem falar no fato de que fora casada com um dos homens mais desejáveis da TV, pensou Caroline. — O que acha do que está fazendo?

Os olhos azuis de Caroline dançavam, e **Samantha** sorriu.

— Acho que estou fazendo a primeira coisa sensata que faço em muito tempo, e estou adorando. Além disso — Deu um sorriso juvenil — Tenho esperanças de que se continuar aqui por mais algum tempo possa montar Black Beauty de novo.

— Ouvi contar que **Tate** Jordan não gostou muito da idéia.

— Acho que ele não gosta muito de mim, de um modo geral.

— Você anda matando o rapaz de medo, **Samantha**?

— De modo algum. Arrogante como ele é, seria preciso mais do que eu para lhe meter medo.

— Não creio que seja esse o caso. Mas ouvi contar que acha que você sabe montar. Vindo dele, é um elogio e tanto.

— Foi o que desconfiei, hoje de manhã, mas ele prefere morrer a admiti-lo.

— Não é diferente do resto. Este é o mundo deles, **Samantha**, não o nosso. Numa

estância, a mulher ainda é cidadã de segunda classe, pelo menos na maior parte do tempo. Todos eles são reis, aqui.

— Isso a incomoda?

Samantha a observava, intrigada, mas a mulher mais velha ficou visivelmente enternecida, e algo de muito doce toldou-lhe os olhos.

— Não, gosto da coisa desse jeito.

A sua voz era estranhamente suave, e quando sorriu para **Samantha**, parecia quase uma garota. Naquele rápido momento, tudo a respeito de Bill King ficou esclarecido. Ao jeito dele, dominava-a, e ela adorava. Há anos que respeitava o vigor e a força e a masculinidade dele, o seu bom senso com relação à estância e o seu modo de lidar com os homens. Caroline era dona da estância e a administrava, mas era Bill King a figura que sempre a ajudara a administrá-la, que segurava as rédeas silenciosamente, junto com ela. Os vaqueiros a respeitavam, mas como uma mulher, como chefe nominal. Fora Bill King quem sempre mandara neles. E era **Tate Jordan** quem estava mandando neles, agora. Havia algo de terrivelmente machista e animalesco e atraente nisso tudo. Era uma força a que se queria resistir, como mulher moderna, e no entanto não se podia. A atração desse tipo de masculinidade era quase forte demais.

— Gosta de **Tate Jordan**?

Era uma pergunta estranha e direta, no entanto Caroline a fez com tanta ingenuidade que **Samantha** achou graça.

— Gostar dele? Não creio que pudesse. — Mas não fora isso o que Caroline quisera dizer, e ela estava sabendo, e soltou uma risadinha cristalina, recostando-se na cadeira. — Ele faz bem o seu trabalho. Suponho que o respeite, embora sem dúvida não seja um homem fácil da gente se relacionar, e acho que não gosta muito de mim. É atraente, se é isso o que quer dizer, mas também é inacessível. É um homem estranho, Tia Caro. — Caroline assentiu, em silêncio. No passado dissera quase as mesmas coisas sobre Bill King. — O que a fez perguntar?

Sem dúvida que não havia nada entre eles, nada que Caroline pudesse ter pressentido ou visto, observando-os trabalhar durante todo o dia.

— Não sei. Só um pressentimento. Tive a impressão de que ele gosta de você. —
Falou com simplicidade, como uma mocinha.

— Duvido. — **Samantha** parecia divertida e cética, a um só tempo. A seguir, falou com mais firmeza: — Mas em todo o caso, não é para isso que estou aqui. Estou aqui para me curar do meu envolvimento com um homem. Não preciso me curar envolvendo-me com outro. E, sem dúvida, com ninguém daqui.

— Por que está dizendo isso? — Perguntou Caroline, olhando-a de modo estranho.

— Porque somos todos estranhos uns para os outros. Sou uma estranha para eles, e suponho que a seu modo sejam estranhos para mim. Não compreendo o modo de agir deles, assim como não compreendem o meu. — Não — suspirou suavemente — estou aqui para trabalhar, Tia Caro, não para brincar com os vaqueiros.

Caroline riu das palavras que ela usou, e sacudiu a cabeça.

— Mas são assim que essas coisas começam. A gente nunca pretende...

Por um momento, **Sam** se perguntou se Caroline estava tentando lhe dizer alguma coisa, se depois de todo esse tempo ia admitir o seu caso com Bill King, mas o momento passou rapidamente, e Caroline se levantou, botou os pratos dentro da pia, e dali a alguns minutos começou a apagar as luzes da cozinha. Há muito tempo que Lucia-Maria já tinha ido para casa. **Samantha** se arrependeu, de repente, de não ter encorajado Caroline a falar mais, porém tinha a impressão de que Caroline estava ansiosa para não fazer mais nenhum comentário. Silenciosamente, uma porta já se fechara.

— Sabe, Tia Caro, a verdade é que já estou apaixonada por outra pessoa.

— Está?

A mulher mais velha parou imediatamente o que estava fazendo, com ar aturdido. Não tivera a menor desconfiança de que **Samantha** já tivesse se envolvido.

— Estou.

— Seria grosseria perguntar por quem?

— Absolutamente. — **Samantha** sorriu-lhe meigamente. — Estou

apaixonadíssima pelo seu cavalo puro-sangue.

Ambas acharam graça, e se recolheram dali a alguns minutos. E esta noite **Sam** se pegou atenta ao ruído já familiar da porta da frente que se abria e se fechava. Tinha certeza, agora, de que era Bill King que vinha passar a noite com Caroline, e ficou se perguntando por que não se tinham casado, se essa situação perdurava há tanto tempo quanto imaginava. Talvez tivessem os seus motivos. Quem sabe ele já tinha uma esposa. Ficou refletindo, também, nas perguntas que Caroline fizera sobre **Tate Jordan** e se perguntou por que Caroline desconfiaria de que ela se sentisse atraída pelo capataz. Não era o caso, absolutamente. Ao contrário, ele a deixava irritada. Ou será que deixava? Percebeu, de repente, que estava se questionando. Ele era brutalmente belo, como um modelo de anúncio... como alguém num sonho. Mas não era o tipo de sonho dela: alto, moreno e bonitão. Sorriu consigo mesma, os pensamentos se voltando imediatamente para John Taylor... John, com a sua gloriosa beleza loura, as pernas longas, os olhos imensos, quase cor de safira. Tinham sido tão perfeitos, juntos, tão cheios de vida, tão felizes, tinham feito tudo juntos... tudo... exceto apaixonar-se por Liz Jones. Isso, John fizera sozinho.

Pelo menos, consolou-se, enquanto forçava os pensamentos a se afastarem dele de novo, não estava assistindo ao noticiário. Pelo menos não sabia como a gravidez estava se desenvolvendo, nem tinha que ouvir Liz agradecer a mais mil telespectadores pelos sapatinhos tricotados à mão, pelas colchas de crochê ou "as graças de touquinhas cor-de-rosa". Fora quase insuportável, mas não fora capaz de parar de assistir aos telejornais enquanto estava em Nova York. Mesmo quando trabalhava até mais tarde, ela os assistia. Era como se houvesse um despertador enterrado em seu corpo que lhe avisava quando eram seis horas e a forçava inexoravelmente a se dirigir para um aparelho de TV, para poder assistir ao programa. Pelo menos aqui não pensava nele há quase uma semana. E dali a mais uma semana seria Natal, e depois de sobreviver a ele — o seu primeiro Natal sem John, a primeira vez em 11 anos em que não estaria com ele — então saberia que ia viver. E nesse meio tempo, só o que tinha que fazer era trabalhar de manhã à noite, seguir os vaqueiros, passar 12 horas por dia montando Navajo, encontrar os bebês órfãos e trazê-los de volta com vida. E dia após dia, mês após mês, acabaria conseguindo. Estava finalmente começando a saber que viveria. Deu-se novamente os parabéns pela sábia decisão de vir para o Oeste, à medida que seus olhos se fechavam e pegava no sono. Desta feita, juntamente com Liz e John e Harvey Maxwell havia outras pessoas nos seus sonhos: Caroline tentando

desesperadamente dizer-lhe uma coisa que não conseguia ouvir direito; e Josh, rindo, sempre rindo; e um homem alto e de cabelos escuros num belo cavalo negro com uma estrela branca na testa e duas perneiras brancas. Montava atrás dele, em pêlo, fortemente agarrada a ele, correndo noite adentro. Não tinha certeza de onde vinham e para onde iam, mas sabia que estava perfeitamente segura ali, enquanto cavalgavam juntos, em perfeita harmonia. Quando acordou, ao som do despertador, às quatro e meia, sentia-se estranhamente descansada, mas não se lembrava direito do sonho.

Capítulo 8

Pouco antes da hora em que normalmente parariam para almoçar, **Tate** Jordan deu o sinal, e o grande grupo de homens que trabalhavam juntos soltou um grito de alegria e se mandou para casa. **Sam** estava entre eles, brincando com Josh sobre a sua mulher e filhos, e sofrendo as implicâncias de dois dos outros homens. Um deles a acusava de estar provavelmente fugindo de um namorado que a espancava, e "com toda a razão, depois de ouvir como você fala o tempo todo", mas o outro alegava que ela provavelmente era mãe de 11 filhos, e uma cozinheira tão terrível que eles a tinham posto no olho da rua.

— Vocês todos têm razão. — **Samantha** ria junto com os homens com quem cavalgava. O trabalho matutino fora fácil, e estavam todos ansiosos para largar cedo o trabalho para ir almoçar. Era o dia 24 de dezembro, e naquela noite haveria um imenso banquete de Natal no salão principal, e as mulheres e filhos e até namoradas tinham sido convidados. Era um acontecimento anual que todos adoravam. Fazia com que todos se sentissem mais do que nunca uma família, unidos e interligados pelo seu amor pela estância. — A verdade é que tive quinze filhos ilegítimos e todos eles me espancavam, por isso fugi.

— O que, nada de namorado? — Um dos vaqueiros mais antigos soltou uma gargalhada. — Uma *palomino* bonita como você, sem namorado, não acredito! — Todos estavam começando a compará-la a uma égua *palomino*, mas ela gostava o suficiente de cavalos para considerar isso um elogio. A verdade é que a cada dia estava começando a se parecer mais com um *palomino*. O cabelo longo e brilhante começava a branquear ao sol, o rosto estava ficando de um moreno cor de mel. Era uma bela combinação, na qual todos os homens reparavam, quer tocassem no assunto, quer não. — Não me diga que não tem nenhum homem, **Sam**!

O velhote continuava a insistir na pergunta que vários deles se haviam feito, quando ela não estava por perto.

— Nada. Claro que houve quinze pais para os quinze filhos ilegítimos, mas agora — riu-se junto com eles, depois gesticulou com displicência, falando por cima do ombro enquanto seguia na frente, de volta para a coqueira — Sou ruim demais para qualquer homem.

Josh ficou vendo-a afastar-se, com uma expressão meiga nos olhos, e o homem que estava mais perto dele se debruçou e lhe perguntou:

— E qual é a história dela, de verdade, Josh? Tem filhos?

— Não que eu saiba.

— Casada?

— Já foi.

Porém não falou mais nada. Em parte porque achava que, se **Sam** quisesse que soubessem de alguma coisa, ela mesma lhes diria, e além disso porque ele próprio não sabia mais nada sobre a vida dela.

— Acho que ela veio para cá para fugir de alguma coisa — Adiantou um vaqueiro muito jovem, enrubescendo.

— Pode ser — Concordou Josh, seguindo o seu caminho.

Ninguém estava realmente a fim de discutir o assunto. Era Natal, tinham as próprias mulheres e filhos com que se preocupar, e o problema era dela, afinal de contas. A despeito das tendências superficiais para mexericos que existem em qualquer situação da vida comunitária, a estância, de um modo geral, gerava um respeito considerável. Na sua maioria, esses eram homens que acreditavam em guardar para si a sua opinião, e tinham muita consideração uns pelos outros, e pela própria privacidade, para bisbilhotar. A maioria não era de muita conversa, e a maior parte da conversa deles girava em torno da criação e da estância. **Sam** se achava segura no meio deles, e sabia disso. Era parte do motivo pelo qual estar ali era tão acertado para ela. Ninguém ia lhe fazer perguntas sobre John ou Liz ou por que nunca tivera filhos, e sobre como se sentia agora que estava divorciada... "Diga-me, Sra. Taylor, agora que o seu marido a trocou por outra mulher, como se sente a respeito

de..." Já passara por tudo aquilo em Nova York. E agora se sentia livre.

— Até logo mais! — gritou para Josh, entrando apressadamente na casa grande. Ia tomar um banho e vestir *jeans* limpos, e depois prometera ir para o salão principal a fim de ajudar a enfeitar a árvore. Havia grupos e comitês designados para todas as coisas, desde cantar canções de Natal até assar bolos. Não havia acontecimento que se comparasse ao Natal, na Estância Lord.

Quando entrou em casa, Caroline estava debruçada sobre um imenso livro-razão, com uma ruga profunda na testa, e **Samantha** esgueirou-se por trás dela e deu-lhe um grande abraço.

— Ai! Você me assustou!

— Por que não relaxa, para variar? Estamos no Natal!

— Já estou parecendo o Scrooge? — O rosto de Caroline se abriu num sorriso caloroso. — Devo dizer "Qual, tolices!?"

— Ainda não. Espere até amanhã. E depois todos poderemos atormentá-la com o fantasma do Natal Passado!

— Ah, sempre houve alguns deles.

Por um momento, Caroline ficou pensativa, ao guardar o grande livro-razão da estância. De repente, tinha se lembrado de Hollywood e dos Natais extravagantes que passara ali. Enquanto olhava para ela, **Samantha** sabia exatamente o que estava pensando.

— Ainda sente falta de tudo aquilo?

O que realmente estava perguntando era "Ainda sente falta do seu marido?" e os olhos de **Samantha** ficaram repentinamente tristes, ao falar. Era como se necessitasse saber por si mesma por quanto tempo aquilo ainda ia continuar.

— Não. — Caroline respondeu suavemente. — Nem estou certa se senti, não logo depois do começo. Por estranho que possa parecer, isto aqui sempre fez mais o meu gênero. Não sabia disso, durante muito tempo, mas logo descobri, quando vim para cá. Sempre fui feliz aqui, **Samantha**. É o lugar certo para eu estar.

— Eu sei. Sempre pressenti isso a seu respeito.

Tinha inveja dela. **Sam** ainda não encontrara o seu lugar. Só o que tinha era o apartamento que partilhara com John Taylor. Não havia nada que fosse exclusivamente dela.

— Sente muita falta de Nova York, **Sam**?

Sam sacudiu a cabeça, lentamente.

— Não, não de Nova York. De alguns dos meus amigos. Do meu amigo Charlie e da mulher, Melinda, e dos seus três filhinhos. Um deles é meu afilhado. — Sentiu-se subitamente sozinha e desconsolada, com saudades das pessoas que deixara para trás. — E talvez do meu chefe, Harvey Maxwell. É o diretor criativo da CHL. Tem sido como um pai para mim. Suponho que sinta falta dele, também.

Ao dizer essas palavras, sentiu uma onda de solidão invadi-la, ao pensar novamente em John — E neste primeiro Natal sem ele. Involuntariamente, seus olhos ficaram cheios de lágrimas e desviou a vista, porém Caroline tinha percebido, e estendeu a mão com meiguice, segurando a dela.

— Tudo bem. Compreendo... — Puxou **Samantha** para junto dela. — Lembro como foi, logo que perdi o meu marido. Aquele também foi um ano muito difícil para mim. — E, dali a um momento: — Mas as coisas melhoram. É só dar um pouco de tempo.

Sam assentiu, e seus ombros tremiam levemente ao apoiar a cabeça no ombro delicado de Tia Caro. Pouco depois, fungou e se afastou.

— Desculpe. — Sorriu, encabulada, em meio às lágrimas. — Que coisa idiota. Não sei por que aconteceu.

— Porque é Natal, e você foi casada com ele durante todos aqueles anos. É perfeitamente normal, sabe, **Sam**. Pelo amor de Deus, o que está esperando? — Porém, sentada ali, como já ocorrera umas mil vezes desde que soubera que John tinha deixado **Sam**, Caroline se sentiu novamente escandalizada com o que ele tinha feito. Como podia abandonar esta mulher perfeitamente maravilhosa por aquela sacana fria que espiara, sorrrateiramente, na TV na outra noite, tentando entender o que tinha acontecido, tentando ver algum motivo pelo qual ele a escolhera, em detrimento de **Sam**. O único motivo que podia ver era o bebê, mas isto não parecia ser razão para ficar totalmente maluco e largar uma mulher como **Sam**. Apesar disso, ele o havia

feito, embora ela não compreendesse o porquê. — Vai ajudar a enfeitar a árvore?

Sam fez que sim, sorrindo valentemente.

— Também prometi fazer uns biscoitos, mas vocês vão se arrepender disso. Os homens com quem tenho trabalhado vivem implicando comigo, dizendo que uma mulher que monta como eu provavelmente não sabe cozinhar. E o pior é que têm razão. — As duas riram, e **Sam** beijou Tia Caro e depois a abraçou com força mais uma vez. — Obrigada.

Era um murmúrio veemente.

— Pelo quê? Não seja boba.

— Por ser minha amiga.

Soltou a mulher mais velha e, quando o fez, os olhos de Caroline também estavam cheios de lágrimas.

— Mulher boba. Jamais me agradeça por ser sua amiga! Se não, deixo de ser!

Tentou parecer zangada, mas não conseguiu, e depois expulsou **Sam** porta afora, para ir enfeitar a árvore. Meia hora mais tarde, **Sam** estava no salão de refeições principal, encarapitada numa escada alta, pendurando enfeites prateados e verdes e vermelhos e azuis e amarelos na árvore. Crianças pequenas trabalhavam nos ramos inferiores, e as menorezinhas penduravam enfeites de papel feitos por elas mesmas. Um grupo mais velho fazia tiras de pipocas e oxicocos, e um círculo de homens e mulheres selecionava os enfeites e fazia tanto ou mais barulho do que os próprios filhos. Era um amontoado grande de gente feliz, e as mulheres faziam circular tigelas cheias de pipocas, pratos de bolinhos, caixas de biscoitos, todos feitos na estância ou enviados pelas famílias de outros locais. As pessoas trabalhavam por toda a parte, no melhor espírito natalino, até mesmo **Tate** Jordan aparecera, e como o gigante oficial da estância, concordara em colocar a estrela no alto da árvore. Carregava uma criança em cada ombro e deixara o Stetson preto pendurado num gancho perto da porta. Foi somente quando chegou junto da árvore que viu **Samantha** e então, pousando as crianças no chão, sorriu para ela. Encarapitada na escada, desta feita estava mais alta do que ele.

— Botaram você para trabalhar, não é, **Sam**?

— Claro. — Sorriu, mas desde o seu momento anterior de nostalgia o brilho estava faltando ao seu sorriso. Por um momento, ele tomou posse da escada e subiu rapidamente para pendurar a imensa estrela dourada. Acrescentou alguns anjos e umas bolas de Natal coloridas lá no alto, ajeitou as luzes, depois desceu e ajudou **Sam** a subir de novo. — Está ótimo.

— Tem que haver alguma vantagem em ser tão alto quanto eu. Quer uma xícara de café?

Falou com naturalidade, como se sempre tivessem sido amigos, e desta vez, quando ela respondeu, havia mais vida no seu sorriso.

— Quero.

Ele voltou com duas xícaras e uns biscoitinhos, e passou a lhe entregar uma variedade de enfeites, que ela ia pendurando aos poucos, enquanto sorvia o café e comia um biscoitinho e ele sugeria onde ela devia pendurar a bola seguinte. Finalmente, ela abriu um sorriso, depois que ele lhe dissera onde devia pendurar um pequeno anjo de prata.

— Diga-me, Sr. Jordan, sempre dá ordens?

Ele parou para pensar por um momento, depois concordou.

— É, acho que sim.

Sam sorvia o seu café e o fitava.

— Não acha que é cansativo?

— Não. — Olhou para ela, significativamente. — E você... acha cansativo dar ordens, quero dizer.

Pressentia que também estava acostumada a mandar. Havia algo nela que sugeria uma aura de comando. Ela respondeu, sem hesitar.

— Acho. Muito.

— E é por isso que está aqui?

Foi uma pergunta muito direta, e **Sam** olhou para ele por um minuto, antes de

responder.

— Em parte.

Enquanto **Sam** respondia, ele se pegou imaginando se ela tivera um esgotamento nervoso. Tinha certeza de que havia um motivo sério para aquela moça ter vindo para a estância, e tinha certeza também que não era uma dona-de-casa comum fugindo das responsabilidades. Porém não havia nada que indicasse que era ao menos ligeiramente maluca. Não tinha mesmo nenhuma pista.

— **Samantha**, o que você faz quando não está na Califórnia, trabalhando em estâncias?

Não se sentia com vontade de responder, mas gostou da franqueza com que estava falando com ela. Não queria estragar o relacionamento de trabalho deles dando respostas volúveis e afugentando-o. Este era um homem de que gostava e que respeitava, às vezes detestava, mas achava que fazia bem o seu trabalho. Por que ficar de brincadeira com ele, agora?

— Escrevo comerciais.

Era uma supersimplificação do seu trabalho, mas era um começo. De uma certa forma, ela não era muito diferente de capataz-assistente na Crane, Harper e Laub. Ao se dar conta disso, não pôde deixar de sorrir.

— O que há de tão engraçado? — Perguntou, intrigado.

— Nada. Só que me dei conta que, de certa forma, os nossos empregos são parecidos. Na agência de publicidade onde trabalho há um homem chamado Harvey Maxwell. É uma espécie de Bill King. E também é velho e um dia desses vai se aposentar e...

De repente, arrependeu-se de ter falado. Iria ficar ressentido com ela, se pensasse que ia tomar o lugar do outro homem, mas **Tate Jordan** estava sorrindo, quando ela encerrou subitamente o seu discurso.

— Vamos, fale.

— Falar o quê? — Esforçou-se por parecer que não estava entendendo.

— Que você provavelmente vai herdar o emprego dele.

— O que o faz pensar assim? — Estava ruborizada, a despeito do bronzeado de sol recente. — Não falei nada disso.

— Não precisava. Falou que nossos empregos eram parecidos. Com que então é uma capataz-assistente, hein? — Por algum motivo que ela não conseguia adivinhar, parecia satisfeito, como se aquilo o divertisse. — Que bom. Gosta do que faz?

— Às vezes. Às vezes é alucinante, uma loucura e eu detesto.

— Pelo menos não tem que cavalgar doze horas debaixo de chuva.

— Isso é verdade. — Retribuiu o sorriso, subitamente intrigada por este homem grande e gentil que fora tão áspero e exigente nos seus primeiros dias na estância, ficara tão furioso com ela por ter montado Black Beauty, e agora parecia uma pessoa completamente diversa, tomando café e comendo biscoitos com ela, junto da árvore de Natal. Olhou para ele atentamente por um momento, depois resolveu fazer-lhe uma pergunta. Sentiu que não tinha nada a perder. Parado ali, ele parecia longe de se enfurecer, longe de se irritar. — Diga-me uma coisa. Por que ficou tão furioso comigo quando montei Black Beauty?

Tate Jordan ficou imóvel por um momento, depois largou a xícara de café e olhou bem fundo nos olhos dela.

— Porque achei que era perigoso para você.

— Porque achava que eu não era suficientemente boa para montá-lo?

Desta vez não era um desafio, era uma simples pergunta, e ele lhe deu uma simples resposta.

— Não, eu soube que era suficientemente boa no primeiro dia. Pelo jeito que montou Rusty sob a chuva forte, e até conseguiu que aquele velho pangaré desse alguma coisa de si, eu soube direitinho que você era boa. Mas é preciso mais do que isso para montar Black Beauty, é preciso cautela e força, e não estou certo que você tenha muito de ambas. Na verdade, estou certo de que não tem. Um dia desses, aquele cavalo vai matar alguém. Não queria que fosse você. — Fez uma pequena pausa, a voz rouca. — Dona Caroline nunca o devia ter comprado. É um cavalo ruim, **Sam**. — Olhou para ela, de modo estranho. — Sinto isso nas entranhas. Ele me assusta. — A seguir, deixou-a espantada de novo, falando muito meigamente: — Não quero que

ande nele novamente. — Ela não deu resposta, e depois de um longo momento, desviou o olhar. — Mas isso não faz o seu gênero, não é? Recusar um desafio, ignorar um risco? Talvez especialmente agora.

— O que quer dizer com isso? — Ficou intrigada com as palavras dele. Fitou-a bem nos olhos, enquanto respondia.

— Tenho a sensação de que você perdeu algo muito precioso... alguém, provavelmente... é a única coisa que realmente importa para a maioria de nós. Talvez atualmente não esteja ligando para si mesma tanto quanto deveria. Esta não é uma boa hora para montar um cavalo do diabo como aquele garanhão. Prefiro vê-la montada em qualquer outro cavalo da estância, exceto aquele. Mas não suponho que vá desistir de montar um garanhão puro-sangue só por minha causa.

Não sabia ao certo o que dizer, quando ele parou de falar, e a sua voz estava rouca, quando finalmente respondeu.

— Tem razão quanto a muitas coisas, **Tate**. — O nome dele tinha um som novo e estranho nos seus lábios, e quando ergueu os olhos para ele, a sua voz ficou mais suave. — Errei ao andar nele... do jeito que andei. Me arrisquei muito, naquela manhã. — E, após uma breve pausa: — Não vou lhe prometer que não vou mais montá-lo, porém, quando o fizer, tomarei cuidado. Isso eu lhe prometo. Dia claro, terreno conhecido, nada de saltar sobre um leito de pedras e um riacho que mal consiga enxergar...

— Meu Deus, que ajuizada! — Olhou para ela, abrindo um sorriso. — Estou impressionado.

Implicava com ela, e **Sam** sorriu amplamente.

— E devia estar! Não pode imaginar as loucuras que fiz no lombo dos cavalos, ao longo dos anos!

— Devia parar de fazer esse tipo de coisa, **Sam**. Não vale o preço que talvez tenha de pagar. — Ambos ficaram calados, momentaneamente. Sabiam muito bem dos acidentes ocorridos com outras pessoas, dos paraplégicos que passaram o resto da vida em cadeira de rodas, por causa de um salto arriscado e de uma queda. — Nunca entendi a razão de todos aqueles saltos malucos do Leste. Jesus, a gente pode se matar daquele jeito, **Sam**. Será que vale a pena?

— E isso tem importância? — perguntou **Sam**, fitando-o nos olhos.

— Pode não lhe importar agora, **Sam** — respondeu, olhando-a longa e fixamente. — Mas um dia desses vai voltar a importar. Não faça nenhuma bobagem. Não vai poder alterá-la. — Ela assentiu lentamente, sorrindo. Era um homem estranho e perceptivo, e podia ver que tinha qualidades que ela não notara, originariamente. A princípio, vira-o apenas como um capataz-assistente tirânico, porém eficiente. Agora via que era um homem de uma profundidade muito maior. Os anos que passara junto de estancieiros e vaqueiros, vivendo e perdendo e trabalhando até quase cair, não tinham sido desperdiçados. Aprendera bem o seu ofício, e aprendera também a conhecer as pessoas, o que não era uma arte simples. — Mais café? — Perguntou, com um pequeno sorriso, e ela sacudiu a cabeça.

— Não, **Tate**, obrigada. — Desta vez o nome dele soou com mais facilidade nos seus lábios. — Está na hora de ir andando. Faço parte do grupo que vai fazer os biscoitos. E você?

Ele abriu um sorriso, e se esticou para sussurrar no ouvido dela.

— Sou o Papai Noel — falou, com um misto de embaraço e júbilo.

— O quê? — Olhou para ele divertida e confusa, sem saber ao certo se estava brincando.

— Sou o Papai Noel. — Repetiu as palavras de novo, praticamente sem som, depois debruçou-se mais para junto dela e explicou: — Todos os anos eu visto a fantasia e Dona Caro enche um saco enorme de brinquedos para as crianças. E eu banco o Papai Noel.

— Você, **Tate**?

— Que diabo, sou o cara mais alto daqui. Faz sentido. — Tentou falar como se não tivesse importância, mas era evidente que achava muito bom. — A gurizada faz valer a pena. — Depois olhou para ela indagadoramente, de novo. — Você tem filhos?

Ela fez que não, devagar, e seus olhos não revelavam o vazio que sentia.

— E você?

Esquecera momentaneamente os mexericos da estância que ouvira da boca de

Josh.

— Tenho um. Trabalha numa estância perto daqui. É um bom garoto.

— Parece-se com você?

— Nem um pouquinho. É miúdo e ruivo, como a mãe.

Deu um sorriso lento, ao falar, pensando no filho com orgulho evidente. A voz dela era rouca, outra vez, quando falou com ele.

— É um homem de muita sorte.

— Também acho. — Sorriu para ela. E a sua voz ficou mais baixa, quase acariciando-a. — Mas não se preocupe, pequena *palomino*, um dia desses você também vai ter sorte.

Tocou-a de leve no ombro, e se afastou.

Capítulo 9

— Papai Noel... Papai Noel... Aqui...

— Espere um minuto, Sally. Tem que esperar que eu chegue nesse lado da sala.

Tate Jordan, de farta barba branca e fantasia vermelha, caminhava devagarinho pela sala, dando a cada criança o presente tão esperado, distribuindo bengalinhas doces e outros tipos de balas, palmadinhas nas faces, abraços e até beijos. Era um lado de **Tate** Jordan que ninguém conhecia, exceto os que o viam representar aquele papel todos os anos, na estância. Até fazia as pessoas acreditarem em Papai Noel, só de olhar para ele dando risada e brincando e tirando mais uma surpresa do enorme saco. Se ele não lhe tivesse dito anteriormente que ia bancar o Papai Noel, **Samantha** jamais teria desconfiado de quem se tratava. Até a sua voz era diferente, ao bater papo e dar risadas gentilmente, exortando as crianças a serem boas para as mães e papais, esse ano, e pararem de implicar com as irmãzinhas, fazerem o dever de casa, pararem de implicar com o gato ou o cachorro. Parecia saber de tudo sobre todos, o que naturalmente não era difícil numa estância. Mas, ao tocá-lo e serem tocadas por ele, as crianças ficavam eufóricas, e até mesmo **Samantha** ficou envolvida pela magia do seu "ho! ho! ho!". A representação pareceu durar horas, e quando acabou, depois de comer um prato inteiro de biscoitinhos e tomar seis copos de leite, ele sumiu com um último

"ho! ho! ho!" na direção da cocheira, para só voltar a ser visto no ano seguinte.

Dali a 45 minutos, sem maquiagem, barriga acolchoada, peruca branca e fantasia vermelha, ele reapareceu no salão principal, sem ser notado, passeando no meio da multidão, admirando os brinquedos e as bonecas e brincando com as crianças. Logo chegou até onde **Samantha** estava, junto com Bill e Caroline, numa saia simples de veludo preto com uma linda blusa de renda branca. Amarrara o cabelo frouxamente na nuca com uma fita de veludo preto, e estava usando maquiagem pela primeira vez desde que chegara na estância.

— É mesmo você, **Sam**? — Brincou ele, depois de aceitar um copo de ponche e agradecer fervorosamente a sua patroa.

— Eu bem que podia dizer o mesmo, sabe. — E, com voz suave: — Foi simplesmente formidável. Você é tão bom assim, todos os anos?

— Estou ficando cada vez melhor. — Abriu um sorriso, todo feliz. O papel de Papai Noel era o ponto alto do seu Natal.

— O seu filho está aqui?

— Não. — Sacudiu rapidamente a cabeça. — O patrão de Jeff não é tão generoso quanto a minha patroa. — Sorriu para **Samantha**. — Ele está trabalhando, hoje.

— Que pena! — exclamou, lamentando sinceramente.

— Eu o verei amanhã. E está tudo bem. Ele é um homem, agora. Não tem tempo para o seu velho.

Falava sem ressentimentos. Gostara de acompanhar o filho se transformando num homem. Por um momento, teve vontade de perguntar a **Samantha** por que não tivera filhos, pois passara a noite toda observando como ela fitava avidamente todos os meninos e meninas, mas finalmente concluiu que era uma questão pessoal demais, e se contentou com uma pergunta sobre Nova York.

— Lá faz muito frio, mas acho que nunca estive em nenhum lugar onde existisse tanto espírito de Natal quanto aqui.

— Isso não tem nada a ver com a Califórnia. É Caroline Lord, e nada mais.

Samantha, concordou, e desta feita, quando trocaram um sorriso, os seus olhos se

encontraram e não se desviaram.

Pouco depois, **Samantha** conheceu a mulher de Josh e dois dos seus filhos casados, e diversos homens com quem cavalgara nas duas últimas semanas vieram apresentar-lhe, timidamente, as mulheres ou namoradas, os filhos e filhas e sobrinhas, e pela primeira vez desde que chegara, sentiu-se verdadeiramente entrosada.

— Como é, **Sam**? Muito diferente do seu Natal costumeiro?

Caroline olhava para ela com um sorriso carinhoso, e Bill estava parado ao seu lado.

— Muito diferente. E estou adorando.

— Que bom.

Foi só alguns minutos depois de Caroline tê-la abraçado calorosamente e ter-lhe desejado um Feliz Natal, que **Samantha** notou que ela parecia ter desaparecido. Dali a um pouco, percebeu que o mesmo acontecera com o velho capataz. Ficou-se perguntando quantas outras pessoas teriam reparado, também. Mas **Samantha** se dava conta, igualmente, do fato de jamais ter ouvido qualquer comentário sobre eles, na estância. Ficou imaginando se estaria tirando conclusões apressadas. Não parecia provável que estivesse, mas nunca se sabia.

— Cansada?

Era a voz de **Tate** Jordan ao seu lado, de novo, e ela se virou para ele com um pequeno sinal afirmativo.

— Já ia voltar para casa. Estava procurando Tia Caro, mas acho que já foi embora.

— Sempre se retira discretamente, para não estragar o prazer de ninguém. — Falava com a maior admiração. Era um elo que partilhava com **Sam**. — Também está pronta para ir? — **Sam** fez que sim e tentou abafar um bocejo, sem êxito. — Vamos, dorminhoca, levo você para casa.

— É culpa minha se o cara para quem trabalho é um feitor de escravos? É de admirar que eu não desabe da sela, meio morta, no final do dia.

— Houve uma ou duas vezes — sorriu para ela — em que pensei que ia desabar. — Depois, riu alto. — Naquele primeiro dia, **Sam**, achei que você ia agüentar até o fim

mesmo que morresse na sela.

— Quase morri. Josh por pouco teve que me levar para casa.

— E você ainda montou Black Beauty, mesmo assim! É maluca!

— Por aquele cavalo... sou! — Ele ficou com ar triste, depois que ela falou, e **Sam** mudou de assunto enquanto saíam para a noite fria. — Parece que vai nevar.

— É, mas acho que não é muito provável. Pelo menos, espero que não seja.

Ele ergueu os olhos para o céu, mas não parecia extremamente preocupado. E, a essa altura, já tinham chegado à porta da casa grande, onde **Sam** morava.

Samantha hesitou por um momento, e ao abrir a porta deu um passo para o lado e ergueu os olhos para o gigante moreno de olhos verdes.

— Quer entrar e tomar um copo de vinho ou uma xícara de café, **Tate**?

Porém ele sacudiu a cabeça rapidamente, quase como se ela tivesse sugerido uma coisa escandalosa que não poderia jamais aceitar.

— Eu prometo — falou ela, com um largo sorriso — que não vou atacá-lo. Vou me sentar no outro sofá.

Tate soltou uma ruidosa gargalhada, quando ela falou, e era difícil reconhecer o homem com quem andara às turras por mais de duas semanas.

— Não é isso, mas é a etiqueta da estância, acho. Esta é a casa da Dona Caroline. Não seria conveniente eu... é difícil explicar...

Samantha sorriu para ele, amavelmente, parada à porta.

— Quer que eu a acorde, para ela poder convidá-lo pessoalmente?

Ele revirou os olhos.

— De modo algum, mas obrigado pelo convite. Fica para uma outra vez.

— Covardão — Falou, parecendo uma garotinha, e ele achou graça.

Capítulo 10

Porque fizera a mesma coisa nos dez últimos dias, **Samantha** acordou às quatro e meia da manhã. Forçou-se a ficar na cama, fingindo até para si mesma que estava dormindo, e finalmente, depois de passar uma hora deitada de olhos fechados e cabeça a mil por hora, saltou da cama. Lá fora ainda estava escuro e as estrelas brilhavam, mas ela sabia que dali a pouco mais de uma hora a vida na estância iria começar. Manhã de Natal, ou não, os animais começariam a ficar inquietos, os homens apareceriam no curral para cuidar dos cavalos, muito embora ninguém fosse cavalgar pelas colinas.

Samantha se dirigiu descalça para a cozinha, ligou a cafeteira elétrica que Caroline usava, e depois ficou sentada à espera na cozinha escura, deixando que os pensamentos se voltassem para a noite anterior. Fora uma bela festa de Natal a que partilhara com os outros. Como uma gigantesca família, todos eles unidos uns aos outros, cada um se preocupando com o outro, as crianças conhecendo todas as pessoas que moravam ali, felizes, gritando e correndo em volta da grande árvore de Natal lindamente decorada. Ao pensar nas crianças na festa de Natal da véspera, subitamente pôs-se a pensar nos filhos de Charlie e Melinda. Este fora o primeiro Natal em que não lhes mandara presentes. Lembrou-se com uma pontada da promessa feita a Charlie, mas não chegara nem perto de uma loja. Sentada na cozinha vazia, **Samantha** sentiu-se de repente muito sozinha, e sem nenhum aviso, os seus pensamentos se deslocaram imediata e muito dolorosamente para John. Como estaria sendo o seu Natal, este ano? Como seria estar casado com uma mulher prestes a ter neném? Será que já tinham decorado o quarto do bebê? A dor que **Samantha** sentiu percorrê-la foi quase insuportável, e como que numa ação reflexa, sentiu-se estender a mão para o telefone. Sem pensar, e no entanto desejando desesperadamente escutar uma voz amiga, discou um número familiar, e dali a um momento ouviu Charlie Peterson atender o telefone. A sua voz melíflua ressoou no aparelho com uma versão retumbante de *Jingle Bells*. Já estava no segundo verso quando **Sam** conseguiu que escutasse o seu nome.

— Quem?... "Hoje a noite é bela..."

— Cale a boca, Charlie! Sou eu, **Sam**!

— Ah... oi, **Sam**... "Vamos eu e ela..."

— Charlie!

Estava rindo enquanto escutava, por entre tentativas de gritar mais alto do que ele, mas a despeito de estar se divertindo escutando-o, teve outra pontada de solidão e sentiu-se terrivelmente longe de tudo. De repente, deu-lhe vontade de estar com eles, não a 4.800 quilômetros de distância, numa fazenda. Não havia escolha, senão esperar que ele acabasse de cantar.

— Feliz Natal!

— Quer dizer que acabou? Não vai cantar *Noite Feliz*?

— Não estava pretendendo, mas já que está fazendo um pedido especial, **Sam**, tenho certeza que...

— Charlie, por favor! Quero falar com Mellie e os meninos. Mas, primeiro — quase engoliu em seco, ao falar — diga-me como vão as coisas no escritório. — Forçara-se a não telefonar. Harvey praticamente ordenara que não o fizesse, e ela tinha obedecido. Sabiam o número do telefone dela, se precisassem lhe falar, e o patrão achava que lhe faria bem esquecer-se deles o mais completamente que pudesse. E, na verdade, ela se comportara melhor do que esperava. Até agora. — Como vão indo as minhas contas? Já as perdeu todas?

— Todinhas. — Charlie sorriu ao telefone, cheio de orgulho, e acendeu um charuto, mas franziu o cenho e olhou para o relógio, subitamente. — Que diabo está fazendo de pé a esta hora? Devem ser... o quê? Não são nem seis horas da manhã, aí! Onde você está?

Ficou imaginando de repente se ela abandonara a estância e estava de volta.

— Ainda estou aqui. Não conseguia dormir. Tenho acordado às quatro e meia todos os dias, e agora não sei o que fazer comigo. Parece que estou no meio da tarde. — Não exatamente, mas sem dúvida se encontrava bem desperta. — Como vão os garotos?

— Ótimos. — Houve um momento de hesitação na voz dele, mas logo se apressou a perguntar-lhe como ela se sentia. — Estão matando você de montar por aí, espero.

— Completamente. Ande, Charlie, me conte o que está acontecendo aí pelas suas bandas.

Subitamente teve vontade de saber tudo, desde as fofocas do escritório até quem estava ameaçando roubar qual conta de outra agência.

— Nada de mais, garota. Nova York não mudou muito nas duas últimas semanas. E quanto a você? — Ficou sério, por um momento, e **Sam** sorriu. — Está feliz aí, **Sam**? Está bem?

— Estou ótima. — E depois, com um pequeno suspiro: — Foi a coisa certa a fazer, embora eu deteste ter que admitir. Acho que precisava de algo assim bem radical. Passei a semana toda sem ver o telejornal das seis.

— Isso já é alguma coisa. Também, se está acordando às quatro e meia, provavelmente dorme às seis da tarde.

— Não exatamente, mas quase.

— E sua amiga... Caroline, e todos os cavalos? Vão bem?

Parecia um nova-iorquino falando que a fez rir, imaginando-o a soltar baforadas do charuto e fitando o espaço de pijama e roupão de banho, e talvez alguma coisa que os filhos lhe tivessem dado de Natal, como um boné ou uma luva de beisebol, ou um par de meias de listras vermelhas e amarelas.

— Todos aqui vão bem. Quero falar com Mellie.

Falou, e Melinda não percebeu o sinal de Charlie. Contou a **Sam** a novidade quase que imediatamente. Estava grávida. O bebê era para julho, e ela soubera naquela semana. Por uma fração de segundo fez-se um estranho silêncio, e logo **Sam** ficou cheia dos parabéns mais efusivos, enquanto, a distância, Charlie fechava os olhos e gemia.

— Por que lhe contou? — sussurrou com voz rouca para a mulher, que tentava continuar a conversa com **Sam**.

— E por que não? Vai descobrir quando voltar, de qualquer jeito. — Melinda cobrira o bocal com a mão, murmurara as palavras, depois tirara a mão e prosseguira. — Os garotos? Todos dizem que querem outro irmão, mas se não for uma garota, desta vez, peço as minhas contas.

Charlie fez gestos impacientes, deixou que ela se despedisse rapidamente, depois

se apossou do telefone de novo.

— Por que não me contou, cara? — **Sam** tentou parecer indiferente, porém como sempre, quando ouvia esse tipo de notícia, especialmente nos últimos tempos, sentia que algo muito antigo e triste e sensível fora tocado, bem no seu âmago. — Tinha medo de que eu não fosse agüentar? Não estou doente da cabeça, sabe, Charlie, estou apenas divorciada. *Não é a mesma coisa.*

— E quem está ligando para esse tipo de coisa, afinal de contas — falou, e havia algo triste e preocupado na voz dele.

— Você está. — A voz de **Sam** era muito suave. — E Mellie está. E eu estou. E vocês são meus amigos. Ela agiu bem, me contando. Não grite com ela quando sair do telefone.

— Por que não? — Sorriu, com jeito de culpa. — Preciso mantê-la na linha.

— Que jeito você tem de mantê-la na linha, Peterson. Ainda bem que você é o diretor artístico mais exageradamente bem pago do ramo. Vai precisar da grana, para toda essa filharada.

— É — resmungou, satisfeito — vou mesmo. — E, depois de um longo momento: — Bem, garota, seja boazinha para os seus cavalos e ligue para a gente, se precisar. E **Sam** — Fez-se uma pausa prolongada — todos pensa mos muito em você e sentimos a sua falta. Sabe disso, não é, meu bem?

Ela fez que sim, sem conseguir falar, a voz e os olhos imediatamente cheios de lágrimas.

— É, eu sei — Conseguiu finalmente deixar escapar. — E também sinto falta de vocês. Feliz Natal!

Depois, sorrindo por entre as lágrimas, jogou-lhe um beijo e desligou. Ficou sentada na cozinha por mais uma meia hora, o café gelado na xícara, os olhos grudados à mesa, o coração e os pensamentos a 4.800 quilômetros de distância, em Nova York. Quando ergueu novamente os olhos, viu que lá fora o dia nascia devagarinho, a noite passara do azul profundo para um cinza pálido, e ela se levantou e caminhou lentamente para levar a xícara até a pia. Ficou imóvel, e então soube exatamente o que queria fazer. Com passo resolutivo desceu o corredor, vestiu-se

silenciosamente, enfiou-se em duas suéteres grossas e uma jaqueta, botou o chapéu de vaqueiro que Caroline lhe emprestara há dias, e com um último olhar por cima do ombro para se certificar de que ninguém estava levantado, saiu silenciosamente do seu quarto, desceu o corredor e saiu pela porta da frente, fechando-a suavemente atrás de si.

Levou apenas alguns momentos para chegar aos estábulos, e ao chegar lá, parou a curta distância da baia dele. Não vinha nenhum som lá de dentro, e ela se perguntou se ainda estaria dormindo, o gigantesco animal de ébano lustroso que sabia que queria montar. Abriu suavemente a meia-porta e entrou, correndo a mão de leve pelo pescoço e flancos dele, e falando tão mansamente que quase arrulhava. Ele já havia acordado, mas não estava irrequieto. Black Beauty parecia estar esperando que ela viesse; olhou significativamente para **Sam**, por sob os cílios negros e rijos, e **Samantha** sorriu para ele, saindo da baia e indo buscar a sela e as rédeas, e voltando para prepará-lo para o passeio. Não houvera ninguém no estábulo para ver quando ela chegara, e ainda não havia ninguém ali.

Quando cruzou a porta principal com ele, dali a alguns minutos, não havia ninguém no vasto pátio, à luz da madrugada. Levou Black Beauty até um bloco próximo e subiu nele, rapidamente. Depois de se alçar até a sela com facilidade, e esticar bem as rédeas, afastou-se na direção das colinas já familiares. Sabia exatamente onde queria cavalgar, tinha visto uma trilha por entre os bosques alguns dias antes, e agora sabia que era para lá que desejava ir. A princípio cavalgou a meio galope para o seu destino, mas depois de um certo tempo, pressentindo que o enorme animal ansiava por andar mais depressa, ela permitiu que partisse a galope na direção do sol nascente. Era uma das sensações mais deliciosas de que se recordava, e apertou com mais força os joelhos contra os flancos dele, à medida que saltavam sem esforço por cima de uma série de arbustos baixos e um riacho estreito. Lembrou-se da primeira vez que o fizera saltar, mas sabia que agora era diferente. Não estava se arriscando com Black Beauty, esta manhã, mas também não estava zangada. Queria apenas tornar-se parte do corpo e da alma de Black Beauty. Sentia-se como um mito antigo ou uma lenda indígena, enquanto deixava que ele diminuísse a velocidade no topo de uma colina, e observava o sol iniciar a sua ascensão no céu. Foi só então que escutou o ruído dos cascos às suas costas, e soube que fora seguida, e se virou, surpresa. Porém, quando o viu cavalgando o malhado marfim e ônix na sua direção, não ficou surpresa ao ver **Tate** Jordan. Era como se ele também fizesse parte da lenda, como se ali

também fosse o seu lugar, como se também ele tivesse caído do céu matinal dourado e ígneo.

Cavalgava na direção dela em linha reta, com o malhado a todo o galope, dirigindo-se para ela com uma determinação quase feroz, e depois, no último momento, desviou-se para se postar bem ao seu lado. Ela o fitou cuidadosamente por um instante, sem ter certeza do que ia enxergar, temendo que ele fosse ficar zangado de novo, que fosse estragar o momento, que a amizade concebida na véspera já fosse morrer. Porém o que viu naqueles olhos verdes que a fitaram tão ferozmente não era raiva, desta vez, era algo muito mais suave. Ele não disse nada, apenas observando-a, depois fez um aceno de cabeça e seguiu adiante com o malhado. Estava claro que queria que ela o acompanhasse, e assim o fez, com Black Beauty se movendo sem esforço pelas trilhas que ele descobria, subindo colinas, descendo por pequenos vales, até que finalmente chegaram a uma parte da propriedade que ela jamais vira. Ali havia um pequeno lago e uma cabana, e ao chegaram ao topo da última colina e os enxergarem, **Tate** e o malhado suado diminuíram de velocidade. Virou-se para sorrir para ela, então, à luz da manhãzinha, e **Samantha** retribuiu o sorriso ao vê-lo frear o cavalo e desmontar.

— Ainda estamos na estância?

— Estamos — respondeu. — Acaba logo depois daquela clareira. A clareira ficava logo além da cabana.

— De quem é? — perguntou **Samantha**, indicando a cabana, imaginando se haveria mais alguém ali.

Tate não deu uma resposta direta.

— Encontrei-a faz muito tempo. Venho até aqui de vez em quando, não com frequência, mas quando quero ficar sozinho. Está trancada, e ninguém sabe que venho aqui.

Era um pedido de segredo, e **Samantha** compreendeu.

— Tem as chaves?

— Mais ou menos. — O belo rosto curtido abriu-se num sorriso. — No chaveiro de Bill King há uma chave que abre a porta. Eu me apropriei dela, certa vez.

— E tirou uma cópia? — indagou **Samantha**, chocada, e ele fez que sim.

Antes de qualquer coisa, **Tate** Jordan era um homem honesto. Se Bill King lhe tivesse perguntado, ele ter-lhe-ia contado. Mas Bill nunca perguntou, e **Tate** concluiu que não se importaria. Acima de tudo, não queria chamar a atenção para a cabana esquecida. Significava muito para ele.

— Guardo um pouco de café ali, se é que não ficou velho. Quer desmontar um pouco e entrar? — Não lhe contou que também guardava ali uma garrafa de uísque. Nada com que cometer excessos, mas algo para mantê-lo aquecido e acalmar-lhe a mente. Vinha para cá, às vezes, quando estava preocupado, ou se alguma coisa o estava incomodando e precisava ficar sozinho por um dia. Passara muitos domingos naquela cabana, e tinha as suas próprias idéias quanto ao tipo de finalidade que tivera, no passado. — Bem, Srta. Taylor?

Tate Jordan observou-a por um longo momento, e ela assentiu.

— Seria bom.

A idéia do café a atraía, a manhã estava excepcionalmente fria. Ele ajudou-a a desmontar e a amarrar o belo cavalo, depois foi na frente até a porta da cabana, pegou a sua cópia da chave, abriu a porta e se afastou para o lado para ela passar. Como o restante dos vaqueiros da estância, se mostrava sempre galante. Era como um último toque do Velho Oeste, e ela ergueu os olhos e sorriu para ele, ao entrar lentamente.

A cabana tinha um cheiro seco, bolorento, mas ao olhar à sua volta, os olhos da moça se arregalaram instantaneamente, de surpresa. O aposento único, grande e arejado, era decorado em *chintz* estampado de flores, um tanto antiquado, mas ainda muito bonito e atraente. Havia um pequeno sofá, duas cadeiras de vime com almofadas grossas e num canto, junto ao fogo, uma bela e imensa poltrona de couro que **Sam** viu imediatamente que era uma peça antiga. Havia uma pequena escrivaninha num canto, um rádio, uma pequena vitrola, várias prateleiras de livros, uma lareira grande e simpática e vários objetos engraçados que deviam ter algum significado para o dono da cabana: dois troféus belos e grandes, uma cabeça de javali, uma coleção de garrafas antigas, umas velhas fotos engraçadas em molduras antiquadas e enfeitadas. Havia um espesso tapete de urso aberto em frente à lareira e uma cadeira de balanço antiga e delicada, com um banquinho para os pés forrado com um pano bordado à mão próximo a ela. Era como um refúgio num conto de

fadas, oculto bem no meio da floresta, o tipo do lugar que dava vontade da gente vir se esconder do resto do mundo. Então, através de uma porta aberta. **Sam** enxergou um lindo quartinho azul, com uma cama de metal grande e linda coberta com um belo acolchoado, paredes azuis-claras, outro tapete de urso impressionante, e um pequeno abajur de latão com uma cúpula delicada. As cortinas eram azuis e brancas e cheias de babados, e havia uma linda paisagem de outra parte da estância pendurada em cima da cama. Era o tipo de quarto que dava vontade da gente passar o resto da vida.

— **Tate**, de quem é isto?

Samantha parecia vagamente intrigada, e **Tate** apenas apontou para um dos troféus pousados numa pequena prateleira na parede mais próxima.

— Dê uma olhada.

Ela se aproximou mais, e seus olhos se dilataram ao olhar para o troféu, depois para **Tate**, de novo para o troféu. Nele estava escrito WILLIAM B. KING, 1934. O segundo também era de Bill, mas datado de 1939. E então **Sam** olhou por cima do ombro para **Tate**, cheia de preocupação.

— Esta cabana é dele, **Tate**? Será que a gente devia estar aqui?

— Não sei a resposta à primeira pergunta, **Sam**. E quanto à segunda, provavelmente não. Mas, depois que achei este lugar, nunca mais pude ficar longe dele.

A sua voz era profunda e rouca, e os olhos buscavam os de **Sam**. Ela olhou à sua volta, silenciosamente, depois meneou a cabeça.

— Dá para entender por quê.

Enquanto **Tate** se dirigia para a cozinha, ela começou a olhar as velhas fotografias, e embora achasse que havia algo de familiar nelas, não tinha realmente certeza. Então, sentindo-se quase encabulada, passou para o quarto de dormir, a atenção despertada para a grande paisagem em cima da cama. Quando chegou perto do quadro e pôde ler a assinatura, parou de chofre. A artista assinara o nome em vermelho, no canto inferior direito: C. Lord. **Sam** deu meia-volta e quase fugiu do quarto, mas a porta estava bloqueada pelo corpanzil de **Tate**. Segurava uma xícara fumegante de café instantâneo e fitava o rosto dela.

— É deles, não é? — Eis aqui a resposta à sua pergunta, a pergunta que ela e Barbara se tinham feito tantas vezes, entre risos. Finalmente, neste pequeno quarto aconchegante com a colcha de retalhos e a imensa cama de metal que quase ocupava o quarto todo, ela teve certeza. — Não é, **Tate**?

De repente, **Sam** queria a confirmação, da parte dele, pelo menos. Ele assentiu, devagar, e entregou-lhe a xícara de um amarelo vivo.

— Acho que sim. É um belo lugar, não é? De certa forma, é a cara deles.

— Mais alguém sabe?

Sentia como se tivesse descoberto um segredo sacrossanto, e tivesse uma responsabilidade para com eles dois de saber se estava a salvo.

— Sobre eles? — Sacudiu a cabeça. — Pelo menos, nunca se teve a certeza. Mas eles foram um bocado cuidadosos. Nenhum dos dois revela coisa alguma.

Quando está com os homens, ele fala da "Dona Caroline", igual ao resto de nós, até mesmo a trata assim pessoalmente, na maior parte do tempo. Trata-a com respeito, mas sem nenhum interesse especial, e ela age do mesmo modo com ele.

— Por quê? — **Samantha** parecia intrigada, enquanto sorvia o seu café, depois largava a xícara e se sentava na beirada da cama. — Por que não deixaram as pessoas saber, anos atrás, e se casaram, se era o que desejavam?

— Talvez não fosse o que desejavam. — **Tate** parecia entender a situação, e vendo a expressão de **Sam** ao olhar para o seu rosto curtido, ficou claro que ela não entendia. — Bill King é um homem orgulhoso. Não ia querer que se dissesse que casou com Dona Caro por causa do dinheiro dela, ou da estância, ou do gado.

— E então têm isto? — **Sam** correu os olhos ao seu redor, num espanto renovado. — Um chalezinho no meio do bosque, e ele entra e sai na ponta dos pés da casa dela durante vinte e cinco anos.

— Talvez isso tenha mantido o romance sempre novo para eles. — **Tate** Jordan sorria, ao se sentar na cama, ao lado de **Sam**. — Sabe, há algo de muito especial no que a gente está vendo aqui. — Olhou à sua volta com um carinho e respeito que eram quase admiração. — Sabe o que a gente vê, **Samantha**? — Não esperou resposta e continuou. — Vê duas pessoas que se amam, cujas vidas se fundem perfeitamente, os

quadros dela e os troféus dele, as velhas fotos e discos e livros deles, a confortável poltrona de couro dele e a cadeira de balanço e o descanso para os pés dela, ao pé do fogo. Olhe só para aquilo, **Sam**. — Olharam juntos, pelo vão da porta. — Olhe só. Sabe o que está vendo ali? Está vendo o amor. É isso o que o amor é, aquelas painéis de cobre, almofada bordada a mão, e aquela cabeça gozada de javali. O que você vê ali são duas pessoas, duas pessoas que se amam há muito tempo, até hoje.

— Acha que eles ainda vêm aqui?

Sam estava quase sussurrando, e **Tate** achou graça.

— Duvido. Ou se vêm, não é com muita frequência. É provável que eu venha mais do que eles. A artrite de Bill tem-lhe dado muita amolação, nos últimos anos. Desconfio — baixou a voz — que agora eles ficam mesmo é na casa grande.

Quando ele falou, **Samantha** se lembrou das portas que se abriam e fechavam, todas as noites. No entanto, mesmo depois de todos esses anos, eles ainda se encontravam às escondidas, na calada da noite.

— Ainda não entendo por que guardaram segredo.

Tate olhou para ela por longo tempo, depois deu de ombros.

— Às vezes, é assim que as coisas são. — Sorriu para ela, então. — Não estamos em Nova York, **Samantha**. Muitos dos valores à moda antiga ainda estão em vigor, aqui.

Para ela, isso não fazia sentido. Nesse caso, deviam ter-se casado. Santo Deus, aquilo durava 20 anos, afinal de contas.

— Como achou este lugar, **Tate**?

Levantou-se e voltou para a sala, e dali a alguns minutos se sentou na confortável cadeira de balanço de Caroline.

— Foi por puro acaso. Eles devem ter passado um bocado de tempo aqui, no passado. Tem um jeito de lar de verdade.

— É um lar de verdade.

Sam fitou a lareira vazia com ar sonhador, enquanto falava, pensando no elegante

apartamento que deixara em Nova York. Não tinha nenhuma das qualidades que ela sentia aqui, não tinha mais nada do amor, do carinho, do conforto terno, do consolo que sentia só de estar sentada naquela velha cadeira de balanço.

— Dá vontade da gente ficar aqui para sempre, não é? — Sorriu para ela e acomodou o corpanzil na poltrona de couro. — Quer que acenda o fogo?

Ela sacudiu rapidamente a cabeça.

— Eu ia ficar muito preocupada, depois que fôssemos embora.

— Eu não ia deixar que ficasse aceso, bobinha.

— Eu sei. — Trocaram outro sorriso. — Mas eu ia ficar preocupada, de qualquer jeito. Sabe, uma fagulha perdida, ou qualquer coisa assim... isto aqui é especial demais para se correr o risco. Não iria querer que nada pudesse estragar o que eles têm aqui. — E, olhando para ele com mais seriedade: — Acho até que nem devíamos ter vindo.

— Por que não? — O queixo pontiagudo se esticou um pouquinho. — Não é nosso. É deles, é particular e secreto. Não iam querer que estivéssemos aqui, ou que soubéssemos deles...

— Mas nós sabíamos, de qualquer jeito, não é?

Fez a pergunta com suavidade, e ela concordou, lentamente.

— Sempre desconfiei. Barb, a sobrinha de Tia Caro, e eu costumávamos falar nisso durante horas, tentando adivinhar, admitindo e não admitindo. Nunca tivemos certeza.

— E depois que você cresceu?

Sorriu, em resposta.

— Então, pressenti. Mas ainda estava em dúvida.

Ele meneou lentamente a cabeça.

— Eu também. Sempre pensei que tinha certeza. Mas não tinha, na verdade. Até chegar aqui. Este lugar conta a sua própria história. — Correu os olhos à sua volta, de novo. — E que linda história ele conta.

— É — Concordou **Sam**, começando a se balançar devagarinho na velha cadeira.
— Seria ótimo amar alguém desse jeito, não é? O bastante para construir alguma coisa juntos, e para mantê-la ao longo de vinte anos.

— Quanto tempo durou o seu casamento, **Sam**?

Era a primeira pergunta pessoal que lhe fazia, e ela olhou para ele, frontalmente, e respondeu depressa, aparentemente sem emoção. Mas não pôde deixar de se perguntar como soubera que ela fora casada.

— Sete anos. E o seu?

— Cinco. Meu filho era um pixotinho quando a mãe se mandou.

— Aposto que ficou feliz quando o pegou de volta. — Então, enrubesceu furiosamente, lembrando-se da história, e de que dissera uma coisa tão insensível, inadvertidamente. — Desculpe, não quis dizer...

— Tudo bem — disse, fazendo um gesto suave com a mão. — Sei o que quis dizer. E, pombas, fiquei feliz. Mas lamentei à beça a mãe dele ter morrido.

— Você a amava, mesmo depois dela tê-lo abandonado?

Era uma pergunta chocante, mas, de repente, não fazia mal. Era como se, neste santuário de Bill e Caro, pudessem dizer qualquer coisa e perguntar qualquer coisa que quisessem, contanto que tivesse importância, contanto que não se tivesse a intenção de magoar.

Tate Jordan sacudiu devagar a cabeça.

— Amava, sim. De certa forma, ainda amo, e ela já morreu há quase quinze anos. É gozado. A gente não se lembra de como as coisas eram, no final. E quanto a você, **Sam**, é a mesma coisa? Lembra-se do seu marido de quando o amou, no começo, ou lembra do filho da puta que ele era, no final?

Sam riu baixinho da franqueza dele e meneou a cabeça, enquanto se balançava.

— Meu Deus, mas como isso é verdade. Por que, fico me perguntando. Por que me lembro dele de quando estávamos na faculdade, de quando ficamos noivos, na nossa lua-de-mel, no nosso primeiro Natal. Por que não fico logo me lembrando dele com as suas meias e as minhas entranhas saindo pelas beiradas da mala, enquanto se

mandava porta afora?

Os dois riram da imagem que ela criara, e **Tate** sacudiu a cabeça e se virou de novo para ela, os olhos cheios de perguntas.

— Foi assim que foi, então? Ele a abandonou, **Sam**?

— Foi — respondeu, abruptamente.

— Por outra pessoa? — Ela fez que sim, mas sem parecer aflita, desta vez. Estava apenas admitindo uma verdade. — Foi a mesma coisa com a minha patroa. — **Sam** percebeu, ouvindo **Tate** falar agora, que estava se parecendo mais com os outros vaqueiros. Talvez aqui pudesse relaxar. Não tinha mais que impressioná-la, e não havia mais ninguém por perto. — É de cortar o coração da gente, não é? Eu tinha vinte e cinco anos, e pensei que ia morrer.

— Eu também — disse **Sam**, olhando fixamente para ele. — Eu também. Na verdade — Suspirou baixinho — acho que todo mundo no meu escritório pensou a mesma coisa. É por isso que estou aqui. Para me recuperar. Para me afastar.

— Quanto tempo faz?

— Desde agosto.

— É tempo suficiente.

Parecia displicente, e ela reagiu.

— É? Para o quê? Para esquecê-lo? Para estar me lixando? Bem, meu chapa, errou dessa vez, tente de novo.

— Você pensa nele o tempo todo?

— Não — respondeu, com sinceridade. — Mas penso demais.

— Já está divorciada?

— Já, e ele já casou de novo e vão ter um bebê em março.

Melhor contar-lhe tudo logo de uma vez. E, de uma maneira estranha, era bom botar tudo para fora, todas as verdades dolorosas, as confissões verdadeiras. Era maravilhoso livrar-se delas. Porém notou que ele a observava.

— Aposto que isso dói um bocado.

— O quê?

Por um momento, não entendeu bem o que ele queria dizer.

— O bebê. Você queria ter filhos?

Ela hesitou apenas um instante, depois assentiu, saindo repentinamente da cadeira de balanço.

— Para falar a verdade, queria, Sr. Jordan. Mas sou estéril. Então, meu marido foi buscar o que queria noutro lugar...

Ficou parada à janela, olhando para o lago, e não o ouviu chegar, e de repente estava atrás dela, com os braços à volta da sua cintura.

— Não tem importância, **Sam**... e você não é estéril. Estéril é alguém que é incapaz de amar, que não sabe dar nada, que está trancada e liquidada e acabada. Isso é só o que importa, e você não é assim, **Sam**. Não é assim.

Virou-a lentamente de frente para si, e ela estava com os olhos cheios de lágrimas. Não queria que ele as visse, mas não pudera resistir à atração magnética das mãos dele que a viraram lentamente, pela cintura. Beijou-a docemente em ambos os olhos, depois baixou a boca sobre a dela com tanta força e por tanto tempo que ela finalmente teve que lutar para respirar.

— **Tate**... não... não...

Estava lutando, mas debilmente, e ele só fez apertá-la mais ainda contra si. Ela podia sentir o cheiro de sabão e tabaco que emanava dele e a textura áspera da lã da sua camisa contra a face, quando se virou e apoiou o rosto contra o peito dele.

— Por que não? — Colocou o dedo sob o queixo dela e fê-la olhar de novo para ele. — **Sam**? — Ela ficou calada, e **Tate** a beijou outra vez. A voz dele soava doce aos seus ouvidos, quando falou com ela, e **Sam** podia sentir o coração batendo com força dentro do peito. — **Sam**, quero você, mais do que já quis qualquer mulher, antes.

Ela falou baixinho, mas com emoção, fitando-o nos olhos.

— Isso não basta.

Ele assentiu, devagar.

— Compreendo. — E, após um longo momento: — Não posso oferecer mais do que isso, atualmente.

Agora era a vez dela. Sorriu docemente e fez a mesma pergunta:

— Por que não?

— Porque... — Hesitou, depois deu uma risadinha abafada. — Porque eu sou estéril de verdade. Não tenho mais nada daquilo para dar.

— Como pode saber? Tem tentado, ultimamente?

— Não nesses dezoito anos — respondeu, rápida e sinceramente.

— E acha que é tarde demais para amar outra vez? — Ele não deu resposta, e **Sam** olhou ao seu redor, o olhar parando nos troféus, depois voltando para ele. — Acha que ele a ama, **Tate**? — Ele fez que sim. — Eu também acho. Ele não pode ser mais corajoso do que você, e é um homem e tanto. — E, olhando para **Tate**: — E você também é.

— Isso quer dizer... — Falava meigamente, os lábios roçando os dela e o coração de **Sam** batendo descontrolado entre as suas costelas, perguntando-se o que estava fazendo beijando este estranho, este vaqueiro, e tentando justificar para ele por que devia se apaixonar. Queria perguntar a si mesma que diabo pensava que estava fazendo, mas não havia tempo. — Isso quer dizer — Continuou ele — que se eu lhe dissesse que a amo, estaríamos fazendo amor agora? — Parecia estar achando divertido, e ela sacudiu a cabeça, com um pequeno sorriso. — Foi o que pensei. Portanto, do que está tentando me convencer, e por quê?

— Estou tentando convencê-lo de que não é tarde demais para se apaixonar de novo. Olhe só para eles, quando começaram, eram mais velhos do que somos agora. Tinham que ser.

— É. — Mas ele não pareceu convencido. Então, voltou os olhos para ela com uma expressão pensativa. — Que diferença faz para você se eu voltar a me apaixonar?

— Gostaria de saber que isso é possível.

— Por quê? Está fazendo pesquisas para a ciência?

— Não — Murmurou. — Para mim mesma.

— Então, é isso. — Correu a mão de leve pela cabeleira louro-pálida da moça, lutando com os grampos que a prendiam num coque firme na nuca, e de repente libertou o cabelo que lhe caiu costas abaixo. — Meu Deus, o seu cabelo é lindo, **Sam...** *palomino...* — Falou com muita meiguice. — Pequena *palomino...* que linda você é...

O sol brilhava na janela e dançava por entre os fios de ouro do cabelo da moça.

— Está na hora de voltarmos, agora — Disse ela, suave mas firmemente.

— Está?

— Está.

— Por quê? — Beijava o queixo dela, o maxilar, o pescoço. **Sam** não fazia objeção, mas também não ia deixar que passasse daí. — Por que está na hora de voltarmos agora, **Sam**? Ah, Deus, você é tão linda...

Ela pôde sentir um arrepio correr pelo corpo dele e se afastou lentamente, com um meneio de cabeça.

— Não, **Tate**.

— Por que não?

Por um momento viu o fogo nos olhos dele, e quase sentiu medo.

— Porque não é direito.

— Pombas, sou um homem, você é uma mulher... não somos crianças. O que você está querendo? — Ergueu a voz, numa irritação incontida. — O romance perfeito, uma aliança no dedo antes de ir para a cama?

— E você, o que está querendo, vaqueiro? Só uma trepadinha rápida?

A força das palavras dela atingiu-o como uma bala, e pareceu aturdido, enquanto sacudia lentamente a cabeça.

— Sinto muito — disse, friamente, depois foi até a pia lavar as xícaras que tinham usado. Porém, quando terminou, viu que ela ainda estava parada ali, observando-o, e logo a seguir pôs-se a falar.

— Eu não sinto. Gosto de você. Na verdade — estendeu a mão e segurou o braço dele — gosto de você pra burro. Mas não quero me machucar, da próxima vez.

— Não pode ter o tipo de garantias que está querendo, **Sam**. Não da parte de ninguém. E não da minha parte. As únicas garantias que vai conseguir serão mentiras.

Havia alguma verdade no que dizia, e ela sabia, mas não era só as promessas que queria, era uma coisa real.

— Sabe o que quero? — Correu os olhos pela cabana, ao falar. — Quero isto. Quero esse tipo de entrosamento e fusão e carinho, depois de mais de vinte anos.

— Acha que eles tinham tanta certeza, no começo? Acha que sabiam então o que sabem agora? Porra, não. Ela era dona da estância, e ele um empregado. Era só o que sabiam.

— Acha mesmo? — Os olhos de **Samantha** lançavam faíscas para ele. — Sabe o que mais eu aposto que sabiam?

— O quê?

— Aposto que sabiam que estavam apaixonados. E até que eu encontre isso, até que um homem me ame e eu o ame, não vou lá fora brincar de novo.

Ele abriu a porta e trancou-a, depois que passaram.

— Vamos.

Porém ela notara, quando passara por ele, que não estava zangado. Compreendera tudo o que ela lhe dissera, e **Sam** se pegou imaginando o que faria, agora, e o que ela própria faria. Por um momento, apenas um momento, tivera vontade de abandonar toda a restrição e cautela, mas resolvera não fazê-lo. Não porque não o desejasse, mas porque o desejava muito. **Tate Jordan** era um homem e tanto.

— Podemos voltar aqui? — indagou, olhando-o de frente enquanto ele a ajudava a montar o imenso cavalo puro-sangue.

— Quer mesmo voltar?

Ela fez que sim, e ele sorriu sem dizer palavra. Ela se apoiou nas mãos em concha

dele e voou para a sela. Dali a um momento, estava com as rédeas na mão, os calcanhares nos flancos do cavalo, e voava ao vento, ao lado de **Tate Jordan**.

Capítulo 11

— Deu um bom passeio, querida?

Caroline olhou para ela com ar benévolo quando **Samantha** entrou sala adentro, o cabelo solto, o rosto rosado, os olhos brilhantes. Parecia uma visão de juventude e saúde e beleza, e Caroline não pôde deixar de sentir um pouquinho de inveja, ao observar os membros jovens se enroscando numa poltrona confortável.

— Muito bom, obrigada, Tia Caro.

Estava morrendo de vontade de contar-lhe que tinha visto a sua cabana, mas sabia que não podia. A emoção, porém, ainda perdurava. Da cabana e do beijo que ela e **Tate** tinham trocado na baía de Black Beauty. Fora um beijo que cauterizara cada canto dela e atingira as regiões inferiores da sua alma. Ele era um homem diferente de qualquer outro, mais vigoroso e mais independente e mais atraente do que qualquer um que conhecesse ou que viria a conhecer.

— Viu alguém, hoje de manhã?

Era uma pergunta trivial, nascida de 30 anos de vida quase comunal numa estância grande. Não se passava uma só hora sem que a pessoa encontrasse alguém, batesse um papo sobre alguma coisa ou escutasse alguma coisa sobre outrem.

Estivera prestes a dizer "Ninguém", depois resolvera contar a verdade a Caroline.

— Vi **Tate Jordan**.

— Ah... — foi uma palavrinha sem grande ênfase ou interesse. — E como vai o Papai Noel, depois de ontem à noite? A garotada curte-o de verdade, todos os anos.

Samantha sentiu-se tentada a dizer "Eu também", mas não teve coragem.

— E deve, mesmo. Ele é um homem muito simpático.

— Quer dizer que cedeu? Não o odeia mais?

— Nunca odiei. — Tentou parecer despreocupada, enquanto se servia de uma

xícara de café. — Só não concordávamos quanto à minha capacidade de montar o seu cavalo.

— E ele mudou de idéia? — **Samantha** fez que sim, com um largo sorriso de satisfação. — Não admira que goste dele. Como aprovamos efusivamente aqueles que nos aprovam! Mas ele é um bom homem, não importa o que possa ter dito com relação a você montar Black Beauty. Conhece esta estância tão bem quanto eu e Bill.

Cada pedacinho dela... até a cabana, **Samantha** se pegou pensando, e teve que tomar um gole de café para não sorrir.

— O que vai fazer hoje, Tia Caro?

— Trabalhar nos livros, como sempre.

— No dia de Natal? — exclamou **Samantha**, chocada. Caroline concordou, zelosamente.

— No dia de Natal.

— Por que não fazemos um jantar de Natal, ao invés disso?

— Que eu me lembre — Disse Caroline, olhando para ela com ar divertido — já fizemos isso, ontem à noite.

— Mas foi diferente. Foi para todo o mundo. Por que você e eu não fazemos um jantar hoje para Bill King e **Tate**?

Caroline olhou-a fixamente por um momento, depois meneou a cabeça.

— Não creio que fosse dar certo.

— Por que não?

Caroline soltou um leve suspiro.

— Porque eles são empregados da estância, **Samantha**, e nós não somos. Existe uma hierarquia muito definida, numa estância.

— Você nunca janta com Bill? — **Sam** estava chocada.

— Muito raramente. Só em ocasiões especiais, quando alguém se casa, ou morre.

Somente em noites como as de ontem, no Natal, é que todas as barreiras caem. No restante do tempo, você é quem é, e eles... eles cuidam para que as barreiras fiquem erguidas, **Sam**.

— Mas, por quê?

— Por respeito. É assim que as coisas são.

Parecia aceitar a situação, mas **Sam** continuava a se aborrecer com ela.

— Mas que besteira. Que diferença faz a hierarquia, pelo amor de Deus! Quem está se importando?

— Eles estão. — A voz de Caroline era como uma ducha de água fria. — Importam-se muito com as aparências, a posição, com quem você é e o respeito que acham que lhe devem. Como dona da estância, eles a colocam num pedestal e não permitem que você desça dele. Às vezes é cansativo, mas é assim que é. Temos que aceitar. Se convidássemos Bill e **Tate** aqui para casa, hoje, eles ficariam genuinamente chocados.

Mas **Sam** estava achando difícil acreditar nisso, lembrando-se do convite de **Tate** para ela dormir com ele, na cabana. Ainda não lhe ocorrera que aquilo era diferente; era particular. Não era como jantarem juntos na casa grande.

— Bem, ainda não faz sentido para mim.

Caroline sorriu-lhe carinhosamente.

— Também nunca fez para mim, mas agora eu aceito, **Sam**. É mais simples, assim. É o jeito deles. — Seria este o motivo para a cabana, então? Porque ele era um empregado da estância, e ela era algo muito diferente, a dona? Será que todo o sigilo era por causa de uma coisa assim tão simples? Estava morrendo de vontade de perguntar, mas sabia que não podia. — Haverá refeições de peru frio o dia todo no salão principal, **Sam**. Você pode ir para lá e bater papo com quem estiver presente. Mas eu realmente tenho que trabalhar algumas horas com Bill, no meu escritório. Sinto-me muito mal de estar abandonando-a no dia de Natal, **Sam**, mas temos que terminar isso.

Ao longo dos anos, o propósito fixo de Caroline e Bill sempre fora a estância. Mas agora, **Sam** se pegou imaginando se sentiriam falta da cabana. Tinham que sentir. Era

um lugar tão perfeito para a gente se isolar. Ficou se perguntando, também, quanto tempo fazia desde que tinham estado lá pela última vez, com quanta frequência iam no começo, se já a possuíam naquela época... e se perguntou, também, quando voltaria ali com **Tate**.

— Eu estarei bem, Tia Caro. Tenho que escrever umas cartas. Vou comer alguma coisa no salão principal, quando me der fome.

De repente, deu-se conta de que queria ver **Tate** de novo, nem que fosse de relance. Era como se ele a tivesse impressionado tanto que não pudesse esquecê-lo. Só conseguia pensar nele, nas suas mãos e lábios e olhos...

Porém, quando foi almoçar no salão principal, dali a meia hora, não viu sinal dele, e Josh mencionou casualmente, quando ela se encontrou com ele perto da cachoeira, algumas horas mais tarde, que **Tate** fora até a Estância Bar Three, a 40 quilômetros de distância, para visitar o filho.

Capítulo 12

Na escuridão prateada da madrugada, **Tate** Jordan deu o sinal e as duas dúzias de vaqueiros que seguiam as suas ordens esporearam os cavalos e o seguiram, na direção da porteira principal. Hoje, a maioria deles estava arrebanhando os touros novos para a castração, e o próprio **Tate** e mais um pequeno grupo iam até uma garganta estreita para ver se a ponte que ali havia estava caída. Quando a alcançaram, uma hora depois, constataram que tudo estava mais ou menos em ordem, mas, na volta, viram que duas árvores tinham sido atingidas por um raio, caindo ambas sobre o telhado de um barracão, danificando um trator e algumas ferramentas. Durante duas horas os homens trabalharam, arrancando galhos do prédio, examinando as ferramentas, tentando dar partida no motor, e finalmente ativando uma imensa serra para poderem remover as árvores partidas. Era um trabalho estafante para todos, especialmente para **Samantha**, e quando finalmente pararam para almoçar, a cabeleira loura de **Sam** estava úmida pelo esforço que fizera, e a grossa camisa de flanela se lhe grudava ao peito.

— Café, **Sam**?

Tate passou-lhe o café, como fazia com os outros, e apenas por uma fração de segundo **Sam** pensou ter visto algo especial brilhando nos olhos dele. Porém, dali a

um momento, quando ele lhe deu novas instruções sobre o que queria que fosse feito com as ferramentas quebradas, teve certeza de que imaginara a atenção anterior. Era óbvio que o relacionamento deles era de novo estritamente profissional. E no final do dia teve certeza absoluta. Ele agora a tratava bem, como tratava os outros, pilheriou com ela uma ou duas vezes e mandou que descansasse quando viu que não agüentava mais. Mas não lhe ofereceu nenhuma palavra especial, nenhum encorajamento diferente, enquanto suava e dava duro. No final do dia, quando ela deixou Navajo na baia, Tate não lhe disse qualquer palavra ao sair da cocheira e se dirigir para a sua própria cabana, não muito distante do salão principal.

— Trabalho duro hoje, hein, Sam? — Falou Josh, por cima do ombro, ao guardar a sela, e ela fez que sim, lançando um breve olhar para as costas de Tate e se perguntando, subitamente, se os momentos na cabana escondida tinham sido uma espécie de aberração, um breve clarão em que ambos tinham perdido o controle, e depois o recuperado. E ficou contente por não ter sucumbido à poderosa atração que sentia. A essa altura ele estaria rindo dela, pensou rapidamente, tentando se lembrar do que Josh dissera. — Está parecendo exausta.

— E não estamos todos! É uma dureza trabalhar lá fora. — Mas não parecia aborrecida, ao falar, e estava contente por ter-lhe sido poupada a sessão da castração dos touros novos, que durara o dia todo. Pelo que vira anos atrás, era uma experiência sangrenta e desagradável, e achou muito melhor ter passado o dia como passou, com Tate e os outros, lutando com os galhos das árvores abatidas e com as pesadas ferramentas no barracão esmagado. — Até amanhã!

Acenou para ele, com um sorriso cansado, e se dirigiu para a casa grande, ansiosa por um banho quente e pelo jantar, e logo a seguir, pela sua cama quentinha. A sua vida na estância parecia ficar mais simples a cada dia. Dormia, acordava, comia e trabalhava como uma condenada. Mas era exatamente o que queria. Mal tinha tempo para pensar. Embora, ultimamente, alguns pensamentos parecessem não deixá-la em paz: visões do rosto de Tate enquanto estavam lado a lado na cabana, conversando sobre Bill e Caro... e sobre eles próprios.

Quando ela entrou na simpática casa da estância, chamou por Caroline, mas apenas o silêncio lhe respondeu. E dali a alguns minutos, na cozinha, encontrou um bilhete que explicava que Caroline fora fazer uma viagem de 160 quilômetros com Bill King. Havia alguns problemas com os impostos que não podiam ser explicados

por telefone, portanto eles tinham ido procurar o contador. Estariam de volta tarde da noite ou pela manhã, mas de qualquer forma, obviamente, **Sam** não devia esperar por eles. Havia uma galinha já assada no forno, uma grande batata assada a acompanhá-la e uma salada na geladeira. Mas, a despeito do dia duro de trabalho, **Sam** descobriu que não estava com tanta fome quanto imaginara, alguns momentos antes. A idéia de comer sozinha não a atraía muito. Em vez disso, dirigiu-se devagar para a sala de visitas, pensando que mais tarde prepararia um sanduíche, mas quase sem pensar abaixou-se, mexeu no botão e ligou a TV. E pôde sentir algo semelhante a um choque elétrico percorrê-la, ao ouvir a voz de John ressoar na sala aconchegante e pouco depois ver a barriga intumescida de Liz e o seu rosto sorridente. Aquilo a fez lembrar novamente o que acontecera, e enquanto **Sam** assistia ao programa os seus olhos demonstravam a mesma tristeza que trouxera consigo de Nova York. Estava fitando-os e escutando o seu bate-papo costumeiro quando se deu conta, subitamente, de que alguém estava batendo à porta há vários minutos. Pelo que lhe parecera horas, estivera hipnotizada pelas duas pessoas sorridentes no noticiário, e fora quase incapaz de se afastar dali. Com um rápido girar do botão elas desapareceram da tela, e com uma expressão de infelicidade à volta dos olhos, **Sam** foi até a porta e abriu-a. Não era necessária a cautela nova-iorquina do "Quem é?" Aqui, só podia ser ou vaqueiros ou amigos, simplesmente não havia inimigos. Quando escancarou a porta deparou com uma camisa de xadrez azul-marinho e uma jaqueta de brim familiar, e deixou o olhar subir rapidamente até encontrar o rosto de **Tate Jordan**.

— Oi, **Tate**.

Parecia cansada e distraída, a cabeça ainda cheia das imagens do ex-marido e da nova mulher.

— Algum problema? — Ficou imediatamente preocupado ao olhar para ela, mas a moça sacudiu a cabeça. — Parece que teve más notícias.

— Não — retrucou, com ar vago. Mesmo que se sentisse um lixo, não podia mais chamar aquilo de "má notícia". — Não exatamente. Acho que estou só cansada.

Sorriu para ele, mas não era o sorriso descontraído e gostoso a que estava se acostumando, e **Tate** se perguntou o que a fizera tão infeliz para estar com aquela cara. Pensou que talvez tivesse recebido um telefonema de casa, ou uma carta malcriada do ex-marido. Conhecia aquela expressão, pelas brigas que tivera com a ex-

mulher, há anos.

— Se matou de trabalhar hoje, pequena Palomino.

O sorriso dele era como uma recompensa no final de um dia duro, e desta feita, quando ela retribuiu o sorriso, foi pra valer.

— Que bom que você notou. — Porém estava sabendo, a esta altura, que **Tate** Jordan via tudo. Era parte do motivo pelo qual era um homem tão valioso para se ter na estância. Conhecia todos os seus homens, a qualidade do seu trabalho, a sua lealdade, a sua devoção, o que tomavam e davam à Estância Lord, de todas as maneiras possíveis. A seguir, fitando-o com uma pergunta, ela deu um passo para o lado. — Quer entrar?

— Não quis incomodá-la, **Sam**. — Pareceu momentaneamente encabulado, ao entrar na casa. — Acabo de saber que Bill e Caroline foram ver o contador. Só quis me certificar de que você estava bem. Quer vir jantar lá no salão? — Ficou emocionada com a gentileza dele e, de repente, perguntou-se se estava enxergando algo mais no seu sorriso. Mas era difícil saber, com **Tate** Jordan. Havia vezes em que não se podia ler absolutamente nada nos profundos olhos verdes, e ainda menos no rosto fortemente vincado. — Já jantou?

Podia sentir o cheiro da galinha no forno e ela sacudiu a cabeça.

— Não. Caroline me deixou uma galinha, mas não estava com... não tive tempo de... — Enrubesceu, de repente, lembrando-se do telejornal que ficara assistindo, em vez de comer. Então, olhando para ele, fez um gesto na direção da cozinha e inclinou a cabeça para o lado, jogando a cabeleira loura costas abaixo. — Quer jantar aqui comigo, **Tate**? Tem comida de sobra.

Podiam dividir a batata, havia a galinha inteira e a salada dava para alimentar metade dos homens da estância. Caroline sempre cozinhava como se estivesse esperando um exército, devido aos anos passados cercada de vaqueiros e amigos.

— Não lhe daria muito trabalho?

Estava hesitante, o corpanzil parecendo repentinamente grande demais para o teto baixo, mas **Samantha** sacudiu rapidamente a cabeça.

— Não seja bobo. Caroline deixou comida bastante para dez pessoas.

Ele riu e a seguiu até a cozinha, e enquanto tagarelavam sobre a estância e o dia de trabalho, ela botou a mesa, e dali a alguns minutos estavam devorando a galinha e a salada como se jantassem juntos todos os dias.

— Que tal é Nova York? — Perguntou, sorrindo para ela, depois de terem terminado de comer.

— Ah... uma loucura, acho que é a melhor maneira de descrevê-la. Gente demais, barulho demais, sujeira demais, mas é muito excitante. Todo mundo em Nova York parece estar fazendo alguma coisa; indo ao teatro, começando um negócio, ensaiando um bale, falindo, enriquecendo, ficando famoso. Não é um lugar para simples mortais.

— E você?

Fitou-a atentamente, quando ela se levantou para servir café para ambos.

— Eu costumava achar que a adorava. — Deu de ombros ao pousar as xícaras de café fumegante e se sentar de novo. — Agora, às vezes, não tenho tanta certeza. Tudo parece tão longe, agora, e tão sem importância. É gozado, há três semanas eu não saía do escritório para ir cortar o cabelo sem ligar para lá três vezes por hora para me certificar de que tudo estava indo bem. E agora estou ausente há quase três semanas, e quem está achando diferença? Eles não estão. Eu não estou. É como se eu nunca tivesse morado ali. — Porém também sabia que, se voltasse para lá naquela noite, na manhã seguinte pareceria que nunca tinha saído da cidade, e acharia novamente que jamais poderia voltar a sair. — Acho que o problema com Nova York é que vicia. Depois que a gente consegue se livrar do vício, tudo bem, mas enquanto está dependente — sorriu com simpatia para ele — cuidado!

— Conheci mulheres assim, na vida!

Os olhos dele dançavam, travessos, enquanto sorvia o café fumegante na delicada xícara branca.

— Conheceu, Sr. Jordan? Gostaria de me contar como foi?

— Neca. — Sorriu de novo. — E quanto a você? Deixou alguém à sua espera em Nova York ou fugiu de tudo isso, também?

O olhar da moça ficou sério por um momento, depois que ele fez a pergunta, e então ela sacudiu a cabeça.

— Não fugi, **Tate**, saí de lá. Tirei umas férias... — Hesitou de novo. — Um período de repouso, foi o que disseram no escritório. E não, não deixei ninguém à minha espera. Pensei que tinha entendido tudo isso, no outro dia.

— Nunca faz mal perguntar.

— Não saí com ninguém, depois do meu marido.

— Desde agosto? — Ficou surpresa ao ver que ele se lembrava, mas fez que sim.
— Não acha que já está na hora?

Não quis dizer para ele que estava começando a achar que sim, agora.

— Pode ser. Tudo vai acontecer na hora certa.

— Vai? — Falou com meiguice, debruçando-se para ela e beijando-a como a beijara antes. Novamente ela sentiu o coração batendo contra a mesa, enquanto o seu corpo se movia para perto dele, e com uma das mãos ele segurava o seu rosto, enquanto com a outra alisava o cabelo sedoso. — Meu Deus, você é linda, **Sam**. Você me tira a respiração, sabia?

Beijou-a de novo, depois afastou os pratos que estavam em cima da mesa e puxou-a para junto de si, até que ficaram ambos sem fôlego, beijando-se na casa silenciosa. Foi então que **Sam** se afastou gentilmente dele, com um sorriso encabulado nos lábios.

— Tia Caro ficaria chocada, **Tate**.

— Ficaria? — Não parecia convencido. — Duvido. — E, no mesmo momento, ambos se pegaram pensando em Caroline e Bill King, na sua pequena viagem. Provavelmente passariam a noite juntos, num motel de estrada. Aquilo fez **Sam** pensar novamente na pequena cabana escondida, e **Tate** sorriu ao lembrar dela, também. — Se não estivesse tão escuro, poderíamos ir até lá. Gostei de ficar ali com você, **Sam**.

— Na cabana?

Compreendera imediatamente o que ele estava pensando e **Tate** assentiu.

— No outro dia — a voz dele a acariciava, e ele se pôs de pé — senti como se ela tivesse sido feita para nós. — Sorriu para ele, que a fez levantar lentamente até que

ficasse parada diante de si, apequenada pelo seu tamanho, o próprio corpo alto minúsculo ao lado do dele, os seios apertados de encontro a ele quando a puxou para perto de si, e a sua boca ávida pela dele novamente, enquanto ele lhe acariciava lentamente as costas e o cabelo. Afastou-a de si, então, com um murmúrio: — Sei que parece loucura, **Sam**, mas eu a amo. Soube que a amava na primeira vez que a vi. Tive vontade de tocá-la e abraçá-la e correr as mãos por esse cabelo de *palomino*. — Sorriu com meiguice para ela, mas **Samantha** parecia pensativa. — Está acreditando, **Sam**?

Os grandes olhos azuis da moça encontraram-se com os olhos verdes dele, e pareceu perturbada.

— Não sei no que acreditar, **Tate**. Estava pensando no que lhe disse no outro dia, que simplesmente fazer amor com alguém não seria o bastante. É por isso que está dizendo tudo isso?

— Não. — A voz dele ainda era um murmúrio, a boca junto ao ouvido dela, enquanto lhe beijava o pescoço. — Disse porque é verdade. Tenho pensado um bocado em você, desde o outro dia. O que você quer não é diferente do que eu sinto, **Sam**. — A voz ficou mais forte, enquanto estendia as mãos para tomar as dela. — Você só quer que eu expresse os meus sentimentos com palavras. Não estou acostumado a fazer isso. É mais fácil dizer "Quero fazer amor com você" do que dizer "Eu a amo". Porém nunca encontrei uma mulher a quem desejasse tanto quanto a desejo.

— Por quê? — Falou num sussurro rouco, com toda a mágoa que John deixara vivamente estampada nos olhos. — Por que me deseja?

— Porque você é tão linda... — Estendeu as mãos fortes, mas cuidadosas, e tocou suavemente nos seios dela. — Porque gosto do jeito que ri e do jeito que fala... e do jeito que monta aquele maldito cavalo de Caro... e do jeito que trabalha feito um burro de carga com os homens, muito embora não seja preciso... porque gosto — abriu um sorriso e deixou as mãos a envolverem — do jeito que a sua bunda se encaixa em cima das suas pernas. — Ela riu, em resposta, e empurrou suavemente as mãos dele. — Não é motivo de sobra?

— Motivo de sobra para o que, Sr. Jordan?

Estava implicando com ele, agora, dando-lhe as costas e começando a tirar a mesa, mas antes que pudesse levar os pratos para a pia ele os tirara dela, pousara-os

sobre a mesa e a tomara com facilidade nos braços, levando-a para fora da cozinha, cruzando a sala de visitas até chegar ao longo corredor que levava ao quarto dela.

— O caminho é este, **Sam**?

A voz dele era só meiguice e os seus olhos fitavam os dela, ardentes. Ela queria lhe dizer para parar, para voltar, mas percebeu que não podia. Apenas fez que sim e apontou vagamente para o corredor, depois, dando uma risadinha súbita, afastou-o de si.

— Vamos... pare com isso, **Tate**. Me bote no chão!

A risada dele fez coro com a dela, mas ele não a obedeceu. Em vez disso, parou diante de uma porta entreaberta no final do corredor.

— É o seu?

— É — Cruzou os braços, enquanto ele a segurava como se fosse uma criancinha.
— Mas não o convidei para entrar, não é?

— Não?

Alçou uma sobrancelha e cruzou a soleira da porta, olhando ao seu redor com interesse. Depois, sem mais palavras, largou-a em cima da cama, tomou-a nos braços e a beijou-a na boca, com força. Os jogos entre eles tinham subitamente acabado, e a paixão que ele despertou nela tomou-a de surpresa. Ficou aturdida com a força com que a apertava contra si, com a avidez da sua boca e mãos e corpo inteiro, ao buscar os dela. Dali a momentos ele se deitou ao seu lado, e as roupas dela pareceram dissolver-se no corpo, assim como as dele. Tinha apenas consciência da maciez da carne dele contra a sua, da suavidade das suas mãos — Sempre ansiosas, sempre excitantes — Das pernas intermináveis entrelaçadas com as dela, da boca bebendo da sua. Abraçou-a com força até que ela não agüentou mais e se apertou contra ele, gemendo baixinho, ansiando por lhe pertencer. Foi então que se afastou dela, fitando-a nos olhos, fazendo uma pergunta muda. **Tate** Jordan jamais possuíra uma mulher, e não possuiria esta, jamais e certamente não agora, a não ser que ela assim o quisesse, a não ser que ele tivesse certeza, e ao perscrutar-lhe os olhos, ela fez que sim lentamente, e dali a segundos ele a possuiu, penetrando a sua carne profunda e fortemente. Ela soltou uma exclamação de prazer quando ele arremeteu mais fundo e depois, com mais um gemido, entregou-se ao êxtase que ele lhe proporcionava, repetidas vezes.

Parecia horas mais tarde quando ele ficou deitado ao seu lado, imóvel; o quarto estava escuro, e ela podia sentir o corpo comprido e vigoroso junto ao seu, satisfeito, saciado, e sentiu com prazer os lábios suaves no pescoço.

— Eu a amo, Palomino, eu a amo. — As palavras pareciam tão reais, mas de repente ela teve vontade de perguntar "Ama?" Era de verdade? Será que alguém voltaria a amá-la? Amá-la para valer, amá-la e não magoá-la, amá-la e não ir embora? Um fiozinho de lágrimas escorreu do canto do seu olho até o travesseiro, e ele a olhou com tristeza e balançou a cabeça. Tomou-a nos braços e embalou-a com meiguice, murmurando palavras sem sentido, como se faria com um animal ferido ou uma criança muito pequena. — Tudo bem, querida. Está tudo bem, agora, estou aqui com você.

— Desculpe...

Falou com voz abafada e, de repente, os soluços de toda uma vida irromperam de dentro dela, e a dor que vivia acumulada no seu íntimo se soltou como um bando de aves selvagens. Ficaram assim, bem abraçados, por quase uma hora, e quando as suas lágrimas se tinham esgotado, ela sentiu um movimento familiar ao seu lado e sorriu devagarinho, tocando-o e guiando-o de novo para o mesmo local.

— Você está bem, agora? — A voz dele era rouca, na escuridão, e **Sam** fez que sim. — Responda.

— Estou bem.

Ele não queria prosseguir, com os olhos fixos nos dela.

— Tem certeza?

— Tenho, sim.

Demonstrou-lhe com o corpo a gratidão para a qual não achava palavras, arqueando-se para junto dele e dando-lhe tanto prazer quanto ele lhe tinha dado. Era uma fusão de duas pessoas como ela jamais conhecera, nos anos anteriores, e enquanto jazia ao lado de **Tate Jordan** e dormia, **Samantha** ostentava um sorrisinho de felicidade.

Quando o despertador tocou na mesinha-de-cabeceira, na manhã seguinte, ela acordou lentamente, com um sorriso, esperando vê-lo, mas o que viu foi um bilhete

sob o pequeno relógio. Ele pusera o relógio para despertar para ela, ao sair silenciosamente da cama, às duas da madrugada. Ligara o despertador e escrevera um bilhete num pedacinho de papel. Dizia apenas EU A AMO, PALOMINO. Ao lê-lo, ela se recostou de novo nos travesseiros, fechou os olhos e sorriu. Desta feita não havia lágrimas.

Capítulo 13

Ao final do dia de trabalho **Samantha** parecia tão bem-disposta e cheia de vida quanto no começo, e Josh fez um comentário, enojado, quando ela pendurava a sela, com um amplo sorriso.

— Puxa vida, mulher! Olhe só para você, **Sam**, dura como tudo. Há três semanas mal podia caminhar depois de um dia na sela, estava tão fora de forma. Agora salta de cima desse maldito cavalo e parece tão espevitada às seis da tarde quanto de manhã, quando se levanta. Isso me deixa doente. Você devia estar *me* carregando para a *minha* cabana. Estou com a bunda toda doída, meus braços estão me matando de tanto laçar aqueles malditos novinhos. Talvez o que você esteja precisando seja de se mexer e dar mais duro ainda.

— Pois sim! Dei mais duro do que você, hoje!

— Ah, é? — rosnou ele, de brincadeira, dando-lhe uma palmada no traseiro com o chapéu, quando passou por ela.

— É!

Passou correndo por ele, com um largo sorriso no rosto e o comprido rabo-de-cavalo amarrado com uma viva fita vermelha. Praticamente voara na sela, o dia todo. Só conseguira pensar em **Tate** Jordan, mas nenhum dos dois deixara transparecer nada, enquanto trabalhavam. Na verdade, ele fora indiferente, quase secarrão, e ela fizera o máximo para ignorá-lo nas poucas vezes em que poderiam ter tido ocasião de trocarem palavras. Falou com ela, displicentemente, apenas uma vez, enquanto tomavam café na hora do almoço, depois foi conversar com alguns dos outros homens, enquanto **Sam** ficava na companhia dos vaqueiros com que se dava mais. Apenas agora, quando o dia estava no fim, é que ela estava permitindo que seus pensamentos voassem para **Tate** de novo. O dia todo se lembrara de momentos da noite que tinham passado juntos, um instante, um lampejo, o formato da sua perna

enquanto jazia despido e descoberto no meio dos lençóis desfeitos, a expressão dos seus olhos ao se debruçar para ela para beijá-la de novo, o jeito da sua nuca quando se deitou por um momento, com um suspiro feliz, deixando que ela corresse lentamente os dedos longos e excitante pela sua espinha. Adorava a aparência dele, o que ele sentia e o que fazia a ela, e agora só conseguia pensar nisso, ao correr de volta para a casa de Tia Caro. Não tinha idéia de quando poderia vê-lo sozinho, de novo. A sua cabana era bem visível, muito perto do salão principal onde os homens faziam as refeições, e Tia Caro já voltara da curta viagem que fizera com Bill. Era óbvio que um encontro entre eles teria que ser bem combinado, mas tinha certeza de que ele acharia um jeito. A idéia de que agora tanto ele quanto Bill King entrariam pé ante pé na casa, e depois saíam sorrateiramente à meia-noite, trouxe-lhe uma risada aos lábios, enquanto abria a porta da frente.

— Ora vejam só, como está feliz esta noite, Srta. **Samantha**.

Caroline fitava-a com prazer. E, pela primeira vez em quatro meses, **Sam** viu o rosto familiar de John sem sentir uma pontada. Estreitou os olhos pensativamente, enquanto via o programa, depois deu de ombros com um sorriso discreto e foi para o quarto se lavar.

— Volto já, Tia Caro.

Quando voltou, jantaram juntas, só que esta noite **Samantha** se pegou imaginando onde estaria **Tate**. Estaria no salão principal, com os demais? Teria optado por ficar na sua cabana cozinhando para si mesmo, como alguns homens faziam? A maioria, porém, preferia jantar com os outros. Até mesmo os homens que tinham esposas na estância costumavam vir ao salão principal, depois do jantar, para fumar, tomar café e gozar da companhia dos homens com quem cavalgavam o dia todo. De repente, **Samantha** sentiu muita vontade de estar com eles, mas também pressentiu que, se fosse reunir-se a eles sem quê nem por que, iriam se perguntar o que estava fazendo ali. Aceitavam-na no meio deles durante o dia, mas à noite esperavam que ficasse na casa grande com Caroline, onde era o seu lugar. Ficariam chocados de vê-la ali à noite, e seria impossível buscar **Tate** sem causar comentários. Alguém logo tiraria as suas conclusões. As fofocas em qualquer estância eram incontrolláveis e havia uma espécie de radar sensível que todos pareciam ter. Romances e casamentos e divórcios eram descobertos quase que instantaneamente, juntamente com casos de amor ilícitos e filhos ilegítimos, o que tornava ainda mais notável o fato de Bill King e

Caroline terem conseguido manter o seu segredo por tanto tempo. Mesmo que alguém da velha guarda, ou os que os conheciam bem, desconfiasse de alguma coisa, ninguém na estância jamais tivera certeza. **Samantha** estava descobrindo agora que respeitava isso e compreendia ainda mais o quanto fora difícil o estilo de vida clandestino deles. Agora se sentia praticamente latejando de excitação, ansiando por estar com o homem, conversar com ele, e rir, implicar com ele, tocá-lo, dar um passeio ao ar noturno, olhar para ele com interesse e orgulho e segurar-lhe a mão, e depois disso voltar ao quarto dela e se descobrirem mutuamente os corpos, outra vez, como na véspera.

— Quer mais salada, **Samantha**? — Já estavam no meio do jantar quando **Samantha** pareceu lembrar-se de onde estava. Na última meia hora permanecera silenciosa e sonhadora e ausente, enquanto Caroline a observava e se perguntava qual seria a causa. **Sam** não parecia infeliz, portanto não achava que se sentisse chateada porque Caroline estivera assistindo ao jornal. Não parecia estar com saudades de casa. Na verdade, apresentava ótima aparência, portanto tinha que ser outra coisa. — Algum problema, **Sam**?

— Hein?

— Tudo bem?

— O quê?... Ah... desculpe. — **Samantha** enrubesceu como uma colegial e depois sacudiu a cabeça com uma breve risada juvenil. — Não, estava apenas distraída. O dia de hoje foi comprido, mas gostoso.

Era o único jeito de explicar a expressão de seu rosto, o brilho do seu olhar.

— E o que foi que você fez, afinal de contas?

— Nada de especial. Lacey alguns cavalos, examinei as cercas, os homens laçaram uns novilhos, hoje à tarde... — Tentou se lembrar. O que mais fizera fora sonhar com **Tate**. — Foi um dia muito gostoso.

A mulher idosa e sábia observou-a atentamente.

— Que bom que você está feliz, aqui na estância.

O rosto de **Samantha** ficou estranhamente sério, enquanto se lembrava.

— E estou, Tia Caro. Estou mais feliz aqui do que em qualquer lugar, há muito tempo.

Caroline assentiu e atacou a sua salada, enquanto **Samantha** voltava a sonhar com **Tate**. Mas foi só na manhã seguinte que ela o viu. Na noite anterior, escutara as idas e vindas de Bill King, desta vez com inveja. Mas não havia jeito de **Tate** poder vir para junto dela, e deitada na cama, ansiando por ele, sorriu consigo mesma, era como ter 18 anos e estar vivendo um romance ilícito. Sentiu-se repentinamente muito juvenil, terrivelmente clandestina e impaciente para estar com ele de novo.

Eram sete horas da manhã seguinte, um domingo, quando ela engoliu o café, abotoou os *jeans*, vestiu a jaqueta, escovou o cabelo pela última vez, depois saiu correndo para a cocheira, esperando poder encontrá-lo ali. Porém, quando chegou, não encontrou ninguém. Os homens que tinham vindo alimentar os cavalos já haviam voltado ao salão principal, para comer, e ela estava sozinha na imensa cocheira com os cavalos familiares, cada um na sua baia, comendo tranqüilamente ou descansando ou se saudando suavemente. **Samantha** se dirigiu devagarinho para a baia de Black Beauty. Correu a mão pelo focinho dele, depois sentiu os pêlos macios dos lábios roçarem-lhe a mão, à procura de algo para comer.

— Não lhe trouxe nada hoje, Beauty. Desculpe, rapaz.

— Não se importe com ele. — A voz baixa vinha de trás dela. — O que trouxe para mim?

— Ah!

Rodopiou e deu de cara com ele, espantada, e antes que pudesse recobrar o fôlego **Tate** a tomara rapidamente nos braços, quase lhe tirando todo o ar dos pulmões ao apertá-la e beijá-la rapidamente, soltando-a depois.

— Bom dia, Palomino.

Falou num sussurro, e ela enrubesceu.

— Alô... senti a sua falta.

— E eu senti a sua. Quer ir para a cabana, hoje?

Qualquer pessoa, mesmo a curta distância deles, não o teria ouvido falar, e **Sam**

concordou rapidamente, com uma luz viva de expectativa nos olhos.

— Gostaria muito.

— Encontro-a na cerca sul, na clareira. Sabe onde fica?

Parecia repentinamente preocupado, olhando para ela como se tivesse medo que fosse se perder, mas ela apenas riu.

— Está brincando? Onde acha que andei a semana toda, quando você estava trabalhando?

— Não sei, boneca. — Abriu um sorriso. — No mesmo lugar que eu, desconfio. E meio piradona.

— Não está longe da verdade. — E, quando ele fez menção de ir embora, ela lhe agarrou a manga e murmurou: — Eu o amo.

Ele assentiu, roçou-lhe os lábios com os seus e murmurou em resposta:

— Eu também a amo. Até logo mais, às dez.

E então se afastou, os calcanhares batendo ruidosamente no chão da cocheira, e dali a um instante, ao dobrar uma esquina, escutou-se a saudação barulhenta de dois dos homens, que vinham cuidar dos seus cavalos. Se tivessem chegado um momento mais cedo, tê-lo-iam visto beijando **Samantha**. Ao invés disso, só o que viram foi **Sam** alimentando diligentemente o melhor cavalo de Caroline.

Capítulo 14

Encontraram-se faltando cinco para as dez na clareira sul, os cavalos descansados, o céu azul, os seus olhos brilhando de desejo. Era um pouco louca, esta paixão nova em folha, ela não conseguia explicá-la, mas sabia, no íntimo, que tinha que estar com ele e estava pronta para assumir um compromisso para o resto da vida. Tentou explicar-lhe mais tarde, quando estavam deitados na cama de metal grande e confortável no quarto azul-claro, os corpos cansados, os corações leves, o braço dele a rodeá-la, enquanto se aninhava ao seu lado.

— Não sei, **Tate**, é como se... se sempre tivesse estado à sua espera. Como se eu soubesse de repente para que tinha nascido...

— Quer dizer para trepar?

Sorriu para ela e desmanchou-lhe o lindo cabelo.

— Não fale assim — disse, magoada.

— Desculpe. — Beijou-a de leve, tocando-lhe o rosto. — Para fazer amor. É isso o que é, sabe, não importa como eu o chame.

— Eu sei que sim. — Foi mais para junto dele, com um sorriso feliz, e fechou os olhos. — Deve ser errado estar assim tão feliz. É indecente, sem dúvida.

As pálpebras dela se agitaram, e ele beijou a ponta do seu nariz.

— É? Por quê? — Parecia tão feliz quanto ela, deitado ali. — Por que não temos o direito de nos sentirmos assim?

— Não tenho certeza. Mas espero que nos sintamos e por muito tempo.

Os seus pensamentos se voltaram em uníssono para Bill e Caroline, que tinham se deitado naquela mesma cama antes deles, e que ainda estavam juntos, depois de tanto tempo.

— É uma loucura, **Tate**, é tudo tão novo entre a gente, e no entanto não parece, não é?

— Não, mas se não parar de ficar falando nisso, vou começar a tratá-la como se estivesse a meu lado há uns vinte anos.

— E daí?

— Vou ignorá-la.

— Tente só.

Correu o dedo esguio pela parte interna da coxa dele e parou com interesse onde as suas pernas se encontravam.

— E exatamente o que está aprontando, Srta. **Samantha**?

— Não vá embora, e eu lhe mostro — retrucou, com voz sensual, e ele botou a mão entre as coxas dela. Faziam a mais estranha combinação de implicância e

seriedade e, ao longo de toda a manhã, havia sempre a sensação de que já tinham estado ali antes e sido parte da vida um do outro fazia muito tempo. Era quase impossível dar-se conta de que o relacionamento deles era novo em folha, e **Tate** parecia sentir-se tão à vontade quanto ela, enquanto andavam nus pela casa pequenina.

— Já viu os álbuns de retrato, meu bem?

Tate gritou a pergunta enquanto ela preparava alguns sanduíches na simpática cozinha com as provisões que ele trouxera. Estava sentado no sofá com uma manta sobre os ombros nus, os pés estendidos para o fogo na lareira. Esta não tinha sido limpa desde que a última pessoa a usara, portanto eles tinham certeza de que ninguém iria descobrir que tinham estado ali pelas cinzas que viessem a deixar na grelha.

— Vi, são formidáveis, não é? — Eram fotos de Bill e Caroline e outras pessoas da estância, tiradas ao longo dos anos desde o começo da década de 50, e os dois novos amantes deram risadinhas abafadas ao folhear as páginas, vendo as pessoas fazendo pose anos atrás na frente de carros fora de moda, vestindo maios engraçados e chapéus estranhos. Havia algumas fotos de rodeios, e até algumas fotos da estância antes da construção de alguns dos prédios mais modernos. — Puxa, mas ela era bem menor.

Ele sorriu, em resposta.

— E algum dia vai ser bem maior. Esta podia ser a melhor estância do estado, talvez do país, mas Bill King começou a ficar velho e não está ansioso para vê-la crescer, pelo menos, agora não está mais.

— E quanto a você? É isso o que deseja, **Tate**? Dirigir esta estância, algum dia?

Ele fez que sim, lentamente, sendo sincero com ela. Tinha um bocado de ambição, toda ela centralizada na estância.

— É. Gostaria de transformá-la em algo muito especial, algum dia, se Dona Caro deixasse. Não tenho certeza que vá deixar, enquanto o velho Bill estiver por perto.

Samantha falou doce, quase reverentemente:

— Espero que sempre esteja, **Tate**, para o bem dela.

Ele concordou.

— Eu também. Mas algum dia, algum dia... há certas coisas que gostaria de mudar, na estância. — Fechando o álbum com cuidado, começou a lhe contar. Dali a uma hora, lançou um olhar para o relógio elétrico da cozinha e se deteve. — Puxa vida, **Sam**, eu podia ficar falando durante horas.

Sorriu meio sem jeito, mas era evidente que ela tinha gostado da conversa.

— Gosto de ouvi-lo falar. — E, após um minuto: — Por que não começa uma estância toda sua?

Mas ele riu e sacudiu a cabeça.

— Com o que, pequena Palomino? Boa vontade e velhas latas de cerveja? Tem idéia do quanto custaria começar uma estância decente? Uma fortuna. Não com o meu salário, boneca. Não, só o que desejo é ser um capataz danado de bom, não um assistente, mas um capataz mesmo. O homem que está no poder. Que diabo, a maioria dos estancieiros não entende porra nenhuma do riscado. O capataz é que mantém o lugar funcionando.

— Você faz isso, aqui.

Fitou-o com orgulho, e ele tocou-lhe o cabelo com suavidade, depois segurou-a pelo queixo.

— Eu tento, pequena Palomino. Tento, quando não estou fazendo gazeta com você. Quase me faz lamentar estar trabalhando. Só o que eu queria fazer ontem era vir aqui com você e fazer amor e sentar ao pé do fogo.

Samantha fitou o fogo, com os olhos cheios de sonhos.

— Eu também. — Dali a um momento, voltou os olhos para ele. — O que vamos fazer, **Tate**?

— Quanto ao quê?

Estava implicando com ela. Sabia bem ao que se referia.

— Não banque o engraçadinho. Sabe o que quero dizer. — Deu uma risadinha. — Na outra noite tive visões de você e Bill King entrando na casa na ponta dos pés e

dando um encontrão um no outro, no escuro.

Os dois riram da imagem criada e ele a puxou para junto de si, com uma expressão pensativa nos olhos. Já tinha refletido sobre as possibilidades e todas eram complicadas, nenhuma era a ideal.

— Não sei, **Sam**, seria bem mais fácil se estivéssemos no verão. Poderíamos vir para cá todas as noites, depois do trabalho, e voltar para casa ao luar, sob as estrelas. Mas agora está escuro como o diabo, quando acabamos, e eu ficaria com medo de que um dos cavalos tropeçasse e se machucasse.

— A gente podia carregar lanternas.

— Claro — Sorriu para ela. — Ou contratar um helicóptero, por que não?

— Ora, cale a boca. Bem... o que vamos fazer? Quer tentar entrar sorrateiramente na casa de Tia Caro?

Ele sacudiu lentamente a cabeça.

— Não. Eles nos escutariam, assim como você me contou que escuta quando ele chega, todas as noites. E a minha casa é tão devassada. Bastaria que um dos homens visse você, só uma vez, e tudo estaria acabado para nós.

— Estaria? — perguntou **Samantha**, tensa. — Seria realmente tão terrível, se soubessem? — Ele fez que sim. — Por quê?

— Não é direito, **Sam**, você é quem é e eu sou quem sou. Você não quer que eles fiquem falando, e nem eu.

Mas a verdade é que ela estava se lixando, achava que o amava e pouco se lhe dava o que as pessoas dissessem. O que poderiam fazer para prejudicá-los? Mas viu no rosto dele que era uma regra sagrada. As estancieiras não se apaixonam pelos seus empregados.

Samantha olhou de frente para **Tate**.

— Não vou fazer o mesmo jogo que eles fizeram, **Tate**, não para sempre. Se ficarmos juntos, quero que as pessoas saibam. Quero poder sentir orgulho do que temos, não ter medo de quem possa descobrir alguma coisa.

— Atravessaremos essa ponte mais tarde.

Mas ela teve a sensação de que ele não estava preparado para se mover um centímetro sequer na sua direção, e de repente se encrespou e a luz nos seus olhos era tão teimosa quanto a dele.

— Por quê? Por que não vamos cuidar do assunto logo de uma vez? Está certo, compreendo que a gente não precise anunciar aos quatro ventos que está tendo um caso. **Tate**, não vou ficar me escondendo para sempre.

— Não — falou, suavemente. — Vai acabar voltando para Nova York.

As palavras atingiram-na como um jato de água fria, e quando falou novamente, havia gelo e dor na sua voz.

— O que o faz ter tanta certeza?

— Porque lá é o seu lugar, como aqui é o meu.

— Verdade? Como é que sabe? Como sabe que não sou como Caroline, que não resolvi que não quero mais aquele tipo de vida, não que a minha vida seja como a dela foi?

— Sabe como sei? — Olhou para ela com toda sabedoria dos seus quarenta e tantos anos. — Porque quando Caroline veio para cá era viúva, queria desistir da vida que levava com o marido, porque ele morrera. E tinha quarenta anos, **Sam**, não é a mesma coisa que trinta ou trinta e um. Você é moça, tem muito que viver, muitos dos seus comerciais malucos para produzir, muitos negócios para fazer, muitos ônibus para pegar, telefonemas a dar, aviões para perder, festas a comparecer...

— E não posso fazer nada disso aqui? — retrucou, magoada, e ele a fitou docemente, com sabedoria e ternura e amor.

— Não, minha filha, não pode. Aqui não é o lugar para isso. Você veio para cá para se curar, **Sam**, e é o que está fazendo, e quem sabe eu seja parte da cura. Eu a amo. Nunca tinha posto os olhos em você até três semanas atrás e nunca dei a mínima para uma mulher fazia anos, mas sei que a amo. Soube no primeiro dia em que a vi. E espero que me ame. Mas o que aconteceu com Bill e Caro é um milagre, **Sam**, eles não têm afinidades, nunca terão. Ela tem instrução, ele não tem. Ela teve uma vida super-refinada, e a idéia que ele faz de classe é ter um palito de ouro maciço e um charuto

de cinquenta *cents*. Ela é dona da estância, e ele não tem onde cair morto. Mas ela o ama, e ele a ama, e isso era só o que ela queria. Particularmente, acho que era um pouco maluca, mas teve uma outra vida, e talvez, depois dela, isso aqui lhe bastasse. Você é diferente, **Sam**, é tão mais moça, e tem direito a tanta coisa mais do que eu possa lhe oferecer aqui.

Era uma loucura completa, eles se conheciam há menos de um mês, eram amantes há apenas dois dias, e no entanto estavam discutindo o futuro como se ele realmente tivesse importância, como se realmente estivesse em jogo ficarem juntos pelo resto da vida. **Samantha** fitou-o, espantada, depois lançou-lhe um pequeno sorriso.

— Você é maluco, **Tate** Jordan. Mas eu o amo. — A seguir, tomou-lhe o rosto nas mãos e beijou-o na boca, com força, depois recostou-se e cruzou os braços. — E se eu quiser ficar aqui, se esta for a vida que quiser, quer tenha trinta, noventa ou dezoito anos, a decisão é minha. Não sou Caroline Lord e você não é Bill King, e pode guardar os seus discursos de auto-sacrifício, moço, porque, quando chegar a hora, vou fazer exatamente o que tiver vontade. Se eu não quiser voltar para Nova York, você não pode me obrigar, e se for você a pessoa que eu quiser para o resto da vida, então vou segui-lo até os confins da terra e torrar a sua paciência até que você anuncie o nosso caso para todos os vaqueiros e para Caroline e Bill. Não vai se livrar de mim com a facilidade que está pensando. Sacou? — Sorria para ele, mas notava ainda o brilho de resistência nos seus olhos. Porém aquilo não tinha importância, ele não a conhecia, e a verdade era que, com apenas uma exceção recente, o que **Sam** Taylor queria, conseguia. — Sacou, cara?

— Saquei.

Porém, sem dizer mais nada, desta vez foi **Tate** quem a beijou e a silenciou quase completamente, ao tirar a manta dos ombros e lançá-la sobre ambos. Dali a momentos estavam novamente se fundindo, as pernas e braços e corpos um só emaranhado tremeluzente, enquanto seus lábios se grudavam e o fogo crepitava próximo. E quando acabou, afastou os lábios dos dela, sem fôlego, e levou-a de volta ao pequeno quarto azul, onde recomeçaram. Já passava das seis horas quando repararam que tinha escurecido. Haviam dormido e feito amor e dormido e feito amor a tarde toda, e agora, com pesar, **Tate** lhe deu uma palmadinha no traseiro e depois foi para o banheiro correr um banho quente. Tomaram banho juntos, os membros intermináveis dele entrelaçados com os dela, enquanto ela ria e lhe contava histórias dos seus pri-

meiros verões passados na estância

— Sabe, ainda não resolvemos o nosso problema.

— Eu não sabia que tínhamos um.

Apoiou a cabeça na beira da banheira e fechou os olhos dentro da água quente.

— Quero dizer quando aonde e como nos encontrarmos.

Ele ficou calado por um longo momento, enquanto refletiu, depois sacudiu a cabeça.

— Droga, antes eu soubesse. O que você acha, **Sam**?

— Não sei. O meu quarto na casa de Tia Caro? Podia deixá-lo entrar pela janela.
— Soltou uma risada nervosa. Aquilo estava parecendo coisa de moça de 15 anos muito atirada. — A sua casa?

Ele assentiu, lentamente.

— Acho que sim, mas não me agrada a idéia. — E então, de repente, ficou animado. — Já sei. Hennessey anda torrando o saco há dois meses por causa da casa dele. Diz que é pequena demais para ele, que tem vento encanado, que fica longe demais do refeitório. Está deixando todo mundo maluco.

— E daí?

— Vou trocar de casa com ele. A dele fica no limiar do acampamento, quase atrás da de Caro. Pelo menos, se você for até lá, ninguém a verá. É um bocado melhor do que onde estou atualmente.

— Acha que não vão desconfiar?

— E por que desconfiariam? — Sorriu para ela, em meio ao vapor que subia da banheira. — Não estou pretendendo beliscar o seu traseiro todos os dias na hora do café, nem beijá-la na boca antes de irmos cavalgar.

— Por que não, não me ama?

Ele não disse nada, apenas se inclinou para diante, beijou-a com carinho, depois acariciou-lhe os seios.

— Para falar a verdade, pequena Palomino, amo.

Ela se pôs de joelhos dentro da velha banheira e fitou-o com tudo o que sentia nos olhos.

— Eu também, **Tate** Jordan, eu também.

Voltaram para casa depois das sete da noite, e **Sam** sentia-se imensamente grata porque sabia que Caroline fora jantar numa outra estância. Caso contrário, estaria louca de preocupação. Porém o dia passara voando, com o bate-papo e as risadas e o carinho e agora, ao voltar para a casa grande da estância, **Sam** teve uma súbita sensação de perda por não estar com ele. Era como se alguém tivesse cortado fora o seu braço direito. Era uma sensação estranha de se ter com relação a um homem que se conhecia há tão pouco tempo, porém, isolados como estavam do resto do mundo, havia algo de especial e intenso sobre os seus sentimentos e ela se pegou com saudades dele de novo, sentada sozinha na casa vazia. Caroline lhe deixara um bilhete que expressava a sua preocupação com a ausência demorada dela, mas não pânico, e deixara também o jantar no forno. **Sam** apenas beliscou a comida antes de ir para a cama às oito e meia e ficar deitada no escuro, pensando em **Tate**.

Quando Caroline voltou para casa mais tarde, com Bill King ao lado, eles entraram pé ante pé na casa às escuras, e Bill se dirigiu imediatamente para o quarto dela. A presença de **Sam** na casa tornara as coisas um pouco mais difíceis, e Caroline tinha que lhe lembrar todas as noites para não fechar a porta com tanta força, mas ele não ouvia. Agora Caroline desceu o corredor até o quarto de **Sam**, abriu a porta, espiou para dentro da escuridão clareada pelo luar e viu a bela moça adormecida na cama. Observou-a por um momento, sentindo que a sua própria juventude voltara para persegui-la, depois entrou silenciosamente no quarto. Achava que sabia o que estava acontecendo, no entanto, como ela mesma descobrira, era uma coisa que não podia ser modificada ou impedida. A gente tinha que viver a própria vida. Ficou ali por um longo tempo, fitando **Samantha**, o cabelo espalhado no travesseiro, o rosto tão sem marcas e feliz e, com lágrimas nos olhos, Caroline estendeu a mão e tocou a da moça adormecida. **Sam** não acordou por causa disso, e pisando leve, Caroline saiu do quarto de novo.

Quando voltou para o seu quarto, Bill estava à espera, de pijama, dando uma última baforada no charuto.

— Onde estava? Ainda está com fome, depois daquele jantar todo?

— Não. — Caroline sacudiu a cabeça, estranhamente quieta. — Queria me certificar de que **Sam** estava bem.

— E está?

— Está, sim. Está dormindo.

Fora o que tinha imaginado, ao ver a casa às escuras.

— Ela é uma boa moça. Aquele sujeito com quem foi casada deve ter sido um idiota chapado, para se mandar com aquela outra mulher.

Ele não ficara impressionado com o que vira de Liz na TV.

Caroline balançou a cabeça, concordando, depois se perguntou quantos deles eram idiotas chapados. Ela, permitindo que Bill a forçasse a ficar em silêncio por duas décadas, mantendo o seu amor mútuo em segredo; Bill por viver como um criminoso, entrando e saindo sorrateiramente da casa dela há mais de 20 anos; **Samantha** por ter se impressionado com um homem e um tipo de vida que eram ambos estranhos para ela, e possivelmente tão perigosos quanto saltar do alto do Empire State Building; e **Tate** Jordan por ter se apaixonado por uma moça que não podia ter. Porque Caroline sabia exatamente o que estava acontecendo. Pressentia tudo nos ossos, nas entranhas, na alma. Tinha notado nos olhos de **Sam** antes que **Sam** soubesse, tinha pressentido no dia de Natal, quando vira **Tate** olhar para **Sam**, que estava ocupada noutro canto. Caroline via tudo e no entanto tinha que fingir que não via nada, não sabia de nada e, de repente, ficou farta daquilo.

— Bill — Olhou para ele de modo estranho, tirou o charuto dele e largou-o no cinzeiro — quero me casar.

— Certo, Caro. — Abriu um sorriso e acariciou o seio esquerdo da mulher.

— Não — ela afastou a mão dele. — Estou falando sério.

E ele soube, de repente, que estava.

— Você está senil! Por que iríamos nos casar, agora?

— Porque, na nossa idade, você não devia estar entrando e saindo sorrateiramente

da nossa casa no meio da noite, faz mal para o meu sistema nervoso e para a sua artrite.

— Está maluca. — Apoiou-se na cabeceira da cama, com uma expressão de choque.

— Talvez. Mas deixe que lhe diga: a esta altura, não creio que a gente vá surpreender ninguém. E tem mais, não creio que alguém vá se importar. Ninguém vai se lembrar do que e de onde eu venho, portanto todos os seus velhos argumentos não passam de bobagem. Só o que sabem, depois de todo esse tempo, é que sou Caroline Lord e você é Bill King da Estância Lord. Ponto final.

— Nada de ponto final. — Parecia feroz, subitamente. — Sabem que você é a estancieira e eu sou o capataz.

— E quem está se lixando para isso?

— Eu estou. E você devia estar. E os homens estão. Existe uma diferença, Caro. Você está sabendo, depois de todos esses anos. E Deus me livre — quase rosnou para ela — de fazer você de palhaça. Casar com o capataz... pois sim que vou deixar.

— Ótimo. — Olhou com cara feia para ele. — Então vou despedi-lo, e você pode voltar como meu marido.

— Mulher, você está maluca. — Ele não estava a fim nem de discutir o assunto. — Agora apague a luz. Estou cansado.

— Eu também... — Olhou para ele, com ar infeliz. — De viver me escondendo, é disso que estou cansada, depois de todos esses anos. Quero me casar, porra, Bill.

— Então vá se casar com outro estancieiro.

— Vá à merda.

Olhou para ele com cara feia, e ele apagou a luz e a conversa foi encerrada. Era a mesma conversa que tinha tido uma centena de vezes, nos últimos 20 anos, e não havia como ganhar. No que dizia respeito a Bill, ela era a estancieira e ele o capataz. Deitada no seu lado da cama, os olhos cheios de lágrimas, de costas para ele, rezou fervorosamente para que **Samantha** não se apaixonasse perdidamente por **Tate Jordan**, porque sabia que a coisa não teria um fim diferente deste. Esses homens seguiam um

código que não fazia sentido para mais ninguém, exceto eles mesmos, mas viviam segundo esse código e Caroline sabia que sempre viveriam.

Capítulo 15

A troca de cabanas entre **Tate** Jordan e Harry Hennessey completou-se em quatro dias. Hennessey ficou encantado com a oferta de **Tate**, e com a quantidade apropriada de resmungos, **Tate** acabou fazendo mudança das suas coisas. Alegou que não gostava especialmente da sua cabana, estava de saco cheio de ouvir Hennessey reclamar e não tinha capital investido em nenhuma das cabanas. Para ele, era tudo a mesma coisa. Ninguém deu grande atenção à transação, e na quinta à noite **Tate** já tinha arrumado todas as suas coisas. No seu quarto na casa de Tia Caro, **Samantha** esperou pacientemente no escuro até as nove e meia, quando Caroline já estava no quarto dela. **Samantha** saiu pela janela e cruzou o jardim nos fundos da casa, até que, dali a alguns momentos, chegou à porta da frente da casa de **Tate**. O novo chalé dele ficava quase diretamente atrás da casa e não podia ser visto de nenhum outro. Era até mesmo protegido das vistas da casa grande pelas árvores frutíferas do final do jardim, portanto não havia quem pudesse ver **Samantha** entrar silenciosamente porta adentro. **Tate** estava à espera dela, descalço, de peito nu, de *jeans*, o cabelo quase negro-azulado, com sal nas têmporas e fogo líquido nos olhos verdes. A sua pele era macia como cetim, e ele a tomou rapidamente nos braços. Dali a momentos, estava entre os lençóis limpos da sua cama. Foi apenas depois de terem feito amor que passaram a conversar, e ela riu contando como saíra pela janela e lhe disse que tinha certeza de que neste momento Bill King estava entrando pé ante pé pela porta da frente.

— Isso tudo não parece ridículo, na nossa idade?

Estava achando divertido, mas ele não estava.

— Encaro como romântico. — Como Bill King com a sua preocupação com Caro, **Tate** Jordan não tinha a menor intenção de transformar **Sam** em motivo de riso na estância. Ela não era uma boazuda vulgar, uma trepada fácil de Nova York. Era uma moça muito especial, e agora que era mulher dele, **Tate** a protegeria, se fosse preciso, até dela própria. E ela não entendia nada do código de comportamento entre estancieiros e vaqueiros. O que eles faziam era da conta deles e de mais ninguém, e sempre seria, não importa o que **Sam** dissesse. Era um ponto que ela preferia não discutir mais, sempre havia tantas outras coisas para dizer. Conhecia a posição dele e

ele estava bem ciente da dela, portanto não havia mais nada a debater, no momento, sobre aquele arranjo clandestino. E era razoável, por algum tempo. Por algum motivo, na cabeça dela, tinha resolvido que ia fazer daquilo um "segredo aberto" no verão. A essa altura já seriam amantes há seis ou sete meses, e ele ficaria menos tenso se os outros soubessem a verdade. E **Sam** se deu conta, ao pensar no verão, que estava pensando em ficar na estância. Era a primeira vez que admitia para si mesma que poderia ficar ali, e isso levava à questão do que faria com o seu emprego em Nova York. Mas achava que também havia tempo para se resolver isso. Ainda era dezembro, embora parecesse que estava na Estância Lord e era mulher de **Tate** Jordan há vários anos.

— Feliz? — perguntou ele, pouco antes de pegarem no sono, juntinhos, as pernas entrelaçadas, o seu braço ao redor dos ombros dela.

— Hmmm... — sorriu para ele, de olhos fechados, e **Tate** lhe beijou as pálpebras pouco antes dela adormecer. Acordou junto com ele, às quatro da manhã seguinte, e voltou para casa pelo pomar atrás do jardim, entrou pela janela semi-aberta e acendeu as luzes. Tomou banho como sempre, vestiu-se, foi tomar café no salão principal. Assim, para **Samantha** Taylor, começava uma nova vida.

Capítulo 16

Em fevereiro, no Dia dos Namorados, ela recebeu um cartão de Charlie Peterson que fazia referência ao seu escritório vazio. Pela primeira vez, pensou no emprego à sua espera em Nova York. Falou com **Tate** a respeito, deitada nos seus braços. Era um ritual de todas as noites, agora. Ela ia para lá por volta de nove horas, depois de jantar com Tia Caro e tomar banho.

— Que tal é ele?

Tate observava-a com interesse, enquanto ela se jogava no sofá com um sorriso feliz.

— Charlie? — Estreitou os olhos, fitando o homem que agora considerava como marido. — Está com ciúme?

— Devia estar? — Perguntou, com voz serena.

— Pombas, não! — As palavras foram misturadas com uma gargalhada. —

Charlie e eu nunca tivemos nenhum envolvimento, além disso ele tem mulher e três filhos, e ela está grávida de novo. Eu o amo como a um irmão, sabe, como meu melhor amigo. Há anos que trabalhamos juntos.

Ele assentiu, depois indagou:

— **Sam**, não sente falta do seu emprego?

Ela ficou calada e pensativa por um momento, antes de responder, depois sacudiu a cabeça.

— Sabe, o espantoso é que não sinto. Caroline falou que com ela foi a mesma coisa. Quando largou a vida antiga, simplesmente a largou. E nunca teve vontade de voltar. Eu sinto a mesma coisa. A cada dia que passa sinto menos falta.

— Mas sente alguma falta?

Pegara-a na armadilha e ela se deitou de barriga para baixo e fitou-o nos olhos, acomodada no sofá, enquanto ele se sentava perto dela, de costas para o fogo.

— Claro, sinto falta de algumas coisas. Como às vezes sinto do meu apartamento, meus livros, minhas coisas. Mas não da minha vida ali. Ou do meu emprego. A maior parte das coisas de que sinto falta são coisas que poderia trazer para cá, se quisesse. Mas o emprego... é tão esquisito, passei tanto tempo trabalhando tanto, me esforçando tanto para me tornar importante, e agora... — Deu de ombros e ficou parecendo uma fada muito jovem e muito loura. — Estou me lixando para tudo aquilo. Só me interessa saber se os novinhos foram todos arrebanhados, se há trabalho e ser feito, se Navajo está precisando de ferraduras novas, se a cerca do pasto norte está caída. Não sei, **Tate**, é como se alguma coisa tivesse acontecido. Como se eu tivesse me tornado uma pessoa diferente quando saí de Nova York.

— Porém, nalgum lugar dentro de você, **Sam**, aquela pessoa antiga ainda existe. A pessoa que queria escrever anúncios premiados e ser importante no seu ramo de trabalho. Vai sentir falta disso, algum dia.

— Como pode saber? — Ficou zangada, de repente. — Por que fica me forçando a ser o que não quero mais ser? Por quê? Quer que eu volte? Está com medo do compromisso, **Tate**, do que possa significar?

— Talvez. Tenho o direito de sentir medo, **Sam**, você é uma mulher e tanto.

Sabia que ela não estava disposta a manter em segredo para sempre a sua vida em comum, e que queria o amor deles às claras. Isso era algo que o preocupava muito.

— Bem, não me force. No momento não tenho vontade de voltar. Se tiver, eu lhe aviso.

— Espero que sim.

Porém ambos sabiam que faltavam apenas seis semanas para a licença dela terminar. Tinha prometido a si mesma que tomaria uma decisão até meados de março. Ainda tinha um mês. Porém, duas semanas mais tarde, enquanto voltavam da cabana secreta onde ainda passavam domingos idílicos, ele fez um ar travesso e disse a ela que tinha uma surpresa.

— Que tipo de surpresa?

— Você vai ver quando chegarmos em casa.

Inclinou-se para ela, no lombo do malhado, e beijou-a na boca.

— Deixe ver... o que poderia ser...? — Conseguia parecer a um só tempo maliciosa e pensativa, e também muito jovem. Usava o longo cabelo louro em duas tranças amarradas com fitas vermelhas, e calçava um par de botas de vaqueiro vermelhas, de couro de cobra, novas em folha. **Tate** implicara horivelmente com elas, dizendo que eram ainda piores do que as verdes de Caro, mas tendo abandonado o guarda-roupa de modelos de Blass e Ralph Lauren e Halston, desde que chegara à estância, tinham sido a sua única compra extravagante, em três meses. — Comprou um par de botas novas para mim? Cor de violeta?

— Ah, não... — gemeu ele, enquanto cavalgavam lentamente para casa.

— Cor-de-rosa?

— Acho que vou vomitar.

— Está certo, é outra coisa. Deixe ver... um aparelho de *waffle*? — Ele sacudiu a cabeça. — Uma torradeira nova? — Ela abriu um sorriso, pois tinha deixado a deles queimar, na semana anterior. — Um cachorrinho? — Parecia esperançosa, e ele sorriu mas sacudiu de novo a cabeça. — Uma tartaruga? Uma cobra? Uma girafa? Um hipopótamo? — Ela achou graça, e ele também. — Pombas, eu lá sei. O que é?

— Você vai ver.

Afinal de contas, era uma televisão a cores nova em folha que acabara de comprar com o cunhado de Josh, na cidade mais próxima. Josh prometera deixá-la na casa de **Tate** no domingo. E **Tate** lhe dissera para levá-la para dentro, quando estivesse ausente. E quando ele e **Samantha** entraram em casa, apontou para o aparelho com uma expressão de orgulho e júbilo.

— **Tate!** Meu bem, que formidável! — Mas se sentia muito menos entusiasmada do que sabia que ele estava. Encontrava-se perfeitamente feliz, sem uma TV. E então falou, fazendo biquinho: — Isso quer dizer que a lua-de-mel acabou?

— Pombas, não! — Provou-o prontamente, mas depois ligou a TV. Estava passando o noticiário de domingo. Era um resumo especial das notícias da semana, geralmente feito por outra pessoa, mas esta noite, por qualquer motivo, estava sendo apresentado por John Taylor. Ao vê-lo, **Sam** parou subitamente e fitou-o, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Fazia quase três meses que não via a cara dele na TV, cinco que não o via pessoalmente, e agora estava se dando conta de que não se importava mais. Toda aquela mágoa e dor terríveis tinham desaparecido e só o que sobrara era uma vaga sensação de incredulidade. Seria esse realmente o homem com quem vivera? Será que amara verdadeiramente esse homem por 11 anos? Agora, vendo-o, achou que parecia plástico e pomposo e, de repente, teve a nítida percepção de como era egocêntrico, pela primeira vez, e se perguntou por que não o enxergara antes. — Gosta dele, **Sam**?

Tate a observava com interesse, o rosto anguloso e másculo um contraste completo com a aparência de rostinho liso de menino dourado do homem mais moço na tela de TV. E, com um sorrisinho estranho, **Sam** meneou lentamente a cabeça, depois virou-se para olhar para **Tate**.

— Não, não gosto.

— Estava olhando para ele com muita atenção. — **Tate** abriu um sorriso. — Vamos, abra o jogo. Ele a deixa excitada?

Desta vez foi **Sam** quem abriu o sorriso. Sorriu com uma expressão de liberdade e alívio e, de repente, por fim, soube que havia acabado. Não tinha mais qualquer vínculo com John Taylor. Era dona do seu nariz, agora, e **Tate** Jordan era o homem

que amava. Na verdade, estava se lixando seja tinham tido o seu bebê e pouco se importava se nunca mais visse John ou Liz. Mas **Tate** estava insistente, olhando para ela, largada na cama que ele comprara para acomodar o amor deles, com o cobertor azul macio puxado até o peito.

— Como é, **Sam**, deixa?

— Não — respondeu, finalmente, com uma nota de triunfo na voz. Beijou **Tate** no pescoço, alegremente. — Mas você deixa.

— Não acredito.

— Está brincando? — Soltou uma risada ruidosa. — Depois do que fizemos o dia todo você pode duvidar que me deixa excitada? **Tate** Jordan, você é maluco!

— Não é disso que estou falando, bobinha. Estou falando dele. Olhe... aquele lindo apresentador louro. — Estava implicando com ela, e **Sam** achou graça. — Olhe como é bonitinho. Não o quer?

— Por quê? Você me arranja um negócio de ocasião? Ele provavelmente dorme de rede, tem sessenta anos de idade e já fez duas plásticas.

Pela primeira vez na vida estava curtindo debochar de John. Ele sempre se levava tão a sério, e ela deixara. O rosto e corpo e felicidade de John Robert Taylor fora de máxima importância para ambos. Mas, e quanto a ela? Quando **Sam** tivera realmente importância? Sem dúvida não no fim, quando ele se mandou com Liz. O rosto dela ficou sério de novo, ao se lembrar.

— Acho que você gosta dele e é covarde demais para admitir.

— Não, está errado, **Tate**. Não gosto dele nem um pouquinho.

Mas falou com tal ar de convicção que ele virou a cabeça para olhar para ela de novo, desta vez com uma expressão indagadora que não estava ali antes.

— Você o conhece? — Ela fez que sim, mas não se mostrava emocionada ou divertida. Parecia indiferente, como se estivessem falando de uma planta ou de um carro usado. — Conhece-o bem?

— Conhecia. — Podia ver **Tate** se encrespando, e teve vontade de implicar um pouquinho com ele. Colocou a mão no vigoroso peito nu e depois sorriu. — Não fique

nervoso, coração. Não foi nada. Fomos casados durante sete anos.

Por um momento, tudo pareceu parar no pequeno quarto. Podia sentir o corpo todo de **Tate** se retesar ao lado dela, e ele se sentou na cama e olhou para ela com uma expressão de desalento.

— Está gozando com a minha cara, **Sam**?

— Não.

Olhou para ele com naturalidade, estranhando a sua reação, mas sem ter certeza do que queria dizer. Era provavelmente apenas o choque.

— Ele foi seu marido?

Ela fez que sim de novo.

— Foi. — E então concluiu que a ocasião exigia maiores explicações. Não era todo o dia que se via o ex-marido da amante da gente na tela da televisão ao ir para a cama, à noite. Ela lhe contou tudo. — Mas o engraçado é que eu estava pensando, olhando para ele, que estou me lixando, agora. Quando vivia em Nova York, assistia ao maldito jornal todas as noites. Ficava vendo os dois, John e Liz, bancando os engraçadinhos e falando sobre o seu precioso bebê como se o mundo inteiro estivesse se importando com a gravidez dela, e aquilo me virava do avesso. Certa noite, quando cheguei, Caro estava assistindo ao programa, e quase me senti mal. E sabe o que aconteceu hoje, quando aquela cara de plástico apareceu na tela? — Olhou para **Tate**, esperando alguma resposta, mas ele não deu nenhuma. — Não aconteceu absolutamente nada. Nada. Não senti porra nenhuma. Não me senti doente, nem nervosa, nem chateada, nem abandonada. Nada. — Deu um largo sorriso. — Simplesmente não estou ligando.

Quando ela acabou, **Tate** se levantou, cruzou o quarto rapidamente e desligou o aparelho.

— Mas que maravilha! Você foi casada com um dos jovens heróis mais bonitos dos Estados Unidos, o charmoso e distinto John Taylor, famoso na televisão, e ele a abandona e você encontra um vaqueiro velho e cansado, dez ou doze anos mais velho do que o nosso herói, sem um tostão no bolso, escavando bosta numa estância, e vem tentar me dizer que isso é a felicidade? Não apenas a felicidade, mas a felicidade permanente. É isso, **Samantha**? — Estava fervendo, e **Samantha** sentiu-se impotente,

observando-o. — Por que não me contou?

— Por quê? Que diferença faz? Além disso, ele não é nem tão conhecido nem tão bem-sucedido quanto você quer fazer parecer.

O que não era bem verdade.

— Besteira. Quer ver o meu extrato bancário, meu bem, e compará-lo com o dele? Quanto ele ganha todos os anos? Cem mil? Duzentos, trezentos? Sabe quanto eu ganho, **Samantha**? Quer saber? Dezoito mil brutos, o que foi um grande aumento para mim porque sou o capataz-assistente. Tenho quarenta e três anos, pelo amor de Deus, e comparado com ele não ganho merda nenhuma.

— E daí? Quem está dando bola para isso? — Estava gritando tão alto quanto ele, mas se deu conta de que era porque estava com medo. Algo tinha acontecido com **Tate** quando soubera que ela e John tinham sido casados, e aquilo a assustava. Não esperava que fosse reagir daquele jeito. — O que importa é... — Fez um esforço consciente para falar mais baixo, enquanto alisava o cobertor sobre as pernas. A essa altura, **Tate** andava de um lado para o outro do aposento. — O que importa é o que aconteceu entre nós, o tipo de gente que éramos, o que representávamos um para o outro, o que aconteceu no final, por que ele me largou, como eu me sentia com relação a ele e Liz e o bebê deles. É isso o que importa, não quanto ele ganha, ou o fato de aparecerem na TV. Além disso, **Tate**, *eles* aparecem na televisão, não eu. Que diferença isso faz? Mesmo que tenha ciúmes dele, olhe só para ele, porra, é um idiota. É um grã-fininho de plástico que deu certo. Teve sorte, só isso, é louro e tem um rostinho bonito e as mulheres dos Estados Unidos gostam disso. E daí? O que isso tem a ver com você e eu? Se quer saber o que penso, penso que não tem absolutamente nada a ver conosco. E estou cagando e andando para John Taylor. Amo *você*.

— Então, por que é que não me contou com quem foi casada?

Parecia desconfiar dela e **Sam** se recostou na cama e ficou puxando o cabelo, tentando não gritar antes de se sentar e encará-lo de novo, o que fez com uma expressão no olhar quase tão feroz quanto a dele.

— Porque achei que não tinha importância.

— Besteira! Você achou que eu ia me sentir um lixo e sabe duma coisa? — Cruzou o quarto e começou a vestir as calças. — Tem razão, me sinto.

— Então está maluco. — Gritava com ele abertamente, agora, tentando combater as ilusões dele com a verdade. — Porque você vale cinqüenta, cem John Taylors. Ele é um filho da puta egoísta que me magoou, puta que o pariu. Você é um adulto, um homem inteligente, bom, e não fez nada senão ser bom para mim, desde que nos conhecemos. — Ela correu os olhos pelo quarto onde tinham passado todas as horas da noite durante três meses e viu os quadros que ele comprara para ela para dar vida ao lugar, a cama confortável que adquirira, até mesmo a TV a cores para distraí-la, os lindos lençóis em que faziam amor, os livros que achou que ela apreciaria. Viu as flores que colhera quando achava que não tinha ninguém olhando, as frutas que trouxera do pomar especialmente para ela, o desenho que fizera dela certo domingo, no lago. Pensou nos momentos e nas horas e nos gestos, nos rolos de filme que tiraram e nos segredos que partilharam e soube mais uma vez, pela centésima vez, que John Taylor não era digno de lambar as botas de **Tate** Jordan. Os olhos dela estavam marejados de lágrimas quando falou de novo e a sua voz ficou subitamente rouca e profunda. — Não o comparo a ele, **Tate**. Eu amo você. Não o amo mais. É só isso que significa alguma coisa. Por favor, tente compreender isso. É só isso que tem importância para mim.

Estendeu a mão para ele, que continuou a distância, e dali a minutos **Sam** deixou pender a mão e se ajoelhou na cama, nua, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— E acha que tudo isso vai significar alguma coisa para você, daqui a cinco anos? Que é isso, moça, não seja tão ingênua. Daqui a cinco anos eu não vou passar de mais um vaqueiro, e ele ainda vai ser uma das pessoas mais importantes da televisão do país. Acha que não vai ficar olhando para a TV todas as noites, enquanto lava os pratos, perguntando a si mesma como é que foi se meter comigo? Não estamos representando, sabe. Isso é a vida real. Vida de estância. Vida dura. Sem dinheiro. Não está fazendo um comercial, moça, isso é de verdade.

Ela começou a chorar com mais força, ante a violência das palavras dele.

— Não acha que é real para mim?

— Como pode ser, pombas? Como pode ser, **Sam**? Veja o lugar de onde você vem, e como eu vivo. Como é o seu apartamento em Nova York? Uma cobertura na Quinta Avenida? Um prédio de luxo com porteiro e um *poodle* francês e pisos de mármore?

Não, é um último andar num prédio sem elevador, se isso o faz sentir melhor.

— E cheio de antigüidades.

— Tenho algumas.

— Ficariam uma gracinha, aqui — falou, com emoção, virando-se para calçar os sapatos.

— Que diabo, por que esta raiva toda? — Estava gritando de novo e chorando, a um só tempo. — Desculpe não ter lhe contado que fui casada com John Taylor. Por falar nisso, você está muito mais impressionado com ele do que eu. Só achei que não tinha a importância que você está dando.

— O que mais você não me contou? O seu pai é presidente da General Motors, você cresceu na Casa Banca, é uma herdeira?

Olhou para ela com hostilidade. Nua em pêlo, ela saltou da cama como um gato comprido e flexível.

— Não, sou epilética e você está quase me fazendo ter um ataque.

Porém ele nem sorriu ante a tentativa dela de fazer graça. Simplesmente foi para o banheiro e fechou a porta, enquanto **Sam** esperava, e quando saiu, olhou para ela com impaciência.

— Vamos, vista-se.

— Por quê? Não quero. — Sentiu o terror se apossar do seu coração. — Não vou embora.

— Vai, sim.

— Não. Não vou. — Sentou-se na beira da cama. — Só depois de acertarmos isso. Quero que saiba, de uma vez por todas, que aquele homem não significa nada para mim e que amo você. Acha que consegue enfiar isso na sua cabeça dura?

— Que diferença faz?

— Faz uma grande diferença para mim. Porque o amo, seu bestalhão.

Baixou o tom de voz e sorriu meigamente para ele, que não retribuiu o sorriso. Ao invés disso, olhou para ela significativamente e pegou um cigarro, mas não o

acendeu, apenas ficou brincando com ele.

— Você devia voltar para Nova York.

— Para quê? Para correr atrás de um marido que não quero mais? Estamos divorciados, esqueceu? Gosto das coisas como estão. Estou apaixonada por você.

— E quanto ao seu emprego? Também vai desistir dele por causa da vida na estância?

— Para falar a verdade... — Inspirou fundo e quase tremeu. O que estava prestes a dizer era o maior passo de todos, e sabia que ainda não tinha tomado uma resolução definitiva, mas esta era a hora de falar, esta noite. Não tinha mais tempo para pensar no assunto. — ...é exatamente o que estou pensando em fazer. Largar o emprego e ficar aqui definitivamente.

— Isso é ridículo.

— Por quê?

— O seu lugar não é aqui. — Parecia exausto, enquanto falava. — O seu lugar é lá, no seu apartamento, trabalhando no seu emprego dinâmico, envolvendo-se com algum homem daquele mundo. Seu lugar não é com um vaqueiro, morando numa cabana de um cômodo, escavando bosta de cavalo e laçando bezerros. Além disso, pelo amor de Deus, você é uma dama.

— Você faz parecer muito romântico.

Tentou parecer sarcástica, mas as lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

— Não é romântico, **Sam**. Nem um pouquinho. Essa é a questão. Você acha que é uma fantasia, e não é. Nem eu sou. Sou real.

— Eu também. E é essa a questão. Você se recusa a acreditar que eu seja real, também, que tenha necessidades reais e seja uma pessoa real e possa existir longe de Nova York e do meu apartamento e do meu trabalho. Recusa-se a acreditar que eu possa querer mudar o meu estilo de vida, que talvez Nova York não faça mais o meu gênero, que isto aqui seja melhor e o que quero.

— Então compre uma estância para você, como Caroline.

— E daí? Vai acreditar que falo sério?

— Talvez você possa me arranjar um emprego.

— Vá à merda.

— Por que não? E daí eu vou entrar e sair às escondidas do seu quarto pelos próximos vinte anos. É isso o que quer, **Sam**? Acabar como eles, com uma cabana secreta que se está velho e cansado demais para procurar, e só o que resta são sonhos secretos? Você merece muito mais do que isso e se não é esperta o bastante para entender, então eu sou.

— O que quer dizer com isso?

Fitou-o com terror, mas ele desviou o olhar.

— Nada. Quero dizer apenas para você se vestir. Vou levá-la para casa.

— Para Nova York? — Tentou parecer irreverente, mas falhou.

— Pare de bancar a engraçada, vista-se.

— Por quê? E se eu não quiser?

Parecia uma criança assustada e beligerante, e ele foi até onde ela tinha largado as roupas num montinho, quando fizeram amor no começo da noite; apanhou-as todas e largou-as no colo dela.

— Não me importa o que você quer. Isto é o que eu quero. Vista-se. Parece que sou o único adulto por aqui.

— É uma ova! — Pôs-se de pé num salto e largou a pilha de roupas no chão. — É apenas vidrado nas suas idéias antiquadas sobre estancieiros e empregados, e eu não vou escutar mais essa babaquice! É fajuta e você está errado e é uma besteira.

Estava soluçando enquanto se abaixava, apanhava as roupas do chão uma a uma e começava a se vestir. Se ele ia agir assim, ela voltaria para a casa grande. Ele que passasse a noite se remoendo.

Dali a cinco minutos estava vestida e ele olhava para ela, com desespero e incredulidade, como se esta noite tivesse descoberto um lado dela que não conhecia,

como se fosse, de repente, uma pessoa diferente. Ficou olhando para ele, com tristeza, depois caminhou devagar para a porta.

— Quer que a acompanhe até em casa?

Por um momento, ela quase cedeu, depois resolveu não fazê-lo.

— Não, obrigada, eu me arranho. — Tentou se acalmar, parada no vão da porta. — Está errado, sabe, **Tate**. — Depois, não pôde se controlar e sussurrou: — Eu o amo.

Com os olhos marejados de lágrimas, fechou a porta e correu para casa, agradecida por Caroline estar, mais uma vez, visitando uma estância vizinha. Fazia isso com frequência, aos domingos, e esta noite **Samantha** não queria vê-la ao entrar pela porta da frente, o rosto manchado de lágrimas.

Capítulo 17

Na manhã seguinte, **Sam** se demorou tomando café na cozinha de Caroline, fitando desanimada a xícara e remoendo os seus pensamentos. Não tinha certeza se devia tentar falar com ele de novo, à noite, ou deixar as coisas como estavam, por alguns dias, para que tomasse juízo por si mesmo. Repassou mentalmente a conversa da noite anterior e ficou com os olhos cheios de lágrimas de novo, olhando para dentro da xícara. Estava agradecida porque esta manhã não havia ninguém por perto. Tinha resolvido não ir tomar café no salão principal. Não tinha fome, mesmo, e não queria ver **Tate** até a hora do trabalho. Só foi para a cachoeira quando faltavam cinco para as seis, e quando o viu, estava num canto afastado, com a prancheta familiar, dando ordens tranqüilamente, gesticulando na direção dos limites da estância, apontando para alguns animais que podiam ver nos morros, depois virando-se para apontar outra coisa qualquer. **Sam** selou Navajo como fazia todas as manhãs, e dali a minutos estava montada e esperando no pátio. Porém, por algum motivo, ele pusera Josh à frente do grupo de **Sam**, hoje, e era evidente que não iria cavalgar, pelo menos com eles. Tudo isso irritava **Sam** ainda mais, como se ele estivesse fazendo o maior esforço para evitá-la. E, com um tom maldoso na voz, inclinou-se para ele e falou alto, quando o seu cavalo passou por ele:

— Fazendo gazeta hoje, Sr. Jordan?

— Não. — Virou-se para olhá-la de frente. — Tenho um assunto para discutir com Bill King.

Ela assentiu, sem saber direito o que responder, mas ao virar Navajo na porteira, para trancá-la depois que os outros tinham passado, viu que ele estava parado no pátio, fitando-a com uma expressão de tristeza; depois, lentamente, ele se virou e se afastou. Talvez estivesse arrependido da confusão que armara por causa do ex-marido dela. Talvez tivesse compreendido que as diferenças que existiam entre eles eram diferenças que podiam ter importâncias para ele, mas não para **Sam**. Por um instante, teve vontade de chamá-lo, mas não achou coragem, os outros poderiam ouvir, portanto esporeou Navajo e foi se reunir aos outros para o costumeiro dia de trabalho estafante.

Doze horas depois, cavalgando mais devagar e desabados de fadiga em cima das pesadas selas, todos voltaram para o pátio principal e desmontaram, levaram os animais para a cocheira, retiraram as rédeas e as selas e guardaram-nas. **Samantha** estava especialmente exausta, aquela noite, passara o dia todo pensando em **Tate** e em tudo que ele dissera na véspera. Tinha o ar vago e distraído, quando deu boa noite aos outros, e parecia tensa ao cruzar a porta da frente da casa de Caroline.

— Está parecendo exausta, **Sam**. Está se sentindo bem, querida?

Caroline olhou para ela, com preocupação, e esperava que fosse apenas o trabalho duro que a fizesse parecer tão esgotada. Mas não pretendia aumentar ainda mais as preocupações de **Samantha**. Não falou nada, apenas insistiu para que **Sam** tomasse um banho quente antes do jantar, enquanto preparava uns bifés, sopa e salada. Mas, quando **Sam** voltou, estava usando *jeans* limpos e camiseta de flanela xadrez e parecendo, mais do que nunca, uma vaqueira arrumadinha, segundo comentou Caroline com um sorriso.

Apesar disso, o jantar daquela noite não foi alegre e pareceu levar horas até que **Sam** pudesse fugir pela janela e atravessar o jardim e o pomar até a cabana onde ia se encontrar com **Tate**. Porém, quando chegou lá, teve a certeza terrível de que ele encontrava-se mais aborrecido do que ela imaginava. As luzes achavam-se apagadas, e era cedo demais para ele ter se recolhido. Ou estava fingindo, ou estava no salão principal batendo papo com os outros, o que não fazia o seu gênero, mas era sem dúvida eficaz, se estivesse tentando evitá-la. Tentativamente, bateu à porta, e não obteve resposta. Girou a maçaneta, como sempre fazia, e entrou. Mas não deparou com a desarrumação habitual dos pertences de **Tate**. Deparou, ao invés disso, com um vazio estéril e empoeirado que a engoliu, e a exclamação de espanto que soltou ecoou

de encontro às paredes vazias. O que ele tinha feito? Mudara de cabana de novo, especialmente para evitá-la? Sentiu uma onda de pânico envolvê-la ao se dar conta de que não tinha idéia de onde ele se encontrava. Com o coração batendo forte, apoiando-se no umbral de porta, tranqüilizou-se pensando que, onde quer que estivesse, não podia ter ido longe. Sabia que no complexo ainda havia duas ou três cabanas vazias, e era óbvio que ele passara o dia se mudando com armas e bagagens para fugir dela. Se não fosse uma coisa tão enervante e um sinal tão evidente da ferocidade com que encarava o assunto que tinham discutido na véspera, ela teria achado graça. Porém, ao voltar para a casa de Caroline, na escuridão, estava achando tudo menos graça.

Mal dormiu aquela noite, virando-se na cama e se perguntando por que ele havia feito uma coisa tão radical quanto a troca de cabanas, e às três e meia levantou-se, sem conseguir agüentar mais. Mexeu aqui e ali no quarto, por mais meia hora, tomou banho e, ainda assim, ficou pronta cedo demais. Tinha mais meia hora para esperar, com uma xícara de café na cozinha de Caroline, até poder ir fazer a sua refeição no salão principal. E hoje queria estar lá, sem falta. Se pudesse falar com ele apenas por um momento, perguntar-lhe-ia por que trocara de cabana e dir-lhe-ia que estava agindo como uma criança impetuosa.

Porém, quando estava na fila, esperando pelos ovos com *bacon* e a terceira xícara de café, escutou dois homens conversando e se virou para Josh com uma expressão de horror e um olhar apalermado.

— O que foi que eles disseram?

— Estavam falando de **Tate**.

— Eu sei. O que foi que disseram?

O rosto dela estava mortalmente pálido. Não podia ter escutado direito.

— Disseram que é uma pena.

— O que é uma pena?

Tentava desesperadamente não gritar.

— Que tenha ido embora ontem.

— Para onde?

O coração dela batia nos ouvidos com tanta força que mal podia ouvir as respostas dele, mas Josh apenas deu de ombros antes de responder, desta vez.

— Ninguém está sabendo. Mas o filho dele na Bar Three deve saber.

— O que está querendo dizer? — quase berrou.

— Puxa, **Sam**, calma. **Tate** Jordan. Largou o emprego.

— Quando?

Pensou por um momento que ia desmaiar.

— Ontem. Foi por isso que ficou para trás, para falar com Bill King. Para falar a verdade, ontem de manhã ele me disse o que ia fazer, quando pediu que montasse no seu lugar. Falou que há muito tempo que sentia vontade de fazer isso, e que estava na hora de seguir o seu caminho. — Josh deu de ombros. — É uma pena. Ele teria sido bom, ocupando o lugar de Bill King.

— Então simplesmente foi embora? Sem um aviso prévio, sem preparar outra pessoa para o seu lugar? Simplesmente se mandou?

As lágrimas já lhe assomavam aos olhos.

— É, **Sam**, não estamos em Wall Street. Quando um homem quer seguir o seu caminho, ele segue. **Tate** comprou um caminhão ontem de manhã, encheu-o com todas as suas coisas e se mandou.

— Definitivamente? — Mal pôde murmurar a palavra.

— Claro. Não faz sentido voltar. Nunca é a mesma coisa, quando a gente volta. Eu fiz isso, uma vez. Foi um erro. Se ele não se sentia feliz aqui, agiu certo. — Ah, é? Que bom saber. E então Josh olhou para ela mais atentamente. — Tudo bem, **Sam**?

— Claro. — Mas estava com uma cara terrível, tão cinzenta. — Não ando dormindo muito bem, ultimamente.

Tinha que lutar contra as lágrimas... tinha... tinha... além disso, não havia motivo para entrar em pânico. Bill King saberia onde ele se encontrava, e se não soubesse, o filho saberia. Iria procurá-lo pessoalmente. Mas não ia deixar esse homem se lhe escapar por entre os dedos. De maneira nenhuma. E depois que o encontrasse, ele

jamais voltaria a fazer uma coisa dessas com ela.

— Sabe — Josh ainda a fitava — ontem você também estava com uma cara horrível. Acha que está pegando uma gripe?

— É. — Tentou agir como se o que ele acabara de contar não a houvesse afetado. — Pode ser.

— Pombas, então por que não volta para a casa grande e se mete na cama?

Ela ainda pensou em resistir, mas logo soube que não havia jeito de montar durante as 12 horas seguintes, ficando louca se perguntando aonde **Tate** tinha ido. Assim, balançou a cabeça vagamente, agradeceu a Josh pela sugestão e saiu do refeitório. Voltou para a casa grande, entrou pela porta da frente e ficou ali parada, enquanto os soluços incontroláveis tomavam conta dela. Caiu de joelhos ao lado de um sofá e deixou pender a cabeça, desesperada. Sentia como se não fosse sobreviver a esta segunda perda na sua vida, não agora, não **Tate**. Enquanto remoía o que tinha acontecido, soluçando incontroladamente, percebeu de repente que Caroline estava ao seu lado, tocando-lhe o ombro com meiguice, depois alisando o cabelo louro desfeito. **Samantha** ergueu o rosto vermelho e inchado dali a alguns momentos, o olhar alucinado, e fitou os olhos da amiga para ver o que havia ali, porém Caroline apenas meneou a cabeça e murmurou meigamente e tomou-a nos braços e fez com que se sentasse no sofá.

Passou-se meia hora antes que ela conseguisse falar. Caroline ficou calada, sentada ali, esfregando as costas dela e esperando. Não havia nada a dizer. Doía-lhe fundo saber que **Sam** viera para cá para se recobrar de uma grande perda e agora estava sofrendo outra. Sabia, no íntimo, o que se passava entre **Sam** e **Tate**. Tinha sofrido, na véspera, quando Bill lhe contara que **Tate** Jordan fora embora. Mas era tarde demais para detê-lo ou para discutir o assunto. Já tinha ido embora quando Bill contou a Caroline, no fim da tarde, e só no que ela pôde pensar foi em como **Samantha** ia receber a notícia. Mas Caroline não tivera coragem de lhe contar, na noite anterior, resolvera esperar.

Samantha agora olhava para ela, o rosto todo manchado, os olhos horivelmente injetados e inchados, e não havia dissimulação no olhar que lançava à amiga.

— Ele foi embora. Ah, Deus, Caro, ele foi embora. E eu o amo...

Não conseguiu continuar e Caroline assentiu lentamente. Compreendia bem demais. Tentara contar-lhe que as coisas aqui eram diferentes, que havia coisas que importariam para ele e que pareceriam não ter importância para ela.

— O que aconteceu, **Sam**?

— Ah, Deus, não sei. A gente se apaixonou no Natal... — Olhou ao seu redor de repente, nervosa, com medo de que alguma das empregadas mexicanas estivesse fazendo a limpeza, mas não havia ninguém à vista. — Fomos a... — Olhou para Caroline, sem jeito. — Achamos a sua cabana e nos encontramos ali, no começo, mas não com frequência. Não estávamos bisbilhotando...

— Tudo bem, **Sam** — disse Caroline, a voz muito serena.

— Só queríamos ir para algum lugar e ficar sozinhos.

— Nós também — retrucou Caroline, quase com tristeza.

— E depois ele trocou de cabana com outro vaqueiro e eu ia ter com ele todas as noites... pelo pomar... — Falava aos arrancos, o rosto lavado de lágrimas. — E então, na outra noite, ele... estávamos vendo televisão e John apareceu numa transmissão especial e no começo estávamos só brincando, e ele quis saber... se eu achava que John era bonito, ou coisa parecida... e eu falei que tínhamos sido casados... e **Tate** ficou doido. Não entendo. — Engoliu em seco, horrivelmente, e continuou: — Ficou feito louco, dizendo que eu não podia ser casada com um astro de cinema num minuto e com um vaqueiro no outro, que jamais poderia ser feliz, que merecia coisa melhor, que... — Não conseguiu prosseguir, dominada pelas lágrimas. — Ah, Deus, e agora foi embora. O que vou fazer? Como vou encontrá-lo? — O pânico a invadiu de novo, como invadira durante toda a manhã. — Sabe para onde ele foi? — Caroline sacudiu a cabeça, com tristeza. — Bill sabe?

— Não sei. Vou ligar para ele imediatamente e perguntar.

Afastou-se de **Sam** e se dirigiu para o telefone da escrivania. **Sam** escutou toda a conversa, agoniada, e ficou claro no final que Bill não sabia de nada e que também lamentava a partida de **Tate**. Contava com ele para tomar o seu lugar, algum dia, quando estivesse velho demais para dirigir a estância. Mas isso não aconteceria. Sabia que **Tate** tinha ido embora definitivamente.

— O que foi que ele disse?

Samantha olhou para ela, sombriamente, quando voltou e se sentou.

— Não muita coisa. Disse que **Tate** falou que daria notícias, um dia desses, mas **Bill** não está contando muito com isso. Sabe como são esses homens. Não deixou nenhum endereço onde pudesse ser encontrado.

— Então vou ter que encontrar o filho dele, na Bar Three — falou, quase com desespero, mas **Caroline** sacudiu a cabeça.

— Não, **Sam**. O garoto se despediu e foi embora com ele. Disto **Bill** tem certeza. Arrumaram o caminhão juntos e depois partiram.

— Ah, meu Deus.

Samantha enterrou a cabeça nas mãos e começou a soluçar de novo, agora mansamente, como se o seu coração já estivesse destroçado e não tivesse sobrado nada.

— O que posso fazer por você, **Sam**?

Os olhos de **Caroline** também estavam cheios de lágrimas. Deu-se conta de que aquilo também poderia ter acontecido com ela, anos atrás, e a conversa que **Sam** relatara parecia-se exatamente com uma discussão que ela e **Bill** tiveram durante anos. Acabaram por resolvê-la de modo diverso, mas **Bill** era bem menos teimoso do que **Tate**. Também era um tantinho menos nobre, fato que deixava **Caroline** profundamente agradecida, enquanto ficava ali sentada, impotente, observando a agonia da jovem amiga.

Sam olhava para ela, em resposta à sua pergunta.

— Ajude-me a encontrá-lo. Por favor, se pudesse fazer isso...

— Como?

Sam se recostou no sofá, e fungou enquanto pensava.

— Ele irá para uma estância, nalgum lugar qualquer. Não vai querer outro tipo de trabalho. Como posso conseguir uma lista das estâncias?

— Posso lhe dar o nome das que conheço nessa área, os homens lhe darão outros. Não, deixe que eu faço as perguntas, vamos inventar uma desculpa, um motivo. **Sam** — os olhos de Caroline se iluminaram — você vai encontrá-lo.

— Espero que sim. — Sorriu pela primeira vez em muitas horas. — Não descansarei enquanto não encontrar.

Capítulo 18

Até meados de abril, **Sam** tinha entrado em contato com 63 estâncias. A princípio ligara para as estâncias da área, procurando **Tate**, depois para as mais ao norte, mais ao sul, depois para as de outros Estados. Arizona, Novo México, Nevada, Texas, Arkansas, ligara até mesmo para uma em Nebraska, por sugestão de um dos homens. Este tinha comentado com **Tate** sobre o lugar, dizendo que a comida e o salário eram muito bons. Mas ninguém tinha visto **Tate** Jordan. **Sam** deixou nome e endereço e o telefone de Caroline, pedindo para avisarem se **Tate** aparecesse. Usava sempre o nome de Caroline Lord e aquilo a ajudava, e as duas passavam horas examinando listas telefônicas, pedidos de empregos, anúncios, e os nomes conseguidos com os homens. Há muito tempo que já pedira uma prorrogação ao seu escritório e prometera-lhes uma resposta definitiva até o dia 19 de maio. Se ela não pretendia voltar para Nova York, eles queriam saber até lá. O emprego dela estaria à sua disposição até lá. Mas estava se lixando para o emprego, só o que queria era **Tate** Jordan, e não conseguia encontrá-lo. Era como se, um mês antes, ele tivesse desaparecido da face da terra para nunca voltar a ser visto. Tinha que estar em algum lugar, **Sam** sabia, mas a questão era onde? Aquilo estava virando uma obsessão para ela. Não cavalgava mais com os homens, não importa que isso tivesse dado início a boatos ou confirmado as desconfianças deles. Desde o dia em que ele partiu, **Sam** nunca mais cavalgou com eles.

Foi até a cabana sozinha, uma vez, mas não suportou e voltou para casa montada em Black Beauty, o rosto lavado de lágrimas. Agora raramente montava até mesmo o grande puro-sangue negro, mesmo quando encorajada por Caroline. Só o que queria era ficar em casa, dar telefonemas, examinar listas, olhar mapas, escrever cartas e tentar imaginar onde estava. Até agora tinha sido tudo inútil, e Caroline começava a achar, secretamente, que permaneceria assim. A verdade é que era um país grande e havia inúmeras estâncias. Sempre existia a possibilidade de que tivesse se dedicado a um ramo de trabalho inteiramente diferente, ou que não estivesse usando o nome

verdadeiro. Estava familiarizada demais com a quantidade de nômades que trabalharam na estância desde que a adquirira, para dar grandes esperanças a **Sam**. Era inteiramente possível que ele aparecesse nalgum lugar, algum dia, mas era igualmente possível que nunca mais se tivesse notícia dele. Era até mesmo possível que tivesse saído do país, ido para o Canadá ou México, ou até mesmo uma das grandes estâncias na Argentina. Frequentemente os estancieiros deixavam homens como **Tate** trabalhar sem documentos, ou com documentos falsificados, apenas para poder contar com eles nas suas estâncias. **Tate** tinha uma longa lista de boas credenciais como capataz, era um homem trabalhador, de confiança, tinha muitos conhecimentos e prática para oferecer a qualquer estância. Qualquer estancieiro com um pingão de juízo enxergaria isso, e a questão era... qual estancieiro e qual estância.

No final de abril, **Sam** ainda não tinha tido sinal dele e lhes restavam três dias para ligar para o seu escritório e lhes dizer a quantas andavam as coisas. Avisara-lhes um mês antes que Caroline estava doente e que seria difícil para ela partir quando dissesse que partiria. A princípio, tinham sido compreensivos, mas agora Charlie vivia telefonando. A hora da diversão terminara. Harvey a queria de volta. Estavam tendo grandes problemas com o cliente dela, o do automóvel, e se é que ela pretendia voltar, Harvey queria que fosse agora. Não podia culpá-lo, mas também não podia dizer que estava em pior forma do que quando saíra de Nova York. Mais do que nunca, agora que ele se fora, sabia o quanto amava **Tate**, o quanto o respeitava, assim como o seu modo de vida. Era especialmente doloroso para ela, agora, ver Bill e Caro juntos, e era uma agonia para Caroline partilhar a perda de **Samantha**.

— **Sam**. — Olhando para a jovem amiga, enquanto tomavam café no último dia de abril, soltou um profundo suspiro e resolveu dizer-lhes o que pensava. — Acho que você devia voltar.

— Para onde?

Olhava para uma das listas de estâncias e se perguntava se Caroline tinha pensado numa que deveriam tentar de novo. Mas Caroline apressou-se a sacudir a cabeça.

— Quero dizer para Nova York.

— Agora? — **Sam** estava chocada. — Mas ainda não o achei.

Caroline cerrou os dentes para o que queria dizer a seguir, pois detestava magoar **Sam**.

— Não sabe se algum dia vai achar.

— Que coisa nojenta de se dizer.

Sam olhou para ela, zangado, e empurrou a xícara de café. Estava irritadiça e nervosa desde que todo o pesadelo começara. Não dormia, não comia, não buscava mais o ar puro. Fazia apenas uma coisa. Procurava **Tate**. Até mesmo fora de carro a algumas das estâncias e de avião para uma outra.

— Mas é verdade, **Sam**. Tem que enfrentar a verdade, agora. Talvez nunca mais o encontre. Torço loucamente para que encontre, mas não pode passar o resto da vida procurando um homem que quer se deixado em paz. Porque, se o encontrar, nada garante que seja capaz de convencê-lo de que está certa, e ele errado. Ele acha que vocês dois são diferentes demais. Talvez tenha razão. E mesmo que não tenha, se quer continuar a pensar assim, você não poderá forçá-lo a mudar de idéia.

— A troco do que, esse papo? Andou conversando com Bill?

— Não mais do que o necessário.

Sam sabia que ele desaprovava a sua procura incansável. Chamava-a de "caçada humana idiota" e achava que **Sam** estava errada, forçando a barra.

— O homem disse para ela o que queria, quando foi embora, Caro. Não há mais nada a dizer.

Porém, certa vez, admitira que, se ele tivesse mesmo feito a coisa, gostaria que ela tentasse encontrá-lo tão desesperadamente quanto **Sam** estava fazendo.

Caroline continuou:

— Acho que tem que enfrentar as possibilidades, **Sam**. Já faz um mês e meio.

— Então vai demorar mais um pouco, e daí?

— E mais um pouco... e mais um pouco... e ainda mais um pouco. E depois? Você passa vinte anos procurando um homem que mal conheceu.

— Não diga isso. — **Sam** parecia exausta, ao fechar os olhos. Nunca se esforçara tanto fazendo qualquer trabalho como nessa busca por **Tate**. — Eu o conheci. Eu o conheço. Talvez, de certa forma, conhecesse-o bem demais, e tenha sido isso o que o assustou.

— Pode ser — Concordou Caroline. — Mas a questão é que você não pode continuar vivendo desse jeito. Vai se destruir.

— E por quê? — A amargura na sua voz era fácil de perceber. — Nada mais me destruiu.

John e Liz tinham tido o seu bebê no mês anterior, uma menina, e o telejornal até mesmo mostrara a criança e a vitoriosa Liz na sala de parto. Mas **Sam** não estava mais ligando para isso. Só o que queria era achar **Tate**.

— Você tem que voltar, **Sam**.

Caroline parecia tão teimosa quanto a própria **Sam**.

— Por quê? Porque meu lugar não é aqui?

Olhou zangada para Caroline, e esta concordou.

— É isso mesmo, não é? O seu lugar é no seu próprio mundo, à sua mesa de trabalho, no seu escritório, no seu apartamento, com as suas próprias coisas, conhecendo gente nova e revendo velhos amigos, sendo quem realmente é, e não quem fingiu ser, por algum tempo. **Sam** — estendeu a mão e tocou a da moça — não estou cansada de ter você aqui. Se dependesse de mim, podia ficar para sempre. Mas não é bom para você, não está vendo?

— Não me interessa. Quero só encontrá-lo.

— Mas ele não quer que o encontre. Se quisesse, avisaria onde estava. Deve estar tomando providências para que não o encontre, **Sam**, e se isso for verdade, você perdeu a batalha. Pode se esconder de você durante anos.

— Então, acha que devo desistir. É isso?

Fez-se um longo silêncio entre elas, depois Caroline meneou a cabeça quase imperceptivelmente.

— É.

— Mas faz só seis semanas. — As lágrimas inundaram-lhe os olhos, enquanto tentava combater a lógica do que Caroline acabara de dizer. — Quem sabe se eu esperar mais um mês...

— Se esperar, não vai mais ter um emprego, e isso também não vai lhe fazer nenhum bem. **Sam**, precisa voltar para uma vida normal.

— E o que é normal? — Tinha quase se esquecido. Há um ano era "muito bem" casada com John Taylor, levava uma vida perfeitamente comum como executiva de publicidade em Manhattan, casada com um homem que amava e que pensava que a amava. — Normal? — Olhou para Caroline, com horror. — Deve estar brincando. Eu não saberia mais o que era normal nem que ele se apresentasse para mim e me mordesse na bunda! — Caroline riu do humor mordaz, mas a expressão dos seus olhos não se alterou, e finalmente **Sam** se recostou na cadeira com um suspiro longo e pensativo. — Que diabo vou fazer em Nova York?

— Esqueça tudo isso, por algum tempo. Vai lhe fazer bem. Sempre poderá voltar.

— Estaria fugindo de novo, se fosse embora.

— Não, estaria fazendo uma coisa sadia. Esta não é vida para você, não do jeito que está sendo.

Não estava sendo, desde que ele se fora.

Sam assentiu, mudamente, saiu da mesa e voltou devagar para o seu quarto. Ligou para Harvey Maxwell dali a duas horas, depois foi para a cocheira e selou Black Beauty. Montou-o pela primeira vez em três semanas, naquela tarde, galopando à toda, arriscando-se ao máximo, saltando cada obstáculo, cada sebe, cada riacho. Se Caroline a tivesse visto, temeria pela vida do cavalo, assim como a da jovem amiga. Se **Tate** a tivesse visto, a mataria.

Mas ela agora estava sozinha, cavalgando com quanta força e rapidez possuía, até que sentiu que o cavalo não agüentava mais. Levou-o a meio galope de volta ao complexo principal, depois fê-lo caminhar lentamente pelo curral durante meia hora. Sabia que devia ao menos isso ao animal, não importa o quanto estivesse se sentindo infeliz. Depois, quando achou que já estava suficientemente descansado e refrescado,

levou-o de volta à sua baía e removeu a sela inglesa, ficou olhando para ele durante longo tempo, a seguir deu uma palmada nos flancos dele pela última vez e sussurrou:

— Adeus, velho amigo.

Capítulo 19

O avião pousou no Aeroporto Kennedy numa bela noite de primavera e **Samantha** olhou inexpressivamente para a cidade. Só no que conseguia pensar, enquanto soltava o cinto, era na última imagem de Caroline no aeroporto, alta e ereta ao lado do velho capataz, com as lágrimas escorrendo pelas faces enquanto fazia um aceno de despedida. Bill quase nada dissera, quando ela ficou na ponta dos pés para beijar-lhe o rosto no terminal lotado, mas subitamente apertara-lhe o braço e falara com voz áspera, mas carinhosa:

— Volte para Nova York, **Sam**, e se cuide.

Era o seu modo de dizer que achava que ela estava fazendo a coisa certa. Mas será que estava? Ela ficava se perguntando, enquanto pegava a sua sacola e passava para o corredor. Será que agira certo, vindo para casa *tão* cedo? Será que **Tate** não teria aparecido, se ela tivesse esperado mais um mês ou dois? Claro que ainda podia aparecer, ou telefonar de algum lugar. Caroline prometera continuar procurando, e naturalmente, se alguém tivesse notícias dele, avisaria a **Sam**. Tirando isso, não havia mais nada que se pudesse fazer. A própria **Sam** tinha consciência disso, ao soltar um profundo suspiro e entrar no aeroporto.

A multidão ao seu redor era quase sufocante, o barulho, os corpos, a confusão. Depois de cinco meses na estância, tinha-se esquecido do que era lidar com tanta gente, mover-se com a rapidez com que se moviam. Sentia-se totalmente devorada pela turba ao seu redor, ao se dirigir para a área de reclamação de bagagem, sentindo-se como uma turista na sua própria cidade, e com a cara de perplexidade adequada. Naturalmente não havia um só carregador disponível, havia centenas de pessoas à espera de táxi, e quando finalmente conseguiu um, teve que dividi-lo com duas turistas japonesas e um vendedor de plásticos de Detroit. Quando *este* lhe perguntou de onde viera, estava quase cansada demais para responder, mas finalmente murmurou alguma coisa sobre a Califórnia.

— Você é atriz? — Perguntou, intrigado, observando a bela cabeleira loura e o

profundo bronzeado. Porém **Sam** apressou-se a sacudir a cabeça, olhando distraída pela janela.

— Não, vaqueira.

— Vaqueira? — Fitou-a, francamente incrédulo, e ela se virou para olhar para ele com um sorriso cansado. — É a sua primeira viagem à cidade grande? — Parecia esperançoso, mas ela sacudiu a cabeça e fez o que pôde para desencorajar a conversa, depois disso. As duas turistas japonesas conversavam animadamente no seu idioma e o motorista apenas praguejava, "costurando" nas faixas de tráfego. Era um retorno apropriado à sua cidade, e quando cruzaram a ponte de *Queens* para Manhattan, ela olhou para a silhueta dos edifícios recortada contra o céu e teve vontade de chorar. Não queria ver o Empire State e a ONU e os outros prédios. Queria ver a casa grande, a cocheira, as belas sequóias e aquele imenso céu azul. — Bonito, não é?

O vendedor de plásticos suado de Detroit aproximou-se mais dela e **Sam** balançou a cabeça e se moveu para mais perto da porta do carro.

— Não, não é. Não depois do que tenho visto, ultimamente.

Fitou-o com raiva, como se a sua volta para Nova York fosse culpa dele. Depois disso, o homem ficou de olho numa das moças japonesas, mas ela apenas deu uma risadinha e continuou tagarelando em japonês com a amiga.

Felizmente, o motorista deixou **Sam** em casa primeiro e ela ficou parada por um longo momento na calçada, fitando a sua casa, subitamente temerosa de entrar, lamentando ter voltado, e com mais saudades de **Tate** do que nunca. Que diabo estava fazendo aqui nessa cidade estranha, sozinha, cercada por toda essa gente, voltando para o apartamento que partilhara com John? Só o que queria era voltar para a Califórnia, encontrar **Tate**, morar e trabalhá-lo na estância. Por que não podia ter isso? Seria tanto assim para se pedir? Ficou se perguntando enquanto destrancava a porta da frente e subia a escada carregando as malas. Nenhum dia de 12 horas numa sela a deixara tão exausta quanto este, com uma viagem de avião de cinco horas, duas refeições, um filme e o choque emocional de voltar para Nova York. Gemendo sob o peso das malas, largou-as no patamar, junto a porta da frente, procurou a chave, enfiou-a na fechadura e escancarou a porta. O lugar cheirava à parte de dentro de um aspirador de pó, quando ela entrou. Estava tudo ali, onde deixara, parecendo vazio e mal-amado e diferente, de certa forma, como se, enquanto ela tivesse estado fora,

todos os móveis tivessem se alterado sutilmente, encolhido ou crescido ou apenas mudado ligeiramente de cor. Nada parecia-se exatamente com o que era antes. E no entanto era, cada pedacinho, exatamente como fora quando ela e John tinham morado ali. Sentia-se como uma intrusa, ou como um fantasma retornando a uma cena do seu passado.

— Alô?

Não teve muita certeza do motivo que a levou a chamar, mas quando ninguém respondeu ela fechou a porta da frente e se sentou com um suspiro. Depois, correndo os olhos à sua volta, foi tomada pelos soluços, seus ombros tremeram e enterrou o rosto nas mãos.

O telefone tocou insistentemente dali a 20 minutos, e ela fungou e assoou o nariz no lenço e atendeu o aparelho, sem ter muita certeza de por que o fazia. Depois de todo esse tempo era obviamente engano, a não ser que fossem Harvey ou Charlie. Eram as duas únicas pessoas em Nova York que sabiam que ia voltar.

— Pronto?

— **Sam?**

— Não. — Deu um meio-sorriso, por entre as lágrimas. — É um ladrão.

— Os ladrões não choram, boba.

Era Charlie.

— Claro que choram. Aqui não há TV a cores para levar.

— Venha para a nossa casa, eu lhe darei a minha.

— Não quero. — E então, lentamente, as lágrimas começaram a correr de novo, ela fungou ruidosamente e fechou os olhos, tentando recobrar o fôlego. — Desculpe, Charlie, acho que não estou exatamente entusiasmada por estar de volta.

— É o que parece. Então, por que voltou? — Falava com displicência.

— Está maluco? Você e Harvey vêm me ameaçando com o diabo a quatro, nas últimas semanas, e agora você está querendo saber por que estou aqui?

— Tudo bem, então venha nos ajudar com o seu cliente maluco e depois volte. Para sempre, se é o que quer.

Charlie encarava a vida de um modo prático demais.

— Não é assim tão simples.

— Por que não? Escute, **Sam**, a vida é muito curta e pode ser muito doce, se a gente deixar. Você já é uma mocinha, está livre, deve poder morar onde lhe der na telha. Se o que você quer é viver rodeada por um bando de cavalos pelo resto da vida, então vá em frente.

— É assim tão simples, hem?

— Claro. Por que não? Escute só, por que você não tenta viver aqui por algum tempo, como uma espécie de turista, veja como se sente daqui a uns dois meses, e se não estiver feliz... que diabo, **Sam**, sempre pode se mandar.

— Você faz tudo parecer tão fácil...

— É como devia ser. De qualquer forma, moça bonita, seja bem-vinda. Mesmo que você não queira estar aqui, nos sentimos felizes pra burro de tê-la de volta.

— Obrigada, meu querido. Como vai Mellie?

— Gorda, mas bonita. O bebê deve chegar daqui a dois meses, e desta vez é uma menina, tenho certeza.

— Claro, Charlie, claro. Será que já não ouvi isso duas vezes antes? — Sorriu e enxugou as lágrimas do rosto. Pelo menos era bom estar de novo na mesma cidade que ele. — A verdade, Sr. Peterson, é que o senhor só sabe fazer meninos. Tem algo a ver com os jogos de basquete a que assiste, alguma coisa no ar penetra nos seus genes.

— Está certo, então vai ver que o que preciso no futuro é ir assistir mais espetáculos de *striptease*. Até que faz sentido...

Riram juntos, enquanto **Sam** corria os olhos pelo apartamento deprimente.

— Pensei que você ia molhar as minhas plantas, Charlie.

Havia mais riso do que recriminação na voz dela, ao fitar as plantinhas murchas e

mortas.

— Durante cinco meses? Deve estar brincando. Compro novas para você.

— Deixe para lá. Amo você, mesmo assim. A propósito, conte-me como vão as coisas no escritório, agora que vocês me trouxeram para casa.

— Mal.

— Terrivelmente mal ou medianamente mal?

— Cruciantemente mal. Mais dois dias e eu teria tido uma úlcera ou matado Harvey. Aquele filho da puta vem me deixando louco há semanas. O cliente não aprovou nada do material que lhe apresentamos, achou tudo muito afetado, muito efeminado, muito limpo.

— Não usaram o meu tema dos cavalos?

— Usamos sim, pombas, examinamos todos os modelos hípicas deste lado do Mississippi, entrevistamos todas as jóqueis femininas, todos os treinadores, todos...

— Não, não, pelo amor de Deus, Charlie. Eles têm razão, se é isso o que vocês estão fazendo. Estou falando de *cavalos*. Vaqueiros. Sabe, machos, poentes, cavalgar para o poente num belo garanhão... — Enquanto falava, o seu pensamento se dirigiu instantaneamente para Black Beauty e, é claro, Tate. — É disso que precisa para aqueles carros. Não estão vendendo um carrinho feminino, estão vendendo um carro esporte de preço baixo, e eles querem dar uma impressão de potência e velocidade.

— E acha que um cavalo de corrida não vai poder fazer isso?

— Porra, não — Exclamou, inflexível, e ele sorriu do outro lado da linha.

— Acho que é por isso que essa criança é sua.

— Amanhã eu dou uma espiada no que vocês têm.

— Até amanhã, garota.

— Um beijo para Mellie, Charlie, e obrigada por ter ligado. — Repôs o fone no gancho e olhou à sua volta de novo, soltou um suspiro e murmurou consigo mesma: — Ah, Tate... por quê?

Aos pouquinhos foi desfazendo a mala, tirando o pó das coisas, ajeitando aqui e ali, olhando ao seu redor e tentando se convencer de que este era o seu lar. Às dez horas, foi para a cama, agradecida, com um bloco e alguns memorandos de Harvey. Queria se familiarizar com o que ia enfrentar no dia seguinte. Passava da meia-noite quando largou o bloco, apagou a luz e tentou pegar no sono. Acabou levando duas horas para adormecer, pensando na estância e esperando ouvir os sons familiares que nunca chegavam.

Capítulo 20

A volta de **Samantha** ao escritório, deu-lhe a sensação de estar fazendo uma viagem no tempo, de volta a um ponto que lhe parecia totalmente estranho, a sua mesa e a sala e os colegas pareciam, de repente, fazer parte de uma outra vida. Mal podia imaginar uma época em que passara dez horas por dia aqui, quando o funcionamento de Crane, Harper e Laub preocupava-a em todas as horas em que estava desperta. Agora os problemas com que lidavam pareciam tão infantis, os clientes de quem falavam tão tolos e tirânicos, os conceitos e apresentações e idéias pareciam brincadeira de criança. Não conseguia se forçar a sentir medo de que fossem perder um cliente, a ligar para o fato de alguém estar zangado, ou da reunião dar errado. Ficou escutando com cara séria a manhã toda, e quando terminou, achou que tinha perdido o seu tempo. Apenas Harvey Maxwell, o diretor criativo, parecia pressentir, vagamente, o que estava sentindo e olhou para ela, vivamente, depois que todos tinham saído da sala de reunião, no 24º andar.

— Bem, **Sam**, como se sente?

Fitou-a atentamente, a testa franzida, o cachimbo na mão.

— Estranha. — Sempre tentara ser sincera com ele.

— Não é de admirar. Você esteve ausente durante muito tempo.

— Mais tempo do que devia, talvez. — Fitou-o nos olhos. — É difícil voltar, depois de tanto tempo. Sinto... — hesitou, depois resolveu falar, assentindo: — Como se tivesse deixado uma grande parte de mim, ali.

Ele soltou um suspiro, meneou a cabeça e tentou acender o cachimbo de novo.

— Também senti isso. Algum motivo especial? — Os seus olhos buscaram os

dela. — Há alguma coisa que eu deva saber? Apaixonou-se por um vaqueiro, **Sam**, e está pretendendo voltar?

Perguntava mais do que ela queria contar, sendo assim, apenas sacudiu a cabeça.

— Não propriamente.

— Não estou certo de que a sua resposta me agrade, **Sam**. — Largou o cachimbo.
— É um tanto vaga.

Mas **Sam** retrucou, suavemente:

— Eu voltei. Você pediu que voltasse e voltei, e talvez isso seja tudo o que ambos precisamos saber, por enquanto. Você me deixou ir numa época em que eu estava precisando desesperadamente, muito mais do que me dava conta. E agora precisa de mim, portanto cá estou. Vou ficar enquanto você precisar. Não vou abandoná-lo, Harvey, prometo.

Sorriu, porém Harvey Maxwell não fez o mesmo.

— Mas acha que pode voltar, **Sam**?

— Talvez. Não sei o que vai acontecer. — Depois, com um pequeno suspiro, reuniu as suas coisas. — Por que não nos preocupamos com o nosso cliente, no momento? O que você acha dos meus temas de estância para os comerciais, um vaqueiro cavalgando ao crepúsculo ou ao alvorecer, com uma manada atrás dele... um homem montado num esplêndido cavalo, emergindo da paisagem, no entanto integrado no seu meio ambiente...

— Chega! — Ergueu a mão espalmada e abriu um sorriso. — Vai me fazer comprar o carro. Gostei. Prepare o material com Charlie e vamos ver se botamos isso para funcionar.

O material para apresentação em que trabalhou com Charlie nas três semanas seguintes foi o melhor que qualquer um deles já vira anteriormente. O que tinham nas mãos não era apenas uma série de comerciais vigorosos, era outra campanha digna de prêmios. Recostada na cadeira depois da primeira reunião com o cliente, **Sam** parecia feliz e orgulhosa.

— Muito bem, garota, você conseguiu. — Charlie jogou os braços à sua volta,

enquanto esperavam que Harvey viesse se reunir a eles. Tinha ido levar o cliente até o elevador, e **Sam** e Charlie ficaram conversando. — Eles adoraram!

— E deviam, mesmo. A sua arte-final foi estupenda, Charlie.

— Foi um prazer.

Abriu um sorriso e alisou a barba, e dali a um momento Harvey veio se juntar a eles, sorrindo de orelha a orelha e acenando para os cartazes espalhados pela sala. Haviām apresentado quatro comerciais, na esperança de convencer o cliente a aceitar um ou dois. Ele aceitara todos os quatro.

— Como é, crianças, fizemos uma bela apresentação, ou não?

Harvey não conseguia apagar o sorriso do rosto e **Samantha** retribuiu-lhe o sorriso, toda feliz. Era uma das primeiras vezes em que parecia feliz, desde que chegara, mas era gostoso fazer algo construtivo, e tê-lo feito tão bem.

— Quando começamos?

— Querem começar a produção imediatamente. Quando pode começar, **Sam**? Temos alguma área exterior de filmagem escolhida? Puxa, você deve conhecer estâncias em número suficiente para escolher logo uma. Que tal aquela em que passou os últimos seis meses?

— Vou ligar para lá. Porém vamos precisar de mais três. E acho — refletiu, mordiscando o lápis — acho que cada área de filmagem deve ser inteiramente diferente. Cada estância deve ser diferente, especial, distinta das outras. Não queremos repetições da que for filmada antes.

— O que está sugerindo?

— O Noroeste, o Sudoeste, o Meio-Oeste, a Califórnia... quem sabe até o Havaí... a Argentina?

— Ah, Jesus, eu sabia. Bem, faça as contas e veja se o nosso orçamento dá. Eles ainda vão ter que aprovar essa parte, mas acho que não haverá problemas. Faça-me um favor, comece logo a procurar as estâncias. Parece que vai levar algum tempo. E ligue para a sua amiga na sua estância. Pelo menos, assim, teremos logo uma. Se for preciso, podemos começar ali.

Sam concordou. Sabia que essa filmagem, como inúmeras outras, ia ser inteiramente dela. Agora que regressara, Harvey já estava falando em se aposentar, de novo, e ela sabia que ia deixar todo o trabalho de filmagem nas estâncias nas suas mãos.

— Posso ter que ir de avião dar uma olhada em alguns locais na semana que vem, Harvey. Tudo bem com você?

— Tudo ótimo.

Ele se retirou, a seguir, ainda com um amplo sorriso no rosto, e **Samantha** e Charlie voltaram para os seus escritórios. O de **Samantha** era branco-sobre-branco, com mesa de vidro e cromado, sofá e poltronas de couro bege e litografias, todas coordenadas no mesmo branco e bege. A sala de Charlie mais parecia um sótão de artista pouco convencional, atravancado e colorido e divertido, com caixas de formatos estranhos, plantas imensas e cartazes engraçados. Tinha cara de sala de diretor artístico, uma parede era branca, uma amarela, duas eram de um profundo azul-urze e o tapete era marrom-escuro. Fora ele, naturalmente, quem escolhera a sua própria decoração. A de **Sam** era parte do esquema geral de todo o escritório da CHL, todo decorado em tons de areia e texturas suaves com linhas modernas e muito pouca alma. Mas era repousante trabalhar ali. Ela nem enxergava a decoração, quando estava trabalhando, e quando recebia os clientes, era geralmente numa das salas de reunião, ou então ia almoçar com eles no Four Seasons.

Quando olhou para o relógio, viu que era a hora errada de ligar para Caroline e pedir se podiam filmar lá. Ao meio-dia, na Califórnia, Caroline estaria nas colinas com Bill e os outros homens. Porém pegou a lista na qual já dera uma olhada de manhã, na expectativa, e começou a dar telefonemas para ver o que era possível fazer. Sabia muitíssimo bem que não podia simplesmente pegar o telefone e ligar para estâncias onde não conhecia ninguém. Teria que voar até as áreas, depois rodar por ali e passar-lhes a sua cantada pessoalmente, perguntando se deixariam que um comercial fosse filmado na sua estância. Geralmente se levava semanas para achar as áreas exteriores de filmagem, mas ela ia fazer tudo direitinho, porque ia produzir os melhores comerciais que já se havia visto. Estava agindo assim tanto para o cliente quanto para si mesma. Significava muito para ela fazer tudo perfeito, fazê-lo especial e importante e impressionante e eficaz... e quem sabe até encontrar **Tate**. Esta era uma possibilidade que não lhe escapara. Não fora por este motivo que fizera força para vender a idéia. O

tema do vaqueiro a cavalo era perfeito para o produto, mas quem sabe, também, enquanto estivesse viajando e procurando as estâncias, e quem sabe quando voltasse para realizar a filmagem, quem sabe então alguém nessas estâncias pudesse saber notícias de **Tate**. A perspectiva de encontrá-lo era um objetivo que nunca a abandonava, e agora parecia maior do que nunca enquanto ligava para o departamento de viagens e lhes pedia que reservassem passagens para ela nos vãos para Phoenix, Albuquerque, Omana e Denver, todos durante a semana seguinte.

— Procurando um local para filmagem? — Perguntou a voz.

— É — retrucou **Sam**, já profundamente envolvida com as anotações na sua mesa de trabalho. Tinha uma lista de locais que queria ver, a maior parte concentrada nessas quatro áreas, e além disso, naturalmente, havia a estância de Tia Caro.

— Parece divertido.

— Deve ser.

E os olhos de **Sam** começaram a dançar.

Capítulo 21

O telefone tocou na Estância Lord às seis horas da noite, enquanto **Sam** esperava no seu apartamento, de roupão, fitando novamente a decoração sem vida ao seu redor. Resolveu, enquanto não atendiam do outro lado, que ia ter que tomar providências quanto à aparência do apartamento, se é que pretendia continuar ali.

— Alô?

Era Caroline, e **Sam** abriu um sorriso, imediatamente.

— Puxa, que bom ouvir a sua voz.

— **Sam**? — Caroline sorriu, em resposta. — Está bem?

— Estou ótima, trabalhando num projeto maluco, e além de querer saber como estão todos aí, eu queria lhe pedir um favor, mas você tem que ter a liberdade de dizer não.

— Primeiro, me conte como vai, e que tal é estar de volta.

Samantha notou que **Caroline** parecia cansada, mas atribuiu-o a um longo dia de trabalho e relatou integralmente a sua volta, como o apartamento lhe parecera sombrio, como se sentira regressando ao escritório, e depois a sua voz ficou cheia de entusiasmo ao explicar sobre os comerciais e a sua busca das outras estâncias, nas semanas seguintes.

— E sabe o que isso significa, não sabe? — Quase atropelava as palavras. — Significa que talvez, talvez, se eu tiver sorte — Mal ousava sussurrar — possa encontrar **Tate**. Que diabo, vou correr o país todo.

Por um momento, **Caroline** ficou calada.

— É por isso que está fazendo o trabalho, **Sam**?

Caroline parecia triste por ela. Queria que **Sam** o esquecesse. Seria melhor para ela, no final das contas.

— Não, não é. — **Sam** se retraiu um pouco. Tinha escutado a consternação na voz da mulher mais velha. — Mas é por isso que estou tão entusiasmada. Esta é uma grande oportunidade para mim.

— Eu diria que é, profissionalmente, de qualquer modo. Pode ser uma coisa muito importante para você, se os comerciais saírem tão bons quanto você acha que vão sair.

— Estou torcendo para que saiam, e foi em parte por isso que telefonei. Tia Caro, o que você acha de fumarmos na sua estância?

Foi uma pergunta franca e direta, mas fez-se um momento de silêncio na outra extremidade da linha.

— Normalmente, **Sam**, eu teria adorado, nem que fosse pela oportunidade de vermos você. Mas, infelizmente, agora é impossível.

A sua voz fraquejou e **Sam** franziu o cenho.

— Algum problema, Tia Caro?

— Sim. — Um pequeno soluço a sacudiu, mas ela logo se controlou. — Não, juro, estou bem. Bill teve um pequeno enfarte na semana passada. Nada de muito grave. Já voltou do hospital e o médico falou que não há necessidade de nos alarmarmos, mas...

— De repente, foi tomada por novos soluços. — Ah, **Sam**, pensei que, se alguma coisa acontecesse... não sei o que faria. Não poderia viver sem ele. — Era a primeira vez que enfrentavam uma coisa dessas, e ela estava apavorada de perdê-lo. — Não poderia continuar, se alguma coisa acontecesse a Bill.

Soluçou baixinho, ao telefone.

— Meu Deus, por que não ligou para mim?

— Não sei, tudo aconteceu tão depressa. E fiquei com ele no hospital e tenho estado tão ocupada, desde que veio para casa. Passou ali só uma semana, e o médico falou que não é nada...

Estava se repetindo, na sua ansiedade, e **Sam** podia sentir as lágrimas assomarem-lhe aos olhos, também.

— Quer que eu vá para aí?

— Não seja boba.

— Estou falando sério. Não preciso ficar aqui. Eles passaram o inverno todo sem mim, podem se ajeitar muito bem. Especialmente agora que já preparei todo o terreno para eles, só o que têm a fazer é achar os locais de filmagem e depois mandar uma firma de produções fazer o filme. Posso chegar aí amanhã, Tia Caro. Quer?

— Para mim seria um prazer, querida. — A mulher mais velha sorriu por entre as lágrimas. — E eu gosto muito de você. Mas nós estamos bem, juro. Cuide dos seus comerciais e eu cuido de Bill e ele vai ficar bem. É só que achei que, no momento, a confusão...

— Claro que não. Lamento ter pedido, mas não, não lamento. Se não tivesse pedido, jamais teria sabido sobre Bill. Você foi uma peste de não ter ligado para mim! Tem certeza de que pode dar conta?

— Absoluta. E se precisar de você, telefone.

— Promete?

— Solenemente.

Caroline sorriu de novo.

E depois **Sam** fez a próxima pergunta, gentilmente.

— Ele está morando na sua casa?

Esperava que sim, seria bem mais fácil para Tia Caro e mais agradável para ele.

Mas Caroline suspirou e sacudiu a cabeça.

— Não, claro que não. Ele é tão teimoso, **Sam**. Está na sua velha cabana. Agora sou eu que fico entrando e saindo às escondidas a noite toda.

— Que ridículo. Não pode fingir que ele vai ficar no quarto de hóspedes? Que diabo, é seu capataz há trinta anos, isso seria assim tão chocante?

— Ele acha que sim, e como não deve se aborrecer deixo que faça o que quiser.

— Homens! — Exclamou **Sam**, bufando, e Caroline achou graça.

— Concordo plenamente.

— Bem, mande lembranças minhas para ele e diga-lhe para se cuidar; daqui a alguns dias ligo para saber notícias. — Pouco antes de desligar, disse para a velha amiga: — Gosto muito de você, Tia Caro.

— E eu de você, **Sam**, querida.

E agora estavam unidas por um segredo comum, as vidas de mulheres que amavam vaqueiros, que tinham que viver algemadas pelas regras malucas do romance peculiares às estancieiras e seus empregados. E agora que Caroline quase perdera o seu amado capataz, entendia repentinamente toda a extensão da dor de **Sam**.

Capítulo 22

Durante dez dias **Sam** voou do Meio-Oeste para o Sudoeste, depois novamente para o Norte, e apenas a insistência de Caroline de que Bill estava bem melhor manteve-a afastada da Califórnia. Em cada lugar que parou alugou carros, hospedou-se em pequenos motéis, guiou centenas de quilômetros e falou com cada estancieiro em que podia deitar as mãos, e para os seus próprios fins, falou igualmente com os vaqueiros. Para os fins de Crane, Harper e Laub, depois de dez dias tinha exatamente o que precisava, quatro estâncias esplêndidas, cada uma delas totalmente diferente, cercada por uma paisagem variada mas majestosa. Eram ambientes que dariam

comerciais extravagantemente belos. Porém, para os seus próprios fins, **Sam** se deu mal, todas as vezes. Enquanto voava de volta para Nova York, a sensação de vitória por ter encontrado o que queria era sobrepujada pela depressão por não ter encontrado **Tate**. Ligara para Caroline todas as noites, do quarto do hotel, indagara sobre Bill, depois contara-lhe sobre as pessoas com quem conversara, o que haviam dito, e se questionara mais umas cem vezes sobre o que podia ter acontecido com **Tate**, aonde podia ter ido, qual a direção que podia ter tomado. A essa altura, tinha falado com tantos estancieiros desde que ele desaparecera, há três meses, que tinha certeza de que, se alguém o encontrasse, o visse, o conhecesse ou o contratasse, sem dúvida mandaria-lhe um bilhete. Deixara o seu cartão em todas as estâncias que visitara, e sem dúvida os seus esforços teriam êxito. Quem sabe ele estava visitando parentes pelo caminho, e se dirigia para um destino específico. Porém, novamente Caroline lembrou-se que podia estar em qualquer lugar, qualquer estância, e que sempre havia a possibilidade de jamais voltar a aparecer na vida de **Sam**, de novo. Achava que, para o bem de **Sam**, essa possibilidade tinha que ser enfrentada.

— Nunca vou desistir completamente — dissera **Sam** teimosamente, na véspera.

— Não, mas também não pode passar o resto da vida esperando.

Sam não falou, mas pensou imediatamente "Por que não?" A seguir, voltaram a conversar sobre Bill e a sua saúde. Caroline achava que estava bem melhor, mas ainda fraco.

E agora, enquanto o avião pousava em Nova York, **Sam** pensou nele de novo e, inevitavelmente, em **Tate**. Sabia, também, que durante o mês seguinte pensaria nele todos os dias, todos os momentos, enquanto entrevistava ator após ator para representar no comercial. Já tinham concordado com o cliente que o que queriam não eram quatro vaqueiros, mas um homem só. Um homem que corporificasse tudo o que era vigoroso e masculino e bom e verdadeiro e sensual no país. E **Sam** só conseguia pensar em alguém que se parecesse com **Tate**.

Nas semanas que se seguiram, nas horas que passou se reunindo com os atores enviados pelas maiores agências de modelos da cidade, comparou-os todos com ele. Queria alguém alto, de ombros largos, um pouco além dos 40 anos, uma voz profunda e melíflua, bondoso, olhos interessantes e mãos fortes, que se sentasse bem numa sela... o que realmente queria era **Tate**. Era como se, cada vez que a secretária

anunciava um novo grupo de atores para ser testado, **Sam** fosse ao seu encontro esperando encontrá-lo. O que via, contudo, eram louros estonteantes de ombros largos; homens altos, morenos e bonitões; antigos jogadores de futebol e até mesmo um ex-jogador de hóquei; homens de rostos másculos, olhos fundos e queixos fortes; mas a maioria parecia de plástico, alguns tinham vozes ruins, rostos bonitos demais, um se parecia mais com um bailarino do que com um vaqueiro. Afinal, depois de uma procura de quatro semanas, achou o seu homem, o que foi uma boa coisa. A filmagem estava marcada para dali a duas semanas, a ter início no dia 15 de julho.

O homem que escolheram era, na realidade, um inglês, mas o seu sotaque do Oeste era tão perfeito que ninguém diria. Durante anos fora um ator shakespeariano em Stratford-on-Avon e dois anos atrás resolvera vir para Nova York e começar a fazer comerciais, porque estava cansado de papéis que muito exigiam dele e pagavam pouco. No momento, anunciava refrigerantes, roupas de baixo e uma linha de ferramentas num comercial nacional que lhe pagavam um belo salário. Tinha ombros que iam de um lado do aposento ao outro, um belo rosto anguloso que era vistoso sem ser bonitinho, profundos olhos azuis e cabelo castanho-avermelhado. Tinha todo o físico para o papel e todos os homens dos Estados Unidos iam querer se identificar com ele, e as suas mulheres sonhariam com o carro anunciado, na esperança de que o vaqueiro do comercial pudesse, por milagre, aparecer ao volante. Era exatamente o que precisavam para o anúncio, e a única coisa que divertia **Sam**, segundo contou a Charlie, era que o novo herói do Oeste deles era *gay*.

— E parece? — indagou Charlie, preocupado.

— Claro que não, ele é um ator. E é uma graça!

— Bem, faça um favor a si mesma e não se apaixone por ele.

— Vou tentar. — Mas a melhor parte era que gostava dele. Chamava-se Henry Johns-Adams e, pelo menos, seria uma boa companhia na viagem. Era muito lido, terrivelmente educado, extremamente culto e parecia ter também um bom senso de humor. Seria um alívio a presença de uma pessoa como ele, ao invés de alguns dos egomaníacos indisciplinados e mascarados com quem tivera que lidar em outras filmagens. — Você vem para o Oeste com a gente, Charlie?

— Não sei, **Sam**. Não quero deixar Mellie. Se ela tiver tido o bebê até lá, tudo bem. Se não, talvez mande dois dos meus assistentes. Você dá um jeito?

— Se for preciso. — E, com um sorriso meigo: — Como ela está se sentindo?

— Gorda, exausta, cheia, chata. Mas eu a amo assim mesmo. E está quase no fim. O bebê deve chegar no fim da semana que vem.

— Que nome vão dar a ele? — Ainda não largara do pé dele, insistindo que ia ser outro menino.

— Ela. E você vai ver. Não vamos contar que nome vamos dar a ela, é uma surpresa, desta vez.

— Ande, Charlie, conte. Charlotte, se for menina?

Adorava implicar com ele e Charlie beliscou-lhe o traseiro enquanto sacudia a cabeça e desaparecia.

Afinal de contas, Mellie teve o bebê naquele fim de semana, uma semana antes do prazo, para variar, e finalmente uma menina, desta vez. A surpresa foi que lhe deram o nome de **Samantha**. Quando Charlie lhe contou, no escritório, na terça-feira após o fim de semana de Quatro de Julho, os olhos de **Sam** ficaram cheios de lágrimas.

— Está falando sério?

— Claro que sim. Quer ir vê-la?

— Está brincando? Adoraria. Mellie não está cansada demais?

— Pombas, não. O quarto é fácil. É revoltante, mas ela saiu andando da sala de parto. Fiquei piradão, mas o médico falou que tudo bem.

— Fico nervosa só de ouvir contar.

Como todas as mulheres que nunca tinham tido filhos, **Samantha** espantava-se com o processo inteiro e toda a mística.

Foram juntos ao hospital na hora do almoço, e Mellie parecia feliz e saudável e resplandecente num roupão cor-de-rosa debruado de renda, chinelinhos de cetim cor-de-rosa, um largo sorriso no rosto e o bebezinho rosa e branco aninhado nos braços. Por um longo momento, **Sam** não disse absolutamente nada, apenas ficou olhando para o embrulhinho delicado, os olhos fixos no rosto do bebê.

— Ela é tão linda, Mellie — Sussurrou **Sam**, fascinada, e Charlie soltou uma risadinha, parado atrás dela.

— É. Mas nós a teríamos chamado de **Samantha** mesmo que fosse feia.

Sam se virou e fez uma careta para ele. Aquilo suavizou a solenidade do momento e a ânsia repentina de **Sam** por aquilo que jamais poderia ter, o milagre do parto e do seu próprio filho. Ultimamente não permitia que os seus pensamentos tomassem esse rumo, mas pela primeira vez em muito tempo, enquanto fitava a recém-nascida, sentiu realmente o coração doer pelo sonho perdido.

— Quer pegá-la no colo?

Melinda parecia mais linda do que nunca, aos olhos de **Sam**. Uma espécie de brilho sereno parecia emanar das profundezas da sua alma e, ao mesmo tempo, envolver o bebê que jazia precioso e protegido nos braços da mãe.

— Acho que não. — **Sam** sacudiu a cabeça e sentou-se num canto da cama, os olhos ainda fixos no bebezinho. — Tenho medo de quebrá-la.

— São mais resistentes do que parecem. — Era o que todas as mães alegavam. — Vamos... experimente.

Sem aviso, Melinda largou o bebê nos braços de **Sam** e ajeitou-a ali, enquanto todos observavam o bebê se espreguiçar, se enroscar de novo e sorrir. Adormeceu profundamente no colo de **Sam**, e esta podia sentir o calor da criança nos braços.

— É tão pequenina!

— Não, não é! — riu-se Mellie. — Pesa três quilos e oitocentos!

Porém, dali a um momento a **Samantha** recém-nascida descobriu que estava com fome e acordou, buscando a mãe, com um urro. A **Samantha** mais velha devolveu-a à segurança de Melinda e logo depois ela e Charlie voltaram para o escritório, enquanto **Samantha** sentia mais uma vez o quanto estava perdendo na vida. Era uma daquelas vezes em que o fato de ser estéril pesava sobre ela como um pedregulho nas suas entranhas.

Então, parando à porta da sua sala, lembrou-se e falou para Charlie:

— Isso quer dizer que virá para o Oeste comigo?

Ele fez que sim, sorrindo.

— Teria que ir, de qualquer jeito.

— Como assim? — exclamou, surpresa.

— Só para ter certeza de que você não vai violentar o nosso vaqueiro!

— Não é possível.

Abriu um sorriso para ele e entrou na sala. A agonia de ter visto o bebê diminuiu ligeiramente, embora não a tivesse deixado por completo pelo restante do dia.

Capítulo 23

— Todos prontos?

Charlie olhou para eles com um largo sorriso, depois fez uma curvatura para a comitiva e um gesto para que entrasse no avião. Iam de avião comercial até o Arizona, mas eles eram tantos que parecia que tinham comprado a maior parte dos lugares de primeira classe. Eram sete pessoas da companhia de produção, e além delas **Sam**, Charlie, seus dois assistentes, Henry Johns-Adams (o ator inglês) e o seu amiguinho. Para aumentar a montanha de equipamento e bagagem e diversos caixotes e caixas, Henry e o amigo tinham trazido o seu cachorro, um minúsculo *poodle* branco chamado Georgie, que **Samantha** rezava para que não saísse correndo para debaixo das patas dos cavalos. Se o fizesse, era tão pequenino que provavelmente estaria tudo acabado, e a filmagem também, como seria de se esperar.

Além disso, iam encontrar-se no Arizona com uma maquiadora e um cabeleireiro, ambos vindos de trabalhos em Los Angeles, e que continuariam com o grupo de Crane, Harper e Laub pelo restante da viagem.

— Acha que não se esqueceram de nada da nossa bagagem? — sussurrou o amigo de Henry para **Samantha**, nervosamente, e ela convenceu-o de que estava tudo a bordo, sem sombra de dúvida. — Mas é tanta coisa.

— Já estão acostumados. Além disso, estamos na primeira classe.

Como se isso fosse fazer diferença, como se não perdessem com a mesma facilidade uma das malas do conjunto Vuitton dele ou uma das peças da bagagem **Samsonite** da equipe ou uma das peças de um milhão de dólares de equipamento. E,

mais uma vez, se deu conta da trabalhadeira que teria nessa viagem. Depois de bolar a idéia, quase ter escrito sozinha os anúncios, encontrado os locais para a filmagem, escolhido o ator principal, organizado as equipes, selecionado a firma de produção e aprovado o seu lance, o que ia fazer agora, nas duas semanas seguintes, em quatro locais de filmagens diferentes, era tranquilizar a todos, dizendo que logo chegaria a comida, que só faltavam mais algumas tomadas, que o tempo estaria mais fresco amanhã, que o condicionador de ar do hotel seria consertado até a hora do almoço e que a comida na próxima cidade não poderia ser tão ruim quanto essa. E ainda ter que aturar um namoradinho *gay* e nervoso e um *poodle* francês não ia facilitar coisa alguma. Por outro lado, Henry Johns-Adams já provara ser tranquilão, divertido e boa-praça, e **Sam** esperava que pudesse manter sob controle tanto o amante quanto o bichinho de estimação. Não se importava com o fato dele ser *gay*, mas ficara um pouco chateada por ter trazido a sua comitiva. No entanto, ele insistira e eles o queriam tanto que teriam permitido que trouxesse a mãe e 14 amigos do peito.

As bebidas no avião acalmaram o pessoal e deram-lhe ânimo. Charlie estava em grande forma e divertiu todo mundo e, finalmente, meia hora depois de terem saído de Tucson, estavam todos à vontade. Não teriam que trabalhar, aquele dia. Iam viajar de carro 240 quilômetros até o local da filmagem, em três peruas alugadas, com todo o equipamento, depois comeriam um belo jantar, teriam uma boa noite de sono e começariam a enfrentar o batente bem cedinho, na manhã seguinte. O horário a que **Sam** se habituara na estância ia lhe ser de grande valia, já que estava calculando que teria que se levantar todos os dias às quatro e meia. E tinha um plano para todas as noites, para uma ou duas horas depois do trabalho. Já tinha feito a lista das pessoas adicionais com quem queria conversar, e depois do trabalho de filmagem na estância, iria bater papo com os vaqueiros. Quem sabe um deles tinha trabalhado com **Tate** nalgum lugar, quem sabe um deles saberia de um elo... um parente, um antigo patrão, alguém que talvez soubesse onde se encontrava. Valia a pena tentar. Tudo valia. Quando o avião baixou o trem de aterrissagem, **Samantha** sorriu consigo mesma, sentindo-se esperançosa. Nunca se sabia, quem sabe um dia desses chegaria numa estância, enxergaria um vaqueiro alto e bonitão encostado numa cerca, e ele não seria um estranho, desta feita. Seria **Tate**, com aqueles olhos verdes, o sorriso meigo, a boca que ela amava tanto... **Tate**...

— Tudo bem, **Sam**?

Charlie dera-lhe uma palmadinha no braço, e quando **Sam** se virou, surpresa, ele

a estava fitando de um modo estranho.

— Hem? — Exclamou, espantada.

— Há dez minutos que estou falando com você.

— Que ótimo.

— Queria saber quem você quer que guie os outros dois carros.

Ela voltou rapidamente a se concentrar nos negócios e deu instruções, mas não era nisso que estava pensando quando pousaram e deixou o olhar se demorar no horizonte, imaginando se no dia seguinte, ou quem sabe no outro, o encontraria... Tate, você está aí? Queria murmurar as palavras, mas sabia que não haveria resposta. Não havia jeito de saber. Tinha que continuar procurando. Mas era para isso que estava ali.

Foram dos primeiros a desembarcar, e ela organizou rapidamente o grupo, pegando as peruas, designando os motoristas, entregando mapas, comprando caixas de sanduíche para a viagem, distribuindo vales para o motel, para o caso de chegarem separadamente nos três carros. Pensara em tudo, como sempre.

No carro que ela guiava iam Charlie, o cabeleireiro, a maquiadora, o astro, o namorado dela, o *poodle* e toda a bagagem Vuitton. O equipamento, a equipe de trabalho e os assistentes iam nos outros dois carros. — Prontos?

Charlie olhou para trás e começou a distribuir latas de suco de frutas gelado. Estava um forno no Arizona, e todos se sentiam aliviados pelo carro possuir ar-condicionado. Henry contou histórias engraçadas sobre as suas *tournees* na Inglaterra, o namorado fê-los rolar de rir narrando o que fora descobrir que era *gay* em Dubuque, o cabeleireiro e a maquiadora tinham muitos casos para contar sobre a sua recente viagem a Los Angeles para pentear e pintar um famoso astro de *rock*, e a viagem transcorreu agradavelmente até chegarem ao hotel. Aí, como era de se prever, aconteceu o primeiro drama. O dono do hotel não aceitava cachorros, torceu o nariz para o amigo de Henry, olhou horrorizado para o cabelo cor de fogo do cabeleireiro, com a franjinha *azul punk*, e fechou a cara para "aquelas malas marrons feias". O amiguinho de Henry quase acariciou as suas amadas Vuitton e ameaçou dormir no carro, se fosse preciso, mas não ia abandonar o cachorro. Uma nota de cem dólares, que iria aparecer nas despesas de representação como gorjetas e miscelâneas, ajudou a

obter permissão para Georgie ficar no pavoroso esplendor de vinil cor de turquesa do hotel.

— Parece exausta, **Sam**.

Charlie estava esparramado no sofá do quarto dela, vendo-a estudar uma série de anotações presas numa prancheta. Ela ergueu os olhos, com um sorriso, e arremessou uma bola de papel que atingiu a orelha esquerda dele.

— Você deve estar brincando. Eu? Por que pareceria cansada? Só estou me arrastando pelo país com um bando de excêntricos e um *poodle* francês. Por que devia estar cansada, Charlie?

— Eu não estou cansado.

Fez uma cara de virtuoso e **Sam** fez uma careta.

— Não é de admirar. Nunca trabalha.

— Não é culpa minha. Sou apenas o diretor artístico, e vim para me certificar que o filme seja artisticamente belo. Não é culpa minha que você seja uma sacana ambiciosa e queira ser DC.

Estava apenas brincando, mas de repente **Sam** ficou com ar sério, sentando-se na cama.

— É isso que você acha, que quero ser *DC*!

— Não, meu amor. — Sorriu docemente para ela. — Não é isso que acho que quer. Mas acho que é o que vai ter. Você é boa pra burro no que faz. Na verdade, embora eu deteste admitir, às vezes é brilhante. E Harvey sabe disso, os clientes sabem, eu sei, todo mundo no ramo sabe, e mais cedo ou mais tarde vai receber o que merece. Ou alguém vai contratá-la oferecendo-lhe um salário a que nem mesmo você poderá resistir ou Harvey vai se aposentar, como vive ameaçando, e você vai terminar sendo DC.

Diretora Criativa... era uma idéia assombrosa.

— Não acho que seja o que quero. Pelo menos, não é mais.

— Então, trate de fazer alguma coisa a respeito enquanto pode, antes que tudo

aconteça e estoure na sua mão e seja tarde demais para impedir. — E, depois de pensar no assunto por um momento: — O que é que você quer, **Sam**?

Olhou para ela durante longo tempo, depois suspirou baixinho:

— Ah, Charlie, é uma história comprida.

— Foi o que pensei. — O seu olhar não se desviou do dela. — Apareceu alguém na Califórnia, não foi? Na estância? — Ela fez que sim. — E então, o que aconteceu?

— Ele me deixou.

— Que merda. — E logo em cima do John. Não era de admirar que parecesse tão rígida e infeliz, ao voltar. — Definitivamente?

— Não sei. Ainda o estou procurando.

— Não sabe onde está? — Ela sacudiu a cabeça, e Charlie fez uma cara de tristeza. — O que vai fazer?

— Continuar procurando — falou, com determinação, e ele assentiu.

— Muito bem. Você é uma moça forte, sabia, **Sam**?

— Não sei, amor. — Sorriu e suspirou de novo. — Às vezes tenho as minhas dúvidas.

— Não tenha. — Olhou para ela quase com orgulho. — Não creio que exista nenhuma situação da qual você não consiga sair. Lembre-se disso, garota, quando a barra pesar.

— Fique me lembrando.

— Pode deixar.

Trocaram um sorriso de carinho, e **Sam** ficou contente por ele ter vindo junto, era o melhor amigo que tinha, e a viagem ficava mais divertida com ele por perto, pilheriando, rindo, conversando, e por trás de toda aquela palhaçada havia um homem bom e inteligente. Ficava satisfeita, também, por possuir o respeito dele e de Harvey. A princípio, quando voltara dos meses passados na estância, tivera consciência de que estava tendo que se provar de novo, não apenas como diretora criativa assistente, mas

como pessoa, como amiga. E agora, em tão pouco tempo, sabia que estava de volta ao círculo do respeito e afeição deles. Isso significava uma grande coisa para ela, e **Sam** se levantou e foi beijar o rosto de Charlie.

— Não tem falado muito na minha xará, ultimamente.

— Está ótima. Escovando os dentes, sapateando, lavando roupa.

— Ora, cale a boca, palhaço. Estou falando sério. Como vai ela?

— Uma graça. As meninas são bem diferentes dos meninos.

— Você é muito observador, querido. A propósito, já está com fome? Eu estou morta, e ainda temos que bancar a babá e levar os nossos amorecos para jantar na casa de *tacos* ali na rua, caso contrário vão arrancar os cabelos e reclamar.

— É isso o que vai lhes dar para o jantar? *Tacos*? — Fez cara de chocado. — Não estou certo de que o nosso Sr. Vuitton vá gostar, sem falar no *poodle*.

— Não seja maldoso. Além disso, nesta cidade, duvido que haja outra coisa para se comer.

— Que maravilha.

Porém, no final das contas, eles se divertiram à grande, comendo *tacos*, bebendo cerveja e contando piadas que iam ficando cada vez mais picantes à medida que se descontraíam e se cansavam mais. Finalmente, o grupo todo voltou para o hotel e foi para a cama. Charlie fez um último aceno de despedida para **Sam** e desapareceu no seu quarto. Ela ainda ficou estudando as suas anotações para o dia seguinte por mais meia hora, antes de apagar a luz, bocejando.

Capítulo 24

Eram seis horas da manhã seguinte quando se reuniram para tomar café. E sete e meia quando finalmente chegaram à estância. Tinham decidido não filmar um nascer do sol no primeiro dia, mas se limitar a filmagens do dia já no seu transcurso, e quem sabe tentar um pôr-do-sol. Mas já era quase meio-dia quando tudo ficou pronto e do agrado da equipe de filmagem, e começaram a rodar as cenas de Henry Johns-Adams montando uma bela égua negra que fez **Samantha** pensar com saudade no garanhão puro-sangue de Caroline. Henry não estava montando nenhuma Black Beauty, mas a

égua era bonita e fotografaria bem. Tinha uma andadura elegante, enquanto subiam as mesmas colinas repetidas vezes, a meio galope, rodando tomada após tomada, mas o animal tinha o mesmo bom gênio do cavaleiro e no final do dia estavam todos cansados, mas não havia ninguém irritado. Era um bom grupo para se trabalhar e **Samantha** se achava satisfeita com o jeito que as coisas estavam indo. Foi conversar com o capataz da estância e agradecer-lhe por deixar que filmassem na estância. Já tinha mandado flores para a mulher do proprietário e uma caixa de *bourbon* para o marido, além do que estavam pagando por dia para poder rodar o comercial ali. Agora, **Sam** também foi levar várias garrafas para o capataz e ele ficou satisfeito com o presente e bateu papo com ela. Ficou ainda mais impressionado quando soube que ela passara a maior parte do ano trabalhando numa estância na Califórnia, e durante algum tempo discutiram assuntos de estância, cavalos e gado, e **Sam** sentiu-se quase como se tivesse voltado para casa. Depois de algum tempo, tocou no nome de **Tate** Jordan, perguntou-lhe se o conhecia, disse que havia um comercial em que queria usá-lo, se porventura o caminho dele se cruzasse com o do capataz. Descreveu-o como um excelente homem e uma pessoa a quem muito respeitava. Para não contrariar as idéias de **Tate** quanto ao pessoal das estâncias saber do relacionamento deles, não o mencionou. O capataz pegou o cartão dela e assegurou-lhe que teria prazer em avisar-lhe se viesse a encontrar **Tate**, e depois disso ela voltou para junto dos outros e guiou uma das peruas carregadas até o hotel.

Deu-se igualmente mal na sua busca em cada uma das paradas da viagem deles, nas três semanas seguintes, embora a filmagem dos comerciais estivesse indo às mil maravilhas. A equipe de produção sabia que tinha conseguido as mais belas cenas possíveis, e até aquele momento a filmagem toda não tivera um senão. Como resultado, todo mundo estava de bom humor, amizades se solidificavam, o astral estava alto e todos se mostravam dispostos a trabalhar horas a fio ao sol quente, praticamente sem se queixar. Tinham até mesmo conseguido filmar dois alvoreceres perfeitos, e vários poentes. Apenas **Sam** parecia meio desanimada, quando alcançaram a última parada. Estavam filmando numa estância em Steamboat Springs, Colorado, e **Sam** acabara de entrevistar o último capataz e de conversar durante quase uma hora com alguns dos vaqueiros que tinham vindo assistir à filmagem. Sabia agora que se tivesse que encontrar **Tate** não seria desta vez, e como iam voltar no dia seguinte para casa, as suas esperanças tinham sido destroçadas novamente. Voltaria para Nova York, esperaria e tentaria de novo algum dia, quando estivesse perto de uma estância. E quem sabe, quem sabe, algum dia o encontraria. Quem sabe.

Enquanto olhava para as montanhas, por um momento, escutou um dos homens comentar com outro que ela trabalhara na Estância Lord, na Califórnia. Tinham ouvido falar dela, e o segundo vaqueiro olhou-a de alto a baixo, com um olhar avaliador.

— É? — Ela fez que sim. — Calculava que entendia de cavalos, mas não sabia como. Eu a vi montando, hoje de manhã. Sabe sentar, sabe segurar as rédeas.

— Obrigada.

Sorriu para ele, mas a sua tristeza já lhe alcançava os olhos. Parecia cansada e desanimada e o homem ficou imaginando por que estaria daquele jeito.

— Já viu o nosso novo garanhão? — Perguntou, mascando um pouco de fumo. — Chegou aqui na semana passada. Está na última cocheira.

— Posso vê-lo? — pediu **Sam**, mais para lhe ser agradável do que por causa de uma vontade real de ver o animal. Queria voltar para o pequeno motel em que estavam hospedados, encerrar tudo e se preparar para voltar para casa no dia seguinte. Para ela, não havia motivo para continuar ali. Tinham rodado o filme, e ela não tinha achado **Tate**. Porém, tentando parecer interessada, seguiu o velho vaqueiro, e quando chegou à cocheira, ao seu lado, não lamentou ter vindo. O que via à sua frente era um dos maiores garanhões que já vira, cinzento com crina preta e cauda preta e uma longa estrela branca na testa que parecia torná-lo ainda mais selvagem, enquanto escavava o chão. — Meu Deus, é uma beleza.

— Não é? — O vaqueiro parecia satisfeito. — Mas é um demônio de se montar. Derrubou todo mundo ontem. — Abriu um sorriso. — Inclusive eu.

Sam sorriu.

— Também passei um bocado de tempo no chão. Mas este rapaz vale um tombo.

Correu a mão pelo pescoço dele e o animal relinchou, como se lhe agradasse o toque dela, e quisesse mais. Era um animal tão grande e esplêndido que o simples fato de vê-lo era quase uma experiência sensual. Contou ao vaqueiro sobre **Black Beauty**, como o cavalgara e que montaria formidável ele fora.

— Puro-sangue, é? — Ela fez que sim. — Aqui o **Gray Devil** me parece tão bom quanto. Corre feito cavalo de corrida, mas é um pouco agitado demais para o trabalho

na estância. Afinal de contas, o Sr. Atkins talvez tenha que vendê-lo. O que é uma pena. É um belo cavalo. — E então, como se estivesse ofertando o maior dos presentes a **Samantha**, virou-se para ela. — Quer andar nele, moça? Estou lhe avisando, pode acabar de traseiro no chão, mas acho que pode dar conta dele, pelo que a vi fazer hoje.

Ela cavalgara fora do alcance da câmara, à frente de Henry, instigando-o a correr, ao alvorecer, quase deixando-o zangado para fazer com que parecesse menos complacente e cavalgasse tão impetuosamente quanto ela queria. No processo, forçara o cavalo que estava montando quase ao seu limite máximo, mas a própria **Sam** realizara toda a operação com uma facilidade evidente. Era uma amazona espetacular, e a sua precisão e capacidade não tinham escapado aos homens que estavam assistindo. Tinham conversado a seu respeito na hora do almoço, um deles dissera que parecia uma potranca *palomino*, e agora era um prazer oferecer-lhe Gray Devil, que se encontrava parado na sua baia, esperando, como se tivesse sido feito para ela.

— Está falando sério? — Ficara espantada com a oferta, sabendo que era um elogio e um presente, a um só tempo. — Posso montá-lo?

Ia ser o seu último passeio a cavalo durante muito tempo. Ia voltar para Nova York no dia seguinte, e não havia estâncias no seu futuro imediato. Apenas muito trabalho à sua mesa em Nova York.

— Eu adoraria.

— Ande. Vou pegar a sela dele. — Foi pegá-la, e dali a um momento já o selara para **Samantha**, embora tivesse que tomar cuidado para não ser escoiceado. Ele era duas vezes mais endemoninhado do que Black Beauty, e parecia quase estar querendo pular de dentro da pele, na ânsia de correr livremente. — Ele é um pouco inexperiente. Vá com calma, no começo... Srta...

Ficou indeciso quanto ao seu nome.

— **Sam**.

Deu um sorriso simpático, subitamente ansiosa para montar o imenso cavalo cinzento. Era ainda maior do que Black Beauty, e de repente, era como se pudesse pressentir **Tate** ao seu lado, gritando com ela como gritara por causa do garanhão preto de Caro, tentando forçá-la a montar cavalos como Lady ou Rusty. Sorriu consigo mesma. Pombas, ele a abandonara. Agora podia montar o que lhe desse na telha. Ao

ter esse pensamento, toda a dor de tê-lo perdido rasgou-a mais uma vez. Subiu com a ajuda do velho vaqueiro, esticou bem as rédeas e deixou que o imenso garanhão cinzento saracoteasse. Manteve-o sob controle e as duas tentativas que fez para derrubá-la foram inúteis, para a alegria do velho.

Lentamente, ela foi passando pela cocheira grande, na direção do velho curral. A essa altura, vários dos homens já a tinham visto; a princípio observaram-na com interesse, depois começaram a dar vivas ao ver como controlava o animal indócil. Como se todos que estivessem por perto subitamente pressentissem uma atuação notável, concentravam-se em **Samantha** que cavalgava Gray Devil pelo complexo principal da estância, passando pela sua equipe e Charlie e Henry e o amigo e o *poodle*. Depois, sentindo a sua paixão pelos cavalos e pelos campos brotar dentro de si, ela se esqueceu de todos eles e partiu a meio galope na direção dos campos. Andou a meio galope apenas por alguns momentos, depois fez-lhe a vontade, deixando-o livre para galopar à velocidade que queria, correndo até que parecia estar voando, os cascos batendo com força no solo. Enquanto cavalgava Gray Devil, **Sam** sorria, com o vento no rosto e o coração batendo com força enquanto cavalgavam. Montar esse cavalo era como travar um tipo especial de batalha contra a força e a mente do cavalo, com apenas as suas habilidades e perícia do seu lado. Mas ela era páreo duro para Gray Devil, e embora ele tivesse tentado desmontá-la várias vezes, não logrou êxito, e ela sentiu brotarem dentro de si toda a tensão e angústia e desapontamento de não ter encontrado **Tate**, e começou a forçar Gray Devil para diante, instigando-o a correr ainda mais do que já corria. Ganharia dele na sua própria especialidade, se pudesse.

Foi então que a multidão que os observava ficou em silêncio. Até então, ela fora uma bela visão, o cabelo louro voando às costas, num violento contraste com a crina e a cauda negras de Gray Devil, enquanto voavam pelos campos. Ela e o garanhão gigante moviam-se como se fossem um só, cada músculo da moça afinado com o dele. Porém, agora, um dos vaqueiros saltou da cerca para detê-la, vários outros prenderam a respiração e o capataz gritou, como se ela pudesse ouvi-lo. Mas já era tarde demais. Havia um riacho estreito escondido no campo em que acabava de penetrar. Era estreito o suficiente para ser transposto facilmente, se ela o visse, mas também era muito fundo, e se o cavalo tropeçasse, seria arremessada para dentro de uma ravina rochosa. O capataz agora corria, agitando os braços loucamente, e Charlie o viu e começou a correr também. Era como se os dois homens soubessem o que ia acontecer, mas eles a viram precisamente naquele momento. O garanhão parou de chofre ao

chegar ao riacho que enxergara antes de **Sam**, e esta, desprevenida, voou pelos ares como uma garça selvagem e assustadora, o cabelo aberto em leque, os braços estendidos, até que desapareceu silenciosamente.

Quando Charlie viu o que aconteceu, correu para a perua, girou a chave na ignição, engrenou uma primeira e arrancou — estava se lixando se ia atropelar alguém. Era longe demais para correr. Fez um sinal alucinado para o capataz, que saltou para dentro do carro, e lá se foram com os pneus guinchando no cascalho e depois aos solavancos, enquanto cruzavam os campos. Charlie fazia ruídos guturais horríveis, resmungando sozinho, rezando o tempo todo.

— O que fica ali? — Perguntou ao capataz, sem tirar os olhos do campo. Estava quase a cem quilômetros horários, e Gray Devil passara como um raio por ele há um momento, com idéia fixa de voltar para a cocheira.

— Uma ravina. — O capataz tinha a fisionomia tensa, ao responder, esforçando-se por ver o que havia adiante. Ainda não viam nada, mas dali a um momento ele gritou: — Pare!

Charlie parou e o capataz foi na frente, pelo meio da grama, descendo um pequeno declive até onde Gray Devil refugara ao ver o riacho. A princípio não viram absolutamente nada, e então Charlie a viu, a camisa branca quase arrancada do corpo, o peito e o rosto e as mãos quase irreconhecíveis de tão lacerados, o cabelo aberto em leque à sua volta, largada ali, ensangüentada e tão terrivelmente imóvel.

— Ah, meu Deus... ah, meu Deus...

Charlie começou a chorar, correndo para ela, mas o capataz já estava ajoelhado junto dela, dois dedos apertados de leve de encontro ao seu pescoço.

— Ainda está viva. Pegue o carro, volte para casa, ligue para o xerife, diga-lhe para trazer o helicóptero para cá imediatamente. E se puder, para trazer junto um médico ou uma enfermeira. — A cidade de Steamboat Springs não tinha pessoal médico adequado a uma situação como essa. Era evidente, pela posição em que jazia, que **Sam** tinha provavelmente quebrado vários ossos, possivelmente até o pescoço ou as costas. — Como é, homem, mexa-se! — gritou para Charlie, que enxugou o rosto na manga e voltou correndo para o carro, recuou um pouco, deu meia-volta e pisou no acelerador, perguntando-se desesperadamente se **Sam** sobreviveria.

— Merda de cavalo — gritou para si mesmo, ao voltar para onde os outros esperavam, agoniados. Saltou do carro e começou a dar ordens.

Depois voltou para junto de **Sam** e se ajoelhou ao seu lado, tentando segurá-la e estancar o sangue dos cortes no seu rosto com uma toalha que encontrara no carro. Quando entrou no helicóptero junto com ela, vinte minutos depois, estava com ar sombrio. Os dois assistentes ficaram encarregados de tomar o restante das providências. Todos se encontrariam com ele no hospital em Denver, logo mais à noite.

O helicóptero pareceu levar uma eternidade até chegar a Denver, e quando chegou, era evidente que a vida de **Samantha** corria grave perigo. Um enfermeiro viajara junto com eles, e nos dez últimos minutos da viagem fizera respiração artificial na moça, com Charlie sentado ansioso ao seu lado. Estava louco para perguntar ao rapaz se achava que ela sobreviveria, mas tinha medo, assim ficou calado, apenas observando-os e continuando a rezar. Pousaram o mais suavemente possível no relvado do St. Mary's Hospital, depois de ter alertado a todo o tráfego aéreo que estavam chegando e trazendo um código azul. Charlie procurou lembrar-se desesperadamente do que aquilo queria dizer, e achou que se recordava que significava alguém que estava literalmente quase morto.

Um médico e três enfermeiras se achavam à espera no relvado, com uma maça, e ela foi levada para dentro às pressas, mal pousaram, seguida por Charlie, o mais rapidamente que pôde. Ele nem pensou em agradecer ao jovem enfermeiro ou ao piloto, só conseguia pensar em **Samantha**, tão ferida e imóvel. A única coisa ainda reconhecível no corpo longo e estreito que viu envolto em lençóis, alguns minutos mais tarde, foi a massa emaranhada de cabelos louros de *palomino*. Foi então que, finalmente, forçou-se a fazer uma pergunta às duas enfermeiras que monitoravam os sinais vitais dela, enquanto a preparavam para levá-la para o raios X e uma possível cirurgia. Já tinham decidido que as lacerações do seu rosto eram apenas superficiais e podiam esperar.

— Ela vai sobreviver? — indagou, com voz que mal era um grasnido no corredor fortemente iluminado.

— Como disse?

A voz dele mal fora audível, e a enfermeira falou com ele sem tirar os olhos de

Sam.

— Ela vai sobreviver?

— Não sei. — Falou com suavidade: — É o parente mais próximo? O marido?

Charlie sacudiu a cabeça, atordoadado.

— Não, sou... — Então, deu-se conta de que talvez devesse ser. Que se pensassem que era membro da família dir-lhe-iam mais coisas. — Sou o irmão dela. Ela é minha irmã. — Mal fazia sentido, parado ali, sentindo-se de repente tonto e nauseado, enquanto se dava conta de que **Sam** podia não viver. Já estava com cara de morta. Mas ainda respirava debilmente, disse-lhe a enfermeira, e antes que pudesse dizer mais alguma coisa, dois estagiários, o médico e um bando de enfermeiras usando o que parecia ser pijamas azuis apareceram e levaram **Sam** embora. — Para onde ela está indo? Para onde...?

Ninguém prestou atenção e ele ficou ali parado, com as lágrimas escorrendo silenciosamente pelas faces de novo. Não havia nada que lhe pudessem dizer, eles simplesmente não sabiam.

Dali a uma hora e meia voltaram e depararam com Charlie sentado imóvel numa cadeira da sala de espera, como uma criança perdida. Não se mexera, não fumara, não tomara nem ao menos uma xícara de café. Ficara apenas sentado, esperando, ele próprio mal ousando respirar.

— Sr. Peterson?

Alguém tinha anotado o nome dele, quando lhe pediram para assinar os papéis de admissão ao hospital. Continuava alegando que era o irmão dela, e estava se lixando para o fato de estar mentindo, contanto que a ajudasse, não que tivesse certeza de que estava fazendo alguma diferença.

— Sim? — Pôs-se de pé, num salto. — Como está ela? Está bem?

Não conseguia parar de falar, mas o médico assentiu muito lentamente e olhou Charlie bem de frente.

— Está viva. Apenas.

— O que foi? O que aconteceu?

— Para falar francamente, Sr. Peterson, ela quebrou as costas. A coluna está fraturada em dois lugares. Os ossos estão despedaçados. Há uma fratura finíssima no pescoço, mas podemos contorná-la. O problema, no momento, é a coluna. Há tantos ossinhos quebrados que temos que operar para aliviar um pouco da pressão. Se não o fizermos, poderá haver dano permanente ao cérebro.

— E se operarem?

Charlie pressentira imediatamente que a moeda tinha duas faces.

— Se operarmos, ela poderá não sobreviver. — O médico se sentou e fez sinal para Charlie fazer o mesmo. — O problema é que, se não o fizermos, posso quase garantir-lhe que ela será um vegetal para o resto da vida e provavelmente inteiramente paralítica.

— Como assim?

— Ela não teria nenhum controle sobre os braços e pernas, mas possível mete poderia mexer a cabeça.

— E se operarem, isso não acontecerá?

Charlie sentiu, de repente, uma vontade desesperada de vomitar, mas lutou contra ela. Em nome de Deus, o que estavam discutindo ali, como a compra de cenouras e cebolas e maçãs, mexer a cabeça ou os braços e as pernas... Santo Cristo!

O médico explicava cuidadosamente:

— Ela jamais andarà novamente, Sr. Peterson, mas se operarmos poderemos salvar o resto dela. Na melhor das hipóteses, ficará sendo paraplégica, sem o uso da metade inferior do corpo. Mas, se tivermos sorte, poderemos salvar a sua mente. Poderá não ser um vegetal, se agirmos agora. — Hesitou por um momento interminável. — Mas o risco é muito maior. Ela está em péssima forma, e poderemos perdê-la. Não posso lhe fazer nenhuma promessa.

— É tudo ou nada, não é?

— Mais ou menos. Para ser justo, tenho que lhe dizer que mesmo que não façamos nada por ela ou façamos tudo o que for possível, talvez não passe desta noite. Está num estado muito crítico.

Charlie meneou a cabeça devagar, compreendendo de repente que a decisão era dele e lamentando desesperadamente que o fosse. Sabia que **Sam** ainda tinha família, mas já avançara até ali, e além disso, era mais chegada a ele do que a qualquer outra pessoa... Ah, pobre e doce **Sam**.

— Quer que eu dê uma resposta, doutor?

O homem de jaleco branco fez que sim.

— Quero.

— Quando?

— Imediatamente.

Mas como é que eu vou saber se vocês são bons, Charlie queria perguntar. Que opção você tem, perguntou-lhe uma outra voz interior. Não operar significaria que **Sam** iria morrer, praticamente, só restaria um bocado de cabelo louro e um corpo quebrado, sem mente, sem coração, sem alma... quase sufocou ante a idéia. Operar significaria que poderiam matá-la... mas, se vivesse, ainda seria **Sam**. De cadeira de rodas, mas ainda **Sam**.

— Tudo bem.

— Sr. Peterson?

— Operem. Operem, porra... operem!

Charlie estava gritando, e enquanto o médico se afastava às pressas, ele se virou e começou a socar a parede. Só quando parou é que foi comprar cigarros e café e depois se encolheu num canto, como um animal assustado, vigiando o relógio. Uma hora... duas horas... três... quatro... cinco... seis... sete... Às duas da madrugada, o médico voltou e deparou com ele de olhos arregalados e apavorado e quase verde de angústia enquanto esperava, convencido a essa altura de que **Sam** tinha morrido. Morrera e ninguém viera lhe avisar. E nunca sentira tanto medo na vida. Ele a matara com a sua maldita decisão. Devia ter dito ao homem para não operar, devia ter ligado para o ex-marido dela, meu Deus, para a mãe dela... Nem sequer pensara nas conseqüências da sua decisão. O médico queria uma resposta...

— Sr. Peterson?

— Hem? — Murmurou, olhando para o homem como se estivesse em transe.

— Sr. Peterson, a sua irmã está bem.

Tocou gentilmente no braço dele, e Charlie meneou a cabeça. Voltou a menear a cabeça e então as lágrimas brotaram, e de repente, estava fortemente abraçado ao médico.

— Meu Deus... meu Deus... — era só o que choramingava. — Pensei que ela tinha morrido...

— Ela está bem, Sr. Peterson. Agora, o senhor deve ir para casa e descansar. — Foi então que se lembrou de que eram todos nova-iorquinos. — Tem algum lugar para ficar? — Charlie sacudiu a cabeça e o médico anotou o nome de um hotel num pedaço de papel. — Experimente este.

— E quanto a **Sam**?

— Não posso lhe dizer grande coisa. Sabe os riscos que corríamos. Religamos o máximo que podíamos. O pescoço vai ficar bom. A espinha... bem, o senhor sabe... ficará paraplégica. Tenho quase certeza de que não houve danos cerebrais, nem pela queda nem pela pressão antes de operarmos. Mas agora vamos ter que esperar. Foi uma operação muito longa. — Dava para se notar, pela fisionomia dele. — Simplesmente vamos ter que esperar.

— Por quanto tempo?

— Saberemos um pouquinho mais a cada dia. Se ela sobreviver até amanhã, as chances serão bem melhores.

Charlie olhou para ele, dando-se conta de uma coisa.

— Se ela... se ela viver, quanto tempo vai ficar aqui? Antes de podermos levá-la de volta para Nova York?

— Ahh... — o médico exalou lentamente, fitando o chão enquanto pensava, depois olhou de novo para o rosto de Charlie. — É difícil dizer. Eu diria que, se ela reagir excepcionalmente bem, poderemos transportá-la numa ambulância aérea dentro dos próximos três ou quatro meses.

Três ou quatro meses?

— E depois? — Tomou coragem e perguntou.

— É ainda muito cedo para se estar pensando nisso — admoestou-o o médico — Mas o prognóstico é de pelo menos um ano no hospital, Sr. Peterson. Se não mais. Ela vai ter que fazer muitas readaptações. — Charlie sacudiu a cabeça devagar, começando realmente a compreender um pouco do que esperava **Sam**. — Mas, primeiro, vamos fazer com que ela supere a noite de hoje.

Foi embora, deixando Charlie sentado sozinho num canto da sala de espera, aguardando que os outros chegassem de Steamboat Springs.

Chegaram às três e meia da madrugada, encontraram Charlie dormindo, todo encolhido com a cabeça sobre o peito, roncando baixinho, e acordaram-no para saber as notícias. Ele lhes contou o que sabia, os outros fizeram um silêncio grave, depois retiraram-se todos juntos para procurar o hotel. Quando ali chegaram, Charlie ficou sentado olhando pela janela para Denver, agonia-lo, e foi somente quando Henry e o seu amiguinho vieram lhe fazer companhia que ele finalmente se soltou, toda a dor e o terror e a preocupação e a culpa e a confusão e o pesar vieram à tona, e ele soluçou durante mais de uma hora, nos braços de Henry. E daquele momento em diante, quando passaram a noite lhe fazendo companhia e lhe dando consolo, eles se tornaram seus amigos. Foi a pior noite de que Charlie tinha lembrança; porém, quando ligaram para o hospital pela manhã, foi Henry quem enterrou o rosto nas mãos e chorou. **Samantha** ainda estava viva.

Capítulo 25

No dia seguinte ao acidente de **Sam**, toda a equipe se dispersou, mas depois de longas conversas telefônicas com Harvey, Charlie optou por ficar. Não sabia quanto tempo teria que permanecer ali, e não podia deixar Mellie sozinha com quatro filhos para sempre, mas agora sabia que não ia embora. Ela estava sozinha numa cidade estranha, e quase semimorta. Harvey ficara aturdido ao saber da notícia. Fora fácil para Charlie convencê-lo a deixar que ficasse. Mas Harvey também sugerira que Charlie ao menos tentasse entrar em contato com a mãe de **Sam**, em Atlanta. Ela era, afinal, a única parente viva de **Sam** e tinha o direito de saber que a sua filha se encontrava no CTI em Denver, com as costas quebradas. Porém, quando Charlie ligou para ela, descobriu que estava de férias com o marido na Europa, por um mês, portanto não havia mais nada que ele pudesse fazer. De qualquer modo, sabia que

Sam não se dava muito bem com a mãe, achava o padrasto um cretino, e que o pai dela morrera há anos. Não havia mais ninguém a quem procurar. A essa altura, é claro, já tinha ligado para Mellie, que chorara feito um bebê, ao saber da notícia.

— Ah, pobrezinha da **Sam**... ah, Charlie... como vai ser... numa cadeira de rodas... sozinha...?

Tinham chorado juntos por alguns minutos, e depois Charlie desligara o telefone. Queria entrar em contato outra vez com Harvey, porque queria que ele tomasse informações sobre o médico que fizera a operação, embora a essa altura fosse um tanto tarde. Mas ficou aliviado quando voltou a se comunicar com Harvey. Este ligara para todos os ortopedistas que conhecia em Boston, Nova York e Chicago, tinha até ligado para um amigo que era o cirurgião ortopédico chefe dos Mets.

— Graças a Deus pelos seus contatos sociais, Harvey. Enfim, o que foi que ele falou?

— Disse que o cara é o máximo.

Charlie soltou um grande suspiro, e dali a alguns minutos desligou o telefone. Agora, só lhe restava voltar para o seu jogo de espera. Deixavam que ele a visse durante cinco minutos a cada hora. Mas não havia grande coisa que pudesse fazer, na verdade. Ela ainda não recobrava a consciência, e nem a recobrou durante todo aquele dia.

No dia seguinte, por volta de seis horas da noite, ele veio dar a sua oitava espiada do dia em **Sam**. Estava esperando ficar ali por alguns minutos, como fizera de hora em hora desde a manhã, olhar o seu rosto imóvel, cheio de ataduras, e depois, a um sinal da enfermeira, fechar a porta e ir embora. Porém, dessa vez, olhando-a, achou que havia algo diferente. A posição dos seus braços se alterara ligeiramente e estava com uma cor melhor. Começou a correr de leve a mão pelo longo cabelo louro raiado pelo sol e a dizer baixinho o nome dela. Falou com ela como se pudesse ouvi-lo, dizendo que estava ali ao seu lado, que todos a amavam, que ia ficar boa. E, desta vez, antes que a enfermeira viesse chamá-lo, **Sam** abriu os olhos, viu Charlie e sussurrou:

— Oi.

— O quê? — Ficou atônito e as suas palavras soaram como uma explosão no quarto todo monitorado. — O que foi que você disse?

— Disse oi.

Mal passava de um murmúrio, e quando ela falou, ele teve vontade de soltar uivos de alegria. Ao invés disso, abaixou-se para que ela pudesse ouvi-lo, e murmurou também.

— Ei, guria, está indo muito bem.

— Estou?... O que... aconteceu?

A sua voz estava sumindo e ele não queria responder, mas os olhos da moça não se desgrudavam dos seus.

— Você pintou e bordou com um cavalo.

— Black Beauty? — Parecia vaga e grogue, e ele se perguntou se estaria apagando de novo, mas depois as suas pálpebras se abriram completamente. — Não... agora eu me lembro... o garanhão cinzento... era um fosso... um rio... uma coisa assim...

Uma coisa, sem dúvida. Uma coisa que transformara toda a sua vida.

— É. Bem, não importa mais. Está tudo acabado.

— Por que estou aqui?

— Para eu poder me recuperar.

Ainda estavam murmurando, e ele sorriu para ela e tomou-lhe a mão, com toda a meiguice. Nunca se sentira tão feliz por vê-la quanto agora.

— Posso ir para casa?

Parecia sonolenta e infantil, enquanto fechava os olhos de novo.

— Ainda não.

— Quando? Amanhã?

— Vamos ver.

Amanhã... seria dali a várias centenas de amanhã, mas Charlie não conseguia sentir pena. Estava tão, mas tão feliz porque ela sobrevivera. Estava viva, e estava consciente... isso tinha que ser um bom sinal.

— Não ligou para a minha mãe, ligou?

Fitou-o com desconfiança, e ele sacudiu rapidamente a cabeça.

— Claro que não — mentiu.

— Ainda bem. O marido dela é uma besta.

Charlie sorriu para ela, encantado com o bate-papo, e então a enfermeira apareceu à janela, fazendo-lhe um sinal.

— Preciso ir agora, **Sam**. Mas volto amanhã. Tá legal, querida?

— Tá legal.

Sorriu docemente para ele, fechou os olhos e voltou a dormir. E quando retornou ao hotel, Charlie ligou para Mellie e contou que **Sam** tinha finalmente recobrado a consciência.

— O que isso quer dizer?

Ainda parecia preocupada, mas ele estava eufórico com a notícia.

— Não sei, amor. Mas me parece uma coisa ótima. Pensei... cheguei a pensar que a tínhamos perdido.

Mellie balançou a cabeça, do outro lado do fio.

— Eu também.

Ficou em Denver com ela por mais duas semanas, e então, tanto Mellie quanto Harvey começaram a reclamar que estava na hora de voltar para casa. Sabia que sim, e sentia uma saudade terrível de Mellie e dos filhos, mas detestava ter que deixar **Sam**. No entanto, sabia que não poderia ficar em Denver por mais três meses. Porém, naquela noite, enquanto se forçava a fazer uma reserva no avião do fim da semana, teve uma idéia. Na manhã seguinte, esperou pelo médico diante da sua sala e expôs nervosamente o seu plano.

— O que o senhor acha, doutor?

— Que é muito arriscado. Valerá a pena? Por que é tão importante levá-la para Nova York?

— Porque ela tem amigos ali. Aqui não tem absolutamente ninguém.

— E quanto aos seus pais? Não podem vir para cá?

Charlie olhou com cara de bobo para o médico por um momento, depois se lembrou que ainda estava fazendo o papel de irmão de **Sam**.

— Não. Estão viajando pela Europa e não creio que possa entrar em contato com eles antes de um mês. — A essa altura, já sabia que, se tivesse que se comunicar com a família de **Sam**, o pessoal do consultório do padrasto dela poderia localizá-lo, mas ela fora taxativa. Não queria que avisassem a mãe. — Não quero deixá-la sozinha aqui, e preciso voltar, sem falta.

— Entendo. — O médico parecia pensativo. — Sabe que ela estaria em boas mãos.

— Eu sei. — Charlie olhou para ele cordialmente. — Mas... agora... logo que ela descobrir o que a espera, doutor, vai precisar de todos os amigos que tem.

Ele assentiu, lentamente.

— Não posso discordar disso. No momento, ela não está realmente em perigo, contanto que mantenhamos tudo bem constante para ela e tomemos cuidado para que não pegue pneumonia. — Esse ainda era o maior perigo, e suspensa num grande aparelho como estava, toda envolta em gesso — o seu "espeto de churrasco", como ela dizia — eles a viravam, como um frango assado, várias vezes ao dia. Mas ela ainda não calculara as implicações do que ocorrera e o médico não queria lhe contar até que estivesse mais forte. Achava que, no momento, não era necessário. — Tem razão nesse ponto, Peterson. Tão logo ela saiba, e esse dia logo vai chegar, vai precisar de todos vocês. Não posso esconder dela para sempre. Faz apenas duas semanas. Mas agora está menos grogue, mais alerta, acabará somando dois mais dois e quando chegar à conclusão de que jamais vai andar de novo, vai ser muito traumático para ela. Gostaria de tê-lo aqui.

— Ou ela ali. O que o senhor acha?

— A sua firma pode fretar um avião? Será que o faria?

— Sim. — Ligara para Harvey pela manhã e Harvey lhe dissera para não olhar as despesas. — Uma enfermeira, um médico, o equipamento que for necessário. Vocês providenciem tudo, nós pagaremos a conta.

— Está bem — falou o médico, pensativo — está bem, se a condição dela se mantiver estável nos próximos dias, tomarei as providências e nós a transportaremos de avião para Nova York.

— O senhor também irá? — Charlie cruzou os dedos e o médico concordou. — Aleluia! Obrigado, doutor!

O médico abriu um sorriso e Charlie correu para contar para **Sam**.

— Você vai para casa, garota.

— Vou? Posso ir embora? — Parecia espantada e entusiasmada, a um só tempo. — Mas, e quanto ao meu churrasco? Não vão cobrar muito pelo excesso de bagagem?

Embora estivesse pilheriando, ele notou que estava nervosa ante a perspectiva de partir. Começava a compreender quanto risco correria, e que ainda não terminara totalmente. A única coisa que ainda não compreendia direito era o problema das pernas. Mas chegaria lá. Charlie se crispava ante a idéia. Enquanto estivesse engessada, não chegaria a nenhuma conclusão.

— Não tem grilo. Vamos levar o churrasco conosco. Harvey falou que podemos fretar um avião.

— Mas Charlie, isso é uma loucura. Não podem me arranjar umas muletas, ou coisa assim, ou quem sabe me enfiar numa cadeira de rodas com essa armadura de gesso e deixar que eu vá para casa de avião?

— Só se você quiser que eu tenha um ataque do coração. Escute, **Sam**, a verdade é que você se esculhambou pra valer; portanto, por que se arriscar, agora? Por que não voltar para casa com classe? Quero dizer, já que vai fazer a coisa, meu bem, faça-a.

— Um avião fretado?

Parecia hesitante, mas ele fez que sim, com um amplo sorriso.

— Claro que vamos ter que ver como você vai passar, nos próximos dias.

— Vou passar muito bem. Quero sair daqui. — Sorriu debilmente para ele. — Só quero ir para casa, para a minha cama.

Percebeu então, chocado, que quando tinham falado em voltar para casa ela pensara que era o seu apartamento, quando ele apenas se tinha referido a Nova York. Mencionou o fato ao médico, e ele o tranqüilizou.

— Vai se deparar com muita coisa assim, Sr. Peterson. A mente humana é uma coisa maravilhosa. Só aceita aquilo que pode controlar. O resto arquiva num canto qualquer, até que possa lidar com ele. Lá bem no íntimo, ela sabe que está doente demais para ir para casa, mas ainda não se acha pronta para aceitar isso. Quando estiver, aceitará, o senhor não tem que dizer nada. Pelo menos ainda não. Podemos discutir o assunto no aeroporto de Nova York, se for preciso. Mas ela enfrentará a coisa quando estiver preparada, do mesmo modo que enfrentará o fato de que não poderá mais andar. Um belo dia toda a informação que já tem vai se encaixar, e ela saberá.

Charlie exalou mansamente.

— Como pode ter tanta certeza de que ela vai compreender?

Fez-se uma pequena pausa antes do médico responder.

— Não tem escolha.

Charlie concordou, lentamente.

— Acha que vamos poder levá-la para lá?

— Mais cedo ou mais tarde — respondeu o médico, calmamente.

— Quero dizer este fim de semana.

— Vamos ter que esperar para ver, não é?

Sorriu e foi ver os seus doentes.

Os dias que se seguiram pareceram durar uma eternidade e Sam ficou de repente impaciente, nervosa e irritadiça. Queria ir para casa, mas estava tendo problemas. O

gesso esquentava demais, foi acometida de uma leve tosse, surgiram urticárias nos braços por causa dos remédios, e o seu rosto coçava horivelmente agora que as feridas cicatrizavam e as cascas caíam.

— Pombas, Charlie, estou igual a um monstro!

Parecia irritada pela primeira vez desde que chegara ao hospital, e quando ele entrou no quarto achou que os olhos dela estavam meio vermelhos.

— Não concordo. Acho que está linda. Quais as outras novidades?

— Não há.

Mas parecia emburrada, e ele a observava atentamente, enquanto circulava pelo quarto. Não estava mais no CTI, tinha um pequeno quarto quase inteiramente tomado pela cama, e no canto havia uma mesa coberta de flores, de Henry e do amante do ator, Jack, do resto da equipe, mais um ramo de Harvey e mais ainda da parte de Mellie e dele.

— Quer ouvir as fofocas do escritório?

— Não.

Ficou ali deitada, toda engessada, e fechou os olhos, e ele a observava, rezando para que não estivesse doente. Pareceu levar muito tempo até que os abrisse de novo. Quando o fez, estava com cara zangada e ele viu que tinha lágrimas nos olhos, novamente.

— O que foi, meu bem? Vamos, conte pro papai.

Sentou-se na cadeira ao lado da cama e tomou-lhe a mão.

— A enfermeira da noite... aquela que usa a peruca vermelha engraçada... — As lágrimas começaram a escorrer. — Falou que quando eu for para casa... — **Sam** engoliu um soluço e apertou a mão dele e Charlie ficou agradecido que pudesse fazê-lo. — Falou que não vou para casa... que vou para outro hospital... em Nova York... ah, Charlie — choramingou como uma criancinha — isso é verdade?

Olhou para ela, querendo abraçá-la, como a um dos seus filhos, mas não havia como envolver com os braços a imensa armação de gesso ou o aparelho que a cercava, só o que podia fazer era segurar-lhe a mão e tocar meigamente no seu rosto. Sabia que

tinha que lhe contar a verdade.

— É, meu bem, é verdade.

— Ah, Charlie, quero ir para casa.

Soluçou, angustiada, e fez uma careta de dor.

— Não faça isso, boba, vai se machucar, mas não faz mal chorar. Só que chore baixinho. — Tentou pilheriar com ela, mas por dentro se sentia consternado com o que estava acontecendo. Para **Sam**, era apenas o começo de uma estrada longa e difícil que estava principiando a trilhar. A sua antiga vida terminara num instante, nas patas de um cavalo cinzento. — Qual é, **Sam**, só o fato de voltar para Nova York já é um passo na direção certa, não é?

— Acho que sim.

— Claro que sim.

— É, mas quero ir para casa, não para um hospital.

— Bem — lançou-lhe um sorriso enviesado — pelo menos sabemos que não está maluca. Mas você tem que ir para um hospital durante algum tempo, e daí? Poderei ir visitá-la, e Mellie e Harvey e quem quer que você queira...

— Não a minha mãe! — **Sam** revirou os olhos e riu por entre as lágrimas. — Que merda, Charlie, por que isso teve que acontecer comigo?

O sorriso desapareceu e as lágrimas recomeçaram pra valer. Durante um longo tempo ele ficou parado ali, segurando-lhe a mão, depois disse a única coisa que sabia lhe dizer:

— Gosto muito de você, **Sam**. Nós a amamos. E estamos do seu lado.

— Você é um amigo tão bom, e eu também gosto tanto de você.

Chorou ainda mais, mas então a enfermeira chegou com o almoço dela.

— Ouvi dizer que vai nos deixar, Srta. Taylor. É verdade?

— Estou tentando. — Sorriu para Charlie. — Mas vou voltar. Só para fazer uma visita, da próxima vez, e com as minhas próprias forças!

— Estou torcendo pra isso.

A enfermeira sorriu e saiu do quarto, enquanto Charlie soltava intimamente um suspiro de alívio. Por um momento, ficara apavorado que a enfermeira revelasse alguma coisa, quando **Sam** falou "com as minhas forças".

— Então — olhou para Charlie, tomando um pouco da sopa — quando vamos voltar para casa?

— Sábado está bem, ou você tem outros planos?

Sorriu para ela, imensamente satisfeito. **Sam** estava tentando, ah, Deus, como estava tentando.

— Não, acho que sábado está bem. — Sorria enquanto olhava para ele, e Charlie não pôde deixar de pensar que o médico tinha razão. No momento em que estivesse pronta para saber uma coisa, saberia. Só ficava imaginando quando estaria pronta para enfrentar o resto. — É, sábado está ótimo. Para qual hospital eu vou, Charlie?

— Não sei. Tem preferência?

— Posso escolher?

— Vou saber.

— Tente o de Lenox Hill. Fica num belo bairro, e perto do metrô. Assim, todas as pessoas que eu quero ver poderão vir me visitar. — Sorriu suavemente. — Quem sabe até mesmo Mellie. — E, depois: — Acha que ela poderia trazer o bebê?

Os olhos de Charlie estavam marejados de lágrimas, quando fez que sim.

— Eu a enfio debaixo do meu casaco e digo a eles que é sua.

— E de certa forma é, sabe... — Parecia sem jeito. — De certa forma... afinal tem o meu nome.

Ele se inclinou e beijou-lhe a testa e não havia nada que pudesse ter respondido, sem desatar a chorar.

Capítulo 26

Charlie prendeu a respiração quando o avião saiu do aeroporto de Denver no

sábado de manhã. O cirurgião ortopédico de **Sam** ia com eles, juntamente com um jovem estagiário, duas enfermeiras, um equipamento de sobrevivência e oxigênio suficiente para fazê-los explodir e chegar à América do Sul, mas **Samantha** tinha tomado um leve sedativo, parecia relaxada e entusiasmada por estar indo para casa. O médico parecia satisfeito com o estado dela, e havia tomado todas as providências necessárias tanto no Lenox Hill Hospital quanto com relação a uma ambulância que estaria à espera no aeroporto, quando chegassem. Além disso, iam obter trânsito livre ao longo de toda a sua rota, e ficariam em contato com o controle do tráfego aéreo de setor para setor. Se **Sam** de repente precisasse de ajuda que não pudessem dar-lhe no ar, poderiam descer quase que em qualquer lugar do caminho, praticamente sem aviso prévio. Tudo em que se pudera pensar fora pensado, e só o que restava era voar em segurança para Nova York.

Era um belo dia ensolarado de agosto, e **Sam** não fazia outra coisa senão falar em voltar para casa. Estava ligeiramente grogue com o sedativo que lhe haviam dado e dava muitas risadinhas e contava piadas de mau gosto, das quais todos riam, exceto Charlie, que se achava um caco. Novamente sentia a responsabilidade sobre os ombros, e achava que se algo desse errado agora, seria culpa dele. Não devia ter forçado a barra, devia tê-la deixado em Denver. O médico deparou com ele, na metade da viagem, olhando por uma das janelas traseiras, e tocou-lhe gentilmente no ombro e falou baixinho para que **Sam** não ouvisse, no caso de acordar. Acabara de pegar no sono.

— Está tudo bem, Peterson. Está quase acabado. E ela está indo bem, muito bem.

Virou-se para sorrir para o médico.

— Ela vai chegar lá, mas, e quanto a mim? Acho que envelheci vinte anos nas duas últimas semanas.

— É uma experiência muito traumatizante, também para a família. — A parte mais maluca é que ele nem era da família, mas era seu amigo. Teria feito aquilo por qualquer um, pelo cunhado, por Harvey, por... **Sam**... teria ficado sentado junto à cama da **Sam** por mais outro mês, se fosse preciso. Sentia tanta pena dela. Porra, como é que a vida dela ia ser, agora? E não tinha ninguém, nem marido, nem namorado, aquele maldito vaqueiro que mencionara havia se mandado e ela nem sabia onde andava. Quem tinha para cuidar dela? Ninguém. Pela primeira vez em muito tempo pegou-se

odiando John Taylor de novo. Se o filho da mãe tivesse ficado ao lado dela, como um marido decente, não estaria sozinha, agora. Mas estava. E o pior é que completamente sozinha. O médico observava-o, enquanto ele pensava, e apertou de leve o ombro de Charlie. — Não a superproteja, Peterson. Seria um erro terrível. Quando a hora chegar, ela terá que ficar de pé sozinha, digamos assim. Não é casada, é?

Charlie sacudiu a cabeça.

— Não, não é mais. E era nisso que eu estava pensando. Vai ser uma dureza.

— Vai, por algum tempo. Mas ela se acostumará. Outras pessoas o fazem. Pode viver uma vida intensa. Pode ajudar a si mesma, ajudar os outros, pode voltar para o seu emprego, com o tempo. A não ser que seja sapateado-ra profissional, não deve fazer muita diferença, exceto psicologicamente. É aí que surgem os problemas. Mas não deixarão que saia de Lenox Hill até que esteja pronta, psicológica assim como fisicamente. Vão ensiná-la a tomar conta de si mesma, a ser independente. Você vai ver. É uma bela mulher, forte, inteligente, não há motivo para que não se adapte perfeitamente. — Depois de um momento, apertou mais uma vez o ombro de Charlie e sorriu. — Você tomou a decisão certa... de ambas as vezes. Teria sido um crime não operar, perder aquele espírito e aquela mente, e ela deve ficar em Nova York, cercada por rostos amigos.

Charlie virou-se para olhar para ele, com os olhos cheios de gratidão.

— Obrigado por dizer isso.

O médico ficou calado. Apenas deu uma palmadinha no ombro de Charlie e voltou para dar uma espiada em **Sam**.

Dali a duas horas pousaram no Aeroporto Kennedy. A transferência para a grande ambulância foi feita com perfeição, e um equipamento de sobrevivência com três enfermeiros viajava ao lado dela. As luzes faiscavam, mas não havia sirenes, enquanto rodavam pela auto-estrada a toda velocidade. Meia hora mais tarde chegaram a Lenox Hill sem nenhum problema. **Sam** sorria para Charlie durante a última parte do percurso.

— Assim é mais rápido, sabe, nada de chateações com a bagagem e nada de táxis.

— Olhe, da próxima vez me faça um favor — Disse Charlie, com um largo

sorriso. — Vamos nos chatear um pouco com a bagagem e pegar um táxi.

Ela sorriu para ele, mas tão logo chegaram a Lenox Hill, ficou ocupada. Levaram mais de duas horas para admiti-la no hospital e instalá-la confortavelmente no seu quarto. O médico tomou parte em todas as providências, depois ela foi conhecer o novo médico que esperava a sua chegada, novamente graças a Harvey. Quando tudo terminou, ela e Charlie e o médico de Denver estavam exaustos. O resto do grupo fora dispensado. Todos tinham sido pagos antes da viagem e voltariam para Denver no avião-ambulância, na noite seguinte. O médico ia passar alguns dias em Nova York, fazendo observações no Lenox Hill, depois voltaria para Denver de jato comercial.

— Acha que vai ficar bem agora, **Sam**?

Charlie olhou para ela com um sorriso cansado enquanto **Sam** tomava uma injeção e começava quase imediatamente a pegar no sono.

— Vou, meu bem... claro... dê um beijo em Mellie... e obrigada...

Cinco minutos depois ele estava no elevador com o médico, a seguir, num táxi, e dali a dez minutos na Rua 81 Leste abraçando com força a mulher.

— Ah, meu bem... ah, meu bem... — Sentia-se como se estivesse voltando de uma zona de guerra, e de repente se deu conta do quão desesperadamente sentira falta dela e de como estava exausto. A tragédia de **Sam** e a total responsabilidade de Charlie com relação à moça tinham sido um peso espantoso de se carregar, e ele não se permitira senti-lo até agora, quando de repente só o que queria era fazer amor com a mulher. Ela fora previdente o bastante para contratar uma babá para olhar as crianças e depois que todos haviam devidamente atacado o pai, implicado e brincado com ele até sua rendição, Mellie os enxotou para junto da babá, fechou a porta do quarto, correu um banho para ele, fez-lhe uma massagem e fez amor com ele, antes que sorrisse para ela, cheio de sono, e apagasse na cama. Acordou-o dali a duas horas com jantar, champanha e um bolinho que fizera para ele em que estava escrito "Eu o amo. Seja bem-vindo."

— Ah, Mellie, eu a amo tanto.

— Eu também o amo. — E então, enquanto comiam o bolo: — Acha que devemos ligar para **Sam**?

Mas Charlie fez que não, tinha lhe dado tudo o que podia, por algum tempo. Agora, esta noite, queria apenas ficar com Mellie. Não queria pensar no horrível acidente, no cavalo cinzento que o perseguia nos seus sonhos há três semanas, em **Sam** engessada ou no seu "churrasco" ou no fato de que não voltaria mais a andar. Queria apenas ficar com a mulher e fazer amor com ela até apagar nos seus braços, o que aconteceu pouco depois da meia-noite, com um último bocejo sonolento e um largo sorriso.

— Seja bem-vindo ao lar — ela murmurou para ele, baixinho, beijando-lhe o pescoço e apagando a luz.

Capítulo 27

— Mamãe, eu estou bem, juro... não seja boba... não há motivo para você vir... ah, pelo amor de Deus... claro que ainda estou engessada, mas estou bem aqui. Não, não quero ir para Atlanta. Acabo de vir de Denver há três semanas, já chega... porque aqui é a minha casa, mamãe. Não conheço ninguém em Atlanta. Claro que tenho você e George... mamãe... o que é isso, mamãe... por favor! Não desgosto dele... — Revirou os olhos para Melinda quando esta entrou no quarto, e fez uma careta horrível para o fone, formando sem som as palavras "minha mãe" para a amiga, que abriu um sorriso. — Francamente, mamãe, o médico é maravilhoso e gosto dele... sei que é competente porque ele me disse que é, e a mãe dele o ama. Qual é, mãe, me dê uma folga. Estou bem, telefone para você. Pode telefonar para mim. Quando eu estiver disposta, irei a Atlanta... não sei quando vou poder ir para casa... mas eu lhe aviso. Prometo... não, mamãe, tenho que desligar... a enfermeira está esperando... não, não pode falar com ela... adeus, mamãe. — Desligou e gemeu. — Oi, Mellie. Cristo, o que foi que eu fiz para merecer a minha mãe?

— Está só preocupada com você, **Sam**.

— Eu sei. Mas ela me deixa maluca. Quer vir me visitar. Com George, que quer consultar com o meu médico e virar o hospital de ponta-cabeça. Quer me dizer o que um otorrino da Geórgia pode fazer para colaborar com as minhas costas quebradas? — Mellie sorriu. — Como vai indo a sua vida?

— Tudo bem. E como vai você?

— Chateada. Quero ir para casa.

— O que eles dizem?

— Uma bobagem sobre ter paciência. Como vai a minha xará?

Abriu um sorriso, ao falar na pequena **Sam**.

— Uma maravilha. — Mellie sorriu, também. — Faz mais coisas aos dois meses do que qualquer um dos meninos aos quatro.

— É o nome — Assegurou-lhe **Sam**, com um largo sorriso. — Só tome cuidado para ela não se meter com cavalos. — Mellie não respondeu, e **Sam** soltou um suspiro. — Gostaria de saber quanto tempo ainda vou ter que ficar enfiada aqui.

Mas Mellie desconfiava que não queria saber, realmente. Charlie lhe contara que **Sam** provavelmente ficaria no hospital por um ano.

Recebeu visitas de todo mundo, inclusive Harvey, que ficou sentado, nervoso, na beirada da cadeira, mexendo no chapéu, brincando com o cachimbo e fitando **Sam**, que jazia indefesa e engessada na cama.

— Não fique assim, Harvey, pelo amor de Deus, não vou morder você.

— Assina um documento declarando isso?

— Com prazer.

Ele sorriu o seu sorriso pesaroso e ela lhe perguntou quando ia ficar sabido e despedi-la.

— Não posso, **Sam**. Estou guardando você para a minha velhice. Além disso, vi as provas do primeiro comercial da sua aventura no Oeste. **Sam** — parecia quase sem fôlego, de admiração — Se nunca fizer mais nada na sua vida toda, exceto ficar deitada comendo chocolate, pode sentir orgulho dele.

— Tão bom assim?

Estava aturdida. Ele geralmente não era tão pródigo em elogios. Mas ela já tinha sabido por Charlie, de manhã, que o comercial saíra excelente.

— Mais do que isso. É soberbo. E dizem que os outros serão ainda melhores. Minha querida, estou fascinado.

Olhou para ele por um longo momento, depois abriu um sorriso.

— Acho que devo estar morrendo, para você estar falando desse jeito.

— De modo algum. Vamos colocar tudo em fita para você e trazer para cá com um aparelho de vídeo para que possa ver antes de levarmos ao ar. Mas acho que depois de tudo isso, Srta. **Samantha**, vou mesmo me aposentar e fazê-la DC.

— Não me ameace, Harvey. — Olhou para ele com cara feia. — Não quero o seu maldito emprego, portanto trate de ficar onde está, ou eu ficarei aqui.

— Deus nos livre.

Ele vinha vê-la uma ou duas vezes por semana, Charlie vinha visitá-la com freqüência na hora do almoço, Henry Johns-Adams já viera duas vezes, trazendo uma caixa de divinos chocolates Godiva, e o amigo dele lhe mandara um belo agasalho de usar na cama da Bergdoffs, que mal podia esperar para estrear quando tirasse aquele gesso horrível. E Georgie, o *poodle*, tinha lhe mandado um cartão desejando melhoras e um livro.

Porém, uma semana mais tarde, **Sam** recebeu a visita das visitas. A despeito dos seus protestos de que não queria que a mãe a visitasse, ela chegou de Atlanta com o marido e fez o possível para virar o hospital de ponta-cabeça. Passou várias horas tentando convencer **Samantha** a processar a sua firma, que se não fosse por eles e seus ridículos comerciais ela não teria feito aquela viagem, que era obviamente uma missão perigosa, que estavam se lixando para ela, e que o seu patrão era indubitavelmente um lunático que não estava dando a menor bola para o fato dela estar imobilizada daquele jeito. A conversa dela deixou **Samantha** tão enraivecida que pediu que se retirasse, mas acabou cedendo quando a mãe começou a chorar, insistindo que a filha era uma sadista ingrata, resolvida a partir o coração da mãe. Foi um encontro exaustivo, que deixou **Samantha** trêmula e pálida, mas não tão perturbada quanto ficou quando a mãe e George voltaram para vê-la, no dia seguinte. Entraram no quarto de **Sam** com caras de enterro idênticas, e era evidente que a mãe estivera chorando, e quando se sentou, recomeçou.

— Santo Deus, mamãe, o que é?

Sam ficou nervosa só de vê-los e já estava perturbada. Tinha ligado para Caroline Lord pela manhã; para saber notícias de Bill e soubera que tivera novo enfarte, este

mais sério do que o anterior. E presa à sua cama e ao seu gesso no Lenox Hill Hospital, nada podia fazer para ajudar Caro, e de repente, se sentiu inútil e aprisionada. Mas Caro tinha ficado muito mais nervosa por causa do acidente. Ela omitiu a informação sobre o seu próprio infortúnio, achando que Caro já tinha angústias de sobra, mas era evidente que Charlie já lhe contara. Caro estava louca de preocupação. Como toda pessoa que lidava com cavalos, conhecia os perigos que se enfrentava, mas mesmo assim ficou em estado de choque por causa de **Sam**. Fez **Sam** prometer que ligaria para ela de novo. E se não, ela mesma ligaria para **Sam**, quando estivesse livre.

Mas agora, todo e qualquer pensamento referente a Tia Caro foi afastado da sua mente, quando viu a mãe, que estava, como sempre, elegantemente vestida, num costume de linho azul e blusa de seda branca. Usava esarpinas e um colar de pérolas de três voltas e brincos de pérolas, e embora fosse uma mulher gorducha de 60 anos, ainda tinha o mesmo cabelo extravagantemente belo de **Sam**. O dela agora era branco como a neve, mas fora dourado como o de **Sam**, no passado. O seu marido era alto e bonitão e parecia mais um comandante da marinha do que um médico. Tinha o peito largo e era corado, com uma cabeleira branca como a neve.

— Ah, **Samantha** — lamentava-se a mãe, enquanto George segurava-lhe a mão e ela se recostava, quase inerte, na cadeira.

— Pelo amor de Deus, o que houve?

Samantha teve, de repente, uma sensação estranha e assustadora, como se alguma coisa terrível fosse acontecer com ela, ou talvez já tivesse acontecido.

— Ah, **Samantha**...

— Jesus. — Se pudesse, teria gritado, ou talvez apenas batido com o pé no chão. Mas os seus pés apenas formigavam e pendiam como carne morta desde que o seu corpo estava cercado pelo que lhe parecia cimento. As enfermeiras todas lhe diziam que era normal sentir-se daquele jeito, quando se estava com o corpo engessado, e **Sam** encontrara consolo nisso. Durante algum tempo preocupara-se se as suas pernas tinham sido atingidas. — Então, gente, o que é que há? — Fitou-os com irritação e hostilidade. Mal podia esperar para que voltassem para casa. — Não me mantenham em suspense.

Porém a mãe só chorava cada vez mais. Foi o padrasto que deu o primeiro passo.

— **Samantha**, conversamos longamente com o seu médico hoje de manhã.

— Qual deles? Tenho quatro.

Sentia-se como uma adolescente irritada e atrevida, fitando-os com desconfiança. Mas só queria que fossem embora e a deixassem em paz. Porém o seu padrasto era um homem preciso.

— Na verdade, falamos com dois deles, os doutores Wong e Josephs. Foram ambos muito informativos e muito bondosos.

Olhou para ela com uma piedade evidente, e a esposa lançou olhares tristonhos na sua direção antes de recommear a soluçar e ele continuar.

— Eles falaram alguma coisa para provocar toda essa histeria? Alguma coisa que eu deva saber?

Olhou aborrecida para a mãe, depois de novo para George.

— Sim. E embora nos doa muito, achamos que está na hora de você saber. Os médicos estavam simplesmente esperando... a hora certa. Mas agora que estamos aqui... — Parecia o começo perfeito para um panegírico, e **Samantha** teve vontade de olhar ao seu redor para ver quem estava no caixão. Ele parecia um agente funerário, concluiu, não um comandante da marinha, e tentou compor o rosto, polidamente, enquanto ele continuava. — Agora que estamos aqui, achamos que está na hora de você saber.

— Saber o quê?

— A verdade.

De repente, quando ele falou, um despertadorzinho soou nalgum lugar próximo ao coração de **Sam**. Era como se ela soubesse. Como se tivesse sabido o tempo todo, sem saber, como se pressentisse exatamente o que eles iam dizer.

— É? — Foi só o que disse.

— É.

— O acidente... bem, **Sam**, você se feriu muito gravemente quando caiu. A sua espinha foi fraturada em dois lugares. Foi um milagre você não ter morrido com o choque e as fraturas, e também não ter havido danos cerebrais, o que agora, naturalmente, eles têm certeza de que não houve.

— Puxa, obrigada. Que bom. Mas, e o resto?

O coração dela batia com força, mas o seu rosto nada deixava transparecer.

— Como você sabe, quanto ao resto você não teve assim tanta sorte, caso contrário não estaria engessada desse jeito. — Solto um breve suspiro, mas continuou: — O que você não sabe, contudo, e achamos que deve, assim como os seus médicos, deixe-me acrescentar...já está na hora. O que você não sabe, **Samantha**, é que — hesitou apenas por uma fração de segundo, antes de soltar a bomba — é que você agora é paraplégica.

Fez-se um momento de silêncio, enquanto ela o fitava.

— O que isso quer dizer, exatamente, George?

— Que jamais voltará andar. Conservará o uso integral da parte superior do tórax, dos braços, ombros, etcétera, mas o dano real aconteceu precisamente na cintura. Dá para se ver perfeitamente nos raios X - informou, com ar profissional. — Desse ponto em diante, não há nada. Você poderá ter alguma sensação, como suponho que já tenha, mas é só. Não terá nenhum controle muscular, nenhuma capacidade para usar as pernas. Terá que utilizar uma cadeira de rodas, é claro. — E então deu o golpe final: — Mas, naturalmente, a sua mãe e eu resolvemos hoje de manhã que você irá morar conosco.

— Não, não irei!

Foi um grito agudo, e tanto a mãe quanto o padrasto ficaram atônitos.

— Claro que irá, querida.

A mãe estendeu a mão e **Sam** se encolheu como um animal ferido, desejando desesperadamente fugir. Seus olhos estavam alucinados, ao fitá-los. Não tinham o direito de lhe contar isso. Não era verdade... não podia ser... ninguém mais lhe contara... mas ela soube, quase antes de escutar, que era de fato a verdade... e que era daquilo que vinha se escondendo quase desde o momento em que recobrava a

consciência, em Denver. Era a única coisa que ninguém jamais dissera. Exceto essas duas pessoas. Tinham vindo para lhe contar, como se fosse a missão deles, e ela não queria escutar nada do que eles haviam dito.

— Não quero, mamãe — Falou, por entre os dentes cerrados, mas eles se recusaram a compreender.

— Mas você não pode mais cuidar de si mesma. Vai ficar incapaz como um bebê.

A mãe pintava um quadro que fazia **Sam** ter vontade de morrer.

— Não vou, não vou, porra... eu me mato, primeiro! — gritava, com voz aguda.

— **Samantha!** Como tem coragem de dizer uma coisa dessas!

— Eu digo, se quiser, porra. Não vou ficar confinada a essa vida, à vida de uma aleijada. E não quero ser incapaz como um bebê, vivendo em Atlanta com os meus pais, aos trinta e um anos. Como é que isso pôde acontecer comigo, porra... não pode ter acontecido, não vou deixar que aconteça.

A mãe ficou ali, impotente, enquanto George exibia o seu ar mais profissional e tentava acalmá-la, mas **Sam** apenas gritava mais alto, e os olhos da mãe fitaram os do marido e lhe imploraram para irem embora.

— Quem sabe devemos voltar e conversar sobre isso mais tarde... — Foram se dirigindo devagarinho para a porta. — Você precisa de algum tempo sozinha, **Samantha**, para se conformar... temos tempo de sobra para discutir o assunto, só vamos embora amanhã, e os médicos não acham que você vá poder sair daqui antes de maio ou junho, de qualquer maneira.

— O quê?

Era um lamento final de dor.

— **Samantha...**

Por um instante, parecia que a mãe ia se aproximar dela, e **Sam** pôde apenas rosnar, da cama:

— Saiam daqui, pelo amor de Deus... por favor. — Começou a soluçar incontrolavelmente. — Saiam...

Fizeram o que ela pediu, e subitamente estava sozinha no quarto vazio com o eco das palavras deles. Uma enfermeira a encontrou dali a meia hora, tentando cortar os pulsos com as beiradas quase sem fio de uma xícara de plástico.

O dano que fez foi consertado com alguns pontos, mas o dano causado pela mãe e pelo padrasto levou vários meses para sarar.

Capítulo 28

— Como vão indo as coisas, garota? — Charlie sacudiu a neve da gola, tirou o casaco e jogou-o sobre uma cadeira. Havia neve até na sua barba e no seu cabelo. — Como é?

Olhou para ela, com ar de expectativa, e **Sam** deu de ombros.

— O que você espera? Que eu fique sentada na minha cadeira usando um tutu cor-de-rosa e faça uma pirueta para você na hora em que chega?

— Ai, ai, ai, mas estamos encantadoras hoje, não?

— Vá se foder.

Ele olhou para o relógio com uma expressão pensativa.

— Eu bem que gostaria, mas Mellie tem uma reunião da Associação dos Pais e Mestres e, além disso, eu próprio não tenho tempo. Tenho um encontro com um cliente às duas.

— Muito divertido.

— Nem isso eu posso dizer de você.

— Bem, eu não sou mais engraçada. É a vida. Estou com trinta e um anos, e sou uma aleijada numa cadeira de rodas. Isso não é engraçado, nem divertido, nem encantador.

— Não, mas também não é necessariamente tão deplorável quanto você está querendo que seja. — Há três meses e meio que a via desse jeito. Desde que o idiota do padrasto lhe dera a notícia. Já tinha tirado o gesso, estava usando um colete e se locomovendo numa cadeira de rodas. Mas agora vinha a parte mais difícil, os meses exaustivos de terapia física, em que ela aprenderia a conviver com a sua incapacidade,

ou não. — Não tem que ser assim tão terrível, **Sam**. Você não precisa ser "uma aleijada incapaz", segundo as palavras da sua mãe.

— Não? Por que não? Vai fazer um milagre e me devolver o uso das minhas pernas?

Socou-as como se fossem borracha velha.

— Não, não posso fazer isso, **Sam**. — Falou suave, mas firmemente. — Mas você tem o uso da sua mente e seus braços e suas mãos e — sorriu, por um instante — o uso da sua boca. Podia fazer um bocado com tudo isso, se realmente quisesse.

— Não diga! Como o que, por exemplo?

Hoje ele viera preparado.

— Acontece, Srta. Sabichona, que eu lhe trouxe um presente de Harvey, hoje.

— Mais uma caixa de chocolates de qualquer um e eu grito.

Parecia uma criança petulante e não a **Sam** que ele conhecia. Mas ainda havia esperanças de que se conformasse. Os médicos tinham dito que, com o tempo, ela provavelmente se adaptaria. Era uma adaptação duríssima para qualquer um, e especialmente para uma mulher moça, bela e ativa como **Sam**.

— Ele não lhe mandou chocolates, guria, mandou-lhe trabalho.

Por um instante, viu a surpresa nos olhos de **Sam**.

— Como assim, ele me mandou trabalho?

— Exatamente isso. Conversamos com os seus médicos ontem e eles disseram que não há motivo para você não fazer um pouco do seu trabalho aqui. Trouxe-lhe um gravador, canetas e papel, três pastas em que Harvey quer que você dê uma olhada...

Já ia continuar quando **Sam** rodou a cadeira para longe e quase rosnou:

— Que diabo, por que eu iria fazer isso?

Mas ele resolveu que a brincadeira já durara o suficiente.

— Porque você já está de papo pro ar há tempo suficiente. Porque é muito

inteligente, e podia ter morrido e não morreu, **Sam**, portanto não desperdice o que tem.

Parecia zangado, e **Sam** estava mais quieta, quando voltou a falar.

— Por que eu deveria fazer qualquer coisa por Harvey?

— Por que ele deveria fazer qualquer coisa por você? Por que deveria dar-lhe férias de cinco meses quando o seu marido a abandonou, depois não poupar despesas para trazê-la para casa quando sofreu um acidente — deixe-me lembrar-lhe que poderia estar sozinha lá em Denver, se não fosse pelo Harvey — E depois por que deveria dar-lhe licença ilimitada para tratamento de saúde e esperar que você volte?

— Porque faço o meu trabalho bem, só isso!

— Sua vaca! — Era a primeira vez em meses que se zangava com ela, e estava lhe fazendo bem. — Ele precisa da sua ajuda, porra, está atolado de trabalho, e eu também. Está disposta a recomeçar e parar de sentir pena de si mesma, ou não?

Ela ficou muito quieta por um longo momento, de costas para ele na cadeira, a cabeça baixa.

— Ainda não resolvi.

Falou muito baixinho, e ele sorriu.

— Adoro você, **Sam**.

Então, ela se virou lentamente para olhar para ele, e quando o fez, Charlie viu que as lágrimas lhe corriam pelas faces.

— Que diabo vou fazer, Charlie? Onde vou viver? E como?... Ah, Jesus, tenho tanto medo de acabar morando com a minha mãe em Atlanta. Eles ligam para mim todos os dias para me dizer que sou uma aleijada incapaz, e é o que fico pensando... que sou...

— Mas não é. Você não tem nada de incapaz. Pode ter que fazer algumas modificações na sua vida, mas nada de tão radical quanto Atlanta. Jesus, você ia ficar maluca, ali. — Ela concordou, tristemente, e ele segurou-lhe o queixo. — Mellie e eu não deixaremos que isso aconteça, nem que você tenha que vir morar conosco.

— Mas eu não quero ser incapaz, Charlie. Quero cuidar de mim mesma.

— Então cuide. Não é isso que lhe estão ensinando a fazer, aqui?

— É — Concordou, lentamente. — Mas leva a vida toda.

— E quanto tempo é isso? Seis meses? Um ano?

— Mais ou menos isso.

— Não vale a pena, para não ter que ir morar em Atlanta?

— Vale. — Enxugou as lágrimas com o elegante agasalho de usar na cama. — Para isso, valeria cinco anos.

— Então vá em frente, aprenda o que tiver que aprender, depois volte para o mundo e fique na sua, **Sam**. E nesse meio tempo — sorriu para ela e olhou para o relógio — por favor e leia as pastas e memorandos. Pelo Harvey.

— Corta essa de "pelo Harvey". Vocês não passam de uns papos-furados. Sei o que estão fazendo, mas vou tentar. Mande-lhe lembranças.

— Ele também lhe mandou. Disse que viria aqui amanhã.

— Diga a ele para não esquecer os meus Mickey Spillanes.

Ela e Harvey eram viciados nos livros de detetive e Harvey vivia lhe mandando novos exemplares para passar o tempo.

— Ah, pombas... vocês dois.

Charlie voltou a se enfiar no pesado sobretudo, calçou as galochas, levantou a gola do casaco e acenou para ela, da porta.

— Tchau, Papai Noel. Dê um beijo na Mellie.

— Sim, senhora.

Ele bateu continência e desapareceu, e ela ficou sentada por um longo tempo fitando as pastas. Estavam quase no Natal, novamente, e ela passara a manhã toda pensando em **Tate**. Há somente um ano ela estivera na Estância Lord e **Tate** bancara o Papai Noel para as crianças. Fora quando começara realmente a conhecê-lo, fora

quando tudo tivera início. Fora no dia de Natal que ele a levara até a cabana escondida. Pensar nele fazia tudo reviver e ela sentia aquela dorzinha familiar e ficava se perguntando, mais uma vez, para onde ele teria ido.

Falara com Caroline naquela manhã. Bill tivera um pequeno derrame depois do Dia de Ação de Graças, e nos últimos meses não fizera outra coisa senão piorar gradativamente. Em meio a todas aquelas notícias sombrias, ela detestava ter que incomodar Caro com perguntas sobre **Tate** Jordan, mas sempre acabava fazendo-as, de qualquer forma, e como sempre não havia novidades. Caroline estava terrivelmente deprimida com o estado de saúde de Bill. Acabara de contratar um novo capataz, um rapaz com mulher e três filhos, e ele parecia estar fazendo um bom trabalho. E, como sempre, ela encorajara **Sam** a continuar. A terapia física que **Sam** estava suportando era a coisa mais difícil que já fizera na vida, e se perguntava se valia a pena fortalecer os braços para poder se movimentar quase como um macaco, sentar e levantar da cadeira de rodas, deitar e sair da cama, sentar e levantar da privada, tudo o que precisaria fazer para morar sozinha. Se cooperasse, a equipe a treinaria para que pudesse se arranjar numa independência total. Ela resistira, reagindo contra a ajuda que lhe ofereciam — no íntimo, achava que realmente não importava mais — mas agora, subitamente, parecia importante prosseguir. Charlie tinha razão. Ela estava viva... era motivo suficiente para prosseguir.

O dia de Natal foi um dia difícil para ela. Harvey Maxwell veio vê-la, assim como Charlie e Mellie e as crianças. A enfermeira deixou que todos entrassem e ela segurou o bebê, que estava agora com quase cinco meses, e mais bonitinha do que nunca. Quando todos se foram, sentiu-se desesperadamente só. No final da tarde, achou que não dava mais para agüentar e, de puro desespero, saiu do quarto e foi rodando a cadeira lentamente pelo corredor. Na extremidade mais afastada do corredor deparou com um garotinho numa cadeira de rodas como a dela, sentado à janela, tristemente, fitando a neve.

— Oi, meu nome é **Sam**.

O seu coração doía de pena dele, e quando o menino se virou para ela, **Sam** viu que não teria mais que seis anos e que estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Não posso mais brincar na neve.

— Nem eu. Como se chama?

— Alex.

— O que ganhou de Natal?

— Um chapéu de vaqueiro e um coldre. Mas também não posso andar a cavalo.

Ela assentiu, mas, subitamente, ficou se questionando.

— Por que não?

Olhou para ela como se fosse muito burra.

— Porque estou nesta cadeira de rodas, sua boba. Um carro me atropelou, quando eu estava andando de bicicleta, e agora tenho que ficar nesta coisa para sempre. — Olhou para ela com curiosidade. — E você?

— Caí de um cavalo no Colorado.

— É?

Olhou para ela, com interesse, e **Sam** abriu um sorriso.

— É. E sabe duma coisa, aposto que ainda posso montar, e aposto que você também pode. Li um artigo numa revista, uma vez, que mostrava gente como a gente andando a cavalo. Acho que tinham selas especiais, mas andavam.

— Tinha cavalos especiais?

Parecia encantado com a idéia, e **Sam** sorriu e sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Só cavalos bonzinhos.

— Foi um cavalo bonzinho que fez você cair? — indagou, fitando as pernas dela, depois o seu rosto.

— Não. Ele não era um cavalo bonzinho. Mas fui muito boba de andar nele. Era um cavalo danado de ruim e eu fiz muita besteira quando estava andando nele.

— Como o que, por exemplo?

— Galopar por toda a parte e me arriscar demais. — Era a primeira vez que

estava sendo tão honesta consigo mesma. Era também a primeira vez que falava sobre o acidente, e ficou surpresa ao ver quão pouco lhe doía. — Você gosta de cavalos, Alex?

— Se gosto. Fui a um rodeio, uma vez.

— Foi? Eu trabalhava numa estância.

— Não, não trabalhava. — Parecia enojado. — Moças não trabalham em estâncias.

— Trabalham, sim. Eu trabalhei.

— Você gostava? — indagou, ainda cético.

— Adorava.

— Então, por que parou?

— Porque voltei para Nova York.

— Por quê?

— Porque sentia saudade dos meus amigos.

— Ah. Você tem filhos?

— Neca. — Sentiu uma pequena pontada, ao falar, pensando na pequena **Sam**. — Você tem filhos, Alex?

Sorriu para ele, que soltou uma risada.

— Claro que não. Você é boba. O seu nome é mesmo **Sam**?

— É. O nome é **Samantha**, mas os amigos me chamam de **Sam**.

— O meu é Alexander. Mas só a minha mãe me chama assim.

— Quer ir dar um passeio?

Estava se sentindo inquieta, e ele era tão boa companhia quanto qualquer um.

— Agora?

— Claro. Por que não? Está esperando visita?

— Não. — Ficou triste de novo, momentaneamente. — Eles acabaram de ir para casa. Estava vendo eles irem embora, da janela.

— Tá legal, então por que você e eu não vamos fazer uma excursão?

Sorriu com ar travesso para ele, deu um pequeno empurrão na sua cadeira, para dar-lhe impulso, e disse à enfermeira da recepção que ia levar Alex para um passeio. Todas as enfermeiras do andar acenaram para eles enquanto se dirigiam para os elevadores e, de lá, para a lojinha de presentes no térreo. Sam comprou-lhe um pirulito e duas barras de chocolate e umas revistas para si mesma. Depois, resolveram comprar também chicles de bola e voltaram para o andar deles soprando bolas e brincando de adivinhação.

— Quer ver o meu quarto?

— Claro.

No quarto havia uma pequena árvore de Natal coberta com enfeites do Snoopy, e as paredes estavam cheias de retratos e cartões dos amigos da escola.

— Eu também vou voltar. O meu médico falou que não vou precisar ir para uma escola especial. Se eu fizer a minha terapia, posso ser igual a todo mundo, quase.

— É o que o meu médico também falou.

— Você está na escola?

Parecia intrigado, e ela riu.

— Não, eu trabalho.

— Fazendo o quê?

— Trabalho numa agência de publicidade, fazemos comerciais.

— Para vender lixo para as crianças na TV? Minha mãe falou que as pessoas que escrevem aquilo são irresponsáveis... superonsáveis, ou coisa parecida.

— Irresponsáveis. Na verdade, escrevo comerciais para vender lixo para adultos, principalmente, como carros ou pianos ou batom ou coisas para fazer você cheirar

bem.

— Eca.

— É, bem... quem sabe algum dia eu volte a trabalhar numa estância.

Ele concordou, com ar compenetrado. Aquilo lhe parecia sensato.

— Você é casada, **Sam**?

— Neca.

— Por quê?

— Ninguém me quer, acho. — Estava brincando, mas ele assentiu, muito sério. — Você é casado, Alex?

— Não. — Abriu um sorriso. — Mas tenho duas namoradas.

— Duas...?

E a conversa continuou durante horas. Jantaram juntos, naquela noite, e **Sam** veio dar-lhe um beijo de boa noite e contar-lhe uma história, e quando voltou para o seu quarto, sorriu serenamente consigo mesma e atacou uma pilha de serviço.

Capítulo 29

Alex saiu do hospital em abril. Voltou para casa com a mãe e o pai, depois foi para a escola. Mandava uma carta por semana para **Sam**, contando que era igualzinho às outras crianças de novo, até mesmo ia a um jogo especial de beisebol todos os domingos com o pai, e mais um bando de outros garotos de cadeiras de roda. Ditava as cartas para a mãe, e **Sam** as guardava numa pasta especial. Ela também lhe mandava cartas, e chicles de bola, e retratos de cavalos, e qualquer coisa que encontrasse na lojinha de presentes que pudesse lhe agradar. A ligação deles tornava **Sam** mais forte, dava-lhe mais vontade de prosseguir. Mas a hora decisiva chegou para **Sam** no fim do mês, quando o médico trouxe à baila a sua ida para casa.

— Bem, o que você acha? Acha que está pronta?

— Ainda não — Disse ela, sacudindo a cabeça.

— Por que não?

— Não sei... não tenho certeza de poder dar conta... não estou... os meus braços não estão ainda bastante fortes...

Repentinamente, tinha mil desculpas, mas o médico sabia que aquilo era normal. Sentia-se segura no seu casulo e não queria mais ir embora. O Doutor Nolan sabia que, quando chegasse a hora, teria que empurrá-la suavemente, e que ela resistiria a cada centímetro do caminho.

Na verdade, ela estava com uma rotina muito confortável. Três horas de terapia física todas as manhãs, três horas de trabalho que o escritório lhe mandava todas as tardes. Os anúncios, que lhe trouxeram sete novos prêmios, entre eles o muito cobiçado Clio, já tinham ido ao ar há muito tempo, e ela estava ampliando a campanha com novas idéias. Heftry Johns-Adams e o seu amiguinho e Charlie estavam prestes a viajar para o Oeste para filmar mais dois anúncios.

Certa noite, **Sam** ligou para Caroline para tentar mais uma vez usar a estância — achando que faria com que ela se despreocupasse um pouco de Bill — e recebeu um choque terrível. Caroline atendeu, e quando ouviu a voz de **Sam**, desatou a soluçar, soluços fundos e angustiantes que vinham das profundezas da sua alma.

— Ah, **Sam**... meu Deus... ele se foi... ele se foi. — **Sam** não sabia o que dizer; na verdade, o que poderia dizer? Simplesmente continuou ligando para ela e tentando animá-la. Agora, alguns meses mais tarde, Caroline ainda estava absolutamente perdida sem ele, e **Sam** ficava doente de ouvi-la tão desolada e alquebrada, o seu espírito esgotado, a alma destroçada, sem o homem que amara por tanto tempo. Agora era **Sam** quem lhe dava forças para continuar, quem a encorajava.

— Mas não tenho mais ninguém, **Sam**. Não tenho motivos para continuar. Toda a minha família já se foi... e agora Bill...

— Ainda tem a estância, eu, e existem tantas pessoas que gostam de você.

— Não sei, **Sam**. — Parecia tão cansada. — Sinto como se a minha vida tivesse acabado. Nem sinto mais vontade de cavalgar com os homens. Deixo o novo capataz cuidar de tudo para mim. Nada tem sentido sem Bill, e — **Sam** podia ouvir as lágrimas na sua voz — tudo me deixa tão triste.

Ela o enterrara na estância, com uma cerimônia fúnebre. Ele impusera a sua vontade até o fim. Morrera como capataz da Estância Lord e não como marido dela,

embora agora isso não tivesse mais importância. Quer as pessoas tivessem descoberto, quer não, respeitavam os dois, e a sua perda foi sentida por muitos que tinham pena de Caro por ter perdido um bom amigo, mesmo que não soubessem que ele fora o seu homem.

Naturalmente, ainda não havia notícias de **Tate Jordan**. **Sam** já nem perguntava mais. Sabia que Caro lhe teria dito. Tantas as pessoas que contatara, tantas as estâncias que visitara, tantos vaqueiros e estancieiros com quem conversara nas suas viagens, e nenhum deles o vira, ninguém o conhecia. Ficava se perguntando para onde teria ido, se era feliz, se se lembrava, assim como ela. Agora, na verdade, não havia motivo para encontrá-lo. Não tinha mas nada para lhe dar. Agora, não teria permitido que ficasse com ela. Teria sido **Sam** a fugir. Mas não era preciso. Já fazia um ano que ele desaparecera.

Foi na primavera que a empurraram suavemente para fora do ninho, a despeito dos protestos da mãe. O médico deu-lhe alta no dia 1º de maio, um dia esplêndido e quente e ensolarado, e ela foi ver o seu apartamento pela primeira vez. Teve que contar, mais uma vez, com Charlie e Mellie, ela tivera que ligar para a companhia transportadora e supervisionar a embalagem e mudança de tudo o que havia na antiga casa. Com as escadas do antigo apartamento, ela sabia que não ia conseguir se arranjar inteiramente sozinha, e um apartamento vago aparecera, por milagre, no prédio de Melinda e Charlie. Era um apartamento térreo com um jardimzinho ensolarado e ia ser perfeito para **Samantha** porque não tinha escadas, era de fácil acesso, e tinha porteiro. Era exatamente o que **Samantha** precisava, e ela dera instruções ao pessoal da transportadora para arrumar os móveis segundo um diagrama que fizera para eles, e para deixar os caixotes para ela desembalar sozinha. Seria o seu primeiro desafio depois de deixar o hospital, e ia ser um desafio grande.

Ela xingou e ofegou e atacou as caixas e suou, e chegou até a cair da cadeira, tentando pendurar um quadro na parede. Mas levantou-se, pendurou-o, desarrumou os caixotes, fez a sua cama, lavou o cabelo, fez todas as coisas que lhe haviam ensinado. Sentia-se tão vitoriosa que, na segunda de manhã, quando apareceu na firma de saia preta e suéter de gola rulê preto, botas elegantes de camurça preta e um laço de fita vermelho no cabelo, parecia mais jovem e saudável do que durante todo aquele ano terrível. Quando a mãe dela ligou ao meio-dia, para se lamentar do destino da

filha, **Sam** estava numa reunião. Depois, foi almoçar com Charlie e Harvey no Lutèce, para comemorar a sua volta, e no final da primeira semana teve o seu primeiro encontro com um cliente, que correu muitíssimo bem. Ficava intrigada ao ver que os homens ainda olhavam para ela como se fosse atraente, e mesmo no seu terror que fosse a piedade que motivasse os olhares, não podia deixar de sentir prazer em saber que, mesmo que não fosse uma mulher operante, a sua feminilidade ainda existia. Recusara-se a discutir com o psiquiatra do hospital o assunto de voltar a sair com homens. Considerava-o uma porta fechada, então eles o tinham deixado de lado, por enquanto, concentrando-se no resto. Tinha feito tantos progressos em todas as outras áreas que eles achavam que, mais cedo ou mais tarde, ela voltaria a se interessar por isso. Afinal, tinha apenas 31 anos e era incrivelmente bonita. Era improvável que uma mulher como **Sam** Taylor fosse passar o resto da sua vida sozinha, não importa o que dissesse, no momento.

— Bem. — Harvey, exibindo um dos seus raros sorrisos, ergueu a taça de champanha. — Um brinde a **Samantha**. Que você viva mais cem anos, sem tirar um só dia de folga da CHL. Obrigado.

Fez uma medida e os três deram risadinhas abafadas, e a seguir **Sam** ergueu um brinde aos dois. No final do almoço estavam semibêbados e **Sam** estava fazendo piadas de mau gosto sobre não ser capaz de dirigir a sua cadeira. Esbarrou em dois pedestres ao voltar para o escritório e Charlie resolveu empurrá-la, atropelando alegremente um guarda que quase caiu de joelhos.

— Charlie, puxa vida! Olhe por onde anda!

— Eu estava olhando... acho que ele está bêbado. Revoltante, um guarda de serviço!

Os três riram feito crianças, e tiveram dificuldades em ficar sóbrios de novo, depois de retornar ao escritório. Acabaram por desistir e foram para casa cedo. Fora um dia e tanto.

No sábado, **Sam** levou o seu amiguinho Alex para almoçar, os dois tomando sol nas suas cadeiras. Comeram cachorro-quente com batata frita e ela o levou ao cinema. Sentaram lado a lado no corredor do Radio City, e os olhos dele estavam arregalados, vendo o espetáculo. Quando o levou para casa, no fim do dia, sentiu um aperto no coração por ter que devolvê-lo para a mãe, e foi refugiar-se no apartamento de Mellie,

antes de voltar para casa. Ficou brincando com o bebê. De repente, enquanto **Sam** rodava a sua cadeira cuidadosa e lentamente pela sala, a pequena **Sam** ficou de pé, na ponta dos pés e abanando os braços; a pequena **Sam** a seguiu, enquanto "**Sam Grande**", como a chamavam na presença do bebê, ficava sentada na cadeira de rodas, de boca aberta. E então, quando o bebê caiu no tapete, balbuciando, **Sam** gritou chamando Mellie, que apareceu bem a tempo de ver o bebê fazer a mesma coisa de novo, e estava somente com dez meses de idade.

— Ela está andando! — gritou Mellie, entusiasmada. — Está andando... Charlie! **Sam** está andando...

Ele apareceu à porta com uma expressão de choque, sem ter compreendido que era o bebê, e **Sam** olhou para ele, atônita, com as lágrimas correndo pelo rosto, depois sorriu e estendeu as mãos para o bebê risonho.

— É, está, sim!

Capítulo 30

Crane, Harper e Laub ganharam um Clio novamente, aquele ano, por mais um comercial de **Sam**, e até o final do ano ela já trouxera para a firma mais duas contas importantes. As previsões de mau agouro da mãe dela não tinham acontecido. Em vez disso, estava trabalhando mais do que nunca, cuidando do apartamento com facilidade, encontrando-se com alguns amigos e saindo ocasionalmente para ir ao cinema, sábado à tarde, com o seu amigo Alex, agora com sete anos. De um modo geral, **Sam** se achava feliz com a sua vida. Sentia-se contente por ter vivido... contente por ter sobrevivido. No entanto, ainda não estava inteiramente certa de onde aquilo iria dar. Harvey ainda era o diretor criativo e ainda ameaçava se aposentar, mas **Sam** nunca acreditou nele até o dia 1º de novembro, quando a chamou à sua sala e apontou distraidamente para uma cadeira.

— Sente-se, **Sam**.

— Obrigada, Harvey, já estou sentada.

Sorriu para ele, achando graça, e ele pareceu momentaneamente sem jeito, depois deu uma risada.

— Não me deixe nervoso, que diabo, **Sam**, tenho uma coisa para lhe dizer... não,

para lhe pedir...

— Vai me pedir em casamento, depois de todos esses anos?

Era uma piada de praxe, entre eles. Harvey era muito bem casado, há 32 anos.

— Não, que diabo, hoje não estou para brincadeiras. **Sam** — olhou para ele quase com ferocidade — já me resolvi. Vou me aposentar no dia 1º do ano.

— E quando foi que resolveu, Harvey? Hoje de manhã? — Ainda estava sorrindo. Não levava mais a sério as ameaças de aposentadoria dele, e estava perfeitamente feliz com o seu emprego, do jeito que ele era. O seu salário fora aumentado satisfatoriamente ao longo dos anos, e a CHL dera-lhe tanto em termos de bondade e compreensão, durante os seus diversos problemas e doenças, que sentia uma lealdade a toda prova para com eles, de qualquer forma. Não precisava do lugar de Harvey. — Por que não relaxa e tira umas boas férias com Maggie neste Natal, um lugar quente, como o Caribe. E depois volte para casa como um bom menino, arregace as mangas e comece a trabalhar.

— Não quero. — Parecia, subitamente, uma criança beligerante. — Sabe duma coisa, **Sam**? Estou com cinquenta e nove anos de idade, e de repente fico pensando no que estou fazendo. Quem está se lixando para comerciais? Quem vai se lembrar de qualquer coisa que fizemos, no ano que vem? E estou perdendo o resto dos meus melhores anos com Maggie, sentado a esta mesa, trabalhando feito um burro. Não quero mais fazer isso. Quero ir para casa, **Sam**, antes que seja tarde demais. Antes que eu perca a minha chance, antes que ela fique doente, ou eu fique, ou um de nós morra. Nunca pensei assim antes, mas vou fazer sessenta anos na terça-feira que vem, e resolvi que se dane tudo. Vou me aposentar e você não vai me convencer do contrário, porque não vou deixar. Portanto, pedi que viesse até aqui para lhe perguntar se quer o meu lugar, **Sam**, porque, se quiser, pode ficar com ele. Na verdade, o meu convite é só uma formalidade, porque, quer você queira ou não, ele é seu.

Ela ficou ali parada por um momento, espantada, sem saber direito o que dizer.

— Puxa, Harvey, foi um discurso e tanto.

— Falei a sério o tempo todo.

— Bem, de certa forma, acho que tem razão.

Passara meses pensando em Bill King e Tia Caro, imaginando se haviam aproveitado cada momento possível, até o fim. Tinham estado tão ocupados escondendo o que faziam, durante tantos anos, que tinham perdido muitas oportunidades de ficarem juntos e aproveitar a vida. Para **Sam**, aquilo parecia um desperdício danado de energia que eles podiam ter gastado melhor juntos, mas tudo isso agora pertencia ao passado. O que a preocupava mais, agora, era Caro, que estava péssima nesses oito meses desde que ele morrera. Há vários meses que se achava no que **Sam** considerava uma profunda depressão, e a moça tinha muita vontade de ir visitá-la, mas se havia uma coisa que ainda não se animava a fazer era viajar. Sentia-se à vontade no seu ambiente e sabia que conseguia se arranjar sozinha, mas sair de casa para ir para longe ainda a assustava. Não fora a Atlanta, e sabia que provavelmente jamais iria. Mas uma visita a Tia Caro seria diferente. Só que não tomara coragem e se organizado para ir. Estava pensando vagamente no Natal, mas não tinha certeza. Sentia-se estranha de voltar para lá na época de Natal e enfrentar todas as suas lembranças de **Tate**.

— Como é, **Sam**, quer ser DC?

Era uma pergunta direta que exigia uma resposta direta, e **Sam** olhou para ele com um pequeno sorriso hesitante.

— Sabe, o gozado é que não sei. Gosto de trabalhar para você, Harvey, e costumava pensar que ser a diretora criativa era alcançar o pote de ouro no fim do arco-íris. Mas a verdade é que, nos dois últimos anos, a minha vida mudou tanto, os meus valores também, agora não tenho certeza se quero as coisas que acompanham o cargo: as noites sem dormir, as dores de cabeça, as úlceras, especialmente agora. A outra coisa que me preocupa é que a DC terá que viajar, e ainda não me sinto à vontade viajando. Não me sinto segura, e é por isso que ainda não fui visitar a minha amiga na Califórnia. Não sei, Harvey, talvez eu não seja mais a pessoa certa para o cargo. E quanto a Charlie?

— Ele é o diretor artístico, **Sam**. Você mesma sabe que não é comum um diretor artístico tornar-se DC. É uma coisa em separado.

— Talvez. Mas ele podia ser, e seria bom.

— Você também. Quer pensar no assunto?

— Claro que sim. Está mesmo falando sério desta vez, não é? — Estava tão surpresa com a decisão dele quanto com a sua própria hesitação em aceitar. Mas não tinha mais tanta certeza se era aquilo o que queria, e embora estivesse vivendo a sua vida satisfatoriamente na cadeira de rodas, não tinha certeza se possuía mobilidade suficiente para o cargo. — Quando é que quer a resposta?

— Daqui a duas semanas.

Ela assentiu, e eles bateram papo por alguns momentos antes de **Sam** sair da sala, e quando saiu, estava firmemente resolvida a dar a resposta a Harvey no prazo de duas semanas. Porém, dez dias depois, a vida lhe aprontou mais uma, e ela se sentiu como se o céu tivesse desabado sobre a sua cabeça. Nos dois últimos anos sentira-se assim com frequência.

Ficou sentada na sua sala com a carta que acabara de receber do advogado de Caroline. Depois, com as lágrimas descendo pelo rosto, rodou a sua cadeira até a sala de Charlie, do outro lado do corredor, e parou à porta com uma expressão de choque no rosto.

— Algum problema? — Parou imediatamente o que estava fazendo e veio para junto dela. Era uma pergunta idiota. Ela estava branca, e fez que sim e entrou na sala, estendendo-lhe a carta, que ele pegou e leu. Depois, fitou-a com a mesma expressão de espanto no rosto. — Você sabia?

Ela agora chorava baixinho, enquanto sacudia a cabeça e respondia.

— Nunca pensei nisso... mas acho que não há mais ninguém. — E, então, estendeu os braços para ele, que a abraçou. — Ah, Charlie, ela se foi. O que vou fazer?

— Está tudo bem, **Sam**. Tudo bem.

Mas se sentia tão aturdido quanto **Samantha**. Caroline Lord morrera no fim de semana anterior. Por um instante, **Sam** ficou magoada porque ninguém lhe avisara... onde estava Josh, por que não ligara para ela? Porém o momento logo passou. Eram nômades, não lhes teria ocorrido ligar para ela em Nova York.

De conformidade com o testamento de Caroline, a estância fora deixada para **Sam**. Ela morrera durante o sono, sem dor ou problemas. E Charlie desconfiava, assim

como **Sam**, que ela desejara aquilo até que acontecesse. Não quisera viver sem Bill King.

Samantha afastou-se devagarinho de Charlie e foi olhar pela janela.

— Por que deixar a estância para mim, Charlie? Que diabo vou fazer com ela? Não posso fazer nada com ela, agora.

A sua voz foi sumindo ao pensar nos dias felizes que passara ali, com a amiga Barbara, com Caroline e Bill, e com **Tate**. Pensou na cabana secreta, em Black Beauty, em Josh, e as lágrimas correram mais velozes pelo seu rosto.

— Como assim, não pode fazer nada com ela? — indagou a voz de Charlie, juntamente com os seus olhos, quando ela se virou novamente para ele.

— Porque, embora me custe admitir, embora tente fingir que sou normal com meu emprego e meus amigos, e o fato de morar sozinha e andar de táxi, a verdade, Charlie, é que, como diz a minha querida mãe, sou uma aleijada. Que diabo faria com uma estância? Ficar vendo o pessoal andar a cavalo? Uma estância é um lugar para gente sadia, Charlie.

— Você é tão sadia quanto se permite ser. O cavalo tem quatro pernas, **Sam**. Você não precisa de nenhuma. Deixe que ele ande. Tem muito mais classe do que a sua cadeira.

— Não tem graça — falou, zangada, dando meia-volta e saindo da sala. Mas, dali a cinco minutos, ele a seguia até a sala dela e queria discutir o assunto, não importa o quanto ficasse zangada, o quanto gritasse.

— Me deixe em paz, porra! Uma mulher de quem eu gostava muito acaba de morrer e você fica enchendo a minha paciência falando que devo ir para lá e andar a cavalo. Me deixe em paz! — gritou com ele, que não desistiu.

— Não, não vou deixar. Porque acho que a verdade é que, embora seja uma pena que ela tenha morrido, deixou-lhe um presente fantástico, não por causa do quanto o lugar deve valer, mas porque é um sonho com o qual você poderia viver para o resto da vida, **Sam**. Tenho observado você desde que voltou, e continua boa como sempre no seu trabalho, mas a verdade é que acho que não se importa mais. Acho que não tem vontade de estar aqui, **Sam**. Acho que, desde que se apaixonou por aquele

vaqueiro e trabalhou na estância não quer outra coisa, **Sam**. Você não tem vontade de estar aqui. E agora sua amiga lhe deu tudo de mão beijada e, de repente, você quer bancar a aleijada. Bem, acho que é uma covarde e não acho que se deva permitir que aja assim.

— E como pretende me impedir de "banciar a aleijada", como você diz?

— Fazendo você tomar juízo na marra, se for preciso. Levando-a até lá, esfregando tudo aquilo na sua cara, lembrando-lhe o quanto gosta de lá. Pessoalmente, acho que é maluca, e qualquer lugar a oeste de Poughkeepsie para mim é a África Oriental, mas você, bem, você é louca por tudo aquilo. Pombas, naquela filmagem do ano passado os seus olhos brilhavam feito lâmpadas cada vez que via um cavalo, ou uma vaca, ou falava com um capataz. Aquilo me deixava doido, e você só adorando, e agora vai desistir de tudo? Que tal fazer alguma coisa com ela? Que tal tornar realidade um dos seus sonhos? Falou tanto com o pequeno Alex naquelas aulas de montaria especiais sobre as quais leu. A última vez que ele esteve aqui para apanhar você para irem almoçar, falou que você tinha dito que ele podia montar, algum dia, e que talvez você o levasse... que tal transformar a estância num lugar para pessoas como você e Alex, que tal fazer uma coisa assim?

Sam fitou o amigo, espantada, enquanto as lágrimas paravam de correr pelo seu rosto.

— Mas eu não podia fazer isso, Charlie... como começaria, como poderia começar? Não entendo nada disso.

— Podia aprender. Você entende de cavalos. Entende de se locomover numa cadeira de rodas. Terá muita gente para ajudá-la a dirigir a estância, só o que tem que fazer é coordenar a coisa, como num comercial gigantesco e, que diabo, isso você sabe fazer bem.

— Charlie, você está maluco.

— Talvez. — Olhou para ela com um largo sorriso. — Mas, diga a verdade, **Sam**, você também não curtiria ser um pouco maluca?

— Talvez — respondeu, com sinceridade. Ainda o fitava, com ar de espanto. — O que faço agora?

— Por que não dá um pulo até lá para dar outra olhada no lugar, **Sam**? Que diabo, ele é seu.

— Agora?

— Quando tiver tempo.

— Sozinha?

— Se quiser.

— Não sei. — Afastou-se de novo e ficou olhando o vazio, pensando na estância e em Tia Caro. Seria tão doloroso vê-la sem Caro, dessa vez. A estância estaria cheia de lembranças de pessoas a quem queria bem e que não mais estavam lá. — Não quero ir para lá sozinha, Charlie. Acho que não ia agüentar a barra.

— Então, leve alguém com você — Falou, com naturalidade.

— Quem sugere? — indagou, cética. — Minha mãe?

— Deus nos livre. Que diabo, não sei, **Sam**, leve Mellie.

— E quanto às crianças?

— Então, nos leve a todos. Não se preocupe com "levar-nos", nós mesmos nos levaremos. As crianças adorariam, nós também, e eu lhe direi o que acho quando chegarmos lá.

— Está falando sério, Charlie?

— Totalmente. Acho que esta será a decisão mais importante da sua vida, e detestaria vê-la botar tudo a perder.

— Eu também. — Olhou para ele, com ar solene, e teve uma idéia, de repente. — Que tal o Dia de Ação de Graças?

— O que é que tem?

— É daqui a três semanas, e se formos todos para lá?

Ele pensou por um minuto, depois abriu um sorriso.

— Negócio fechado. Vou ligar para Mellie.

— Acha que ela vai querer ir?

— Pombas, se vai. E se não quiser — sorriu — Eu vou sozinho.

Mas Mellie não fez objeção, quando ligou para ela, e nem os meninos, quando lhes contaram, e não contaram para mais ninguém. Simplesmente fizeram reservas para uma viagem de quatro dias para os feriados do Dia de Ação de Graças. **Samantha** nem mesmo contou a Harvey. Não queria preocupá-lo, e ainda não lhe dera a resposta sobre o emprego.

Capítulo 31

Samantha ficou estranhamente quieta enquanto rodavam os últimos quilômetros por entre as colinas ondulantes no trecho familiar da auto-estrada. Mas os outros não repararam. Os meninos estavam tão excitados que pulavam para cima e para baixo no carro alugado. Mellie deixara o bebê com a mãe, e a viagem estava transcorrendo muito bem, até agora. Era, obviamente, um feriado de Ação de Graças pouco ortodoxo, mas os adultos, pelo menos, achavam que valeria a pena. Tinham comido uma fatia seca de peru com molho no avião, e Mellie prometera preparar um jantar caprichado com peru na estância, no dia seguinte.

Samantha conversara com Josh de novo, pela manhã. Os meninos se acomodariam em sacos de dormir num dos dois quartos de hóspedes, e Charlie e Melinda no quarto de Tia Caro. **Sam** ficaria no quarto que ocupara da última vez. A casa era grande o suficiente para acomodar todos eles e Josh lhe assegurara que havia mantimentos e que, se ela quisesse, ele os apanharia no aeroporto de Los Angeles. Mas **Sam** insistira que não queria estragar o feriado dele, vê-lo-ia quando chegassem à estância. Ele lhe dissera, então, com o seu jeito hesitante e constrangido, como estava contente porque agora era a dona da estância e que faria qualquer coisa para ajudá-la. Só esperava que ela não fosse fazer uma bobagem como vendê-la, porque ele achava que ela podia se transformar numa das melhores estancieiras daquelas bandas. Ela sorria melancolicamente, ouvindo-o, desejara-lhe um feliz Dia de Ação de Graças e fora se encontrar com Mellie e Charlie e os meninos no saguão. Tiveram que tomar dois táxis para levá-los ao aeroporto e agora estavam espremidos numa imensa perua, e os meninos cantavam.

Mas só no que **Samantha** conseguia pensar, ao se acercarem da estância, era como fora da última vez que a vira, com Caroline e Bill King fortes e saudáveis.

Depois, voltou a pensar nos dias que passara ali com **Tate**. Tudo agora parecia um sonho, era tão distante, os momentos de alegria que partilhara com ele, as horas na cabana, os passeios que davam no malhado dele e no belo garanhão puro-sangue de Caroline. Naquela época, podia andar. Sentiu-se deprimida ao dobrarem a última curva da estrada e deu-se conta, mais uma vez, de como tudo se modificara.

— Lá está ela — falou baixinho do banco de trás, apontando com o dedo trêmulo. Cruzaram o portão principal, seguiram pela estrada sinuosa e então ela a viu: a casa de Tia Caro. Mas não estava iluminada, e embora fossem apenas cinco horas da tarde, parecia deserta e solitária e triste, à luz crepuscular. — Josh falou que ia deixar a porta aberta. Faça o favor de entrar, Charlie, as luzes da sala de visitas ficam num painel à direita, logo atrás da porta.

Sam continuou ali sentada, os olhos grudados na casa. Ficava esperando ver as luzes se acenderem, ver o cabelo branco familiar, ver o rosto sorridente de Tia Caro e o aceno da sua mão. Mas, quando Charlie foi acender as luzes e depois voltou rapidamente para o carro, não havia ninguém ao seu lado, e até mesmo os meninos ficaram quietos, correndo os olhos pela estância.

— Cadê os cavalos, **Sam**?

— Na cocheira, amor. Mostro para vocês amanhã.

— Não dá para a gente ver agora?

Ela sorriu para Charlie por cima da cabeça deles, depois concordou.

— Tá legal, vamos levar as nossas coisas lá para dentro e depois eu levo vocês até lá.

Mas, agora que tinha chegado, não sentia vontade. Não queria entrar na casa ou na cocheira, não queria ver Black Beauty na sua baia, nem Navajo ou os outros cavalos conhecidos. Só o que queria era ver Caroline e Bill King e **Tate** Jordan, e viver uma vida que jamais voltaria a viver. Estava com um bolo na garganta do tamanho de uma maçã, ao se ajeitar na cadeira de rodas e deixar que Charlie a empurrasse escada acima. Depois, rodou lentamente para dentro da casa e olhou ao seu redor. A seguir, bem devagarinho, começou a rodar a cadeira na direção do seu quarto, no fim do corredor. Dali a um minuto os meninos passaram por ela, que forçou um sorriso ao mostrar-lhes o seu quarto, depois voltou para a sala para junto de Charlie e Melinda.

Indicou a direção oposta que levava ao quarto deles, mas não queria vê-lo. Não queria ver o quarto vazio que pertencera a Caro e Bill.

— Você se sente bem? — quis saber Melinda, e ela fez que sim.

— Juro que sim.

— Parece cansada.

Mas não estava, o que se sentia era desesperadamente infeliz.

— Estou bem.

Estava se lembrando de novo, com uma exatidão dolorosa, como se sentira quando saíra da estância, sem saber onde **Tate** estava, ou se algum dia o encontraria, mas cheia de esperanças. E agora sabia ao certo que jamais o veria de novo. Além disso perdera Caro... Só de pensar nisso sentia um peso tremendo a sufocá-la. Então, enquanto olhava pela janela para as colinas indistintas, ao crepúsculo, viu uma figura de pernas arqueadas vindo na sua direção, como um elfo ou um pequeno duende da floresta, e logo abriu um largo sorriso, com os olhos úmidos. Era Josh. Vira as luzes acesas e viera ao seu encontro. Com um amplo sorriso, saiu porta afora e foi esperá-lo na varanda, na sua cadeira de rodas. Porém, quando o fez, viu que ele parou de chofre e pôde enxergar a expressão de choque no rosto dele e ouvir as palavras:

— Ah, meu Deus... — Então, sem saber quando começara, viu que estava chorando, e ele também, e ele estava no meio da escada e ela estendia os braços para ele, e Josh se inclinou e abraçou-a e choraram juntos por Bill e Caro e **Tate** e pela própria **Sam**. Pareceu levar horas enquanto se ouvia apenas o som abafado do choro deles, e finalmente o velho vaqueiro enrugado fungou ruidosamente e se levantou. — Por que ninguém nunca me contou, **Sam**?

— Pensei que Dona Caro...

Ela sacudiu a cabeça, com ar de desespero.

— Como foi que aconteceu? — Ela fechou os olhos, por um momento, depois abriu-os. Era como se também compartilhasse do choque dele. Era como se, de repente, ela se visse como ele a via, aleijada, numa cadeira de rodas, não mais a jovem potranca *palomino* que corria por toda a estância. Era como se a sua vida tivesse acabado, como se, subitamente, tivesse envelhecido. E, naquele momento, soube que

não ia poder ficar com a estância. Não havia jeito de dirigi-la. Todos os homens reagiriam a ela da mesma forma que Josh. Era uma aleijada, agora... não importa o que lhe tivessem dito no hospital em Nova York. — **Sam**...

— Tudo bem, Josh. — Sorriu com meiguice para ele e inspirou fundo. — Aconteceu no Colorado, há uns quinze meses. Foi uma besteira que fiz com um cavalo. — A lembrança agora estava borrada, mas sempre se recordaria do garanhão cinzento... Gray Devil... e do momento interminável em que voara pelo ar. — Me arrisquei demais com um garanhão selvagem. Era uma parada de se montar, e me jogou numa ravina.

— Por quê? Por que você fez aquilo?

Ficou com os olhos marejados de novo, fitando-a. Soubera instintivamente que ela forçara demais o animal, e **Sam** não negou.

— Não sei. — Soltou um suspiro. — Estava maluca, acho. Black Beauty fez com que eu pensasse que podia dar conta de qualquer garanhão que me aparecesse na frente, e eu me achava chateada com uma coisa. — Sentia-se deprimida por causa de **Tate**, mas não contou isso a ele. — Então, foi isso o que aconteceu.

— Você vai... eles podem...?

Não sabia como terminar, mas ela o compreendeu facilmente e sacudiu a cabeça.

— Não. Não tem jeito. Pensei que você sabia, achei que Caroline lhe contaria.

— Não contou.

— Talvez estivesse preocupada demais com Bill. Foi nessa época que teve o primeiro enfarte. Eu queria vir até aqui, mas estava cheia de trabalho, e depois... — Hesitou, mas continuou: — Fiquei no hospital durante dez meses. — Correu os olhos pelos prédios familiares. — Eu devia ter voltado, depois, mas não sei... acho que estava com medo. Com medo de enfrentar o que não podia mais fazer, então nunca mais a vi, Josh — o lábio lhe tremeu — e ela estava tão tremendamente triste depois que Bill morreu e eu não a ajudei.

Fechou os olhos e estendeu os braços e se agarrou novamente ao velho vaqueiro.

— Ela estava bem, **Sam**. E morreu como tinha vontade. Não queria continuar sem

ele. — Quer dizer que ele sabia? Que todos sabiam? Será que a encenação fora uma farsa, durante todos aqueles anos? **Sam** olhou para o rosto dele e viu que não era segredo. — Eles eram praticamente casados, **Sam**.

— Eu sei. Deviam ter se casado.

Ele deu de ombros.

— Não se pode mudar os velhos costumes. — A seguir, olhou de novo para ela, os olhos cheios de perguntas. — E quanto a você? — Estava compreendendo como era improvável que fosse conservar a estância. — Vai vender este lugar?

— Não sei. — Parecia perturbado, enquanto se demoravam na varanda. — Não sei como poderia dirigi-lo. Acho que talvez o meu lugar seja em Nova York.

— Está morando com a sua família?

Estava interessado em saber como ela se arranjava, mas **Sam** sacudiu a cabeça com um leve sorriso.

— Pombas, não. Moro sozinha. Moro no mesmo prédio que os amigos que me trouxeram até cá. Tive que me mudar para um novo apartamento, sem escadas. Mas cuido de mim mesma.

— Formidável, **Sam**. — Havia apenas um leve indício de que estava falando com uma aleijada, mas ela sabia que ele ainda precisava se adaptar. De certa forma, ela própria também ainda precisava, portanto não o culpava. O que ele disse a seguir chocou-a. — Por que não pode fazer a mesma coisa aqui? Que diabo, todos a ajudaríamos. E, porra, não há motivo para você não montar. Desde que tome cuidado.

Olhou para ela quase com cara feia, depois sorriu.

— Não sei, Josh. Andei pensando no assunto, mas é tudo muito assustador. Foi por isso que vim para cá. Não queria tomar a decisão de vender antes de vir ver por mim mesma.

— Que bom que veio. E, sabe — estreitou os olhos e alisou o queixo, fitando o horizonte que escurecia. — Acho que temos uma velha sela que posso ajeitar direitinho para você. Mas, deixe-me dizer uma coisa. — Olhou feio para ela. — Não vai montar Black Beauty, nem que eu tenha que dar um chute no seu traseiro para

impedir!

— Tente me impedir!

Ela estava rindo, era quase como se fosse os velhos tempos, mas ele não estava para brincadeiras.

— Com prazer. Gostaria de saber quem foi o idiota que deixou você montar aquele outro garanhão.

— Alguém que me viu cavalgar.

— Exibida dos diabos.

Era o tipo de coisa que **Tate** teria dito, e os olhos dela ficaram sérios de novo, fitando Josh.

— Josh?

— Hem?

— Teve alguma notícia de **Tate** Jordan?

Fazia mais de um ano e meio que ele se fora, mas Josh sacudiu a cabeça.

— Neca. Só mais um vaqueiro. Se mandou sabe lá Deus pra onde. Mas daria um bom capataz para você, **Sam**.

Sem falar num bom marido, mas **Sam** não falou o que estava no seu coração.

— E o novo capataz?

— Vai embora. Já recebeu uma proposta. Disse isso ao advogado, ontem de manhã. Não quer correr o risco de você vender a estância e ficar sem emprego, portanto está tratando de se arrumar enquanto pode. Tem um bando de filhos — explicou Josh e **Sam** observou-o atentamente.

— E você, Josh? Vai ficar?

— Pombas, vou, sim. Aqui é a minha casa há tempo demais para eu ir para outro lugar. Você vai ter que me vender junto com a estância.

— Escute, se eu não vender, você gostaria de ser o capataz?

— Está brincando, **Sam**? — Os seus olhos se iluminaram, interessados. — Gostaria pra burro, e a minha mulher ia ficar tão cheia de si que daria náuseas na gente. Mas eu agüentaria.

Sorriram um para o outro e ele estendeu a mão calejada, que **Sam** apertou.

— **Sam**?

Charlie veio espiar pela porta de tela, pois tinha ouvido vozes e queria saber com quem ela estava conversando. **Sam** virou rapidamente a cadeira de rodas, fez as apresentações e eles conversaram alguns minutos sobre a estância.

Finalmente, Josh baixou os olhos para ela de novo. Tinha se esquecido dela por um minuto na conversa trocada acima da sua cabeça.

— Quanto tempo vai ficar, **Sam**?

— Só até domingo. Temos que voltar. Charlie e eu trabalhamos juntos em Nova York. Ele é um artista.

— Não sou, sou um gênio.

Todos sorriram.

— Sabe montar? — Ele sacudiu a cabeça, e Josh sorriu de orelha a orelha. — Vamos lhe ensinar. E **Sam** falou que você trouxe os seus filhos.

— Três deles. Os meninos.

— Quantos tem, ao todo? — indagou Josh, alçando a sobrancelha.

— Quatro. Deixamos uma garotinha em casa.

— Porra — riu-se ele — isso não é nada. Tenho seis.

— Deus me livre! — Exclamou Charlie, com cara de tonto, e os três se riram.

Josh entrou para conhecer Mellie e os meninos, depois todos se dirigiram para a cocheira para ver os cavalos, e os meninos ficaram tão excitados que pulavam na palha e soltavam gritinhos estridentes, enquanto os adultos riam. Foram feitos planos para eles terem aulas no dia seguinte, depois **Sam** parou por alguns momentos para dar uma olhada em Black Beauty, sereno e esplêndido como sempre, na sua baia.

— É um belo animal, não é, **Sam**? — Até mesmo Josh olhou para ele com orgulho, depois virou-se para **Sam**, como se tivesse acabado de se lembrar de uma coisa. — Agora é seu, **Sam**.

— Não. — Balançou a cabeça, lentamente, olhando para Josh. — Sempre será de Caro, mas vou montá-lo.

Desta feita ela sorriu, mas ele, não.

— Não, não vai.

— Vamos deixar para brigar amanhã de manhã.

Ele fez uma cara de dúvida, e foram voltando para a casa grande. Despediu-se deles na varanda, com um último olhar de ternura para **Sam**. Foi então que ela se deu conta de que tinha sido um regresso ao lar. De que, mesmo que os outros não mais estivessem ali, ainda tinha Josh. E tinha a bela estância que Caroline lhe deixara, e as lembranças do que a velha amiga partilhara com Bill, e as suas próprias lembranças de **Tate** na cabana deles... nada daquilo jamais a abandonaria, especialmente se continuasse morando aqui.

Capítulo 32

— Tudo bem agora, **Sam**... está segura...

Dois vaqueiros faziam uma "cadeirinha" para ela e a seguravam enquanto dois outros seguravam o cavalo, com firmeza. Não era Black Beauty que estavam segurando, tampouco Navajo, mas um novo animal chamado Pretty Girl. Porém, desta vez, o nome não a deixou aborrecida. Ela própria ficou surpresa ao ver como estava medrosa, apesar do cavalo ter fama de dócil. Ainda bem, pensou. Alçaram-na rapidamente à sela, e Josh a amarrou com um bando de tiras e lá ficou sentada, encarpitada na sela, fitando-os espantada.

— Puxa vida, conseguimos. Olhe só, estou montando!

Parecia uma criança eufórica.

— Não, não está. — Josh sorria para ela, com prazer evidente. — Está só sentada. Faça ela se mexer um pouco, **Sam**, para ver como se sente.

Olhou para ele e sussurrou.

— Dá para você acreditar, estou com medo.

Ficou ali parada, com uma expressão assustada a se alternar com um sorriso nervoso, e dali a pouco Josh pegou as rédeas e começou a puxar mansamente o animal.

— Tudo bem, **Sam**. Vou fazer o cavalo dar uma volta pelo curral.

— Josh, me sinto como um bebê.

Ele olhou por cima do ombro com um sorriso terno.

— E é. Tem que aprender a andar, sabe, antes de poder trotar.

Mas pouco depois ele soltou as rédeas e ela começou a trotar devagarinho, e o rosto de **Sam** se abriu num imenso sorriso.

— Ei, pessoal, estou correndo — gritava — estou correndo... vejam!

Sentia-se tão excitada que mal se agüentava. Pela primeira vez em mais de um ano não se locomovia numa cadeira de rodas, estava correndo de novo, e mesmo que não fosse com as suas próprias forças, a euforia de trotar com o vento no cabelo era a melhor sensação que tinha há anos. Josh levou uma hora para convencê-la de que já era o bastante. E quando a ajudaram a descer, achava-se tão radiante que dava gosto, os olhos dançando, o rosto delicado emoldurado por cachos do cabelo louro.

— Você estava ótima, montada naquele cavalo, **Sam**.

Sorriu gentilmente para ela, enquanto a colocavam na sua cadeira.

Ela sorriu, fazendo uma confissão.

— Sabe, no começo estava morta de medo.

— Não é de admirar. Seria maluca se não estivesse, depois do que aconteceu. — Olhou para ela, pensativa. — Que tal foi?

— Tão bom, Josh. — Fechou os olhos e sorriu. — Como se eu fosse uma pessoa normal de novo. — O sorriso sumiu, enquanto fitava os olhos sábios do velho. — Faz tanto tempo.

— É. — Cocou o queixo. — Mas eu fico pensando, não precisa mais ser tanto tempo. **Sam**, você podia voltar para cá, cuidar da estância...

Pensara naquilo a noite toda, mas agora ela o fitava, pensativa, a cabeça inclinada para o lado.

— Quer saber o que andei pensando? — Ele fez que sim. — Charlie e eu discutimos o assunto em Nova York, e talvez seja uma loucura completa. Mas andei imaginando, quem sabe, transformar esta estância numa estância especial para — hesitou, sem saber ao certo como falar — gente como eu. Crianças, principalmente, mas também alguns adultos. Ensinar-lhes a montar, ajudá-los a voltar para uma vida normal. Josh, nem dá para lhe contar direito como me senti. Aqui, nesta cadeira, sou diferente e sempre serei. Mas, no lombo daquele cavalo, não sou diferente do que era. Bem, talvez um pouquinho, mas não vou ser, quando me acostumar a cavalgar de novo. Imagine só mostrar isso às pessoas, dar-lhes cavalos para montar, ensinar-lhes...

Não tinha notado, mas havia lágrimas nos olhos dela e nos dele, enquanto falava. Ele concordava, balançando a cabeça devagar, olhando para as construções.

— Teríamos que fazer algumas modificações, mas seria possível...

— Você me ajuda?

Ele fez que sim, lentamente.

— Não entendo muito de... de... — Tentou falar com tato, quase que dissera aleijados. — De gente desse tipo, mas, que diabo, entendo de cavalos e posso ensinar um cego a montar, se for preciso. Os meus filhos já montavam antes de fazer três anos. — Ela sabia que era verdade, e ele fora tão paciente e carinhoso quanto qualquer terapeuta com que ela tivesse se tratado. — Sabe **Sam**, podia dar certo. Eu bem que gostaria de tentar.

— Eu também. Mas tenho que pensar bem. Precisaria de dinheiro e teria que contratar terapeutas e enfermeiros e médicos, gente que estaria disposta a me confiar os seus filhos, e por que o fariam?

Mas estava falando mais consigo mesma do que com Josh e, dali a pouco, Charlie e Mellie os interromperam para fazer mais perguntas sobre a estância.

O domingo de manhã; chegou depressa demais, e todos pareciam pesarosos ao se despedirem. Josh estava quase desolado, tomando a mão de **Sam** antes de partirem para o aeroporto e apertando-a com mil perguntas estampadas no rosto.

— Como é? Vai ficar com ela?

Se a resposta fosse não, sabia que poderia jamais voltar a vê-la. E não podia deixar que isso acontecesse. Queria ajudá-la a se encontrar e a construir a estância para as crianças diferentes. Pressentira, nesses últimos dias, o quanto ela estava só e magoada.

— Ainda não sei, Josh — respondeu, com sinceridade. — Tenho que fazer umas pesquisas e pensar direito. Prometo avisar a você tão logo me resolva.

— Quando acha que vai ser?

— Pintou outro emprego para você? — perguntou, preocupada.

— Se eu dissesse que sim — Sorriu suavemente — Você ficaria com ciúmes suficientes para ficar com a estância?

Ela riu, em resposta.

— Você é um safado.

O rosto dele ficou sério.

— Só não quero ver você desistir da estância.

— Eu também não, Josh. Mas não entendo o bastante de estâncias para fazer com que dê certo. A única coisa que faz sentido é se fizermos o que falei.

— Bem, então por que não fazemos?

— Me dê uma chance de pensar no assunto.

— Faça isso.

Debruçou-se, deu-lhe um forte abraço e se virou para se despedir de Charlie,

Melinda e os três meninos.

Ficaram acenando até não mais o enxergarem, e comparando com a viagem de vinda, o regresso foi muito tranquilo. Os meninos estavam exaustos e desapontados por voltar para Nova York. Charlie e Mellie alternaram-se dormindo durante a viagem, e **Sam** ficou pensativa até chegarem a Nova York. Tinha muito em que pensar, se podia dar conta do recado, se a venda dos animais da estância lhe renderia o bastante para fazer as reformas, se era isso mesmo o que queria. Estava realmente preparada para abandonar a segurança da sua vida em Nova York? Estivera tão entretida com as alternativas da sua decisão que mal pensou em **Tate**, na viagem de volta.

Deixou Charlie e Mellie no saguão do prédio deles e desapareceu no seu apartamento para tomar algumas notas, e ainda parecia preocupada na manhã seguinte, no escritório, quando Charlie bateu à sua porta.

— Como é, vaqueira, já se decidiu?

— Psst! — Levou o dedo aos lábios e fez sinal para que ele entrasse. Ninguém estava sabendo, no escritório, e ela não queria que Harvey soubesse, principalmente. Pelo menos, não até ela ter certeza.

— O que vai fazer, **Sam**? — Largou-se no sofá e abriu um sorriso. — Quer saber o que eu faria, se fosse você?

— Não. — Tentou parecer sisuda, mas ele sempre a fazia rir. — Quero me decidir sozinha.

— Muito esperto da sua parte. Só não vá cometer nenhum erro e contar a sua mãe o que está pretendendo. Ela provavelmente mandaria trancafiá-la num hospício.

— Talvez tivesse razão.

— De modo algum. Ou, pelo menos, não por esses motivos.

Sorriu para **Sam** e sentou-se direito, na hora em que a secretária de Harvey aparecia à porta.

— Srta. Taylor?

— Sim? — indagou **Sam**, virando-se para ela.

— O Sr. Maxwell gostaria de vê-la.

— Deus em pessoa?

Charlie parecia impressionado e voltou para a sua sala, enquanto **Sam** descia o corredor, acompanhando a secretária de Harvey.

Quando chegou na sala dele, encontrou-o com ar cansado e pensativo. Havia uma montanha de papéis em cima da mesa e ele apenas lançou um olhar para **Sam**, enquanto terminava umas anotações.

— Oi, **Sam**.

— Oi, Harvey, o que é que há?

Foi só dali a um minuto que ele lhe dedicou atenção, e trocaram as amenidades de praxe até ele se deter no motivo real por que a chamara.

— Como foi o feriado?

— Muito bom. E o seu?

— Ótimo. Como o passou?

Era uma pergunta perigosa, e **Sam** sentiu-se nervosa, de repente.

— Com os Peterson.

— Que bom. Na sua casa ou na deles?

— Na minha.

Estava falando a verdade, tranqüilizou-se. A estância agora era dela, afinal de contas.

— Formidável, **Sam**. — Sorriu para ela. — Você está se saindo espantosamente bem, de verdade.

— Obrigada. — Era um elogio que significava muito para ela, e por um momento trocaram um sorriso.

— O que me traz ao motivo de tê-la chamado até aqui, hoje. Ainda não me deu a sua resposta.

Tinha um ar de expectativa, e **Samantha** soltou um suspiro e se derreou na sua cadeira.

— Sei que não, Harvey... desculpe, mas eu precisava de tempo para pensar.

— Está fazendo uma opção? — Parecia surpreso. Que opção tinha ela, afinal de contas? — Se ainda está preocupada com as viagens, só o que tem a fazer é contratar uma auxiliar competente — abriu um sorriso para ela — como eu fiz, e ponto final. Do resto você pode cuidar. Que diabo, **Sam**, há anos que você vem fazendo o meu serviço e o seu!

Estava implicando, mas ela apontou o dedo para ele.

— Agora você admite! Devia pedir que declarasse isso por escrito.

— Nem pensar. Como é, **Sam**, livre a minha cara. Me dê uma resposta. — Recostou-se na cadeira e sorriu para ela. — Quero ir para casa.

— O problema, Harvey — Falou, olhando para ele — É que eu também quero.

Mas era evidente que ele não estava compreendendo.

— Mas a sua casa é aqui, **Sam**.

Ela meneou lentamente a cabeça.

— Não, Harvey. Percebi uma coisa nesse fim de semana. Não é.

— Está infeliz na CHL? — Estava chocado. A possibilidade jamais lhe ocorrera. Será que ela estava querendo pedir as contas?

Mas ela balançou rapidamente a cabeça.

— Não, não estou infeliz. Não aqui... mas... bem... não sei se consigo explicar, mas tem alguma coisa a ver com Nova York.

— **Sam**. — Ele ergueu a mão para detê-la. — Estou lhe avisando, se você veio aqui para me dizer que vai se mudar para Atlanta a fim de morar com a sua mãe, vou entrar em estado de choque. Chame o meu médico agora, se é isso o que vai me dizer.

Ela pôde apenas rir, em resposta, e sacudir de novo a cabeça.

— Não, não é isso, de modo algum.

— Então, o que é?

— Andei escondendo uma coisa de você, Harvey. — Olhou com cara de culpa para o seu patrão de dez anos. — A minha amiga Caroline me deixou a estância dela.

— Deixou-a para você? — Parecia espantado. — Vai vendê-la?

Samantha sacudiu a cabeça, lentamente.

— Acho que não. Aí é que está o problema.

— Não vai ficar com ela, vai, **Sam**? O que poderia fazer com ela, afinal?

— Um bocado de coisas. — E então, ornando para ele, teve a sua resposta. — É uma coisa que tenho que fazer. Talvez não consiga, talvez seja demais para mim, talvez seja um fiasco terrível, mas quero fazer uma tentativa. Quero fazer dela um lugar para ensinar crianças deficientes a montar, ensinar-lhes a serem independentes, a se locomover numa outra coisa que não seja uma cadeira de rodas... um cavalo. — Harvey olhava para ela, pensativo. — Acha que estou maluca, não é?

Ele deu um sorriso triste.

— Não, estava desejando que você fosse minha filha. Porque eu lhe desejaria boa sorte, lhe daria todo o dinheiro que tivesse e diria que fosse em frente. Gostaria de poder lhe dizer que acho que está maluca, **Sam**, mas não acho. Contudo, não tem nada a ver com ser uma diretora criativa na Madison Avenue. Tem certeza de que é o que quer?

— O gozado é que eu não tinha certeza. Até este momento, quando lhe contei, mas agora eu sei. Tenho certeza. — Depois, com um pequeno suspiro: — O que vai fazer com o emprego? Dá-lo a Charlie?

Ele pensou por um momento, depois assentiu.

— Acho que sim. Ele fará um bom trabalho.

— Tem certeza de que quer se aposentar, Harvey? — Tinha que admitir que ele parecia pronto para isso, e que ela faria a mesma coisa, no seu lugar.

Ele fez que sim, olhando para ela.

— Tenho, sim, **Sam**. Tenho tanta certeza quanto você tem sobre a sua estância, o que quer dizer que quero me aposentar e que é sempre meio assustador lidar com o desconhecido. Nunca se sabe ao certo se se está fazendo a coisa correta.

— Acho que não.

— Acha que Charlie vai querer o lugar?

— Vai ficar encantado.

— Então, é dele. Porque tem que ser assim. Você tem que querer trabalhar quinze horas por dia, levar trabalho para casa nos fins de semana, atrapalhar as suas férias, comer, dormir e beber comerciais. Eu não estou mais querendo isso.

— Nem eu. Mas Charlie está.

— Então, vá lhe dizer que tem um emprego novo, ou quer que eu diga?

— Deixa eu dizer?

Era a última coisa que faria na CHL que teria algum significado para ela.

— Por que não? Você é a melhor amiga dele. — Depois, olhou com tristeza para **Sam**. — Quando vai deixar a gente?

— Quando seria razoável?

— Você decide.

— No dia primeiro do ano?

Era dali a cinco semanas. Era um aviso prévio razoável, e Harvey concordou.

— Então, vamos nos aposentar juntos. Maggie e eu talvez até apareçamos para visitá-la na sua estância. Minha idade avançada deve ser deficiência bastante para sermos aceitos como hóspedes.

— Besteira. — Rodeou a mesa dele com a cadeira e foi beijar o seu rosto. — Você nunca será assim tão velho, Harvey, não até fazer cento e três anos.

— O que vai acontecer na semana que vem. — Envolveu-lhe os ombros com o

braço e beijou-a. — Estou orgulhoso de você, **Sam**. É uma garota e tanto. — A seguir, tossiu, encabulado, ficou remexendo nos papéis sobre a mesa e fez-lhe sinal para sair. — Agora, vá avisar a Charlie que está de emprego novo.

Sem dizer mais nada, ela saiu da sala dele e foi rodando a cadeira pelo corredor, exibindo um amplo sorriso. Parou à porta da sala de Charlie, que estava no seu caos habitual, e deparou com ele tentando encontrar a sua raquete de tênis debaixo do sofá. Tinha um compromisso para jogar na hora do almoço, mas só estava achando as bolas.

— O que está procurando, porcalhão? Não sei como pode achar alguma coisa nessa bagunça.

— Hem? — Ele ergueu a cabeça, mas apenas brevemente. — Ah, é você. Não acho. Será que você tem uma raquete de tênis sobrando?

Aceitava esse tipo de piada somente vindo de Charlie.

— Claro. Jogo duas vezes por semana. Patino no gelo, também. E tomo aulas de *cha-cha-cha*.

— Ah, cale a boca. Você é revoltante. Qual é? Não tem decência, bom gosto?

Fitou-a com um ar de ofendido, e ela começou a rir.

— Por falar nisso, é melhor você comprar um pouco das duas coisas, vai precisar delas.

— Como? — indagou, com cara de boba.

— Bom gosto.

— Para quê? Nunca precisei de bom gosto, antes.

— Nunca foi o diretor criativo de uma grande agência de publicidade, antes.

— O que é que você está falando? — O seu coração bateu forte por um momento. Mas, não podia ser. Harvey estava oferecendo o cargo para **Samantha**... a não ser que... — **Sam**? — perguntou ele, sem compreender.

— O senhor me ouviu, Sr. Diretor Criativo. — Sorria para ele de orelha a orelha.

— **Sam...**? **Sam!** — Pôs-se de pé num salto. — Ele... eu...?

— Ele resolveu. E você é.

— Mas, e quanto a você?

Estava chocado. Será que a tinham preterido para o cargo? Se fosse assim, ele não o aceitaria. Os dois pediriam demissão, abririam uma agência juntos, poderiam...

Ela podia ver a cabeça dele a mil por hora, e ergueu a mão espalmada.

— Calma. O emprego é seu. Quanto a mim, vou para a Califórnia, Charlie, dirigir uma estância para crianças deficientes. E se você for bem bonzinho para mim, talvez eu deixe que você e as crianças venham me visitar no verão e...

Ele não deixou que terminasse, correu para junto dela e abraçou-a com força.

— Ah, **Sam**, você resolveu! Resolveu! Quando foi?

Estava tão emocionado por ela quanto por si mesmo. Só faltava pular pra cima e pra baixo, feito criança.

— Não sei. — Ria, enquanto ele a abraçava. — Acho que foi agora na sala de Harvey... ou ontem à noite, no avião... ou ontem de manhã, quando falei com Josh... Não sei quando aconteceu, Charlie. Mas, resolvi.

— Quando vai para lá?

— Quando você for assumir o novo cargo. No dia primeiro de janeiro.

— Meu Deus, **Sam**, ele está falando sério? Diretor Criativo? Eu? Mas tenho só trinta e sete anos!

— Tudo bem. Tem cara de cinqüenta.

— Puxa, obrigado.

Ainda sorria de orelha a orelha quando pegou o telefone para ligar para a mulher.

Capítulo 33

— Que tal? Como vão indo as coisas? Quando vai ser a inauguração?

Charlie ligava para ela todas as semanas, para se lamentar do excesso de serviço que havia sobre a sua mesa e para saber como estava progredindo o trabalho na estância.

— Vamos inaugurar dentro de duas semanas, Charlie.

— E como vai ser? Como um banco? Com brindes e bolas de gás e chapéus engraçados?

Ela sorriu ao telefone. Nos últimos cinco meses, ele não havia feito outra coisa senão encorajá-la, e tinha sido uma dureza. No curso de uma vida, cinco meses não eram nada, mas o fato de ter trabalhado de 16 a 18 horas por dia fazia com que parecessem dez anos. Eles tinham derrubado pequenos prédios, construído novos barracões, alterado cabanas, construído rampas, uma piscina, vendido o gado, na sua maioria, deixando apenas um punhado de vacas para dar leite e divertir as crianças. Tinham contratado terapeutas, entrevistado enfermeiras, contatado médicos e, inevitavelmente, houvera as viagens. **Sam** voara até Denver para ver o médico que operara a sua espinha, depois fora para Phoenix, Los Angeles, São Francisco e, finalmente, para Dallas e Houston, e em cada cidade visitara os principais ortopedistas. Contrataria uma secretária para viajar com ela, o que tornava as coisas mais fáceis e dava às visitas um ar mais profissional. Queria explicar o seu programa aos médicos, para que lhe recomendassem seus pacientes, crianças que passariam de quatro a seis semanas na estância, aprendendo a curtir a vida de novo, a montar, a conviver com outras crianças com deficiências semelhantes, e a se tornar independentes dos pais e cuidar de si mesmas.

Na sua apresentação, ela mostrava fotos da estância como fora, e um projeto arquitetônico de como ia ser. Enumerava as instalações e os planos para a terapia física, apresentava os currículos da equipe e referências detalhadas de si mesma. E, aonde quer que fosse, recebia uma recepção calorosa e os médicos ficavam impressionados. Todos eles a apresentavam a outros médicos, a maioria a convidava para a sua casa, para conhecer a sua família. E, em Houston, podia até mesmo ter saído com um médico, mas recusou o convite, graciosamente, e ainda assim conquistou as simpatias do médico. Quando terminou, finalmente, todas as suas

viagens, estava certa de que pelo menos 47 médicos em seis cidades iam recomendar um bom número de pacientes para a sua estância.

Ainda a chamava de Estância Lord e havia conservado como empregados um punhado dos antigos vaqueiros. Josh, como ela prometera, fora promovido a capataz, e ela até lhe dera uma placa de bronze para colocar na porta da casa, e ele ficara radiante. Mas o que estava precisando era de uma raça nova de vaqueiros, e ela e Josh os escolheram cuidadosamente, atentos às suas atitudes com relação a crianças, a defeitos físicos, a cavalos. Não queria ninguém que fosse velho demais, ou impaciente, ou genioso, ou disposto a correr riscos com as crianças ou os cavalos. A simples contratação dos homens levava quase dois meses. Mas agora tinha uma dúzia de empregados, dois deles antigos e os outros dez, gente nova. O seu favorito entre os novos era um rapaz de ombros largos, bonitão, ruivo e de olhos verdes chamado Jeff. Era tímido e reticente sobre a sua vida particular, mas estava sempre disposto a falar durante horas sobre o que iam fazer na estância. As referências dele diziam que, aos 24 anos, trabalhava em estâncias desde os 16 e que nesses oito anos trabalhara em cinco estâncias em três estados. Quando ela lhe perguntou por que, respondeu apenas que costumava viajar muito com o pai, mas que agora era independente, e quando **Sam** ligou para as duas últimas estâncias nas quais ele trabalhara, disseram-lhe para fazer o que fosse preciso para ficar com ele, e se o rapaz não aprovasse, que o mandasse de volta para eles. Assim, Jeff Pickett tornou-se o capataz-assistente e Josh ficou muito satisfeito com a sua nova equipe.

O único problema que **Sam** tivera, durante algum tempo, fora o dinheiro de que necessitava, mas era espantoso o que podia acontecer se você desejava uma coisa ardentemente, e ela desejava. Caroline lhe deixava uma pequena quantia em dinheiro, que fora consumida nas alterações da estância, logo nas primeiras semanas. Depois, a venda do gado fora uma grande ajuda e, a seguir, Josh aparecera com uma idéia para auxiliá-la. Não iam mais precisar de um bocado de equipamento da estância, como ferramentas e tratores e caminhões para transportar o gado, portanto ela o vendeu e conseguiu o dinheiro para construir seis novos chalés e mais a piscina. Depois disso, começou a procurar subvenções e descobriu uma fonte de recursos inexplorados que não levava em consideração, e depois de conseguir três delas, pediu um empréstimo no banco.

No mês anterior, Harvey ligara para ela de Palm Springs, onde passava as férias com Maggie, enquanto ele jogava golfe num torneio com velhos amigos, e

perguntara se podiam vir visitá-la. Quando chegaram, ele insistira que queria investir 50 mil dólares na estância. Era mais do que a quantia final de que ela necessitava, e foi um presente dos céus para **Sam**, como disse para Harvey enquanto este preenchia o cheque. E, agora, estava em boa situação até a inauguração da estância, e se Deus quisesse, dali a um ano ou dois estariam no preto e totalmente auto-suficientes. Não queria enriquecer com o que estava fazendo. Queria apenas ganhar o bastante para viver confortavelmente e sustentar a estância.

A data da inauguração, estava dizendo para Charlie, era sete de junho, e dali a alguns dias o resto dos terapeutas físicos estaria chegando, juntamente com alguns dos novos cavalos. Os Jacuzzis estavam todos instalados, a piscina estava fantástica, as cabanas aconchegantes e ela já tinha reservas feitas para 36 crianças para os dois meses seguintes.

— Quando é que eu posso ir?

— Não sei, querido, quando tiver vontade. Ou melhor, me dê uma chance de recobrar o fôlego, depois de começarmos. Acho que vou ficar muito ocupada, durante algum tempo.

Muito ocupada, foi pouco! **Sam** não tinha idéia do quanto ficaria ocupada. Todas as manhãs, depois que abriam, ficava atolada num monte de papelada, cartas de médicos, pedidos de pais, e passava todas as tardes ensinando as crianças, com Josh. Uma das subvenções fora aplicada na confecção de selas especiais. Estavam com 50 e já tinha requisitado nova subvenção para mais 50, que **Sam** desconfiava de que iam precisar, em breve. A sua paciência com as crianças era interminável, e dava aulas para grupos de duas ou três. E todas as vezes, invariavelmente, depois do terror inicial em que ficavam agarradas à parte mais alta da sela, o cavalo começava a andar conduzido por Josh, e a sensação de liberdade e movimento e de estar andando dominava de tal modo as crianças que davam gritinhos de alegria. A própria **Sam** não deixava de sentir emoção e júbilo ao observá-las, e muitas vezes vira Josh e os outros vaqueiros enxugarem uma lágrima, disfarçadamente.

Todas as crianças pareciam adorá-la, e como tinham feito os antigos vaqueiros há mais de dois anos, começaram a chamá-la de Palomino por causa do cabelo claro, esbranquiçado pelo sol. De repente, por toda a parte na estância ouviam-se gritos de "Palomino!... Palomino!", enquanto ela se locomovia na sua cadeira de rodas,

verificando as crianças na terapia, na piscina, fazendo as suas camas ou varrendo os seus quartos nos lindos chalés. **Sam** ficava de olho nelas por toda a parte, e à noite, no salão principal onde todos comiam, ela inclusive, havia discussões intermináveis sobre quem se sentaria à mesa dela, quem se sentaria à sua direita ou à sua esquerda, e ao pé da fogueira do acampamento, quem seguraria a sua mão. A criança mais velha presente era um garoto de 16 anos, que chegara ali carrancudo e hostil depois de 12 operações em 19 meses, após ferir a espinha num acidente de moto em que morrera o irmão mais velho. Porém, depois de quatro semanas na estância, ele se transformara numa nova pessoa. O ruivo Jeff se tornara o seu mentor, e ele e o garoto ficaram grandes amigos. A mais jovem era uma garotinha de sete, com imensos olhos azuis, que chorava facilmente e falava com receio. Chamava-se Betty, e nascera com cotos, ao invés de pernas, e ainda tinha um pouco de medo dos cavalos, mas estava se divertindo à grande com as outras crianças.

Às vezes, quando olhava ao seu redor, espantada, enquanto o verão ia passando e o número de crianças aumentava, **Sam** se admirava com o fato de que as deficiências não a perturbavam. Houve uma época na sua vida em que apenas a perfeição era normal, em que não saberia como lidar com nenhum dos problemas que agora eram parte de um dia comum: crianças que não cooperavam, membros artificiais que não se adaptavam, fraldas para meninos de 14 anos, cadeiras de rodas que enguiçavam, suportes que se quebravam. Às vezes, considerava a mecânica de tudo aquilo extraordinária, porém mais extraordinário ainda era ver que se tinha tornado um modo de vida. Para uma mulher que no passado ansiara por ter filhos, as suas preces tinham sido atendidas: no final de agosto estava com 53 crianças. E, agora, um novo aspecto fora acrescentado. Com mais uma subvenção, tinham comprado um furgão especialmente equipado e acertado tudo com a escola local: depois do Dia do Trabalho, as crianças que viessem para a estância, ou continuassem nela, poderiam freqüentar a escola. Para muitas delas, seria uma reapresentação às aulas junto com crianças normais, e era um bom lugar para se adaptarem antes da volta às suas cidades de origem. Não havia praticamente nada em que **Sam** não tivesse pensado, e quando Charlie e Mellie apareceram, no final de agosto, ficaram totalmente estupefatos com o que viram.

— Alguém já escreveu um artigo a seu respeito, **Sam**?

Charlie estava fascinado, observando um grupo de alunos adiantados que voltavam a meio galope de uma tarde passada nas colinas. As crianças, na sua maioria,

adoravam os cavalos, e até mesmo estes tinham sido escolhidos especialmente por **Sam** e Josh pela sua docilidade e a firmeza que demonstravam.

Porém agora, respondendo à pergunta de Charlie, ela sacudiu a cabeça.

— Não quero publicidade, Charlie.

— Por que não?

Vivendo no vórtice da visibilidade, em Nova York, ele ficou surpreso.

— Não sei. Gosto da coisa do jeito que é, acho. Discreta e tranqüila. Não quero me exhibir. Só quero ajudar as crianças.

— Eu diria que está fazendo exatamente isto. — Abriu um sorriso para ela, enquanto Mellie corria atrás da pequena **Sam** pela estrada. — Nunca vi crianças que parecessem tão felizes. Eles adoram isso, não é?

— Espero que sim.

Adoravam, assim como os pais, os médicos e as pessoas que trabalhavam lá. O que **Sam** fizera fora transformar um sonho em realidade. Dava às crianças toda a independência que **Sam** esperava dar-lhes, dava aos pais nova esperança para os seus filhos, dava aos médicos uma espécie de presente para ofertar aos pais e filhos desolados, e dava às pessoas que trabalhavam ali um novo sentido para as suas vidas, que não existia antes. Na maioria das vezes, recebiam crianças que faziam com que tudo valesse a pena. De quando em vez aparecia alguma que nem os mais dedicados terapeutas e conselheiros, e nem mesmo os esforços carinhosos de **Sam** podiam ajudar. Havia aqueles que simplesmente não estavam prontos ou não queriam ajuda ainda, e talvez nunca quisessem. Era difícil aceitar que não podiam ajudar uma criança, mas faziam o melhor possível, apesar de tudo, enquanto a criança permanecia ali.

Espantosamente, a despeito da magnitude das deficiências com que estavam lidando, era sempre um lugar feliz, cheio de risos e rostos sorridentes e gritinhos de prazer. A própria **Sam** nunca se sentira tão feliz e descontraída em toda a sua vida e agora, quando conhecia estancieiros, ou encontrava vaqueiros, ou entrevistava pessoal para a estância, não fazia outras perguntas que não as pertinentes ao trabalho que estava sendo realizado. A sua busca interminável, infrutífera e desesperançada por

Tate finalmente chegara ao fim. E ela aceitava, com uma serenidade que ainda perturbava Charlie, o fato de que estaria sozinha pelo resto da vida, administrando a estância e tendo a companhia dos "seus garotos". Parecia ser tudo o que desejava, e de vez em quando Josh ficava achando que era uma pena incrível. Aos 32 anos, era uma mulher extravagantemente bela, e lhe doía ver que estava só. Porém nenhum dos homens que cruzavam o seu caminho pareciam interessá-la e sempre tomava cuidado para não oferecer encorajamento ou indiretas quando conhecia pais separados de novos alunos, ou terapeutas ou médicos solteiros. Sentia-se que, para **Sam**, a sua vida amorosa não mais existia, que para ela era uma porta fechada. No entanto, era difícil sentir pena dela, cercada como estava por crianças que a adoravam e a quem parecia amar verdadeiramente.

Foi em outubro que a chamaram ao seu escritório, num dia insolitamente quente, para ver uma nova criança que chegava e que era uma exceção. Tinha sido recomendado para a Estância Lord por um juiz de Los Angeles que ouvira falar no que **Sam** estava fazendo, e a "taxa escolar" da criança seria paga pelo tribunal. **Sam** sabia que o menino devia chegar naquela manhã, e sabia também que havia circunstâncias especiais que o cercavam, mas o assistente social lhe dissera ao telefone que explicaria tudo quando chegassem. Ficara intrigada com a natureza da nova recomendação, mas tinha trabalho para fazer com Josh de manhã e não quis ficar esperando no escritório. Havia um bocado de coisas para serem feitas antes que as crianças voltassem da escola. No momento, havia 61 delas na estância. Intimamente, já tinha decidido que 110 seria o seu limite máximo, mas, nesse meio tempo, ainda tinham espaço para se expandir.

Porém, quando Jeff veio buscá-la perto dos Jacuzzis, onde conversava com Josh, estava com uma expressão estranha, e quando entrou no escritório, ela entendeu o porquê. Numa cadeira de rodas pequena e quebrada sentava-se um menino louro e esmirrado com imensos olhos azuis. Tinha os braços cobertos de equimoses e segurava um ursinho de pelúcia esmolambado. Ao vê-lo, **Sam** quase parou, porque era tão diferente dos outros. Nos últimos cinco meses não vira outra coisa se não crianças deficientes, que tinham chorado, choramingado, discutido, ficado emburradas, feito má-criação da chegada. Não queriam ir para a escola, tinham medo de cavalos, não viam por que tinham que aprender a arrumar as suas camas, mas não importa o quanto reclamassem e depois se adaptassem, o que todos tinham em comum era serem crianças muitíssimo bem-cuidadas, quase paparicadas, por pais que as amavam

e estavam desolados com o que lhes reservara o Destino. Nunca antes aparecera na estância uma criança tão evidentemente desamada, tão obviamente marcada tanto no espírito quanto no corpo como esta, e quando **Sam** rodou a sua cadeira mais para perto do menino e estendeu as mãos, ele se encolheu todo e começou a choramingar. **Sam** lançou um rápido olhar para o assistente social, depois de novo para a criança agarrada ao seu ursinho, e falou mansamente.

— Está tudo bem, Timmie. Ninguém vai machucar você. Meu nome é **Sam**. E este é Jeff. — Indicou o jovem ruivo, mas Timmie apertou os olhos com força e chorou ainda mais. — Está com medo? — Foi um mero sussurro na sua voz mais macia, e após um minuto ele fez que sim e abriu um dos olhos. — Eu também tive medo quando vim para cá pela primeira vez. Antes de me machucar, eu costumava montar o tempo todo, mas fiquei com medo dos cavalos logo que cheguei aqui. É disso que está com medo? — Ele sacudiu a cabeça, vigorosamente. — Não é? — Sacudiu a cabeça de novo. — Então, do que está com medo? — Ele abriu o outro olho e fitou-a, com terror. — Vamos, pode me dizer.

Foi um sussurro minúsculo e dolorido, enquanto a fitava.

— De você.

Sam ficou chocada, e fez sinal com os olhos para que Jeff, o assistente social e a sua secretária recuassem. Eles cruzaram o aposento, vagarosamente.

— Por que está com medo de mim, Timmie? Não vou machucar você. Estou numa cadeira de rodas, igualzinho a você.

Olhou para ela por algum tempo, depois assentiu.

— Por quê?

— Me machuquei num acidente. — Não mais lhes contava que fora derrubada por um cavalo. Não servia aos seus propósitos de estimulá-los a montar. — Mas agora estou bem. Posso fazer um bocado de coisas.

— Eu também. Sei fazer o meu jantar.

Será que precisava?, perguntou-se. Quem era este menino, e por que estava tão pisado e marcado?

— O que gosta de fazer para o jantar?

— Espaguete. Vem na lata.

— Temos espaguete aqui, também.

Ele assentiu, tristemente.

— Eu sei. Sempre tem espaguete na cadeia.

O coração de **Sam** se confrangeu e ela estendeu a mão meigamente e segurou a dele. Desta vez, ele não recuou, embora com a outra mão ainda agarrasse firmemente o ursinho esmolambado.

— Você pensou que aqui era igual a uma cadeia? — Ele fez que sim. — Não é. É uma espécie de acampamento. Já esteve num acampamento?

Ele sacudiu a cabeça, e ela notou que parecia ter quatro anos, ao invés de seis, que sabia ser a sua idade. Sabia também que tivera paralisia infantil com um ano de idade, o que deixara as suas pernas e quadris totalmente aleijados.

— Minha mãe está na cadeia. — Ele deu espontaneamente a informação.

— Que pena.

Ele assentiu, novamente.

— Pegou 90 dias.

— É por isso que você está aqui? — Onde estava o pai dele... a avó... qualquer um, alguém que amasse esta criança? Era o primeiro hóspede que recebia que a perturbava. Tinha vontade de dar umas sacudidelas em alguém pelo que haviam feito ao menino. — Vai ficar com a gente durante tudo o tempo que ela passar lá?

— Pode ser.

— Gostaria de aprender a andar a cavalo?

— Pode ser.

— Eu podia lhe ensinar. Adoro cavalos e temos uns bem bonitos. Você podia escolher o que quisesse. — No momento ainda havia uma dúzia sem dono. Cada

criança sempre montava o mesmo cavalo durante toda a sua estada na estância. — O que você acha, Timmie?

— Eu... é... — Mas estava olhando nervosamente para Jeff. — Quem é aquele?

— É Jeff.

— Ele é tira?

— Não. — Resolvera falar a língua dele. — Não temos tiras, aqui. Ele ajuda com as crianças e os cavalos.

— Ele espanca as crianças?

— Não. — Ficou chocada, depois estendeu a mão e tocou-lhe o rosto. — Ninguém aqui vai machucar você, Timmie. Nunca. Prometo. — Ele meneou a cabeça, mas era evidente que achava que era mentira. — Por falar nisso, que tal eu e você passarmos um tempinho juntos, hein? Você podia me ver ensinando a montar, e podíamos nadar na piscina.

— Vocês têm piscina? — indagou, e seus olhos começaram a se iluminar.

— Claro que sim. — Mas a primeira coisa que queria fazer era metê-lo numa banheira. Estava imundo dos pés à cabeça. Parecia que não tomava banho há semanas. — Gostaria de ver o seu quarto?

Ele deu de ombros, mas ela podia ver que o seu interesse estava começando a ser despertado, e com um pequeno sorriso, entregou-lhe um livro de colorir e uns lápis, e mandou que esperasse ali.

— Aonde você vai?

Olhava para ela com desconfiança e medo renovado.

— Acho que o homem que trouxe você para cá quer que eu assine uns papéis. Vou assinar, depois levo você para o seu quarto e lhe mostro a piscina. Tá legal?

— Tá legal.

Ele começou a pegar nos lápis de cor e ela atravessou a sala na cadeira de rodas, fazendo sinal para o assistente social ir se reunir a ela na sala da secretária. Num

sussurro, pediu a Jeff que ficasse.

O assistente social era um homem cansado, de 40 e muitos anos. A essa altura da vida, já tinha visto de tudo, e esse garoto não era pior do que o resto. Mas, para **Sam**, uma criança nas condições de Timmie era uma novidade.

— Santo Deus, quem andou cuidando dele?

— Ninguém. A mãe foi para a cadeia há duas semanas, e os vizinhos pensaram que ele tinha sido mandado para algum outro lugar. A mãe nem falou dele para os tiras, quando a prenderam. Ficou esse tempo todo sentado no apartamento, vendo TV e comendo comida enlatada. Conversamos com a mãe dele. — Solto um suspiro e acendeu um cigarro. — Ela é viciada em heroína. Há anos que vive entrando e saindo de cadeias, centros de tratamento, hospitais e sabe lá Deus o quê. O garoto nasceu por acaso, e ela não o vacinou nem uma vez, daí a paralisia.

O assistente social parecia irritado e **Sam** ficou confusa.

— Como assim, por acaso?

O assistente social sorriu.

— Vivo me esquecendo que há gente decente que não está por dentro dessas situações. O garoto nasceu por acaso, é filho de um "freguês", um "cliente" de uma prostituta. Ela não sabe quem é o pai. Encantador, não é?

— Por que deixam que ela fique com a custódia da criança? Por que os tribunais não o tiram dela?

— Talvez tirem. Acho que desta vez o juiz está pensando nisso. Na verdade, ela própria está pensando em desistir dele. Considera-se uma das mártires do cristianismo, tendo que aturar um garoto aleijado, acha que já cuidou dele por seis anos e agora, chega. — Hesitou por um momento, depois fitou **Sam** nos olhos. — É melhor lhe contar logo, este também é um caso de sevícias. As marcas nos braços dele... ela o espancou com um guarda-chuva. Quase quebrou as costas do garoto.

— Ah, meu Deus, e eles estão pensando em devolvê-lo para ela?

— Ela agora está reabilitada.

Falou com todo o cinismo que fazia parte do seu serviço. **Sam** nunca enfrentara

uma situação dessas antes.

— Ele teve ajuda psiquiátrica?

O assistente social sacudiu a cabeça.

— A avaliação que fizemos dele diz que é normal, exceto pelas pernas, é claro. Porém, mentalmente, está bem. Tão bem quanto qualquer deles possa estar. — **Sam** teve vontade de gritar com ele, como podia estar bem se a mãe o espancava com um guarda-chuva? A criança estava apavorada. Isto ela já pudera ver. — Bem, ela já está na cadeia há duas semanas, e tirando uns dias por bom comportamento e crédito por penas cumpridas, sairá em dois meses. A senhora fica com ele por sessenta dias.

Como um animal, um carro de aluguel. Alugue-uma-Criança. Alugue-um-Aleijado.

Sam sentiu-se mal.

— E depois disso?

— Ele volta para a mãe, a não ser que os tribunais decidam o contrário, ou ela não o queira. Não sei, quem sabe a senhora podia ficar com ele como filho de criação, se quiser.

— Não podia ser adotado por gente decente?

— Não, a não ser que ela desista da custódia, e não se pode forçá-la a fazer isso. Além disso — O assistente social deu de ombros — quem vai adotar uma criança em cadeira de rodas? De qualquer forma, ele vai acabar parando numa instituição.

"Cadeia", como o próprio Timmie dissera. Que vida amarga para um garoto de seis anos.

Sam estava com ar triste, enquanto o assistente social se dirigia para a porta.

— Estamos felizes em tê-lo conosco. E ficarei com ele por mais tempo, se for necessário. Quer os tribunais paguem, quer não.

O assistente social meneou a cabeça.

— Avise-nos se tiver algum problema. Sempre podemos deixá-lo num abrigo de

menores, até ela sair.

— Mas não é como uma cadeia?

Sam parecia horrorizada e ele deu de ombros de novo.

— Mais ou menos. Que outra coisa acha que podemos fazer com eles, enquanto os pais estão cumprindo pena? Mandá-los para um acampamento?

Mas o lindo é que tinham feito exatamente isto. **Sam** manobrou a cadeira e voltou para a sua sala, onde Timmie tinha arrancado uma página do livro de colorir e rabiscara-a toda de marrom.

— Como é, Timmie, está pronto?

— Cadê o tira?

Parecia um pequeno *gangster* e **Sam** achou graça.

— Já foi. E não é um tira, é um assistente social.

— Mesma coisa.

— Bem, seja lá como for, vamos até o seu quarto. — Tentou ajudá-lo a mover a cadeira, mas ela emperrava a cada passo e um dos lados tinha caído. — Como é que você consegue ir a algum lugar nessa coisa, Timmie?

Olhou para ela, de modo estranho.

— Nunca saio.

— Nunca? — Ficou chocada, de novo. — Nem mesmo com a sua mãe?

— Ela nunca sai comigo. Dorme muito. Vive cansada.

Aposto que sim, pensou **Sam**. Se era viciada em heroína, devia dormir um bocado.

— Sei. Bem, me parece que a primeira coisa de que você vai precisar é uma cadeira nova. — Este, porém, era um artigo que não tinham. Não havia cadeiras sobressalantes, mas ela guardava uma estreitinha de reserva na parte de trás da sua perua, para o caso de acontecer alguma coisa com a dela. — Tenho uma que você pode ir usando, por enquanto. Vai ser um pouco grande, mas lhe arranharemos uma

nova amanhã. Jeff — sorriu para o jovem ruivo — quer pegar a minha cadeira de reserva? Está na parte de trás do meu carro.

— Claro.

Estava de volta dentro de cinco minutos, e Timmie se refestelou na grande cadeira, enquanto **Sam** rodava ao seu lado, ajudando-o com as rodas.

À medida que passavam pelos outros prédios, ela lhe explicava o que era tudo, e pararam no curral por alguns minutos, para ele poder olhar para os cavalos. Ficou fitando um dos cavalos, depois fitou o cabelo de **Sam**.

— Aquele se parece com você.

— Eu sei. Algumas das crianças me chamam de Palomino. Aquele tipo de cavalo é um *palomino*.

— É isso o que você é?

Parecia estar achando divertido, por um minuto.

— Às vezes gosto de fingir que sou. Você nunca finge esse tipo de coisa?

Ele sacudiu a cabeça, tristemente, e continuaram o caminho até o quarto dele. Ela ficou especialmente contente por ter-lhe reservado aquele quarto. Era grande e ensolarado, e todo decorado em azul e amarelo. Tinha uma colcha grande e alegre, e as paredes estavam cheias de desenhos emoldurados de cavalos.

— De quem é este quarto?

Parecia assustado de novo, ao entrarem no quarto.

— Seu. Enquanto estiver aqui.

— Meu? — Os olhos estavam muito arregalados. — Está falando sério?

— Estou. — No quarto havia uma escrivaninha sem cadeira, uma cômoda e uma mesinha onde ele poderia se divertir com jogos. Havia também um banheiro particular e um alto-falante especial para o caso de ter dificuldades e precisar da ajuda de algum conselheiro próximo. — Gosta?

Só o que ele pôde dizer foi:

— Puxa!

Mostrou-lhe a cômoda e disse-lhe que podia colocar as suas coisas ali.

— Que coisas? — Parecia confuso. — Não tenho coisas.

— Não trouxe uma mala com roupas?

Deu-se conta, de repente, que não vira mala alguma.

— Neca. — Baixou os olhos para a camiseta manchada que fora azul, no passado.
— Isso é só o que tenho. E Teddy.

Apertou com força o ursinho.

— Escute só. — **Sam** lançou um olhar para Jeff, depois novamente para Timmie.
— Agora vamos lhe arranjar umas roupas emprestadas, depois eu vou à cidade, mais tarde, e compro uns *jeans* e mais algumas coisas. Tá legal?

— Claro.

Para ele não fazia diferença, estava feliz com o seu quarto.

— Agora, vamos tomar um banho. — Entrou no banheiro claro e ligou a torneira, depois de mexer numa alavanca especial, a um nível confortável, que tampava o ralo da banheira. Tudo fora instalado especialmente. E a privada tinha barras de apoio de cada lado. — Se você quiser usar a privada, só precisa apertar este botão e virá alguém ajudá-lo.

Ele a fitou, sem compreender.

— Por que tenho que tomar banho?

— Porque é uma coisa boa de se fazer.

— Você vai me dar?

— Posso mandar o Jeff, se quiser.

Não tinha certeza se, aos seis anos, seria pudico, mas não era e sacudiu veementemente a cabeça.

— Hã-hã. Você.

— Tudo bem.

Para ela, era uma nova aventura. Levara dez meses para aprender a tomar banho sozinha, mas dar banho numa criança sentada numa cadeira de rodas ia ser uma novidade.

Mandou Jeff ir buscar roupas que servissem em Timmie, arregaçou as mangas e ensinou-lhe como entrar na banheira, mas quando o menino escorregou e ela tentou segurá-lo, os dois quase acabaram no chão. Afinal, conseguiu enfiá-lo na banheira, acabou ensopada, e ao ajudá-lo a sair, colocou-o na cadeira que lhe emprestara bem a tempo de perder o equilíbrio e cair da sua própria. E, sem saber por que, pegou-se no chão rindo para ele, que também dava risada.

— Que palhaçada, não é?

— Pensei que você ia me ensinar como fazer.

— Bem, aqui há outras pessoas que fazem isso.

Alçou-se cuidadosamente do chão molhado e voltou para a cadeira.

— O que você faz?

— Ensino a montar.

Ele assentiu e ela se pegou imaginando o que estaria pensando, mas estava mesmo era feliz porque ele parecia não ter mais medo dela, e quando Jeff trouxe as roupas que tomara emprestado em diversas cabanas, Timmie quase parecia uma outra criança. Mas ela estava ensopada do banho que dera nele e tinha que ir para casa trocar de roupa.

— Quer ir ver a minha casa?

Ele fez que sim, hesitante, e depois que o ajudou a se vestir, ela foi mostrando o caminho. Agora, havia uma rampa acessível que dava para a casa grande, e ele a seguiu sala adentro e pelo corredor até o seu quarto, onde ela tirou *jeans* limpos e uma camisa de um armário que fora totalmente remodelado para ela. Conservara o antigo quarto de Caroline como o seu melhor quarto de hóspedes, mas quase nunca o usava, e visitava-o o mais raramente possível. Ainda lhe doía sentir o seu vazio sem a velha amiga.

— A sua casa é bonita. — Timmie olhava ao seu redor com interesse. Trouxera o seu ursinho junto. — Quem dorme nos outros quartos?

— Ninguém.

— Você não tem filhos?

Parecia espantado.

— Não. Exceto todas as crianças que moram aqui na estância comigo.

— Tem marido?

Era uma pergunta que muitas das crianças lhe faziam e ela sempre sorria e dizia que não, e a coisa ficava por isso mesmo.

— Neca.

— Por que não? Você é bonita.

— Obrigada. Mas não tenho.

— Não quer se casar?

Ela soltou um suspiro, olhando para a linda criança loura. Era realmente um menino muito bonito, agora que estava limpo.

— Acho que não quero me casar, Timmie. Levo uma vida meio especial.

— A minha mãe também — Disse ele, compreensivamente, e **Sam** ficou chocada, a princípio, depois achou graça, mas não podia dizer "Não desse jeito."

Tentou explicar-lhe os seus pontos de vista.

— Acho que não ia ter tempo bastante para um marido, com a estância e as crianças aqui e tudo o mais.

Mas ele a fitava atentamente, e depois fez um gesto na direção da cadeira.

— É por causa disso?

O que ele lhe perguntara atingiu-a como um soco no estômago, porque era a verdade, mas ela não podia admiti-lo para ninguém, e mal o admitia para si mesma.

— Não, não é por causa disso.

Mas ficou imaginando se ele saberia que estava mentindo, e, então, sem lhe dar tempo de fazer mais perguntas, levou-o de novo lá para fora. Visitaram os estábulos e o salão principal, foram olhar duas vacas num cercado e depois se dirigiram à piscina, onde ela o levou para dar uma nadadinha antes do almoço. Havia apenas algumas crianças mais jovens na estância àquela hora do dia, em outubro. As outras todas estavam na escola, onde as deixara o imenso ônibus escolar adaptado que **Sam** comprara para levar as crianças até lá. Mas as crianças presentes receberam Timmie com calor e interesse, e quando as outras chegaram, às três e meia, ele não se encabulou. Ficou vendo enquanto tinham as suas aulas de montaria, se aproximavam da piscina correndo nas cadeiras de rodas e brincavam de pegar nos caminhos amplos e bem calçados. Foi apresentado a Josh e apertou-lhe a mão, com ar solene, ficou observando **Samantha** durante todas as suas aulas, e quando ela terminou, ainda estava por perto.

— Ainda está aqui, Timmie? Pensei que tinha voltado para o seu quarto. — Ele apenas sacudiu a cabeça, agarrado ao ursinho com os olhos bem abertos. — Quer voltar para a minha casa antes do jantar?

Ele fez que sim e estendeu a mão para ela, e de mãos dadas, rodaram de volta à casa grande, onde ela leu histórias para ele até que o velho sino da escola tocou, avisando que estava na hora do jantar.

— Posso sentar com você, **Sam**?

Apresentava um semblante preocupado, de novo, e ela o tranqüilizou. Mas estava desconfiada que, a essa altura, ele se sentia cansado após o seu primeiro e longo dia na estância. Ficou sentado ao lado dela durante o jantar, bocejando ruidosamente, e antes mesmo da chegada da sobremesa, ela se virou e viu que estava com o queixo encostado no peito, desabado num canto da grande cadeira de rodas cinzenta. O ursinho ainda se achava preso entre os seus braços, e ela sorriu meigamente e tirou a sua suéter pesada, cobriu-o com ela como se fosse um cobertor e saiu da mesa para levá-lo para casa. No quarto dele, ergueu-o gentilmente da cadeira e botou-o na cama com um só movimento possante, já que os seus próprios braços tinham adquirido muita força pelo uso constante que fazia deles. Despiu-o, enquanto ele se mexia ligeiramente, soltou o aparelho das suas pernas, trocou-lhe as fraldas, apagou a luz e

correu a mão de leve pelo cabelo louro e macio. Por um breve momento lembrou-se dos filhos de Charlie, dos rostos meigos e grandes olhos azuis, e de repente recordou aquela ânsia feroz que sentira ao segurar nos braços a última filha deles, a pequena **Samantha**, e como soubera, naquele momento, que aquele era um vazio que jamais seria preenchido na sua vida. Agora, olhando para Timmie, sentiu o coração se comover com ele e abraçá-lo como se fosse seu filho. Ele se mexeu ligeiramente, quando ela lhe beijou a testa, e murmurou:

— Boa noite, mamãe... amo você...

Sam sentiu as lágrimas lhe assomarem aos olhos. Teria dado a vida por aquelas palavras, naquele momento. De cabeça baixa, rodou a sua cadeira para fora da cabana e fechou a porta.

Capítulo 34

No final do mês, Timmie já estava montando a linda égua *palomino*. O nome dela era Daisy, e ele a amava como qualquer garotinho amaria o seu primeiro cavalo. Porém, muito mais do que o *palomino*, ele amava **Samantha**, com uma paixão que espantava a todos com a sua veemência e força. Ele aparecia na casa grande todas as manhãs, batia à porta e esperava que ela viesse abrir. Habitualmente atendia na hora, às vezes se demorava mais, já estava fazendo o café, ou, mesmo, ainda deitada. Porém, no momento em que ele a via, o seu rosto se iluminava como o sol refulgindo por entre as nuvens, e enquanto entrava na casa na cadeira de rodas que ela lhe comprara, sempre olhava ao seu redor como um cachorrinho que deixaram passar a noite do lado de fora. Eles batiam um gostoso papo matinal. Às vezes, ele lhe contava os seus sonhos, ou o que uma das crianças fizera durante o café da manhã, ou o que o *palomino* estava fazendo quando Timmie passou pelo curral, na sua cadeira, para dar bom dia ao manso animal. E **Samantha** lhe contava o que iria fazer aquela manhã, conversavam sobre as aulas de equitação, e já uma vez ou outra ela perguntava se ele tinha mudado de idéia sobre a escola, mas continuava inflexível: queria ficar na estância, não freqüentar a escola com os outros. **Samantha** achou que não valia a pena forçar, pelo menos no primeiro mês.

As marcas das sevícias que a mãe lhe infligira tinham desaparecido há muito, e o assistente social ligava uma vez por semana para ver como Timmie estava passando, e quando no fim do mês apareceu para vê-los, olhou de Timmie para **Samantha** e para

Timmie de novo, e era evidente que se sentia atônito.

— Em nome de Deus, o que fez com ele? — perguntou a ela, quando se achava finalmente a sós. Afastar Timmie do lado de **Sam** não era fácil, mas ela mandou que ele fosse dar uma olhada em Daisy e avisar a Josh que iriam cavalgar dali a alguns minutos, para mostrar ao assistente social como estava se saindo bem. — Ele parece uma criança diferente.

— É uma criança diferente — disse **Sam**, com orgulho. — É uma criança que foi amada, e isso está transparecendo.

Mas o assistente social apenas olhou para ela com tristeza.

— Sabe como tornou as coisas difíceis para ele?

Pensou que ele estava brincando e começou a sorrir, mas depois viu que falava sério, e franziu a testa.

— Como assim?

— Sabe o que vai ser para ele voltar para um apartamento num cortiço, com uma mãe viciada que o alimenta de biscoitos velhos e cerveja?

Sam inspirou fundo e ficou olhando pela janela. Queria dizer uma coisa para ele, mas não sabia se era a hora certa.

— Queria lhe falar a este respeito, Sr. Pfizer. — Virou-se de frente para ele. — Quais são as possibilidades de não mandá-lo de volta?

— E ficar com ele aqui? — Ela fez que sim, mas ele começou a sacudir a cabeça. — Não creio que o juiz fosse concordar. Os tribunais estão pagando a conta, agora, mas foi apenas uma experiência, sabe...

— Não é a isso que me refiro. — Inspirou fundo de novo e resolveu perguntar-lhe. O que podia perder? Nada. E podia ganhar tudo... tudo... Pela terceira vez na vida, **Sam** tinha se apaixonado. E, desta feita, não por um homem, mas por um menino de seis anos. Amava-o como jamais amara outro ser humano, com um tipo de profundidade e sentimento que sequer suspeitava que possuía, como se alguma espécie de poço tivesse se aberto no seu coração e no seu espírito e agora ela fosse capaz de dar-lhe tudo o que tinha para dar. E havia muito amor sobrando dos homens

que a tinham abandonado, muito que tinha sobrando para dar. E agora era tudo de Timmie, de todo o coração. — E se eu o adotar?

— Sei. — O assistente social sentou-se pesadamente numa cadeira e olhou para **Samantha**. Não estava gostando do que via. Podia ver que ela amava a criança. — Não sei, Srta. Taylor. Detestaria dar-lhe esperanças. A mãe ainda pode querê-lo.

Uma luz estranha surgiu nos olhos de **Sam**.

— E com que direito, posso perguntar, Sr. Pfizer? Que me lembre ela o espancava, sem falar no vício de drogas...

— Está bem, está bem... eu sei. — Ah, Jesus. Essa era uma coisa de que não estava precisando, nem hoje, nem dia nenhum. As pessoas apenas se magoavam, pensando como ela pensava. A verdade é que era provável que a mãe fosse ficar com ele, quer **Sam** gostasse da idéia, quer não. — O fato é que ela é a mãe natural do menino. Os tribunais vão muito longe para respeitar isso.

— Até onde vão?

A voz dela era a um só tempo amedrontada e fria. Era assustador ter-se deixado amar a criança tanto quanto já amava, e ter que enfrentar a possibilidade de que ela pudesse partir.

O assistente social olhou para ela com tristeza.

— Para falar a verdade, vão até muito longe.

— Não há nada que eu possa fazer?

— Há. — Solto um suspiro. — Pode contratar um advogado e lutar contra ela, se ela ainda o quiser. Mas poderá perder... provavelmente perderá. — E, então, perguntou-lhe sobre a criança. — E quanto ao menino, já perguntou a ele? Isso pode pesar para a corte, embora ele seja ainda muito jovem. A mãe natural teria muito a seu favor, não importa que seja péssima. Sabe, o pior de tudo é que, com o estado a reabilitá-la, não podemos dizer que não está bem. Se dissermos, estamos admitindo que todo o nosso sistema de reabilitação não funciona, o que é verdade. Mas é uma situação de impasse, está me entendendo? — **Sam** concordou, vagamente. — E quanto ao menino, já lhe perguntou? — Ela sacudiu a cabeça. — Por que não pergunta?

— Vou perguntar.

— Está bem. Ligue para mim, depois. Se ele quiser voltar para a mãe, a senhora deve deixar. Mas, se quiser ficar aqui — Fez uma pausa, pensando no assunto — eu mesmo vou falar com a mãe dele. Talvez ela não crie nenhum problema. — Deu-lhe um sorriso frio. — Espero, para o seu bem, que ela torne as coisas fáceis, para o garoto seria bem melhor ficar aqui com vocês.

Era uma minimização da realidade, mas **Sam** deixou passar. O fato era que, para Timmie, seria bem melhor estar em qualquer outro lugar que não com ela, e **Sam** se mostrava resolvida a protegê-lo com todas as suas forças.

Foram ver Timmie montar, a seguir, e como acontecia com os pais que viam os filhos montar pela primeira vez, Martin Pfizer, o assistente social calejado e cansado, teve que enxugar uma lágrima furtiva. Era incrível ver o que acontecera com Timmie. Estava lindo e louro, limpo e feliz, ria o tempo todo, agora, olhava para **Sam** com um ar de adoração pura, e era até engraçado, e o mais estranho de tudo era que até se parecia um bocado com ela.

Quando Martin Pfizer foi embora, no fim do dia, falou novamente com **Sam**, num sussurro, enquanto lhe apertava o braço.

— Pergunte a ele e ligue para mim.

Depois, desmanchando o cabelo de Timmie, apertou a mão de **Sam** e fez um último aceno de despedida, ao se afastar de carro.

Depois do jantar, quando levou Timmie para o quarto, fez-lhe a pergunta, enquanto ele abotoava o pijama e ela guardava o seu aparelho.

— Timmie?

— O que é?

Virou-se para olhar para ele, sentindo algo tremer dentro de si. E se ele não a quisesse, e se quisesse voltar para junto da mãe? Não tinha certeza se agüentaria a rejeição, mas tinha que perguntar. E isso seria apenas o começo.

— Sabe, estive pensando numa coisa, hoje. — Ele esperou, com cara de interesse. — O que você acharia de ficar por aqui... — Era terrível, não se dera conta de como

seria difícil perguntar. — Sabe, para sempre... quero dizer...

— Quer dizer ficar aqui com você?

Arregalou os olhos no rostinho bronzeado.

— É isso mesmo.

— Ah, puxa!

Mas ela sabia que ele não a tinha compreendido, realmente. Achava que queria dizer uma extensão da estada, e sabia que tinha que lhe dizer que ia significar perder a sua mãe.

— Timmie... — Ele estava abraçado com ela, agora, e **Sam** o afastou para poder ver-lhe o rosto. — Não estou falando igual aos outros garotos que estão aqui. — Ele parecia intrigado. — Quero dizer... quero dizer... — Era como um pedido de casamento. — Quero adotar você, se eles deixarem. Mas você também teria que querer ser adotado. Jamais faria uma coisa que você não quisesse.

Estava lutando contra as lágrimas e ele a fitou, espantado.

— Quer dizer que me quer? — indagou, estupefato.

— Claro que quero, bobinho. — Abraçou-o com força, de novo, as lágrimas escorrendo dos olhos. — Você é o melhor garotinho do mundo.

— E quanto à minha mãe?

— Não sei, Timmie. Esta é que seria a parte difícil.

— Viria me ver?

— Não sei. Talvez pudéssemos dar um jeito, mas acho que seria mais difícil para todo mundo, desse jeito.

Estava sendo franca com ele, sabia que tinha que ser. Era um grande passo para ele dar.

Porém parecia amedrontado, quando **Sam** olhou para o seu rosto de novo, e pôde senti-lo tremer.

— Ela viria me bater?

— Ah, não. — Era um grito de angústia. — Não deixaria que o fizesse.

E então, de repente, ele começou a chorar e contou-lhe coisas que jamais contara, sobre a mãe e o que lhe havia feito. Quando acabou, estava largado nos braços de **Sam**, esgotado, mas não mais amedrontado, e depois de puxar os lençóis até o seu queixo, ela ficou sentada junto dele na escuridão, por mais de uma hora, apenas fitando-o enquanto dormia e deixando as lágrimas correrem. A última coisa que ele dissera, antes de fechar os olhos, fora:

— Quero ser seu, **Sam**.

E era só o que ela queria ouvir.

Capítulo 35

Na manhã seguinte, **Sam** ligou para Martin Pfizer e contou-lhe o que Timmie dissera. Falou-lhe também de algumas das outras coisas que ele contara, tais como os espancamentos e o abandono, coisas que ele guardara dentro de si por um tempo muito longo e triste. Pfizer sacudiu a cabeça.

— Detesto ter que dizer isso, mas não estou surpreso. Está certo, verei o que posso fazer.

Porém, no dia seguinte, soube que não podia fazer nada. Passou duas horas com a mulher, tentou convencê-la, conversou com o seu conselheiro na prisão em que estava encarcerada, mas compreendeu que era inútil dizer mais alguma coisa. Com o coração pesado, ligou para **Sam** à noite e encontrou-a sozinha na casa grande.

— Ela não quer, Srta. Taylor. Tentei tudo, diálogo, ameaças, tudo. Ela quer o menino.

— Por quê? Não o ama.

— Acha que ama. Passou horas me falando da mãe e do pai, de como o pai a espancava, a mãe lhe batia. É a única coisa que entende.

— Mas ela vai matá-lo.

— Talvez. Talvez não. Mas não há absolutamente nada que a gente possa fazer,

até que tente.

— Mas eu posso entrar com um pedido de custódia?

A mão de **Sam** tremia, enquanto esperava.

— Pode. O que não quer dizer que tenha uma chance. Ela é a mãe natural, Srta. Taylor, e a senhora é uma mulher sozinha e uma... deficiente física. — Parou bem a tempo. — Isso não vai ficar bem num tribunal.

— Mas veja só o que já fiz por ele. Veja a vida que poderá ter aqui.

— Eu sei. Isso faz sentido para a senhora e para mim, mas há um elemento de precedente envolvido, e terá que convencer o juiz. Arranje um advogado, Srta. Taylor, e faça uma tentativa. Mas seja realista. Trate a coisa apenas como uma experiência. Se perder, perdeu, se ganhar fica com o menino.

Será que ele estava maluco? Não compreendia que ela amava Timmie e que ele a amava?

— Obrigada.

A sua voz estava fria, quando desligou, e rodou pelo quarto uma dúzia de vezes, resmungando consigo mesma e pensando, e ficou maluca de ter que esperar até de manhã para poder telefonar.

Mas, quando Timmie apareceu no outro dia de manhã, ela mandou que fosse fazer uma série de tarefas, para poder ficar sozinha e ligar para o velho advogado de Caroline e saber se ele podia indicar-lhe alguém para cuidar do caso.

— Um processo de custódia de criança, **Samantha**? — Parecia surpreso.

— Não sabia que você tinha filhos.

— Não tenho. — Deu um sorriso sombrio, ao telefone. — Ainda.

— Entendo.

Mas, naturalmente, não entendia. Porém deu-lhe dois nomes de advogados de que ouvira falar, em Los Angeles. Não conhecia nenhum deles, pessoalmente, mas assegurou-lhe que a sua reputação era de primeira.

— Obrigada.

Quando ligou para eles, o primeiro advogado estava de férias no Havaí, e o outro devia chegar do Leste no dia seguinte. **Sam** deixou recado para que ligasse para ela e passou as 24 horas seguintes em cócegas, esperando que ele ligasse. E ele o fez, como a secretária prometera, exatamente às cinco horas da tarde.

— Srta. Taylor? — A voz era profunda e melíflua, e ela não sabia dizer se ele era jovem ou velho. O mais rapidamente que pôde, explicou o problema, disse-lhe o que queria fazer, o que Timmie queria, o que o assistente social falara, e onde a mãe de Timmie estava. — Puxa vida, mas a senhora tem um problema, não é? — Porém pareceu interessado no que ela contara. — Se não se importa, eu gostaria de ir até aí e ver o menino. — **Sam** lhe contara que tanto ela quanto o menino estavam presos a cadeiras de rodas, mas explicara-lhe tudo sobre a estância e como Timmie se dera bem. — Acho que uma parte importante do seu caso se basearia no meio ambiente, e eu devo ir conhecê-lo, se é que pretendo fazer algum sentido. Isso, naturalmente, se a senhora quiser que eu a represente.

Porém, até o momento, ela estava bem impressionada com ele.

— O que acha do caso, Sr. Warren?

— Bem, por que não conversamos mais detalhadamente amanhã? Assim, de pronto, não estou exageradamente otimista, mas esta poderia ser uma dessas situações altamente emocionais que se resolvem de uma maneira muito pouco ortodoxa.

— Em outras palavras, nada feito. É isso o que está dizendo?

O coração caiu-lhe aos pés.

— Não exatamente. Mas não vai ser fácil. Acho que a senhora já sabe disso.

Ela concordou.

— Já estava desconfiada, pelo que o assistente social falou. Mas, para mim, não faz sentido, que diabo. Se a mulher é viciada e seviciadora de crianças, por que é sequer considerada uma possibilidade para ficar com a custódia de Timmie?

— Porque é a mãe natural dele.

— E isso basta?

— Não. Mas, se ele fosse seu filho, a senhora não ia querer todas as chances de ficar com ele, não importa o quanto fosse pirada?

Samantha soltou um suspiro ao telefone.

— E quanto ao bem da criança?

— Este será o nosso melhor argumento, Srta. Taylor. Agora, diga-me onde fica a sua casa e eu virei vê-la amanhã. Estrada Doze, a senhora falou? Vejamos, a que distância ela fica de...

Sam deu-lhe as indicações adequadas e ele apareceu no dia seguinte, ao meio-dia. Guiava um Mercedes verde-escuro, usava um par de calças marrom-escuras e casaco de *cashmere* bege, uma gravata de seda e uma bela camisa creme. Era um homem que estava evidentemente com quarenta e tantos anos. O seu relógio era Piaget, o cabelo era grisalho-escuro e os olhos azul-acinzentados. O seu nome todo era Norman Warren. E **Samantha** não pôde reprimir um sorriso, ao vê-lo. Trabalhara durante muitos anos com pessoas que se pareciam demais com ele. Estendeu-lhe a mão, da cadeira de rodas, com um sorriso.

— Desculpe, mas o senhor é de Nova York?

Precisava saber. Ele riu em voz alta.

— Pombas, sou. Como é que soube?

— Eu também sou. Só que não dá mais para se notar.

Contudo, hoje, ela vestira uma suéter lilás macia com os *jeans*, ao invés da camisa de flanela de costume, e as suas botas de vaqueiro azul-escuras eram novas em folha.

Eles se apertaram as mãos e trocaram gentilezas e ela o levou até a casa grande, onde preparara sanduíches e café quente, e havia uma torta de maçã quente que "roubara" do salão principal quando levara Timmie para almoçar, alguns minutos antes. Ele ficara muito irritado quando ela o deixara, mas **Sam** explicara que estava esperando um adulto para almoçar na casa grande.

— Por que também não posso conhecer ele?

Fizera um bico tremendo, quando ela o deixara com Josh e o punhado de crianças que não estavam na escola. Todos aceitavam Timmie como a sua mascote, era o mais

jovem na casa e se parecia tanto com **Samantha** que quase o consideravam filho dela, e naturalmente ela também o considerava assim.

— Você vai conhecê-lo, mas quero conversar com ele primeiro.

— Sobre o quê?

— Negócios. — Sorriu para o menino, respondendo à pergunta que ele não tinha coragem de fazer. — E, não, ele não é um tira.

Timmie soltou a sua risadinha alegre.

— Como soube que era isso o que eu estava pensando?

— Porque conheço você, seu bobo, agora trate de ir comer.

Ele fora com os outros, reclamando porque estavam comendo sobras de ensopado. Ela prometera vir buscá-lo quando acabassem de discutir negócios.

Enquanto almoçava com Norman Warren, contou-lhe tudo o que podia sobre a criança.

— Posso vê-lo? — Ele perguntou, finalmente. Quando foram procurá-lo no salão principal, Warren olhou ao seu redor com interesse e fitou a mulher estonteantemente bela de suéter lilás, perfeitamente à vontade na sua cadeira. O simples fato de se achar ali estava sendo uma experiência para Norman Warren, que podia ver pelo modo como o local era conservado e pelas pessoas felizes à sua volta que o que **Samantha** fizera fora um sucesso. Mas nada o preparara para o que viu ao conhecer Timmie, ou ao ver o garoto montar o *palomino* com a ajuda de Josh, ou ao ver **Sam** cavalgar ao lado dele, montando Pretty Girl, ou ao perceber a chegada dos outros da escola para tomarem as suas aulas de equitação. Norman Warren só foi embora depois do jantar, e partiu com pesar.

— Quero ficar para sempre.

— Desculpe, não posso adotá-lo, também. — **Samantha** riu com ele. — E, felizmente, você não tem as qualificações para vir para cá como aluno. Mas sempre que quiser nos visitar e montar com a gente, nós adorariíamos.

Ele pareceu encabulado e quase sussurrou.

— Me borro de medo de cavalos.

Ela sussurrou de volta:

— Podemos curá-lo.

Mais um murmúrio:

— Não, não podem. Não vou deixar.

Os dois riram e ele foi embora. Tinham chegado a um acordo financeiro... ela lhe pagaria 10 mil dólares para representá-la na ação. Gostara muito dele e ele parecera gostar de Timmie, e havia todos os motivos possíveis para se esperar que ela tivesse ao menos uma chance para ganhar o garoto, e se não ganhasse, poderia apelar. Ele enfatizou de novo que não ia ser fácil, mas que também não era impossível e havia muitos fatores a seu favor, e um dos mais importantes era o amor que ela e Timmie sentiam um pelo outro, e ele esperava que o fato de estarem ambos em cadeiras de rodas acrescentaria pontos favoráveis ao invés de contrários a ela. Mas, isso ainda se tinha que ver. Ela assinara os papéis naquela tarde. Ele daria entrada neles em Los Angeles no dia seguinte, e a audiência seria marcada o mais breve possível.

— Acha que ele pode ajudar a gente, **Sam**?

Timmie ergueu os olhos para ela, com tristeza, enquanto **Sam** o acompanhava até o seu quarto. Explicara-lhe quem era Norman Warren e o que ele ia fazer.

— Espero que sim, meu amor. Vamos ver.

— E se não puder ajudar?

— Então eu seqüestro você e vamos nos esconder nas montanhas.

Estava brincando, mas os olhos dele brilharam enquanto ela abria a porta do seu quarto e acendia as luzes para ele.

— Tá legal.

Foi só quando saiu do quarto que ela começou a se perguntar a mesma coisa... e se ele não pudesse... mas tinha que poder... tinha que ganhar o caso para ela. Não suportaria perder Timmie. E quando estava de volta ao seu quarto, já se tinha convencido que jamais perderia.

Capítulo 36

Passaram o Natal juntos, em paz, e pela primeira vez na vida de Timmie, ele teve o Natal com que as crianças sonham. Havia pilhas de presentes em caixas, roupas, jogos, quebra-cabeças, um caminhão de bombeiros com um chapéu para ele usar, uma suéter para o seu ursinho e até mesmo algumas coisas que **Sam** fizera para ele. E no salão principal ficava uma imensa árvore cercada de presentes. Havia brinquedos para todas as crianças que estavam hospedadas na estância, no momento. E um dos supervisores, a pedido de **Sam**, vestira-se de Papai Noel, e aquilo fizera **Sam** e Josh se lembrarem do ano em que Ta te Jordan fora Papai Noel. A lembrança do homem que ainda amava colocando o anjo no alto da árvore de Natal atingiu-a como uma facada no coração. De repente, lembrou-se de tantas coisas sobre **Tate** e sobre John, em quem raramente pensava, atualmente. Eles tinham tido mais um filho, ela sabia, e Liz fora finalmente despedida pela rede de TV, porque era tão cansativa no ar. A carreira de John Taylor ainda ia de vento em popa, mas lá uma vez ou outra, quando assistia ao programa, **Sam** achava-o plástico e vazio e bonito demais e terrivelmente chato, e se perguntava por que cargas-d'água gostara dele. Parecia espantoso ver 11 anos da vida da gente voar pela janela e não dar a mínima bola, mas era o que acontecia. Era diferente quando pensava em **Tate**.

— **Sam**... posso lhe fazer uma pergunta maluca? — Falou Josh, enquanto estavam parados a um canto, vendo as crianças abrindo os presentes.

— Claro. O que é?

Mas já sabia.

— Você estava apaixonada por **Tate** Jordan?

Ela olhou dentro dos olhos de Josh e fez que sim, lentamente.

— Estava, sim.

— Foi por isso que ele foi embora?

— Suponho que sim. Decidiu não tentar resolver as coisas, acho. E eu lhe tinha dito que não queria fazer o mesmo tipo de jogo de Caro e Bill. Mas ele achava que uma dama não devia amar um vaqueiro. Pelo menos, não abertamente. — Falava com ar triste. — Então, partiu.

— Imaginei que fosse alguma coisa desse tipo.

— E ele teve uma espécie de ataque quando descobriu quem era o meu ex-marido... achou que não era bom o bastante para mim, ou alguma besteira semelhante...

— Merda. — Josh ficou imediatamente zangado. — Ele valia dez daquele palhaço. Ah — Ficou vermelho feito um pimentão. — Desculpe, **Sam**...

Ela deu uma risadinha abafada.

— Não se desculpe. Eu estava pensando a mesma coisa.

— E ele nunca lhe escreveu, nem nada?

— Não. Acho que devo tê-lo procurado em todas as estâncias do país, mas nunca o encontrei.

Josh fez um ar pesaroso de novo, enquanto olhava para **Sam**.

— É uma pena tremenda, **Sam**. Ele era um bom homem, e sempre achei que a amasse. Quem sabe ele aparece um dia desses, só para dar um alô para Bill ou para Caro ou para mim, e encontra você, ao invés disso.

Sam sacudiu a cabeça com uma expressão tensa no rosto.

— Espero que não. Ia ter um choque dos diabos.

Referia-se às suas pernas, mas, desta feita, Josh sacudiu a cabeça.

— Acha que se importaria?

— Isso não vem ao caso, Josh. Eu me importaria. Mas isso tudo já acabou. Eu agora tenho as crianças.

— Na sua idade, **Sam**? Não seja maluca. Quantos anos tem, vinte e oito, vinte e nove?

Ela abriu um sorriso para o velho.

— Josh, adoro você. Estou com trinta e três anos.

— Para mim dá tudo na mesma. Experimente cinquenta e nove e veja o que acha.

— Em você, a idade cai bem.

— Bajuladora, mas adorei. — Sorriu para ela, depois ficou com ar sério de novo. — Mas está falando besteira, sabe, sobre você e **Tate**. E não importa se for **Tate** ou outra pessoa qualquer, você é jovem demais para se tratar como se fosse uma solteirona. — A seguir, estreitou os olhos e baixou a voz. A verdade, **Sam**, é que você é uma mentirosa. Passa o tempo todo ensinando a essas crianças que não têm que viver ou pensar ou agir como aleijadas, mas no seu coração você se considera uma aleijada. — Ele acertara em cheio, mas ela ficou calada, fitando as crianças. — É verdade, **Sam**... porra, é verdade. Vi aquele advogado de Los Angeles falando com você, no outro dia. Ele gosta de você como mulher, porra, e você lhe dá alguma atenção? Não, que diabo, age como uma velhinha feliz e serve chá gelado para ele.

— Não há nada de errado com o chá gelado.

Foi ela quem sorriu para ele, desta feita.

— Não, mas há muita coisa de errado em fingir que não é mais uma mulher, aos trinta e três anos.

— Cuidado, Josh — Falou, fingindo olhar ferozmente para ele — Pode ser que eu o ataque, da próxima vez em que estivermos sozinhos.

Dizendo isso, jogou um beijo para ele e levou a sua cadeira de rodas para o meio das crianças. Era a sua maneira de dizer-lhe que não queria escutar mais nada. Ele chegara perto demais da verdade.

Todos eles levaram dois dias para se recuperar da emoção do Natal. Não havia nem aulas de equitação, apenas alguns grupos informais que cavalgavam pelas colinas, mas nem Timmie nem **Sam** se encontravam entre os cavaleiros. Passavam muito tempo a dois, como se cada um deles tivesse uma necessidade profunda de estar junto do outro. A audiência fora marcada para o dia 28 de dezembro.

— Está com medo?

Na noite anterior à audiência, ela instalara Timmie no quarto de hóspedes menor, ao lado do seu próprio, e agora o estava botando na cama.

— Por causa de amanhã? — O rosto dela estava bem perto do dele, e a moça tocou-o com a mão longa e graciosa. — Um pouco. E você?

— Estou. — Notou agora que os grandes olhos azuis davam mostras de terror. — Um bocado. E se ela me bater?

— Não vou deixar.

— E se me levar?

— Não vai levar. — Mas, e se deixassem que ela o levasse? Era este o fantasma que atormentava **Samantha**, e não podia prometer-lhe que isso não aconteceria. Não queria mentir. Já lhe tinha dito que, se perdessem, ela apelaria, se era isso o que ele queria, e também tinha lhe dito que, se o que ele queria era ficar com a mamãe dele, estava tudo bem. Dilacerava-lhe o coração dar-lhe tal opção, mas sabia que precisava fazê-lo. Não queria roubá-lo da própria mãe. Queria que viesse para ela com o coração aberto. — Vai dar tudo certo, meu bem. Você vai ver.

Mas não parecia tão certa disso no dia seguinte, quando Josh empurrou as duas cadeiras pela rampa do Tribunal do Condado de Los Angeles. Ela e Timmie se davam as mãos, ferozmente, e quando entraram no elevador, nas suas cadeiras, ambos se sentiram constrangidos e conspícuos até que Josh ajudou-os a sair. Norman Warren se encontrava à espera deles do lado de fora do tribunal, de terno azul-escuro. Parecia tremendamente respeitável, assim como **Sam**, que usava um lindo vestido de lã azul-claro, restos do seu guarda-roupa nova-iorquino, um casaco azul-claro de *mohair* combinando, e sapatos Gucci de couro preto. Ela comprara roupas novas para Timmie, especialmente para a ocasião, calças azul-marinho com um casaco combinando e uma suéter de gola rulê azul-claro, que por acaso combinava com a cor do vestido de **Sam**. Pareciam-se demais como mãe e filho, ali sentados, esperando, e Norman notou mais uma vez a semelhança espantosa das duas cabeças loiras, os mesmos enormes olhos azuis.

A audiência teve lugar num pequeno tribunal e o juiz entrou, usando óculos e um sorriso tranqüilo. Fez o possível para não intimidar Timmie, ao olhar para ele, e sentou-se a uma mesa numa plataforma ligeiramente elevada, que era menos impressionante do que algumas das outras mesas às quais se sentara em outros tribunais. Era um homem de sessenta e poucos anos, e há muito tempo presidia audiências de custódia de crianças. Era admirado em Los Angeles pelo seu senso de justiça e sua bondade para com as crianças... diversas vezes salvara inocentes de adoções malfadadas. Tinha um profundo respeito pelas crianças e as mães naturais e

era freqüente encorajar as mães chorosas a repensarem as suas decisões de entregar os seus bebês. Muitas mulheres tinham voltado para lhe agradecer, e isso era algo que sempre levaria consigo, quando se aposentasse. E agora estava olhando para Timmie com interesse, e para **Samantha** e o seu advogado, e dali a minutos para a moça miúda e de aparência frágil que entrara no tribunal com o seu advogado. Usava uma saia cinza e uma blusa branca, e parecia mais uma estudante do que uma viciada ou uma piranha. E **Sam** soube, pela primeira vez, que tinha apenas 22 anos. Apresentava uma beleza frágil e parecia o tipo da moça que não saberia tomar conta de si mesma. Dava vontade imediatamente da gente amá-la, tomar conta dela, protegê-la. Isso era parte do motivo pelo qual Timmie sempre sentia pena dela, depois que o espancava. Porque ela própria parecia tão magoada e abalada. Aquilo sempre fazia com que ele a perdoasse e com que desejasse ajudá-la, ao invés de esperar que ela o ajudasse.

A sessão teve início, as pastas foram entregues ao juiz, desnecessariamente, porque ele já lera todos os documentos existentes na véspera. Disse, no início da audiência, que era um caso interessante por causa dos aspectos apresentados por **Samantha**, uma criança deficiente, a mãe adotiva deficiente, mas que todos os presentes tinham que ter em mente que o que a corte estava procurando, e que devia ser o objetivo de todos, era o bem da criança. O juiz ofereceu a opção de mandar retirar a criança da sala, mas **Sam** e Timmie já tinham discutido o assunto. Ele disse que queria ficar ali, não queria ser "levado para fora pelos tiras". Ela lhe assegurou que podia esperar do lado de fora com Josh, mas ele insistiu que queria ficar com ela. **Sam** notou que ele não deixava o olhar se dirigir para a mãe, como se tivesse medo de admitir a sua presença, ou até mesmo de vê-la, e ficou de mão dada com **Sam** e olhos fitos no juiz.

O advogado da outra parte chamou a mãe de Timmie como a primeira testemunha, e enquanto **Sam** a fitava frontalmente, percebeu muito bem contra o que se estava defrontando. Um rosto meigo, uma voz suave, uma história triste do princípio ao fim, e a afirmativa que, desta vez, aprendera a sua lição e que não fizera outra coisa se não ler livros de psicologia para aprender mais sobre si mesma e sobre como poderia ajudar o seu filho precioso. Timmie baixou o olhar para o colo e não o levantou até que o testemunho dela terminasse e ela deixasse o banco. O advogado de **Sam** fez registrar que a reinquiriria depois, e as testemunhas seguintes foram chamadas, um psiquiatra que examinara a mãe de Timmie para o condado, declarando que era uma mulher carinhosa e sensível que tivera uma juventude

infeliz. Ele achava que ela não tivera intenção de machucar o filho, mas que estivera sob enorme pressão, financeiramente, mas que, agora que tinha arranjado emprego num hotel no centro da cidade, tudo iria melhorar. Norman Warren fez o psiquiatra parecer um tolo, e insinuou que ela teria ampla oportunidade, no hotel, para começar a pegar "clientes". O comentário foi eliminado dos registros, Norman foi advertido, e a testemunha foi dispensada. Dois outros conselheiros da prisão foram chamados, depois um médico, atestando que a saúde da mãe era perfeita e que não mais fazia uso de drogas. E, por último, veio um padre que a conhecera desde os 11 anos de idade, e que fora quem batizara Timmie. Disse que tinha certeza absoluta de que o lugar da criança era com a mãe que a amava, e quando ele falou, **Sam** sentiu o estômago dar voltas. Ficou fortemente agarrada à mão de Timmie o tempo todo, e quando o padre deixou o banco das testemunhas, houve um intervalo para o almoço. Norman reinquirira todos, exceto a mãe e o padre. Ia chamar a mãe de Timmie para depor, depois do intervalo para o almoço, mas explicou a **Sam** que não tinha a menor intenção de enfrentar a Igreja Católica no banco das testemunhas.

— Por que não?

— O juiz é católico, minha querida. Além disso, o que vou fazer para impugnar o que o homem está dizendo? É melhor não tocarmos nele.

Apesar disso, ele fez com que todos os outros parecessem ligeiramente duvidosos, e os interrogou quase com um ar divertido e de desdém, como se o testemunho deles estivesse maculado, devido à sua associação com a mulher. Mas nada do que fez com eles sequer chegou perto do que fez com a mãe de Timmie, e a um sinal de Sara, Josh tirou Timmie com firmeza da sala. O menino protestou num sussurro rouco, mas **Samantha** não lhe deu escolha, jogou-lhe um beijo e depois se voltou para ver o que estava acontecendo no banco. A moça tremia toda, e quase antes de começar a falar, começou a chorar. E era realmente difícil visualizar esta criança frágil como a vilã da peça. Porém, a despeito da aparência dela, foi deixado bem claro que descobrira as drogas aos 12 anos, a heroína aos 13, fora presa por prostituição aos 15, engravidara de Timmie aos 16, fizera cinco abortos, até o momento, fizera parte de sete programas de reabilitação de drogas, fora presa nove vezes como menor e três como adulta.

— Mas — insistiu o advogado dela, aparteando — O tribunal não deve se esquecer de que esta mulher não é mais viciada, que acaba de passar por um programa de reabilitação de drogas muito árduo, oferecido pelo estado, e se dissermos

que esta mulher não está reabilitada, então estamos dizendo que todo o nosso sistema de reabilitação não funciona.

O aparte foi devidamente registrado e mantido. Segundo a lei da Califórnia, a sua ficha de detenções foi eliminada dos registros, o resto ficou.

O testemunho da moça levou bem mais de uma hora, ela soluçou o tempo todo e falou com remorso sobre "o meu filhinho", sempre que teve chance, mas todas as vezes que **Sam** olhava para ela pensava nas vacinas que não lhe dera, e que por este lapso ele contraíra a poliomielite, pensava nos espancamentos que ele sofrerá nas suas mãos, no tormento, na solidão, no terror, e só o que **Sam** queria era se levantar da cadeira de rodas e gritar.

Para depor a favor deles, Norman Warren chamou o assistente social, Martin Pfizer, que foi seco, banal e pouco excitante, como testemunha; o médico de **Sam**; Josh; e mostrou uma pilha de cartas de gente importante, como juízes e médicos, sobre o trabalho maravilhoso que ela estava fazendo na estância. E, finalmente, a própria **Sam** foi chamada. O fato de que era divorciada foi trazido à baila, que não se tinha casado e não tinha "ninguém em vista", como disse o advogado oponente, no momento, e o fato de que era na verdade, irreversivelmente incapacitada. A lista longa e triste foi enfatizada vezes sem conta, até que **Sam** quase começou a sentir pena de si mesma. Norman fez objeção, e a linha de interrogatório foi suspensa. No final, ela acabou parecendo uma "boa moça" que queria ajudar Timmie, mas, ao contrário da sua mãe, não gritou "meu filhinho", nem teve que ser levada para fora da sala.

A última testemunha foi a pior. Foi o próprio Timmie, e pediu-se à mãe dele se podia, por favor, parar de chorar, ou se queria que houvesse um recesso durante o qual pudesse ficar mais serena. Ela preferiu se acalmar ali mesmo, ainda fungando ruidosamente enquanto **Sam** observava o ar de terror no rosto da criança. Tudo que fora previamente levantado estava agora sendo testado. Como era a sua vida com a mãe, como era a sua vida com **Sam**, como a mãe cuidava dele, o que **Sam** lhe comprara e lhe dera, como se sentia com relação às duas mulheres e, então, de repente:

— Você tem medo da sua mãe, Timmie?

Mas a pergunta em si obviamente o assustou tanto que se encolheu na cadeira de rodas, segurando o ursinho, sacudindo violentamente a cabeça.

— Não... não!

— Ela alguma vez o espancou ou bateu em você?

Não houve resposta, depois ele sacudiu a cabeça e, finalmente, lhe pediram que falasse em voz alta. Só o que ouviram foi um rouco "não". **Sam** fechou os olhos, desesperada. Compreendia o que ele estava fazendo. Não havia jeito de contar a verdade, com a mãe presente. Aquilo continuou por mais meia hora, depois foram todos mandados para casa. O juiz pediu que voltassem na manhã seguinte. Falou que tinha o número do telefone de todos eles, e que se por algum motivo achasse que não conseguiria chegar a um veredicto até lá, avisá-los-ia. Porém, se ele não entrasse em contato com eles naquela noite, deveriam voltar ao tribunal no dia seguinte, trazendo Timmie — lançou um olhar para **Sam** — e o veredicto seria dado. Achava que para o bem da criança e para evitar sofrimento adicional para as partes, era melhor que o veredicto fosse dado imediatamente. Tendo dito isso, o juiz se levantou e o meirinho anunciou que a sessão estava encerrada.

Ao voltarem para a estância, **Sam** sentiu que todo o seu corpo doía de exaustão, e Timmie adormeceu nos seus braços mal se afastaram do meio-fio. Tremera de terror quando a mãe começara a se aproximar dele, agarrara-se à mão de **Sam**, e Norman o levava da sala enquanto Josh ajudava **Samantha**, e se afastaram o mais depressa possível. Percebeu, mais tarde, como Timmie fora corajoso ao se mostrar disposto a enfrentar a audiência de ganho de custódia. Se a mãe o recebesse de volta, podia fazer qualquer coisa para se desforrar, e ele sabia disso melhor do que qualquer um. Porém, **Sam** agora também estava se dando conta disso, enquanto o abraçava. Como é que ia poder entregá-lo àquela mulher, se tivesse que fazê-lo? Como iria agüentar? Deitada na cama naquela noite, soube que não agüentaria, que aquilo a mataria. Durante horas ficou ali deitada, pensando em pegá-lo e fugir com ele para algum lugar. Mas, para onde e como, e com que propósito, afinal de contas? Duas pessoas em cadeiras de rodas não podiam ir muito longe, e então se lembrou da cabana secreta, que não visitava desde que voltara à estância. Mas sabia que, mesmo ali, eles a encontrariam. Era inútil. Só o que lhes restava era acreditar na justiça e torcer pelo melhor.

Capítulo 37

Sam acordou muito antes do alvorecer, na manhã seguinte. Na verdade, deu-se conta ao olhar para o relógio, dormira apenas uma hora e meia. Mas, quando rodou a

sua cadeira para o quarto de Timmie, ao lado do dela, viu que ele também estava acordado.

— Oi, coração... — Beijou-o e foi pegar o seu aparelho. — Bom dia.

— Eu não vou embora com ela.

— Por que não nos preocupamos com isso depois do café?

Sam tentou parecer despreocupada, mas ele desatou em lágrimas e se agarrou a ela. Assim começara o dia. Tinham tomado café sozinhos de novo, aquela manhã. O resto das crianças não tinha idéia do que estava acontecendo e **Sam** contara a verdade apenas a uns poucos terapeutas e supervisores. Todos estavam tentando ser o mais discretos que podiam. Mas era evidente, quando ela partiu de novo com Josh e Timmie, que alguma coisa de grande importância estava acontecendo. Pressentindo que havia algo errado, as crianças se achavam por demais quietas, ao tomarem o ônibus escolar.

Em Los Angeles, **Samantha**, Josh e Timmie se encontraram com Norman diante da sala da audiência, e todos tinham um ar sombrio.

— Calma, **Sam**.

Norman tocou gentilmente o seu braço. Ela estava usando calças cinzentas e uma suéter cinzenta de *cashmere*, e Timmie usava a mesma roupa da véspera, só que desta vez com uma camisa xadrez vermelha e branca.

O juiz começou a audiência pedindo a presença de Timmie no recinto, depois dirigiu-se ao menino, explicando que escutara todos os testemunhos e que tentara tomar uma decisão boa que fizesse Timmie feliz por muito tempo. Sorriu para ele como um avô benevolente, depois pediu-lhe que viesse até a frente da sala, explicando que era apenas uma formalidade, porque ele era a pessoa mais importante presente e, afinal de contas, tudo aquilo era por causa dele. Timmie olhou indagadoramente para **Sam** e esta sorriu e meneou a cabeça, e ele rodou a cadeira para a frente e o centro da sala, como o juiz pedira.

Depois, o juiz voltou a sua atenção para **Sam**, explicando que entendia que o que ela estava fazendo era não apenas admirável, mas uma coisa de santo, que conversara sobre a estância com diversas pessoas, e que estava indescritivelmente impressionado.

Novamente, dirigiu a ela um sorriso caloroso. Mas, a seguir, falou que, embora não houvesse dúvidas de que as intenções dela eram excelentes e que, materialmente, poderia oferecer muito mais a Timmie do que a mãe e que, embora Timmie tivesse tido uma vida difícil com essa moça que tentara tanto achar o caminho certo para si mesma e para o filho defeituoso, ele agora tinha certeza, especialmente depois de ter conversado com o Padre Renney, que a mãe de Timmie finalmente se encontrara. Portanto, sorriu amplamente para Timmie, ele resolvera que o lugar de Timmie era com a mãe legítima.

— E agora — Fez um gesto para a moça espantada de blusa rosa e cabelos despenteados — Você pode vir reclamar o seu filho. — E, batendo oficialmente o martelo, com um ruído que se assemelhava ao coração de **Sam** chegando ao fundo, enquanto o fitava, ele anunciou com voz tonitruante: — O tribunal decide favoravelmente à mãe natural.

Levantou-se e saiu do recinto, enquanto **Sam** tentava desesperadamente não gritar. A mãe de Timmie, contudo, não agiu do mesmo modo contido e correu para ele, quase derrubando-o da cadeira. Só o que **Sam** podia ver era Timmie se debatendo loucamente, tentando afastar-se dela, e a cadeira segura firmemente pelo advogado enquanto ele era abraçado pela mãe, que gritava escandalosamente o tempo todo:

— Meu filhinho... meu filhinho...

— **Sam... Sam!**

Foi um gemido queixoso que quase a rasgou ao meio, e ela instintivamente se virou para ele e tentou passar com a cadeira de rodas por Josh e Norman, para chegar à criança. Mas Josh agarrou as alças nas costas da cadeira e Norman bloqueou o seu caminho, pois os dois homens se tinham compreendido instantaneamente, sem uma só palavra. Agora, de nada adiantaria. A mãe estava se derramando toda sobre a criança.

— Pare... — **Sam** empurrou Norm. — Tenho que vê-lo.

— Não pode **Sam!**

Falou serena, mas firmemente, e Josh não largou a cadeira, enquanto ela fazia força para adiante.

— Preciso, droga... Josh, me largue!

Estava começando a soluçar, mas o advogado da mãe de Timmie já empurrava a sua pequena cadeira de rodas para fora da sala, enquanto, angustiado, Timmie se voltava para **Samantha**, agitando os bracinhos com uma expressão desolada.

— **Sam... Sam!**

— Eu amo você! — gritou ela. — Amo você, Timmie! Está tudo bem!

E, então, ele desapareceu. Como se a última gota de forças a tivesse abandonado, ela enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar. Durante um longo momento, nenhum dos homens soube o que fazer, depois Norman se ajoelhou ao seu lado.

— Sinto tanto, **Sam...** podemos apelar.

— Não. — Mal conseguia falar, ao pegar um lenço e sacudir a cabeça para Norman. — Não. Não posso fazer isso com ele.

Ele assentiu e se levantou e fez sinal para Josh. Não havia motivo para ficarem ali. Estava tudo acabado para **Samantha** e Timmie. O menino se fora.

Capítulo 38

Durante o resto da semana **Sam** ficou na casa grande, sem sequer sair do prédio. No primeiro dia, nem saiu do quarto. Norman viera apanhar as coisas de Timmie para devolvê-las para o assistente social, que as entregaria ao menino, mas **Sam** se recusara a vê-lo. Josh estava cuidando de tudo para ela. Por duas vezes, naquela manhã, Norman batera à sua porta. Tentara até mesmo telefonar para ela. Mas ela não queria ver ninguém, exceto Timmie. Acabara de perder o último amor da sua vida.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Norman a Josh, com expressão de tristeza, e o velho sacudiu a cabeça com lágrimas nos olhos.

— Não sei. Ela é durona, mas perdeu um bocado. E agora isso... não sabe como ela o amava.

Norman balançou a cabeça, tristemente.

— Sei, sim. — Pela primeira vez na sua vida profissional, ao deixar o tribunal na noite anterior, pisara até o fundo no acelerador do seu Mercedes, e guiando de volta

para casa a 130 por hora, também chorara. — Gostaria de vê-la quando estiver pronta. E quero falar com ela sobre apelarmos. Acho que valeria a pena. Este é um caso insólito, porque o que existe contra ela é o fato de não ser casada e ser aleijada. Mas é absolutamente incrível que o tribunal decida a favor de uma prostituta e toxicômana só porque é a mãe natural, contra uma mulher como **Sam**. Quero levar este caso até a Corte Suprema.

— Direi a ela. — Josh parecia aprovar. — Quando a vir.

De repente, Norman pareceu ficar preocupado.

— Ela não faria nenhuma loucura, não é mesmo?

Josh pensou por um momento.

— Acho que não.

Não sabia que ela tentara uma vez, no hospital em Nova York. Mas, agora, não tinha idéias suicidas. Desejava estar morta, mas uma esperança leve e irracional de que, algum dia, poderia reaver Timmie a impedia de cometer alguma loucura. Contudo, ficou deitada na cama, sem se mexer, sem comer, arrastando-se apenas até o banheiro, por dois dias inteiros. Só chorava e dormia e depois chorava mais um pouco quando acordava, e no fim do segundo dia, acordou ao ouvir alguém batendo com força na sua porta. Continuou calada na cama, decidida a não responder, mas depois ouviu o ruído de vidro partido e soube que alguém acabara de entrar pela porta da frente.

— Quem é? — Estava com medo. Quem sabe, era um ladrão. Mas, ao se sentar na cama com ar de confusão e terror, as luzes do corredor se acenderam e ela viu Jeff com a sua cabeleira ruiva. Estava com o braço sangrando, parado ali, depois ficou com cara de embaraço, e como sempre, ficou vermelho como um pimentão. — O que está fazendo aqui?

— Vim ver você. Não estava agüentando mais, **Sam**. Há dois dias que não vejo uma luz aqui, e você não atendeu das outras vezes em que bati à porta... pensei que talvez... fiquei com medo... queria saber se você estava bem.

Ela sorriu para ele, agradecida pelo seu interesse, e então começou a chorar, e de repente ele a estava segurando com força nos braços. O estranho era que, quando a

abraçou, ela teve uma sensação familiar, como se ele já a tivesse abraçado antes, como se conhecesse os seus braços e peito e corpo, mas sabia que era uma idéia maluca e se afastou dele e assoou o nariz.

— Obrigada, Jeff.

Ele se sentou na beira da cama e olhou para ela. Mesmo depois de dois dias deitada ali, ainda estava linda. E, por um instante, teve ímpetos de beijá-la, e só de pensar nisso, ficou rubro de novo. Porém, enquanto enrubescia, ela começou a rir por entre as lágrimas, de repente, e ele olhou para ela, confuso.

— Do que está rindo?

— Quando está encabulado, fica parecendo um rabanete.

— Obrigado. — Abriu um sorriso. — Já fui chamado de "cenourinha", mas nunca de "rabanete". — E com um sorriso meigo: — Você está bem, **Sam**?

— Não. Mas vou ficar, acho. — Outras lágrimas lhe escorreram pelas faces. — Só espero que Timmie esteja bem.

— Josh falou que o seu advogado quer apelar, até a Corte Suprema.

— É? — Estava com ar cínico e zangado. — Tudo papo-furado. Não tenho chance de ganhar. A verdade é que não sou casada e sou aleijada. Provavelmente não estão se importando com o fato de não ter marido, mas sou uma aleijada. Isso é o bastante. Prostitutas e toxicômanas dão melhores mães do que aleijadas, não sabia?

— Dão uma ova — quase rosnou ele.

— Bem, foi o que o juiz decidiu.

— O juiz é um idiota.

Ela riu do comentário, e então se deu conta de que o hálito dele cheirava a cerveja. Franziu o cenho, enquanto olhava para o jovem ruivo.

— Está bêbedo, Jeff?

Ficou encabulado e enrubesceu de novo, mas sacudiu a cabeça.

— Só tomei duas cervejas. Geralmente é preciso mais do que isso.

— Por quê?

— Não sei. Geralmente só fico de pilequinho depois de cinco ou seis.

— Não — riu-se ela. — Eu estava querendo saber por que você tomou as duas.

Não gostava que os homens bebessem perto das crianças, e Jeff sabia, mas percebeu, pela escuridão lá fora, que passava da hora do expediente.

— É a véspera do Ano-Novo, **Sam**.

— É? — Pareceu surpresa, depois foi contando regressivamente... a audiência fora no dia 28, o veredicto no dia 29, e isso fora há dois dias. — Ah, merda. É mesmo. Vai a uma festa?

Sorriu suavemente para ele.

— Vou, lá na Barra Three. Já lhe contei que trabalhei lá?

— Não, mas você parece que trabalhou em todas as estâncias do Oeste.

— Esqueci de lhe falar dessa.

— Vai levar uma garota?

— Mary Jo.

Desta vez, ficou vermelho feito um carro de bombeiros.

— A filha de Josh?

Parecia estar achando divertido, e ele sorriu para ela.

— É.

— E o que foi que Josh falou?

— Que me daria um chute na bunda se eu a embebedasse. Mas, que diabo, ela tem quase dezenove anos. É maior.

— Eu tomaria cuidado, se fosse você. Se Josh falou que lhe daria um chute na bunda, não está brincando. — Então, o rosto dela ficou sério de novo. — Como está ele?

— Preocupado com você. — A voz de Jeff era meiga, no quarto silencioso. — Todos estamos, os que sabemos. O seu advogado esteve aqui, ontem.

— Imaginei que viria. Veio pegar as coisas de Timmie? — Jeff hesitou, depois fez que sim. — Pegou todos os presentes de Natal dele? — Recomeçou a chorar. — Quero que ele fique com tudo.

— Ficou, **Sam**.

E então, sem saber o que mais fazer por ela, tomou-a nos braços e segurou-a com firmeza, e ela encostou a cabeça no seu peito e chorou. Ele teve vontade de lhe dizer, então, que a amava, mas ficou com medo. Amara-a da primeira vez que a vira, com aquele incrível cabelo claro. Mas ela era nove anos mais velha do que ele, e não parecia se interessar pelos homens. Às vezes, perguntava-se se ela ainda seria capaz disso, mas nem estava se importando, só queria abraçá-la e dizer-lhe que a amava, algum dia. Ficaram assim por longo tempo, depois as lágrimas cessaram.

— Obrigada. — Olhou para ele por um longo tempo, afetada pela sua força e beleza juvenil. — É melhor ir indo embora, ou vai passar o Ano-Novo comigo, ao invés de com Mary Jo.

— Sabe duma coisa? — A voz dele era profunda e sensual. — Gostaria muito.

— Gostaria, é? — Os olhos dela eram gozadores, mas podia ver que os dele não eram. Mas não achava que o que estava sentindo, naquele momento, fosse o que Jeff necessitava. Não precisava de uma mulher mais velha, e aleijada ainda por cima, na sua vida. Era jovem, tinha toda a vida à sua frente, cheia de moças como Mary Jo. Mas, de repente sentiu-se tão desesperadamente só que teve vontade de se entregar a ele e, antes que fizesse tolice, achou melhor que ele fosse embora. — Muito bem, garotão, vá comemorar bem o seu Ano-Novo.

Sentou-se na cama e forçou um sorriso.

— E quanto a você, **Sam**?

— Vou tomar um banho quente, preparar alguma coisa para comer e voltar para a cama. Acho que amanhã vou ter que sair desse buraco e enfrentar o mundo.

— Que bom. Você me deixou com medo, durante certo tempo.

— Sou durona, Jeff, acho eu. O tempo faz isso com a gente.

O tempo, o sofrimento, as perdas.

— Faz? Faz você ficar bonita, também.

— Vá indo, Jeff. — Estava preocupada. — Está na hora de você ir.

— Não quero deixar você, **Sam**. Quero ficar aqui.

Mas ela sacudiu a cabeça, olhando para ele, segurou-lhe a mão, levou-a ao rosto, depois beijou-lhe as pontas dos dedos suavemente, e a soltou.

— Não pode ficar, Jeff.

— Por que não?

— Não vou deixar.

— Não acredita que as estancieiras e os vaqueiros devam se misturar?

Empertigou-se todo, como um jovem garanhão, e ela sorriu.

— Não, não é nada disso, amor. É só que a minha vida não tem mais futuro e a sua tem. Não precisa de uma coisa como esta.

— Está maluca. Sabe há quanto tempo que a quero?

Levou o dedo aos lábios dele.

— Não quero que me conte. Estamos na véspera do Ano-Novo, as pessoas dizem coisas que não devem, em noites como esta. Quero que sejamos amigos por muito tempo, Jeff. Por favor, não estrague as coisas. — E, novamente, com lágrimas nos olhos: — Preciso de você, agora. De você e de Josh e das crianças, mas especialmente de você e de Josh. Não faça nada que possa mudar isso. Eu não... agüentaria... preciso demais de vocês.

Ele a abraçou mais uma vez, beijou o alto da sua cabeça, depois ficou de pé e olhou para ela.

— Eu fico, se você quiser, **Sam**.

Ela olhou dentro dos brilhantes olhos verdes e sacudiu a cabeça.

— Não, filho, tudo bem. Vá.

Ele assentiu, lentamente, e ficou olhando para ela por um último momento, parado no vão da porta. Depois, ela ouviu o eco das botas de vaqueiro pisando no corredor, e a porta da frente se fechando.

Capítulo 39

— Sam?... Sam?

Eram seis horas da manhã do primeiro dia do ano, e ela estava vestida na cozinha, fazendo café pela primeira vez em três dias, quando escutou Josh batendo na porta. Sorriu consigo mesma. De um em um todos eles iriam derrubar a porta dela, se não saísse agora. Ainda sentia o vazio terrível da perda de Timmie, mas sabia agora que não podia se entregar. Devia mais do que isso às outras crianças. Lentamente, rodou a sua cadeira até a porta da frente e abriu-a, deparando com a luz cinzenta que precede o alvorecer e com Josh parado na varanda da frente no seu casaco pesado.

— Oi, Josh. Feliz Ano-Novo. — Ele continuou ali parado, sem dizer nada, e ela se perguntou qual seria o problema. Parecia que havia chorado. — Você está bem? — Ele sacudiu a cabeça e entrou lentamente na sala. — Venha se sentar. — Pensara que viera confortá-la, mas agora notou que ele estava com problemas. — O que foi?

Fitou-o, a própria testa franzida de preocupação, e Josh olhou para ela antes de se largar pesadamente numa cadeira e enterrar a cabeça nas mãos.

— Os garotos. Jeff e Mary Jo. Foram a uma festa ontem à noite — Parou e engoliu em seco — e tomaram um porre federal e depois voltaram para casa de carro. — Sam sentiu o coração disparar. Estava com medo de fazer a pergunta seguinte, mas ele a respondeu para ela. Ergueu os olhos com uma expressão de grande dor e ela viu duas grossas lágrimas começarem a escorrer pelo seu rosto. — Bateram numa árvore e caíram numa ravina... Mary Jo quebrou os braços e as pernas, e feriu um bocado o rosto... Jeff morreu.

Sam fechou os olhos e pegou a mão dele, pensando no rapaz que a abraçara na véspera e imaginando se, caso tivesse lhe pedido para ficar com ela, nada daquilo teria acontecido. Mas, teria sido errado para ela seduzir um garoto de 24 anos, falou consigo mesma, voltando o pensamento para a noite anterior. Errado, questionou-se. Errado? Era melhor para ele estar morto?

— Ah, Deus... — Abriu os olhos e olhou para Josh, depois estendeu os braços para ele e o abraçou. — Mary Jo vai ficar boa, Josh?

Ele fez que sim, depois soluçou nos braços de **Sam**.

— Mas eu também amava aquele garoto.

Estivera com eles durante um ano, mas parecia a metade de uma vida, e agora ela entendia as referências dos outros estancieiros, que ainda desejavam a volta dele.

— Ele tem parentes a quem devemos avisar?

— Não sei. — Assoou o nariz num lenço vermelho que tirou do bolso, depois guardou-o de novo, com um suspiro. — Acho que devemos dar uma olhada nas coisas dele. Sei que a mãe dele já morreu, porque falou nisso uma ou duas vezes, mas não sei se tem irmãos ou irmãs ou pai. Nunca falava muito da sua vida, só das crianças aqui, de você, de como estava feliz perto das crianças e dos cavalos.

Sam fechou os olhos de novo e inspirou fundo.

— É melhor darmos uma olhada nas coisas dele. Para onde foi levado?

Josh soltou um suspiro e se levantou.

— Disse para o deixarem no hospital, e que ligaríamos avisando o que deviam fazer. Se a família dele morar noutro lugar, pode querer o corpo.

— Só espero que a gente encontre alguma coisa no meio dos pertences dele que nos diga quem são. O que vamos fazer se não houver nada, Josh?

Era um novo problema para ela.

— Enterrá-lo com Bill e Dona Caro, acho, ou na cidade.

— Podemos enterrá-lo aqui.

Ele era gente dela, agora, e amara tanto a estância. Era uma loucura estar falando em enterrar o rapaz, apenas algumas horas antes ele estivera parado no vão da porta do quarto dela, e sentado na beirada da sua cama, e abraçando-a. Afastou as lembranças à força, tirou o seu casaco de um gancho baixo perto da porta da frente e saiu pela porta, rodando a sua carteira.

Josh olhou para a janela quebrada, surpreso, depois virou-se para **Sam**.

— O que aconteceu?

— Foi Jeff. Queria ter certeza de que eu estava bem, ontem à noite. Veio me ver antes de saírem.

— Tive o pressentimento que faria isso, **Sam**. Olhou para esta casa durante dois dias seguidos, e eu sabia que só conseguia pensar em você.

Sam assentiu e não falou mais nada até chegarem à cabana. Para ela, foi um trajeto difícil, porque os caminhos que levavam às cabanas dos homens não tinham o calçamento liso que havia por todo o canto para facilitar a movimentação das cadeiras de rodas. Mas Josh empurrou-a onde havia as irregularidades do terreno, e levou a cadeira de rodas para dentro da cabana confortável. Ela olhou ao seu redor para a cama por fazer e o caos moderado que o rapaz deixara e sentiu que, se olhassem com bastante atenção, o encontrariam. Quem sabe sairia de dentro do banheiro, com um largo sorriso, ou tiraria a cabeça de sob as cobertas, ou entraria pela porta, cantando uma canção... Não podia estar morto... não Jeff... não aquele moço. Josh olhou para ela com cara de dor e se sentou à pequena escrivaninha de bordo e começou a remexer nos papéis. Havia fotos e cartas de amigos, lembranças de antigos empregos, retratos de garotas, programas de rodeios e tudo, exceto o que precisavam encontrar.

Finalmente, Josh achou algo que se parecia com um pequeno porta-notas de couro, e dentro dele havia um cartão com o seu número da previdência social, alguns papéis de seguros, dois bilhetes de loteria e um pedaço de papel. Neste, estava escrito: "Se eu me machucar, por favor entrem em contato com o meu pai: **Tate Jordan**, Estância Grady", e havia um número de caixa-postal em Montana.

Quando Josh olhou para aquilo, ficou de queixo caído, e de repente se lembrou... a Estância Bar Three... por que não pensara em perguntar? Claro, o garoto de **Tate** trabalhara ali. Olhou para **Sam**, incrédulo, e ela franziu a testa.

— O que foi?

Não havia nada que lhe pudesse dizer, agora. Apenas lhe entregou o pedaço de papel e foi tomar ar, lá fora.

Capítulo 40

Sam ficou olhando para o pedaço de papel por quase meia hora, tentando decidir o que fazer e sentindo o coração bater forte dentro do peito, enquanto pensava. Quase tinha feito amor com o filho de **Tate** na véspera... que ironia louca do destino. E agora, porque não fizera, ele estava morto e ela tinha que avisar a seu pai. Mas sabia que, mesmo que tivessem feito amor, ele poderia ter ido beber e morreria do mesmo jeito. Não importa o que tivesse acontecido, não havia como mudar o destino. E, agora, era obrigada a enfrentar o problema do que dizer a **Tate** Jordan, e como. Era irônico que, depois de todas as suas buscas, das perguntas e telefonemas, lá estava ele, finalmente, o endereço procurado, na palma da sua mão. Enfiou o pedaço de papel no bolso do casaco e rodou a cadeira para fora.

Josh estava à sua espera, apoiado contra uma árvore, enquanto o sol nascia lentamente no céu matutino.

— O que vai fazer, **Sam**? Vai ligar para ele?

Conhecia a verdade, agora, e estava realmente torcendo para que ela o fizesse.

Ela balançou a cabeça, gravemente.

— Temos que ligar. É uma obrigação.

— Você vai ligar?

— Não, ligue você. É o capataz.

— Está com medo?

— Não, se fosse outra pessoa qualquer eu o faria, Josh. Mas não quero falar com ele, não agora.

Fazia quase exatamente três anos que ele fugira.

— Quem sabe você devia.

— Quem sabe. — Olhou para ele, com tristeza. — Mas não vou.

— Tudo bem.

Mas, quando Josh telefonou, disseram-lhe que **Tate** se encontrava em Wyoming por uma semana, num leilão de gado, com outros vaqueiros. Ninguém parecia saber

onde estavam hospedados ou como se comunicar com eles, o que significava que Jeff teria que ser enterrado, ou na estância ou na cidade. Não podiam esperar uma semana.

O enterro foi simples e doloroso para todos. Mas era parte da natureza, parte da vida, **Sam** disse às crianças, e Jeff tinha sido amigo deles, portanto era lógico que o enterrassem todos juntos. O pastor local falou um pouco, junto ao caixão, e naquele dia os homens o sepultaram ao lado de Caro e Bill, e as crianças cavalgaram pelas colinas, cada uma levando um ramo de flores, que deixaram sobre a cova fresca. E depois todos ficaram ao redor da sepultura, cantando as suas canções favoritas. Parecia um modo adequado de enterrar alguém que fora um deles, e amigo de muitos. E quando eles fizeram os cavalos voltarem para a estância, a meio galope cruzando as colinas, com o sol se pondo à sua direita e os cascos dos cavalos batendo mansamente no solo, o ar fresco à sua volta, **Samantha** os fitou e pensou que jamais vira algo tão lindo na vida. Por um momento, sentiu que Jeff estava cavalgando ao lado deles, e numa homenagem silenciosa ao amigo perdido, os vaqueiros conduziram o cavalo de Jeff, sem cavaleiro, com sua vistosa sela graúda. Por algum motivo, aquilo lhe trouxe lembranças de Timmie, e sentiu as lágrimas lhe assomarem aos olhos, novamente.

Enquanto escrevia para **Tate** naquela noite, na casa grande, aquilo lhe ajudou a estender a mão para ele, independente do que tinha havido entre os dois, e não havia mais. Também ela perdera um filho, agora, embora ele tivesse sido seu de modo diferente do que Jeff era de **Tate**, mas mesmo assim conhecia a agonia da perda, e sentia-a de novo ainda mais profundamente, ao escrever para o homem que buscara em vão durante tanto tempo. Pegou-se desejando saber o que Jeff tinha dito para ele. A única coisa que não queria era que ele soubesse do que tinha acontecido com ela. Mas, resolveu torcer um pouco a verdade e rezar para que Jeff não tivesse dito nada.

"Três anos não parece ser muito tempo" — escreveu, sentada à mesa da cozinha, depois do parágrafo inicial em que lhe dava a notícia da maneira mais simples possível. "Mas tanta coisa mudou por aqui. Tanto Caroline quanto Bill já morreram, e jazem ao lado do local em que enterramos Jeff hoje, nas colinas, perto da cabana deles. E as crianças que moram na estância comigo cavalgaram levando flores para deitar sobre o túmulo de Jeff, enquanto os homens conduziam o seu cavalo, ao pôr-do-sol. Foi um momento difícil, um dia belo, uma perda triste para todos nós. As crianças cantaram as canções preferidas dele, e de certa forma, enquanto voltávamos, tive a sensação de que Jeff estava perto da gente. Espero, **Tate**, que você sempre o sinta perto de você. Era um rapaz maravilhoso e um amigo querido de todos nós, e o desperdício

de uma vida tão jovem é fonte de incredulidade e tristeza e dor incomensurável. Porém, não posso deixar de sentir que ele realizou mais na sua curta vida do que a maioria de nós com muitos anos a mais, que não aproveitamos tão bem.

"Não sei se você sabia, mas Caroline deixou a estância, depois da sua morte, com um propósito específico. Desejava que fosse transformada num lugar destinado a crianças com deficiências físicas, e Josh e eu trabalhamos durante meses para aprontar tudo. Foi pouco antes de abrirmos as nossas portas a essas crianças especiais que Jeff se reuniu a nós, e tinha um dom para esse tipo de trabalho que era de emocionar. Fazia coisas que levariam horas para relatar, mas que o fariam sentir orgulho dele, e vou procurar nas muitas fotos que tiramos no começo se há alguma de Jeff, que lhe enviarei. Assim, você terá uma idéia mais nítida do que ele fazia aqui. A estância está muito diferente da que você conheceu.

"Sem dúvida, nenhum de nós tinha idéia de que fosse esta a intenção de Caroline para a estância, mas ela serviu para uma causa digna, assim como o seu filho. Sofro com você a sua dor, desejo-lhe tudo de bom, e vamos enviar-lhe os pertences dele para evitar que você faça essa viagem dolorosa. Se houver alguma coisa que pudermos fazer aqui, com relação a isso, não hesite em se comunicar conosco, por favor. Josh está sempre aqui e tenho certeza de que o ajudará com prazer." Assinou a carta "Cordialmente, **Samantha** Taylor."

Não havia sinal, na carta, do que havia acontecido entre eles, e no dia seguinte ao enterro **Sam** mandou Josh e os rapazes arrumarem os pertences de Jeff e os mandarem por via aérea para **Tate**. Naquela noite ela examinou álbuns de fotografias da estância, como prometera, e retirou com cuidado todas as fotos de Jeff, procurou os negativos correspondentes e no dia seguinte levou a pilha toda à cidade. Quando as fotos voltaram, dali a uma semana, examinou-as cuidadosamente de novo, para ter certeza de que não havia nenhuma dela, e não havia, depois enfiou-as todas num envelope, sem acrescentar mais nada, e mandou-as para **Tate** pelo correio. Para **Sam**, aquilo encerrava o capítulo **Tate** Jordan. Encontrara-o, finalmente. Tivera a chance de dizer-lhe que ainda o amava, até mesmo de pedir-lhe que viesse Porém, do mesmo modo que mandara Jeff embora naquela noite fatídica, porque sabia que seria egoísta da sua parte se entregar, e errado para o rapaz, agora ela se afastou de novo, pelos *seus* próprios motivos, e se deu os parabéns, mais tarde, pelo que havia feito. Não tinha mais lugar na vida de **Tate**, não do jeito que estava. Deitada na cama, à noite, perguntou-se se teria pedido a presença de **Tate**, agora, se não fosse aleijada. Não

havia jeito de saber, é claro, porque, se não fosse aleijada, não teria a estância, não teria conhecido Jeff, não teria... Acabou pegando no sono e foi acordada pelo telefone, na manhã seguinte.

— Sam?

Era Norman Warren e parecia entusiasmado, do outro lado da linha.

— Oi. — Ainda estava semi-adormecida. — O que houve?

Então, deu-se conta de que ele provavelmente ainda queria discutir o recurso. Com o enterro de Jeff e a carta difícil que fora obrigada a escrever para Tate, não entrara em contato novamente com ele, depois da última conversa que tiveram, mas resolvera, definitivamente, que não pretendia fazer Timmie passar por aquela provação. Conversara com o assistente social duas vezes, ele lhe dissera que Timmie estava tendo muita dificuldade em se readaptar e que queria voltar para ela, mas que não havia nada que se pudesse fazer, e que ele dissera isso a Timmie, da última vez em que dera uma passada na casa deles. Ela perguntou se a mãe o estava tratando decentemente, desta vez, mas o assistente social foi vago e falou que imaginava que sim.

— Sam, quero que você venha a Los Angeles.

— Não quero discutir o assunto, Normam. — Sentou-se na cama, franzindo o cenho com ar triste. — Não há por quê. Não vou apelar.

— Compreendo. Mas há outros assuntos que vamos ter que resolver.

— Tais como? — Parecia desconfiada.

— Você deixou de assinar alguns papéis.

— Mande-os para mim.

— Não posso.

— Então, traga-os para mim. — Estava aborrecida. Estava cansada, e era muito cedo. Deu-se conta, então, piscando os olhos, que era domingo. — Que história é essa de me ligar num domingo, Norman?

— Não tive tempo de tratar disso na semana passada. Olhe, sei que é uma

imposição, **Sam**, e que também está ocupada, mas quer me fazer um favor? Quer vir até cá hoje?

— Num domingo? Para quê?

— Por favor. Faça isso por mim. Ficaria *muito* agradecido.

— Aconteceu alguma coisa com Timmie? Está machucado? Ela o espancou de novo? — perguntou, entrando em pânico.

Sam sentiu o coração disparar, mas ele logo a tranqüilizou.

— Não, nada disso. Tenho certeza de que está bem. É só que eu gostaria de encerrar tudo isso de uma vez por todas.

— Norman — suspirou, olhando para o relógio. Eram sete da manhã. — Pessoalmente, acho que você é um demente. Mas, você me ajudou muito, e se esforçou, portanto vou lhe fazer um favor, só por esta vez. Não está sabendo que é uma longa viagem para a gente?

— Vai trazer Josh?

— Provavelmente. Onde vamos encontrá-lo? No seu escritório? E exatamente o que vou ter que assinar?

— Só uns papéis dizendo que não quer entrar com um recurso.

O que será que ele estava tramando?

— Que diabo, por que não os manda pelo correio?

— Sou pão-duro demais para gastar dinheiro com o selo.

Ela achou graça.

— Você é maluco.

— Eu sei. A que horas você vai chegar?

— Não sei. — Bocejou. — Que tal depois do almoço?

— Por que não acabar logo com a coisa?

— Quer que eu vá de camisola, Norman?

— Seria ótimo. Digamos, às onze?

— Ah, que merda — suspirou ela. — Está bem. Mas é melhor que não leve muito tempo. Tenho muitas coisas para fazer por aqui.

— Tudo bem.

Ligou para Josh, que ficou tão aborrecido quanto ela.

— Que diabo, por que não pode mandar os troços pelo correio?

— Não sei. Mas, já que vamos ter que ir, é melhor que seja logo no domingo. Não vou ter tempo durante a semana. Vou estar ocupada demais com as crianças.

Estava esperando 11 crianças novas, de diferentes estados.

— Está certo. Quer partir dentro de meia hora?

— Dentro de uma hora.

Uma hora depois, ela estava se impulsionando para dentro do carro, de *jeans* e suéter vermelha, fita vermelha no cabelo e as suas botas de vaqueiro vermelhas favoritas.

— Está parecendo um cartão do Dia dos Namorados, **Sam**.

— Estou me sentindo mais como se fosse o Dia das Bruxas. Não sei por que cargas-d'água temos que ir para Los Angeles num domingo de manhã.

Ao chegar à casa de Normam, ele parecia terrivelmente agitado e excitado e insistiu que tinham que ir para o tribunal, porque não estava com todos os papéis necessários ali, afinal de contas.

— Num domingo? Norman, você andou bebendo?

Ela não estava achando graça nenhuma.

— Confie em mim, pelo amor de Deus.

— Se não confiasse, não teria vindo.

Josh olhou para ele com desconfiança, e guiou o carro até o tribunal, no lado oposto da cidade. Porém, ao chegarem lá, Norman pareceu saber o que estava fazendo, de repente. Mostrou um passe para o guarda no térreo, o guarda meneou a cabeça e deixou que entrassem.

— Sétimo andar — Falou ao ascensorista de serviço, e quando saltaram do elevador no sétimo andar, viraram para a esquerda e depois para a direita e depois para a esquerda de novo, até chegarem a uma sala fortemente iluminada com uma inspetora de uniforme sentada a uma mesa e um policial conversando com ela, e de repente **Sam** soltou uma exclamação abafada e um gritinho e correu para ele. Era Timmie, sentado na sua cadeira de rodas, com o seu ursinho, novamente imundo, mas com um terno novo e um largo sorriso.

Ele a abraçou com força por um longo tempo e ela o sentiu tremer nos seus braços, e ele estava calado e só o que ela dizia era:

— Eu o amo, Timmie... eu o amo, querido... está tudo bem... — Não sabia por quanto tempo poderia vê-lo, se seria por um minuto ou uma hora ou um dia, mas não se importava, dar-lhe-ia tudo o que tinha pelo tempo que pudesse, pelo tempo que lhe permitissem. — Está tudo bem...

— A minha mãe morreu.

Fitou **Sam** e disse as palavras como se não entendesse o seu significado. Então, **Sam** notou as profundas olheiras do menino e mais uma equimose no seu pescoço.

— O que aconteceu? — Estava horrorizada, tanto pelo que vira quanto pelo que ele acabara de dizer. — O que quer dizer com isso?

Mas Norman se aproximou e tomou **Sam** pelo braço, gentilmente.

— Ela morreu de dose excessiva de drogas, **Sam**, há dois dias. A polícia achou Timmie sozinho em casa, ontem à noite.

— Ela estava lá?

Tinha os olhos arregalados, enquanto segurava a mão de Timmie.

— Não, estava noutra parte. Timmie se encontrava sozinho no apartamento. — Inspirou fundo e sorriu para a mulher que se tornara sua amiga. — A polícia ligou

para o juiz ontem à noite, pois não tinha certeza se devia entregá-lo ao Juizado de Menores, e ele ligou para mim. Falou que nos encontraria aqui, com os papéis de Timmie. **Sam**, vai acabar logo tudo.

Os olhos de Norman estavam marejados de lágrimas.

— Agora? — Norman fez que sim. — Ele pode fazer isso?

— Sim, pode reverter a sua decisão, baseado no que acaba de ocorrer. Timmie não vai ter que passar por todo o processo de ficar sob a tutela do tribunal, interinamente. Ele é seu. **Sam**! — Virou-se e olhou para o garotinho na cadeira de rodas, agarrado à mão de **Samantha**. — Você ganhou o seu filho.

Fazia duas semanas que **Sam** o vira sair do tribunal, gritando, e agora era dela. Estendeu os braços e sentou-o sobre os joelhos e o abraçou, soluçando abertamente e rindo e beijando-o e alisando o seu cabelo, e aos poucos ele começou a entender e abraçou-a e beijou-a, e, num momento sereno, tocou-lhe o rosto com a mãozinha suja e falou:

— Amo você, mamãe.

Eram palavras que **Samantha** ansiara por ouvir durante toda a vida.

O juiz chegou meia hora depois, com a pasta que apanhara no seu escritório pelo caminho, assinou vários papéis, mandou que **Sam** os assinasse e a inspetora servisse de testemunha; Josh chorou, Norm chorou, ela chorou, o juiz sorriu, e Timmie acenou com o ursinho para o juiz com um largo sorriso, enquanto entravam no elevador.

— Até logo! — Berrou, e quando as portas se fecharam, o juiz também estava rindo e chorando.

Capítulo 41

— E depois vou montar Daisy... e brincar com o meu trem e meu carro de bombeiros e...

— Tomar um banho — **Sam** completou por ele com um sorriso, durante a viagem de volta. Meu Deus, que presente tinha acabado de receber. Ria quase histericamente, de tão feliz que estava, e pela primeira vez, desde o acidente que matara Jeff e quebrara os braços e pernas de Mary Jo, **Sam** via Josh rir. Já tinham

contado a Timmie sobre Jeff, quando o garoto perguntara por ele, e ele chorara por um minuto, depois balançara a cabeça.

— Igual à minha mãe...

Mas não falou mais nada sobre ela, e **Sam** não quis insistir. Sabia, pelo pouco que Norm lhe contara, que fora uma dureza. Mas, agora, aquela parte da vida de Timmie estava encerrada e o que quer que ele recordasse, nos anos seguintes, seria compensado pelo amor que ela lhe dedicaria no futuro.

Falou-lhe das novas crianças que iam chegar e do jardim que iam plantar na primavera, depois olhou para ele com um largo sorriso.

— E adivinhe o que você vai fazer daqui a algumas semanas.

— O quê?

Parecia entusiasmado, a despeito das fundas olheiras.

— Vai para a escola.

— Por quê? — Não parecia nada satisfeito com a idéia.

— Acabo de decidir.

— Mas eu não ia, antes.

Era um choramingo, como o de qualquer outra criança, e ela e Josh trocaram um sorriso.

— Isso é porque antes você era especial, agora é comum.

— Não posso ser especial de novo?

Olhou para ela, esperançoso, e **Sam** riu e envolveu-o com o braço. Estavam os três sentados no banco da frente da perua, com Timmie no meio.

— Sempre será especial, coração. Mas agora podemos viver uma vida comum. Não temos que nos preocupar se você vai embora, se vão levar você, ou coisa assim. Pode ir para a escola junto com o resto das outras crianças.

— Mas quero ficar em casa com você.

— Pode, por algum tempo, depois tem que ir para a escola. Não quer ficar sabido feito Josh e eu?

Estava dando risada, de novo, e logo Timmie começou a rir, também, e gemeu ante o que ela acabara de dizer.

— Você não é sabida... é só a minha mãe, agora!

— Muito obrigada!

Mas, era evidente que o caso de amor entre eles estava longe de ter acabado. À tarde, fizeram biscoitos e visitaram o resto das crianças, e ela leu uma história para Timmie antes de dormir. O menino estava instalado no quarto contíguo ao dela, e antes mesmo de **Sam** terminar a história, roncava baixinho. Ela ficou parada ali durante um longo tempo, vendo-o dormir, tocando o seu cabelo e agradecendo a Deus por tê-lo trazido de volta para ela.

Foi só dali a duas semanas, quando ele finalmente começara a freqüentar a escola e as novas crianças tinham sido admitidas e estavam começando a se acomodar, que **Sam** conseguiu passar quase um dia inteiro no seu gabinete de trabalho. Tinha lido três pilhas de cartas, a maioria de médicos, algumas delas do Leste, o que era novidade para ela. Até então, só tinham recebido recomendações de cidades no Oeste.

Foi então, quando estava largando a última carta, que o viu. Lançara um olhar pela janela, e lá estava ele, como sempre estivera, alto e lindo, os cabelos negros e os ombros largos e o rosto bem delineado e o chapéu de vaqueiro e as botas... só que havia mais fios grisalhos nas têmporas, o que o deixava mais atraente, e ela perdeu a respiração ao vê-lo parar para falar com algumas das crianças. Observando-o, lembrou-se de como bancara bem o Papai Noel. Mas, de repente, ela se afastou da janela, baixou a persiana e chamou a sua secretária. O rosto dela estava ruborizado e se sentiu terrivelmente nervosa, e correu os olhos pela sala como se estivesse querendo se esconder.

— Traga Josh! — foi só o que lhe disse. Dali a cinco minutos, ele estava na sala. A essa altura, pelo menos externamente, ela recobrou a serenidade. — Josh, acabo de ver **Tate** Jordan.

— Onde? — Parecia espantado. — Tem certeza?

Que diabo, fazia três anos, ele devia estar mudado, quem sabe ela sonhara.

— Tenho. Estava lá no pátio, falando com algumas das crianças. Quero que vá atrás dele, descubra o que quer, e livre-se dele. Se quiser me ver, diga que não estou aqui.

— Acha que é justo? — Josh olhou para ela, com ar de reprovação. — O filho dele morreu aqui na estância, **Sam**. Ainda não faz cinco semanas, e está enterrado lá. — Fez um gesto na direção das colinas. — Será que não lhe devemos algum tempo aqui?

Sam fechou os olhos por um instante, depois abriu-os para fitar o velho amigo.

— Está bem, tem razão. Mostre-lhe o túmulo de Jeff e depois, por favor, Josh, leve-o daqui. Não há nada para se ver. Mandamos todas as coisas de Jeff para ele. Não há motivo para estar aqui.

— Talvez queira ver você, **Sam**.

— Não quero vê-lo. — Então, ao perceber a expressão dos olhos de Josh, ficou zangada e virou a cadeira de rodas bem de frente para ele. — E não me venha falar no que é justo, porra. Não foi justo me abandonar há três anos. Aquilo não foi justo. Agora, não devo a ele porra nenhuma.

Josh parou à porta por um momento, com um ar pesaroso no rosto.

— Deve é a si mesma, **Sam**.

Queria mandá-lo à merda, mas não o fez. Ficou sentada no seu escritório, esperando, nem mesmo sabia pelo que, mas ficou ali sentada, pensando. Queria que ele fosse embora da estância, que fosse embora de vez, que a deixasse em paz. Era a sua vida, agora, não tinha o direito de vir atormentá-la. Exceto que ela sabia que havia alguma verdade no que Josh dissera. Ele tinha o direito de ver onde o filho estava enterrado.

Josh voltou dali a meia hora.

— Emprestei-lhe Sundance para ir ver o garoto.

— Ótimo. Já saiu da cocheira? — Josh fez que sim. — Então, eu vou para casa.

Quando Timmie chegar, diga-lhe que estou lá.

Porém, quando ele voltou, tinha uma aula de equitação com alguns dos amigos, e ela ficou sozinha em casa, perguntando-se se **Tate** já teria ido embora. Era tão estranho saber que estava tão próximo, que se ela quisesse poderia ter ido lá para fora e tocado nele, visto o homem, falado com ele, e nem ao menos tinha certeza do que tinha medo. Dos seus próprios sentimentos? Do que ele poderia dizer? Quem sabe não sentiria coisa alguma se tivesse chance de passar algum tempo com ele, quem sabe o que deixara a ferida aberta por tanto tempo fora o fato de que ele partira sem uma explicação de verdade, e sem que ela tivesse uma chance de lutar. Fora como uma morte súbita, sem represália, e agora, três anos mais tarde, ele estava de volta e não havia mas nada para ser dito. Ou, pelo menos, nada que valesse a pena dizer, nada que ela se permitisse dizer.

Estava quase escuro quando Josh bateu à porta da frente, e **Sam** abriu, cautelosamente.

— Ele já foi, **Sam**.

— Obrigada.

Entreolharam-se por um longo momento, depois ele meneou a cabeça.

— Ele é um bom homem, **Sam**. Conversamos um bocado de tempo. Está arrasado, por causa do filho. Falou que passaria no hospital para ver Mary Jo, hoje à noite, e lhe dizer que sente muito. **Sam**...

Os olhos dele a questionavam e ela sacudiu a cabeça. Sabia o que ia dizer, mas ergueu a mão, instintivamente.

— Não. — E, baixinho: — Ele está sabendo... de mim? Falou alguma coisa?

Josh sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Não disse nada. Perguntou onde você estava e eu falei que tinha ido passar o dia fora. Acho que compreendeu, **Sam**. A gente não abandona uma mulher, simplesmente, e volta dali a três anos. Disse para eu lhe agradecer. Ficou muito emocionado de ver onde enterramos Jeff. Falou que queria deixá-lo ali mesmo. Sabe — Soltou um suspiro e olhou para as colinas — Falamos de muitas coisas... da vida, das pessoas... Caroline e Bill King... A vida muda um bocado, em poucos anos,

não é mesmo? — Josh parecia triste, mexera com ele ver o velho amigo. **Sam** não perguntou, mas ele próprio foi contando o resto do que sabia. — Quando saiu daqui, foi para Montana. Trabalhou numa estância. Guardou dinheiro, pediu um empréstimo, comprou uma terrinha e virou estancieiro. Gozei com a cara dele. **Tate** falou que fizera aquilo a fim de deixar alguma coisa para o garoto. Estava indo muito bem, e agora Jeff morreu. Disse que vendeu a estância na semana passada.

— O que ele vai fazer, agora?

Sam ficou nervosa, de repente. E se ele ficasse por ali por perto, ou arranjasse um emprego na Bar Three?

— Vai voltar para lá amanhã — Josh vira o medo nos olhos dela. Depois, falou: — Vou estar com ele hoje à noite, **Sam**, se você mudar de idéia.

— Não vou.

Timmie voltou para casa, naquele momento, e ela agradeceu a Josh de novo e foi preparar o jantar dele. Não estava com vontade de comer no salão de refeições, e Timmie passara o dia todo com as outras crianças. Mas ficou nervosa e agitada a noite toda, e depois que foi se deitar, só conseguia pensar em **Tate**. Será que estava errada? Será que devia vê-lo? Mas, o que importava? Era tarde demais, agora, e sabia disso, mas, de repente, pela primeira vez desde o regresso, teve vontade de visitar os velhos lugares deles, só para revê-los... a cabana em que ele morara, por trás do pomar, as colinas que cavalgaram juntos, a cabana secreta. Desde que retornara à estância, e já fazia um ano, nunca mais voltara para a cabana ou o laguinho, até que enterraram Jeff ali perto. Mas, de onde ficavam os túmulos não se enxergava a cabana. Há meses que vinha se prometendo que um dia iria até lá, nem que fosse só para pegar as coisas de Caroline. O que devia mesmo era desfazer a cabana, mas não tinha coragem para isso, ou sequer para vê-la. Só no que pensaria ali seria em **Tate... Tate... Tate...** o nome dele ecoou nos seus ouvidos a noite toda.

Pela manhã, estava exausta e abalada, e Timmie lhe perguntou se estava doente, quando foram tomar café no salão de refeições. Ficou aliviada quando ele partiu para a escola, junto com os outros, e pôde ficar sozinha. Rodou a sua cadeira devagarinho até a baia de Black Beauty. Ocasionalmente, montava o garanhão, mas há muito tempo que não o fazia, e ainda o conservava mais por motivos sentimentais do que outra coisa qualquer. Era temperamental demais para que a maioria dos outros o

montasse, os vaqueiros não gostavam muito dele, não fazia o gênero de Josh, e quando estava dando aulas ou levando as crianças, precisava de um cavalo mais tranqüilo, como Pretty Girl. Mas, lá uma vez ou outra, quando ficava sozinha, ainda o montava. Era um animal sensível, e agora parecia se ajeitar para acomodá-la. Mesmo depois de Gray Devil, no Colorado, não sentia medo dele.

E agora, olhando para ele, soube o que precisava fazer. Pediu a um dos homens para selá-lo, e dali a alguns minutos, ele a alçou para a sela. **Sam** saiu com um imenso animal para o pátio, e se virou para as colinas com uma expressão pensativa. Talvez esta fosse a hora em que finalmente tivesse que enfrentar a realidade, em que tivesse que voltar e vê-la e saber que não poderia mais mexer com ela, porque nada daquilo mais lhe pertencia. **Tate** Jordan amara uma mulher que não era há anos, e jamais voltaria a ser. E quando começou a andar a meio galope pelas colinas, conscientizou-se disso e olhou para o céu e se perguntou se jamais amaria outro homem de novo. Quem sabe, se enfrentasse a coisa de uma vez por todas, e deixasse a sua lembrança partir, poderia se permitir gostar de outra pessoa, quem sabe alguém na estância, ou um médico que conhecesse através das crianças, ou Norman, ou... Mas, como todos eles pareciam apagados, em comparação com **Tate**! Ao se lembrar dele no pátio, no dia anterior, sorriu suavemente, depois, pedaço por pedaço, recordou os dias que tinham partilhado, as vezes em que tinham cavalgado por essas colinas, os dias em que tinham trabalhado lado a lado, o respeito que tinham um pelo outro, as noites que tinha passado nos braços dele... E então, quando todo o impacto do que sentira por ele começou a atingi-la, venceu a última colina, rodeou as árvores e então os viu, o laguinho e a cabana onde estivera com ele. Não queria chegar mais perto. Era como se, para ela, fossem assombrados. Pertenciam a outra vida, a gente diferente, mas ela os viu e os saudou, depois girou lentamente o vigoroso garanhão e se dirigiu a meio galope para o outeiro onde Jeff jazia. Ficou parada ali por um longo momento, sorrindo para as pessoas que deixara ali, um homem e uma mulher e um rapaz, todos eles pessoas de quem muito gostara. Porém, de repente, sentiu Black Beauty dar um passo para o lado e corcovear ligeiramente, o garanhão relinchou e ela virou o rosto e o viu, ereto e altivo na sela, como sempre, **Tate** Jordan, montado num novo *appaloosa* que ela acabara de comprar. Viera despedir-se pela última vez do filho. Durante um longo momento nada disse para ela, e havia lágrimas nas suas faces, também, mas os seus olhos fitavam os dela, penetrantes, e ela sentiu que a respiração lhe faltava ao olhar para ele, sem saber ao certo se devia dizer alguma coisa ou simplesmente se afastar. Black Beauty se agitava graciosamente, e ela puxou as rédeas e cumprimentou

Tate.

— Alô, **Tate**.

— Queria vê-la ontem, para lhe agradecer.

Havia algo de infinitamente meigo no rosto dele. Meigo, mas tão vigoroso. Teria sido assustador, se não tivesse um ar tão bondoso. Mas o seu corpo era tão grande, os ombros tão largos, os olhos tão profundos. Parecia capaz de erguer **Samantha** e o seu garanhão e pousá-los suavemente noutro lugar qualquer.

— Não precisa me agradecer. Nós o amávamos.

Os olhos dela eram como veludo azul, fitando os dele.

— Era um bom menino. — Sacudiu a cabeça. — Fez uma besteira e tanto. Vi Mary Jo, ontem à noite. — Sorriu. — Puxa, mas como ela cresceu.

Sam riu, suavemente.

— Faz três anos.

Ele assentiu, depois olhou para ela, indagadoramente, e deixou que o *appaloosa* se aproximasse.

— **Sam**? — Era a primeira vez que dizia o seu nome, e ela tentou não sentir coisa alguma. — Quer cavalgar comigo, por alguns minutos?

Sabia que ele queria ver a cabana, mas não conseguia suportar a idéia de voltar para lá com ele. Tinha que lutar com todas as suas forças para ficar a distância, para não estender a mão e tocar este gigante gentil que estava parado à sua frente, do outro lado de um abismo de três anos. Porém, cada vez que queria lhe dizer alguma coisa, chamar o seu nome, dirigir-se a ele enquanto ainda tinha chance, olhava para as próprias pernas, fortemente amarradas à sela, e sabia o que tinha que fazer. Além disso, ele a abandonara fazia três anos, pelos seus próprios motivos. Era melhor deixar as coisas como estavam.

— Tenho que voltar, **Tate**. Tenho muito o que fazer.

Também não queria lhe dar tempo de descobrir por que as pernas dela estavam amarradas. Mas ele parecia não ter notado. Estava concentrado demais no rosto dela.

— Você construiu um lugar e tanto. Por que fez isso?

— Disse-lhe na minha carta, estava no testamento de Caroline.

— Mas, por que você?

Quer dizer que ele não sabia. Ela sentiu uma onda de alívio.

— Por que não?

— Não voltou para Nova York? — Aquilo pareceu chocá-lo. Pensei que voltaria.

Foi? Foi por isso que partiu, Tate? Para que eu voltasse para onde você achava que era o meu lugar?

— Voltei. Por algum tempo. — Solto um leve suspiro, na manhãzinha. — Voltei para cá depois que ela morreu. — Olhou para as colinas enquanto falava. — Ainda sinto falta dela.

Ele falou baixinho, ao lado dela.

— Eu também. — E, depois: — Podemos cavalgar? Só por uns minutos. Não vou voltar para cá durante muito tempo. — Olhou para ela, quase súplice, e **Sam** concordou, sentindo o coração doer dentro do peito. Deixou que **Tate** fosse na frente. Quando dobraram o outeiro pararam ao chegar junto do laguinho. — Quer descer por um minuto, **Sam**?

— Não — Disse, sacudindo a cabeça com firmeza.

— Não estou me referindo a entrar na cabana. Não faria isso. — Depois, olhou para ela, indagadoramente: — As coisas deles ainda estão lá?

— Nem as toquei.

Ele assentiu.

— Queria conversar com você um minuto, **Sam**. — Mas, desta vez, ela sacudiu a cabeça. — Há muita coisa que eu nunca disse.

Os olhos dele suplicavam, mas os dela eram gentis.

— Não precisa dizer, **Tate**. Faz muito tempo. Não importa mais.

— Talvez não para você, **Sam**. Mas importa para mim. Não vou chateá-la com um longo discurso. Só quero que saiba de uma coisa. Eu estava errado.

Sam olhou para ele, repentinamente espantada.

— O que quer dizer com isso?

— Ao deixar você. — Solto um leve suspiro. — O gozado é que até tive uma discussão com Jeff por causa disso. Bem, não sobre você, mas sobre fugir da estância. Ele falou que em toda a minha vida fugi das coisas importantes, das coisas que tinham significado. Falou que eu podia ter sido capataz, ou dono de estância, se quisesse. Ele e eu perambulamos durante uns seis meses, depois brigamos feio. Fui para Montana, então, e comprei a estanciazinha. — Sorriu. — Foi um bom investimento, e graças a um empréstimo. Fiz isso para mostrar a Jeff que ele estava errado, e agora — deu de ombros — não tem mais importância. Exceto pelo que aprendi. Aprendi que não tem a mínima importância se você é estancieira ou vaqueiro ou homem ou mulher, se você vive direito e ama muito e faz o bem, é só o que importa. Aqueles dois — Fez um gesto de cabeça na direção da cabana — Olhe só para eles, acabaram enterrados juntos, lado a lado, porque se amavam, e ninguém está ligando para o fato de terem sido casados ou não, ou para o fato de Bill King ter mantido em segredo a vida toda que a amava. Que desperdício de tempo!

Parecia irritado consigo mesmo, e ela lhe sorriu e estendeu a mão.

— Tudo bem, **Tate**. — Estava com os olhos úmidos, mas ainda sorria, e ele levou a mão dela aos lábios. — Obrigada pelo que acabou de dizer.

— Deve ter sido tremendamente duro para você quando fui embora, **Sam**, e peço desculpas. Ainda ficou por aqui muito tempo?

— Procurei você em tudo que foi canto por uns dois meses, depois Caroline praticamente me expulsou daqui.

— Fez bem. Eu não valia o esforço. — Depois, sorriu: — Então.

Ela riu da correção.

— Quer dizer que agora vale?

— Talvez não. Mas, agora, também sou estancieiro. — Desta vez, ambos riram, e

como ela se sentia à vontade conversando com ele! Era quase, mas não exatamente, como nos velhos tempos, logo que o conhecera, depois que começaram a fazer amizade. — Lembra da primeira vez em que estivemos aqui?

Ela fez que sim, sabendo que estavam pisando em terreno delicado, e que já tinham ido longe demais.

— Lembro, mas isso faz muito tempo, **Tate**.

— E agora você é uma velha.

Olhou para ele, de modo estranho.

— É, sou.

Ele a fitou.

— Pensei que ia se casar de novo.

Os olhos dela endureceram, por um momento.

— Estava errado.

— Por quê? Magoei você tanto assim? — Parecia triste por ela, mas **Sam** apenas sacudiu a cabeça e não deu resposta, e ele lhe estendeu a mão, de novo. — Vamos andar um pouco **Sam**.

— Desculpe, **Tate**, agora não posso. Tenho que voltar.

— Por quê?

— Porque tenho.

— Por que não me deixa dizer o que estou sentindo?

Seus olhos eram muito verdes e muito profundos.

— Porque é tarde demais.

Falou baixinho, e ao ouvir as suas palavras, ele olhou casualmente para a sela da moça, com ar de desespero. Ao fazê-lo, franziu o cenho e já ia lhe fazer uma pergunta, mas ela aproveitou a oportunidade para começar a se afastar.

— **Sam...** espere... — Então, vendo-a afastar-se, ele soube de repente a resposta, a peça que estava faltando no quebra-cabeça nos dois últimos dias, por que ela o fizera, por que voltara e não se casara outra vez, por que era tarde demais... — **Sam!** — Mas ela não quis escutar. Era como se pressentisse alguma coisa de diferente no tom de voz dele, e batendo com as rédeas no pescoço de Black Beauty, instou-o a andar mais depressa, e ele teve a certeza, ao observá-lo de novo por um longo momento. Os calcanhares tão firmes nos estribos, antigamente, que apertavam os flancos do garanhão, três anos antes, pendiam sem vida, os dedos dos pés apontados para baixo. Jamais ela permitiria que isso acontecesse, se tivesse algum controle. Agora, estava compreendendo o aspecto estranho da sela. Estivera tão ocupado, prestando atenção no rosto dela, que não percebera a coisa mais importante de todas. Mas, agora, teve que esporear o *appaloosa* para alcançá-la, e finalmente, pouco antes da última colina que ficava antes do complexo principal, ele esporeou o animal como se fosse um cavalo de corrida e estendeu a mão para as rédeas do garanhão e fê-lo parar. — Pare, que diabo! Tenho uma coisa para lhe perguntar.

Os olhos verdes fitavam os dela, penetrantes, mas, quando ela se virou, os seus olhos azuis chamejavam.

— Me solte, droga!

— Não, agora quero saber de uma coisa e quero a verdade, ou derrubo você deste maldito cavalo que sempre odiei, e vamos ver o que acontece!

— Tente só, seu filho da mãe!

Os olhos dela o desafiavam, enquanto lutava para pegar as rédeas de volta.

— O que aconteceria, então?

— Eu me levantaria e iria a pé para casa.

Rezava para que ele acreditasse.

— É mesmo, **Sam**? É mesmo? Bem, então vamos experimentar...

Fez menção de empurrá-la do assento e ela forçou o garanhão a andar para o lado.

— Pare, porra.

— Por que não me conta? Por quê? — Os olhos dele eram os mais verdes que já vira, e no seu rosto havia uma dor quase incomensurável. — Eu a amo, droga, não sabe, mulher? Amei você cada minuto desde que saí daqui, há três anos. Mas parti para o seu bem, não para o meu, para que você pudesse voltar para o seu lugar, para as pessoas certas para você, e me esquecer. Mas nunca, nunca a esqueci, **Sam**. Sonhei com você todas as noites nos últimos três anos, e agora cá está você de novo, dez vezes mais bela, e eu a quero tanto e você não me deixa chegar nem perto. Por quê? Existe outra pessoa? Diga que sim, e eu irei embora e você nunca mais ouvirá falar em mim. Mas é outra coisa, não é? Você é como as outras, não é? Como as crianças? E é uma idiota tão grande quanto eu fui. Eu achava que ser vaqueiro fazia diferença, agora você acha que não poder andar faz, não é, porque você não pode andar, não é verdade **Sam**? Pode? Porra, me responda!

Era um rugido angustiado, enquanto as lágrimas escorriam lentamente pelo seu rosto, e ela olhou para ele, dividida entre o desespero e a raiva, e fez que sim, lentamente, depois, com as próprias lágrimas escorrendo livremente, tirou as rédeas do garanhão das mãos dele e começou a se afastar.

Mas, primeiro, olhou por sobre o ombro.

— É verdade. Tem razão, **Tate**. Mas, o gozado é que você estava certo. Ah, não naquela época, mas agora. Certas coisas fazem diferença. Creia-me, esta faz. — Girou o cavalo, vagorosamente. — Agora, me faça um favor. Já se despediu do seu filho e me disse o que tinha para dizer, agora vá embora. Para o bem de nós dois, vá.

— Não vou. — Estava inflexível, mais possante do que o garanhão que ela montava. — Não vou, **Sam**, não desta vez. Se não me quiser, me diga, e veremos, mas não por causa das suas malditas pernas. Não me importa se você não pode andar ou se arrastar ou se mexer. Eu a amo. Amo a sua cabeça e seu coração e sua mente e sua alma. Amo o que me deu e o que deu a meu filho, e o que deu a essas crianças. Sabe, Jeff me contou. Escreveu falando na mulher extraordinária que dirigia a estância. A cretinice é que não compreendi direito o que ele estava fazendo. Nunca soube que era você. Ele tinha uma patroa, era só o que eu sabia. Imaginei que uma maluca metida a santa tinha começado alguma coisa nova na estância de Caro. Mas, não sabia que era você, **Sam**... e agora não vou embora.

— Vai, sim. — O rosto dela estava duro. — Não quero piedade. Não quero ajuda.

Não quero mais nada, exceto o que tenho: as crianças e o meu filho.

Era a primeira vez que ele ouvia falar em Timmie, e ainda se lembrava do que ela dissera no passado sobre não poder ter filhos.

— Pode me explicar isso mais tarde. Agora, o que quer fazer? Apostar uma corrida até as colinas? A cocheira? A auto-estrada? Não vou deixar você, **Sam**.

Fitou-o ferozmente por um momento, depois, furiosa, fez o garanhão disparar, de volta às colinas, num ritmo louco que o *appaloosa* mal conseguia acompanhar, mas, por toda a parte que ia, **Tate** estava logo atrás. Finalmente, até Black Beauty estava exausto, e **Sam** foi obrigada a parar. Estavam nos limites extremos da estância, agora, e **Sam** olhou para **Tate** quase com desespero, passando a andar com o cavalo.

— Por que está fazendo isto, **Tate**?

— Porque a amo. **Sam**, o que aconteceu? — Ela parou, finalmente, e lhe contou, e ele protegeu os olhos do sol, por um momento. Contou-lhe como procurara por ele em toda a parte, falou das viagens e dos comerciais, de Gray Devil e da cavalgada fatídica. — **Sam**, por quê?

— Porque estava tão desesperada para encontrar você... — Então, murmurou baixinho: — Porque eu o amava tanto... achava que não podia viver sem você.

— Nem eu — Falou com a tristeza de três anos de dias e noites de solidão. — Trabalhei tanto, dia e noite, e só fazia pensar em você, **Sam**. Todas as noites ficava deitado ali, e só conseguia pensar em você.

— Eu também.

— Quanto tempo ficou no hospital?

— Uns dez meses. — Depois, deu de ombros. — O engraçado é que não me incomoda mais. Aconteceu. Posso viver com isso. O que não posso é forçar outra pessoa a agüentar.

— Existe outra pessoa?

Hesitou e ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não, não existe e nem vai existir.

— Vai. — Encostou o cavalo dele no dela. — Vai, sim. — E então, sem mais delongas, beijou-a, apertando-lhe o corpo de encontro ao seu e enterrando os dedos no precioso cabelo dourado. — Palomino... ah, minha Palomino... — Quando escutou as palavras por que ansiava há tanto tempo, ela sorriu. — Nunca vou deixá-la de novo, **Sam**. Nunca.

Os olhos dele a fitavam, enternecidos, então ela jogou toda a cautela aos ventos e falou:

— Amo você. Sempre amei. — A voz dela estava cheia de admiração, e os seus olhos o bebião. **Tate** Jordan finalmente voltara. E quando a beijou, desta vez, ela murmurou: — Seja bem-vindo.

Ele tomou-lhe a mão e, bem devagar, com os cavalos o mais perto possível, foram vencendo as colinas e se dirigindo para casa.

Josh estava à espera no pátio quando eles chegaram, mas se virou e entrou na cocheira, fingindo que não os vira. E quando chegaram na porta da cocheira, **Sam** freou o belo garanhão e olhou para **Tate**. Vagarosa, solenemente, ele desmontou e olhou no rosto dela. Seus olhos lhe faziam mil perguntas, o seu coração se derramava para o dela. **Sam** hesitou apenas por um momento, depois sorriu quando ele falou as palavras familiares.

— Amo você, Palomino. — Depois, numa voz que só ela pôde escutar: — Quero que se lembre disso todos os dias, todas as horas, todas as manhãs, todas as noites, pelo resto da sua vida. De agora em diante vou ficar aqui com você, **Sam**.

Os olhos dela não se desviaram dos dele e então, lenta, muito lentamente, ela começou a desamarrar as pernas da sela. Ficou sentada ali, por um minuto, observando-o, perguntando-se se poderia confiar nele, depois dos três anos intermináveis. Estava mesmo de volta? Ou era só uma ilusão, um sonho? E será que fugiria de novo? **Tate** podia pressentir o terror que ela estava sentindo, e estendeu-lhe os braços.

— Confie em mim, meu bem... — E, após um longo momento: — Por favor. — Os braços dele não vacilaram, enquanto ela ainda se sentava na sela, ereta e ativa. Não havia nada de derrotado em **Sam**. Nada de aleijado. Nada de destruído. Esta não era uma meia-mulher. Era uma mulher e meia. Mas **Tate** Jordan era mais do que apenas

um homem. — **Sam?**

Enquanto os seus olhos se fitavam e eles se observavam, era como se os anos entre eles tivessem se dissolvido, e quando **Sam** colocou as mãos com cuidado nos ombros dele, quase que se podia sentir o elo entre ambos começar a se formar, de novo.

— Me ajude a descer. — As palavras eram suaves e simples, e ele a tirou da sela e tomou-a nos braços com facilidade. Tendo visto o que acontecera, Josh apareceu trazendo a cadeira. **Tate** hesitou apenas um momento, depois sentou-se nela, temendo que quando os seus olhos se encontrassem de novo veria tristeza e dor. Mas, quando olhou para o rosto dela, **Sam** sorria, e começou a rodar a cadeira com habilidade. — Vamos, **Tate**.

Falou com naturalidade, e de repente ele soube que as coisas tinham mudado. Esta não era uma mulher frágil e destroçada para ele salvar, esta era uma mulher de força e beleza para ele amar. Havia um grande sorriso nos olhos verdes, quando se apressou a caminhar ao lado dela.

— Aonde vamos, **Sam?**

Acompanhava-a, e ela ergueu os olhos para o seu rosto com um ar de paz misturado com uma alegria incontida.

Sorriu para **Tate** e continuou rodando a cadeira, sussurrando quando olhou de novo para ele:

— Para casa.

Ao chegarem à casa grande, subiu a rampa, com **Tate** apenas alguns passos atrás. Abriu a porta e o fitou, atentamente, por um longo momento, e os olhos dele estavam cheios de lembranças ternas. Ficaram ali recordando outra época, outra vida. Ele teve vontade de cruzar a soleira da porta com ela no colo, mas não tinha certeza se aquilo lhe agradaria, portanto, com um último olhar para **Sam**, entrou na casa. Ela rodou a cadeira, entrando atrás dele, e fechou a porta.

FIM